unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MARCEL INNOCENTI CASSETTARI

ANÁLISE DIALÓGICA DAS REDAÇÕES MAIS BEM AVALIADAS DO VESTIBULAR DE MEIO DE ANO DA VUNESP 2010

ARARAQUARA – S.P.
2013

MARCEL INNOCENTI CASSETTARI

ANÁLISE DIALÓGICA DAS REDAÇÕES MAIS BEM AVALIADAS DO VESTIBULAR DE MEIO DE ANO DA VUNESP 2010

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho, Departamento, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa. Exemplar apresentado para defesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento discursivos e textuais

Orientadora: Profa. Dra. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan

Bolsa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

ARARAQUARA – S.P.
2013

Cassettari, Marcel Innocenti

Análise dialógica das redações mais bem avaliadas do vestibular de meio de ano da Vunesp 2010 / Marcel Innocenti Cassettari – Araraquara
151 f: il. 99; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua

MARCEL INNOCENTI CASSETTARI

ANÁLISE DIALÓGICA DAS REDAÇÕES MAIS BEM AVALIADAS DO VESTIBULAR DE MEIO DE ANO DA VUNESP 2010

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho, Departamento, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa. Exemplar apresentado para defesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento discursivos e textuais
Orientadora: Profa. Dra. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan
Bolsa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Data da defesa: 30/04/2013

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan
UNESP – Universidade Estadual Paulista – FCL Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça
UNESP – Universidade Estadual Paulista – FCL Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Profa. Dra. Assunção Cristóvão
UNINCOR – Universidade Vale do Rio Verde

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof. Dra. Renata Maria Facuri Coelho Marchezan, pela paciência, presteza, sabedoria, dedicação e confiança depositada, sem a qual a presente monografia seria impossível de se concretizar.

À Profa. Dra. Marina Célia Mendonça e à Profa. Dra. Profa. Dra. Assunção Cristóvão, professoras que sempre me auxiliaram com seus conselhos, sabedoria e didática.

À minha esposa, Bianca Fioravanti Nicolosi Cassettari, por sua tolerância, ajuda, amor e companheirismo, alicerce sobre o qual edifico meu futuro e projeto os mais representativos sonhos.

À minha família, em especial aos meus pais: Odim Prado Cassettari, exemplo da luta incessante, de conquistas inenarráveis e doação à família; e Marisa Innocenti Cassettari, exemplo cotidiano de bondade, profissionalismo, esmero, vitórias e abnegação, o exemplo a ser seguido; e à minha irmã, Melissa Innocenti Cassettari, espírito aventureiro, desbravador, feliz e jovial, por tanto carinho e superestima.

À família por extensão e consideração, Antônio Henrique Nicolosi Garcia, Denise Fioravanti Nicolosi Garcia, Vitor Nicolosi Garcia e Giuseppe De Pinto, por tantos momentos compartilhados, alegria e venturas.

À Cleonice Machado de Mello, amiga da família de incontável data, exemplo de idealismo educacional, pessoa que ofereceu a oportunidade de ingresso no magistério e constante aprendizagem, a quem serei eternamente grato.

À Eliane Grassi, exemplo de amor ao trabalho, aos colegas e aos alunos, ideal de conduta cristã, um espírito do bem.

A Luiz Joaquim Innocenti (*in memoriam*) grande baluarte familiar.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*.

Volochínov (2009, p. 31)

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo caracterizar e demonstrar a ocorrência da autoria nas Redações de Vestibular, por meio da análise do co*rpus*, consistente das noventa e quatro melhores redações produzidas no Vestibular de meio de ano da Vunesp 2010. A autoria é demonstrada por meio da forma arquitetônica, guardando indissolúvel relação com a capacidade de relacionar outras vozes. A análise das relações dialógicas constitui objeto secundário do trabalho, assim como a caracterização da Redação de Vestibular como um gênero do discurso secundário, sofrendo coerções e recomendações da esfera escolar e dos vestibulares. São utilizados conceitos extraídos da obra do Círculo de Bakhtin, em especial o de gênero do discurso, dialogismo, enunciado, ideologia, signo e autoria. Não obstante, por tratar-se de uma proposta de vestibular e de redações efetivamente produzidas em um contexto de avaliação, conceitos de alguns autores vinculados ao ensino de redação também são utilizados. Estabelecidas as relações necessárias e as características do gênero Redação de Vestibular, buscou-se descrever e analisar as relações dialógicas existentes entre as redações, a proposta e a esfera escolar. Observaram-se, ainda, os indícios de autoria existentes nas redações, procurando descrevê-los e analisá-los. Busca-se a comprovação da tese de que toda Redação de Vestibular tem autoria própria.

Palavras – chave: Autoria. Dialogismo. Redação. Vestibular.

ABSTRACT

The research aims to characterize and demonstrate the occurrence of authorship in the university entrance exams argumentative Writing, by analyzing the corpus, consisting of ninety-four best essays produced in university entrance exams mid-year of Vunesp 2010. The authorship is demonstrated through architectural form, keeping indissoluble relation with the ability to relate to other voices. The analysis of the dialogical relations are secondary object of the work, as well as the characterization of university entrance exams argumentative Writing as a secondary genre of discourse, suffering constraints and recommendations of the sphere of school and college entrance exams. Concepts used are derived from the work of the Bakhtin Circle, especially the gender discourse, dialogism, statement, ideology, and sign making. Nevertheless, because it is a proposal of university entrance exams and essays effectively produced in an evaluation context, concepts of some authors linked to the teaching of writing are also used. Established the necessary relationships and gender characteristics of university entrance exams argumentative Writing, we sought to describe and analyze the dialogical relations between the essays, and the proposed school ball. There were also indications of authorship existing in the newsroom, trying to describe them and analyze them. The aim is to prove the thesis that all of university entrance exams argumentative Writing has authorship.

Keywords: Authorship. Dialogism. Writing. University entrance exams.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 82
Figura 2 82
Figura 3 82
Figura 4 82
Figura 5 83
Figura 6 83
Figura 7 83
Figura 8 84
Figura 9 84
Figura 10 84
Figura 11 85
Figura 12 86
Figura 13 86
Figura 14 86
Figura 15 86
Figura 16 86
Figura 17 87
Figura 18 88
Figura 19 88
Figura 20 88
Figura 21 89
Figura 22 89
Figura 23 89
Figura 24 90
Figura 25 91
Figura 26 91
Figura 27 91
Figura 28 92
Figura 29 92
Figura 30 93
Figura 31 93

Figura 32 93
Figura 33 94
Figura 34 94
Figura 35 94
Figura 36 95
Figura 37 96
Figura 38 97
Figura 39 97
Figura 40 98
Figura 41 98
Figura 42 98
Figura 43 99
Figura 44 99
Figura 45 99
Figura 46 100
Figura 47 100
Figura 48 100
Figura 49 100
Figura 50 101
Figura 51 101
Figura 52 101
Figura 53 101
Figura 54 102
Figura 55 102
Figura 56 102
Figura 57 103
Figura 58 103
Figura 59 103
Figura 60 104
Figura 61 104
Figura 62 104
Figura 63 105
Figura 64 105

Figura 65 105
Figura 66 106
Figura 67 106
Figura 68 107
Figura 69 107
Figura 70 107
Figura 71 107
Figura 72 108
Figura 73 108
Figura 74 109
Figura 75 109
Figura 76 109
Figura 77 109
Figura 78 110
Figura 79 110
Figura 80 111
Figura 81 111
Figura 82 111
Figura 83 112
Figura 84 112
Figura 85 112
Figura 86 113
Figura 87 113
Figura 88 114
Figura 89 114
Figura 90 115
Figura 91 115
Figura 92 115
Figura 93 115
Figura 94 116
Figura 95 106
Figura 96 117
Figura 97 117

Figura 98 118
Figura 99 118
Figura 100 120
Figura 101 123
Figura 102 126
Figura 103 128
Figura 104 131
Figura 105 133
Figura 106 136
Figura 107 138
Figura 108 139
Figura 109 141

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **14**

2 CONCEPÇÕES TEÓRICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN **22**

2.1 Da ideologia **30**

2.2 Da autoria **36**

2.2.1 Da arte e da estética **36**

2.2.2 Do autor-criador e da autoria **41**

2.2.2.1 Da autoria nas redações **44**

3 DO GÊNERO DO DISCURSO **47**

3.1 O gênero do discurso: a partir do Círculo de Bakhtin **47**

3.2 Redação de vestibular: um gênero do discurso secundário **50**

3.2.1 A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e os Parâmetros Curriculares Nacionais: princípios norteadores **52**

3.2.2 A "Redação de Vestibular" **56**

3.2.2.1 O senso comum e os argumentos consensuais **71**

4 ANÁLISE DIALÓGICA DAS REDAÇÕES MAIS BEM AVALIADAS DO VESTIBULAR DE MEIO DE ANO DA VUNESP 2010 **73**

4.1 Procedimentos metodológicos gerais **73**

4.2 Análise da proposta do Vestibular de meio de ano da Vunesp 2010 **73**

4.3 Análise das redações produzidas: visão geral do *corpus* **81**

4.3.1 Das relações dialógicas **81**

4.3.2 Indícios de autoria **96**

4.3.2.1 Quadro geral: autoria **116**

4.4 Análise das dez melhores Redações de Vestibular **119**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS **144**

6. REFERÊNCIA **148**

6.1 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA **153**

ANEXOS **152**

ANEXO A – Redações **152**

1. INTRODUÇÃO

O vestibular, no contexto histórico-social atual, constitui uma importante referência para o processo ensino-aprendizagem das escolas, além de ser o principal objetivo de parte dos alunos. A redação, em especial, tem motivado uma série de debates, medos e inseguranças, face às alterações recentes em alguns dos principais concursos para o ingresso no ensino superior.

Ao mesmo tempo, a prática da redação escolar – a produção de textos – tem ocupado pesquisadores da academia, autores de livros didáticos e professores. Ao longo do tempo, houve uma evolução do conceito "redação escolar" e, mais que isso, o que qualificava um texto avaliado como "bom". O texto bom era aquele considerado correto do ponto de vista gramatical. Tratava-se de um "julgamento" do texto de acordo com categorias preestabelecidas. Posteriormente, considerou-se o conteúdo como o mote do processo, "o quê" era dito, tornando-se imprescindível a figura do aluno "crítico". Hoje, a tendência é a avaliação discursiva, a consideração do autor como um sujeito inserido em um contexto histórico-social e da sua manifestação como um misto de singularidade e tomada de posição (POSSENTI, 2002).

A finalidade do presente trabalho não é estabelecer princípios para a avaliação das redações, todavia, em virtude do discurso circulante nas escolas, pode-se afirmar que esses elementos atuam, direta ou indiretamente, nos enunciados do aluno, integrando, desse modo, as condições de produção da redação. Nesse aspecto, é importante frisar alguns pressupostos que permeiam os discursos envolvendo o assunto "redação", para, então, fixarem-se os objetivos buscados.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) tem a incumbência de prescrever as normas e princípios básicos da educação nacional, direcionando, orientando e limitando as práticas do poder público, garantindo o acesso à educação básica a todos os cidadãos, com atenção especial às crianças e adolescentes. Estipula que a educação deve primar pelo desenvolvimento do estudante, preparando-o para o exercício da cidadania e sua qualificação para o mercado de trabalho.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNs), em sua Parte II, orientam o ensino das linguagens, códigos e suas tecnologias, qualificando a linguagem como "a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida

em sociedade" (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Parte II, p. 5) .Apontam para uso da linguagem como instrumento social e interativo, dando azo ao conflito de vozes, ao diálogo com os sentidos produzidos na historicidade humana.

Atribui à linguagem a função de promover a comunicação, caracterizando o texto como unidade básica da linguagem verbal, meio pelo qual o discurso é materializado. O texto é um "produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e os outros textos que o compõem" (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Parte II, p. 18).

Trata-se, portanto, de um ato dialógico, constituído em uma arena de vozes sociais, por meio da alteridade, que trazem diferentes pontos de vista e leituras sobre um mesmo objeto. O texto é a materialização do discurso e é caracterizado como um conjunto de enunciados. Bakhtin (2010, p. 262) define que "cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso". Todo ato da comunicação humana opera-se por meio de gêneros do discurso.

O aluno deverá compreender e dominar a leitura e a produção de vários gêneros do discurso, o que os coloca no centro do processo ensino-aprendizagem. Isso porque, segundo Bakhtin (2010, p. 28),

> quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso.

A motivação do presente trabalho iniciou-se na prática educacional concreta, na sala de aula, fruto de uma inquietação quanto a algumas dificuldades de aprendizagem dos alunos somadas às exigências dos vestibulares, cada vez mais específicos em seus critérios de correção, que atuam, em maior ou menor escala, nos enunciados produzidos pelos alunos.

A análise do *corpus*, sob a ótica dos conceitos bakhtinianos, permite observar que grande parte das dificuldades dos alunos está ligada à autoria, especificamente, como a considerado aqui: o modo como se recorta, transpõe e apropria dos discursos circulantes na

sociedade. Nesse aspecto, há uma relação importante estabelecida entre o autor e o discurso veiculado, no tocante ao apagamento e à demarcação do discurso alheio, seja ele mobilizado de maneira consensual – senso comum –, ou característico de um sujeito ou segmento social. Ao mesmo tempo, é esclarecedor visualizar como as relações dialógicas entre os enunciados geram uma atitude responsiva ativa no sujeito e, consequentemente, como esse diálogo é frutífero para a formação do conjunto de enunciados dos vestibulandos, materializados na Redação de Vestibular.

Observa-se ainda que a forma do material e a forma composicional representam outra parcela das dificuldades. O manejo da língua, em sua complexidade, atua diretamente no acabamento dado aos enunciados, por meio da seleção vocabular, da estruturação dos períodos, da frase, do parágrafo e do todo, enquanto unidade de sentido. O acabamento do texto está diretamente ligado à autoria, compreendendo aspectos que se relacionam desde a letra, espaçamento e paragrafação, até a escolha de marcas de generalização e termos específicos a dado conceito.

Através da redação escolar, são estudados e produzidos diversos gêneros do discurso, por meio de sua materialização, os enunciados. Dentro das vastas possibilidades, recorta-se, para exame nesta dissertação, o gênero "Redação de Vestibular"[1], solicitado no vestibular de meio de ano da Vunesp de 2010. Para tanto, esses enunciados são aqui considerados um gênero do discurso, uma vez que sua estrutura composicional, conteúdo temático e estilo limitam os enunciados dos vestibulandos, restringindo-os a trinta e cinco linhas, ao assunto contido na proposta do Vestibular de Meio do Ano da Vunesp 2010, "Os valores morais e sua importância na sociedade"; às condições de produção imediatas, o exame vestibular, em que o aluno poderia decidir aspectos importantes de seu futuro, além de ser um ambiente de avaliação, com tempo restrito; e aos discursos circulantes de "como deveria" ser produzida a Redação de Vestibular.

Os gêneros do discurso, segundo a proposta de Bakhtin, são subdivididos em gêneros discursivos primários e secundários. Os gêneros primários são mais simples, ligados a práticas da comunicação cotidiana, como o diálogo informal, ao passo que os gêneros secundários são mais complexos, por, durante o processo de sua formação, incorporarem e reelaborarem diversos gêneros primários, adequando-se a um ambiente de convívio muito organizado e

[1] O vestibular de meio do ano da Vunesp 2010, na proposta de redação, determina a produção de um texto do "gênero dissertativo". Todavia, para evitar confusões entre o conceito de gênero, em termos bakhtinianos, e a expressão "gênero dissertativo", optou-se pela escolha do nome "Redação de Vestibular". Todavia, não se ignora que outros vestibulares, como o da Unicamp, UEL e UEM solicitam a produção de outros gêneros do discurso, como a notícia, a resenha crítica, o editorial, o texto instrucional, o resumo, o comentário, o verbete, a carta, a análise, etc.

desenvolvido. O conceito de gênero mostra-se relevante para o trabalho porque estabelece e ajuda a delimitar a estabilidade dos enunciados, considerando o contexto histórico-social de produção e as restrições impostas pelas condições de produção.

> Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2010a, p. 263)

A Redação de Vestibular é um gênero secundário porque a tradição escolar, por meio da reiteração, deu contornos mais restritos a esse tipo relativamente estável de enunciados, limitando sua estrutura composicional e o estilo, de acordo um projeto discursivo determinado. Busca-se a defesa de um ponto de vista, a respeito de um assunto especificado, com o escopo de demonstrar o domínio da escrita e a capacidade argumentativa. Ao mesmo tempo, procura-se o efeito de sentido de objetividade. Esses traços constituem um gênero do discurso complexo e, portanto, secundário.

O *corpus* do trabalho é composto por noventa e quatro redações, as consideradas melhores pela própria instituição, a Vunesp. A escolha das melhores se deve a dois fatores: evitar possíveis distorções referentes ao uso impreciso da linguagem, parco vocabulário e limitado repertório cultural do candidato; analisar a autoria dos alunos, as possíveis recorrências e o diálogo entre as vozes sociais que permeiam o discurso do vestibulando, evidenciando as distorções, refrações, reflexões e posturas ideológicas. A escolha do vestibular da Vunesp justifica-se por ser um dos vestibulares mais concorridos do interior paulista, além deste trabalho ser desenvolvido em uma de suas unidades, a Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

O *corpus* foi obtido por meio de um contato com a Vunesp, no qual houve a solicitação das cem redações mais bem avaliadas. A instituição remeteu, via postal, uma cópia xerográfica com as noventa e quatro redações mais bem avaliadas, segundo seus critérios e de seus corretores, não acompanhando o nome dos candidatos.

O principal objetivo do trabalho é caracterizar e demonstrar a ocorrência da autoria nas Redações. Entretanto, não se vislumbra albergar o conceito de autoria e suas ocorrências em diversos gêneros do discurso, mas, tão somente, no gênero “Redação de Vestibular”, em

especial, por meio da análise do co*rpus*, que constitui o recorte escolhido. Para tanto, admite-se, como hipótese, que os vestibulandos possuem autoria própria.

A autoria é demonstrada por meio da forma do conteúdo, especificamente pelo recorte, transposição e acabamento do conteúdo, em uma dada forma composicional, utilizando-se de uma forma do material. Nesse prisma, a autoria guarda indissolúvel relação com a capacidade de relacionar outras vozes, com emprego, em maior ou menor escala, de marcadores de objetividade e de demarcação da voz do "outro". Iluminando esse traço, a análise das relações dialógicas existentes entre os enunciados dos vestibulandos, a proposta do vestibular, o "Avaliador" e os discursos circulantes socialmente, especialmente no âmbito escolar, mostra-se bastante produtiva, caracterizando-se como objetivo secundário da dissertação.

Sem prejuízo, não se pode esquecer da premissa bakhtiniana de que todos os discursos circulam por gêneros relativamente estáveis de enunciados, que possuem conteúdo temático, estrutura composicional e estilo próprios. Assim, a Redação de Vestibular, em especial por meio das recomendações existentes na esfera escolar e nos vestibulares, possui um conjunto de especificidades demarcado, influenciando diretamente na autoria e no discurso dos vestibulandos. Presencia-se, assim, outro objetivo secundário do trabalho, aferir os traços do gênero "Redação de Vestibular".

A base teórica do trabalho são as ideias do Círculo de Bakhtin. O ponto de partida é a proposta de Volochínov (2009), segundo a qual a enunciação é um produto da interação social. A palavra dirige-se a um interlocutor, querendo ser ouvida e respondida, fator pelo qual se caracteriza como dialógica. Essa palavra sempre é ideológica, sempre nasce da historicidade de uma ideologia e atua na transmissão, mesmo que não intencionalmente, de conteúdos axiológicos, os quais se infiltram diretamente no indivíduo.

O homem, nascido, instruído e imerso em um contexto histórico-social, é permeado pela palavra do "outro", pelo conjunto de enunciados e discursos produzidos ao longo da história, o que, por natureza, transforma-o em um "ser" dialógico. O convívio com a palavra do "outro" nem sempre é pacífico, mas, ao contrário, constitui uma arena, em que os elementos axiológicos são contrapostos.

Os enunciados, apesar de serem constituídos dialogicamente, são únicos. Uma vez produzidos, não são repetíveis, em sua totalidade, mas apenas reiteráveis. Isso porque os elementos que envolvem sua produção alteram-se; o contexto de sua reiteração é outro, o enunciador é também diverso, assim como o destinatário.

Todo enunciado é produzido dialogicamente, na relação com o discurso do outro, emaranhando-se, transformando-se, refazendo-se, mas, ao mesmo tempo, negando, reafirmando e modificando as ideologias veiculadas. Ao mesmo tempo, sempre gera uma posição responsiva ativa no ouvinte ou destinatário: que assume, após a compreensão do conteúdo linguístico, uma posição, concordando com o enunciado, refutando-o, complementando-o, repelindo-o, descaracterizando-o, etc.

Toda comunicação efetiva-se por meio de gêneros do discurso. Esses gêneros são construções relativamente estáveis de enunciados, de determinada esfera da atividade humana, e são compostos pelo conteúdo temático, estilo e construção composicional, elementos indissociáveis (BAKHTIN, 2010a, p. 261-262.).

O gênero do discurso "Redação de Vestibular", reitera-se, caracteriza-se como um gênero do discurso secundário, por possuir conteúdo temático, estrutura composicional, estilo e condições de produção relativamente estáveis e complexos, gerando consideráveis coerções em seu processo de produção.

O ato de produzir enunciados não é uma atividade solitária, mas um ato coletivo, uma vez que prescreve, ao mesmo tempo, um conjunto de ações do produtor, sugerindo sentidos, para as quais se espera uma resposta ativa do destinatário; a interação com o ambiente social, delimitada histórica-socialmente; a confluência ideológica, produzida pelo conjunto de vozes sociais atuantes no discurso; e uma atitude responsiva do interlocutor, direcionando-se à refração, à compreensão e à ressignificação do sentido proposto.

A autoria, segundo Sobral (2009) e Padilha (2011), não é restrita às grandes obras, sejam elas literárias ou não, abrangendo a interação do dia a dia, do sujeito comum, nas interações dialógicas produzidas no contexto histórico-social, na alteridade. Nesse processo interacional, há autores-criadores, os quais enunciam em um espaço e tempo determinado, em relação responsiva com os demais enunciados produzidos ao longo da cadeia de enunciados, vivos, postos em movimento.

A proposta de redação do vestibular do meio de ano da Vunesp 2010 foi composta pelos seguintes elementos: a proposição e a indicação de textos auxiliares. Esses componentes serão analisador detalhadamente ao longo do trabalho, destacando-se apenas, aqui, que foi solicitada a produção de "uma redação de gênero dissertativo, em norma padrão da língua, sobre o tema: os valores morais e sua importância para a sociedade". A prova de vestibular chama de "redação" o texto que solicita ao vestibulando, mas emprega o termo "gênero", para explicitar que não quer uma descrição nem uma descrição.

A proposta, como um todo, foi elaborada no primeiro semestre do ano de 2010. A prova de redação foi aplicada na segunda fase do vestibular da Vunesp de meio do ano, juntamente com doze questões subdivididas entre Língua Portuguesa, Literatura e Língua estrangeira. A prova teve duração máxima de quatro horas e trinta minutos, sendo indicado ao vestibulando chegar ao local da prova às 13h00min, tendo a prova início às 14h00min, do dia cinco de julho de 2010. A prova foi realizada simultaneamente em diversas cidades.

A presente análise seguiu a seguinte arquitetônica: o Capítulo 1 Introdução tem a intenção de esclarecer quais são os objetivos do trabalho, delimitar a hipótese que se pretende comprovar e como surgiram as motivações para a pesquisa. Há a delimitação do *corpus* do trabalho, bem como apresenta o tema da proposta de redação e fixa o gênero do discurso como "Redação de Vestibular". Além disso, apresenta, de forma bastante resumida, alguns conceitos do Círculo de Bakhtin, como autoria, gêneros do discurso (primário e secundário), enunciado e dialogismo.

O Capítulo 2, Concepções teóricas do Círculo de Bakhtin, é composto pela análise dos conceitos de enunciados, enunciação, palavra, dialogismo, ideologia e autoria. No item autoria, há a subdivisão em três tópicos: 2.1 Da arte e da estética, em que são introduzidas essas concepções; 2.2 Do autor-criador e da autoria, em que se busca caracterizar o autor-criador e distingui-lo do autor-pessoa, além de evidenciar a autoria; 2.3 Da autoria nas redações, no qual se vislumbra indicar como o fenômeno autoria ocorre nas redações.

O Capítulo 3, Do gênero do discurso, está dividido em dois itens: "3.1 O gênero do discurso: a partir do Círculo de Bakhtin", no qual se expõe o conceito bakhtiniano de gênero do discurso; e "3.2 Redação de Vestibular: um gênero do discurso secundário", em que se procura caracterizar o gênero "Redação de Vestibular". Há a subdivisão desse item em alguns tópicos: o 3.2.1 Recomendações e coerções, em que são analisados aspectos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e os Parâmetros Curriculares Nacionais (3.2.2); o 3.2.3 A "Redação de Vestibular" em que se analisa o discurso circulante na esfera escolar a respeito do gênero do discurso; o 3.2.4 Gênero do discurso "Redação de Vestibular" que caracteriza a "Redação de Vestibular" do vestibular de meio de ano da Vunesp 2010 como um gênero do discurso; e o 3.2.4.1 O senso comum e os argumentos consensuais no qual se atribui contornos a esses conceitos.

O Capítulo 4, Análise dialógica das redações mais bem avaliadas do vestibular de meio de ano da Vunesp 2010, é destinado à análise do *corpus*. Encontra-se subdivido em quatro itens: 4.1 Procedimentos metodológicos, em que se explica como o *corpus* é analisado;

4.2 Análise da proposta do vestibular de meio de ano da Vunesp 2010, no qual há a análise da proposta de redação e dos textos de apoio, extraindo-se uma tendência à afirmação de que os valores morais são importantes na sociedade; 4.3 Análise das redações produzidas: visão geral do *corpus*, em que há recortes que ilustram ocorrências no *corpus* de relações dialógicas (4.3.1), demonstrando que as Redações foram produzidas em diálogo com as demais vozes sociais; indícios de autoria (4.3.2), destacando-se recortes do *corpus* que exemplificam a ocorrência de marcas de autoria na redação dos vestibulandos; e 4.3.2.1 esclarecendo o quadro geral da autoria nas Redações de Vestibular analisadas; e 4.4 Análise das dez melhores Redações de Vestibular, em que se objetiva demonstrar e comprovar que as redações têm autoria, além de caracterizar as relações dialógicas existentes entre as vozes sociais e os enunciados produzidos pelos candidatos.

O Capítulo 5, Conclusões finais, retoma os principais conceitos abordados na análise e conclui que o gênero "Redação de Vestibular" é um gênero do discurso secundário, com características definidas pela esfera escolar e pelos vestibulares, como também que as "Redações de Vestibular" são produzidas em relações dialógicas e possuem autoria própria.

O Capítulo 6 traz as referências bibliográficas e as obras consultadas. Há um anexo, em que se encontra o *corpus* utilizado.

2 CONCEPÇÕES TEÓRICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

A segunda tendência, o objetivismo abstrato, defende ser o sistema linguístico, composto pelas formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua, o objeto da ciência linguística. Os traços idênticos nas enunciações, atribuídos aos elementos estruturais, garantem a unicidade de uma língua e sua consequente compreensão pelos locutores da comunidade linguística comum. O ato individual e o fluxo dos atos de fala, dada sua instabilidade, são relegados ao segundo plano.

Nesse sistema linguístico, encontra-se a identidade integrante das formas linguísticas, enquanto os atos de fala (entonação, forma diferenciada de pronunciar um fonema) constituem partículas de caráter fisiológico (do ponto de vista individual – voz, por exemplo) e elementos psicológicos, aos quais não é possível aferir com fidelidade científica. Observa-se que o sistema independe do ato individual, da intenção.

A atuação do indivíduo em relação à língua é de submissão, algo que é incutido ao ingressar ou nascer em determinada comunidade linguística. A complexidade do sistema é formada por meio de leis linguísticas específicas, que independem da consciência individual, as quais permitem apenas o critério linguístico: certo e errado; e, jamais, a avaliação como bom, mau; belo, feio; melhor e pior. O correto, enquanto critério linguístico, é aquilo que observa determinada norma e se adequa a ela.

> Do ponto de vista do indivíduo, as leis linguísticas são arbitrárias, isto é, privadas de uma justificação ideológica (por exemplo, artístico). Assim, entre a face fonética da palavra e seu sentido, não há nem uma conexão natural nem uma correspondência de natureza artística. Se a língua, como conjunto de formas, é independente de todo impulso criador e de toda ação individual, segue-se ser ela o produto de uma criação coletiva, um fenômeno social e, portanto, como toda instituição social, normativa para cada indivíduo (VOLOCHÍNOV 2009, p. 81).

Outro elemento importante da língua como um sistema abstrato, de acordo com a concepção do objetivismo abstrato, é a inexistência da historicidade de uma língua. O sistema, como um todo, opera em um momento histórico. Se há a alteração de um elemento do sistema, cria-se um “novo sistema”. Nesse processo, é importante a figura da “transgressão da norma”. Enquanto a transgressão é vista como tal, uma dissonância em relação à norma, o sistema mantém-se. A partir do momento em que a transgressão se “naturaliza”, não mais é percebida como lacuna, há sua incorporação ao sistema, originando um “novo sistema”. A

esse novo sistema, não se atribui a característica de evolução ou transformação do sistema "anterior", mas tão somente um sistema novo, como um todo.[2]

Volochínov (2009, p. 86-87), considera a escola de Genebra a mais "brilhante expressão do objetivismo abstrato", destacando seu mais ilustre componente, Ferdinand de Saussure, responsável por dar "clareza e uma precisão admirável" aos conceitos do objetivismo abstrato. Saussure faz uma tríplice distinção: a linguagem, composta pela totalidade de manifestações que participam da comunicação, *a langue*, sistema de formas, e *a parole*, a fala, à qual considera um ato absolutamente individual. *A langue* seria o objeto da linguística.

Volochínov (2009, p. 84) diferencia as duas correntes:

> A diferença entre as duas orientações fica muito bem ilustrada pelo seguinte: as formas normativas, responsáveis pelo imobilismo do sistema linguístico (*ergon*), não eram, para a primeira orientação, senão resíduos deteriorados da evolução linguística, da verdadeira substância da língua, tornada viva pelo ato de criação individual e único. Para a segunda orientação, é justamente este sistema de formas normativas que se torna a substância da língua. A refração e a variação de caráter individual e criador das formas linguísticas não constituem mais que detritos da vida da língua (mais exatamente, do imobilismo fundamental desta), harmônicos inúteis e intangíveis do tom fundamentalmente estável das formas linguísticas.

Em suas reflexões, o autor verifica que o objetivismo abstrato possui um *proton pseudos*, decorrente da assertiva de que o sistema linguístico é suficiente para exaurir os fatos da língua, negando o ato da fala como individual. Ao mesmo tempo, o subjetivismo individualista preocupa-se apenas com a fala, considerando-a estritamente individual, motivando a explicação da enunciação a partir do psiquismo individual do sujeito falante.

Contudo, o filósofo traz uma nova proposta, que o distancia das duas correntes: "a enunciação é de natureza social" (VOLOCHÍNOV, 2009, p. 113). Para alcançar essa conclusão, algumas considerações são indispensáveis: o subjetivismo individualista apresenta a enunciação monológica como um ato estritamente individual, como a expressão da consciência. A expressão "é tudo aquilo que se exterioriza objetivamente para outrem com a

[2] O germânico de antes do século XVI conjugava: *ich was – wir waren.* O alemão contemporâneo conjuga: *ich war – wir waren; ich was* transformou-se pois em *ich war.* Entre as formas *ich was – wir waren e ich war – wir waren* existe uma ligação linguística sistemática, os termos se completam mutuamente. Eles se ligam e são complementares, particularmente como formas do singular e plural da primeira conjugação de um único e mesmo verbo. Entre *ich war – wir wearen* de um lado e *ich was* (séculos XV e XVI) – *ich ear* (contemporâneo) de outro, existe uma relação diferente, que nada tem de comum com a primeira. A forma *ich war* formou-se por analogia a *wir waren.* No lugar de *ich was,* nós (indivíduos separados) viemos a criar *ich war* sob influência de *wir waren.* O fenômeno tornou-se fenômeno de massa, e o resultado foi que de um erro individual originou-se uma norma linguística. (VOLOCHÍNOV 2009, p. 83)

ajuda de algum código de signos exteriores" (VOLOCHÍNOV, 2009, p. 115). Tal elemento possui o conteúdo interior, enquanto a sua objetivação exterior dirige-se para outrem ou para o próprio agente. O ato expressivo move-se entre esses dois polos e suas fontes são interiores. Através da exteriorização do conteúdo interior, há uma transmutação em suas características, uma vez que absorve alguns elementos exteriores. Em algumas situações, como ocorre com o comentário, a explicação e a compreensão, há o movimento inverso, isto é, os elementos dirigem-se para o interior, caminho contrário à expressão.

Tais proposições são imprecisas, segundo o autor. Isso porque "não existe atividade mental sem expressão semiótica. [...] Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação" (VOLOCHÍNOV, 2009, p. 116).

A enunciação é um produto da interação social, assim como a estrutura da enunciação e da atividade mental a ser expressa têm natureza social. Fruto desses elementos, observa-se, segundo Volochínov (2009, p. 127), que

> "a verdadeira substância da língua é constituída [...] pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua".

A palavra dirige-se a um interlocutor, variando de acordo com as especificidades desse agente.

> A palavra, a palavra vida, indissociável do convívio dialógico, por sua própria natureza quer ser ouvida e respondida. Por sua natureza dialógica, ela pressupõe também a última instância dialógica. Receber a palavra, ser ouvido. É inadmissível a solução *à revelia*. Minha palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada (BAKHTIN, 2010a, p. 356).

Sendo a palavra dialógica, em sua essência, toda ação, vivência e experiência humana, uma vez realizada, intermediada ou representada por palavras, são dialógicas. O Ser humano, imerso em um contexto histórico-social, sofre incontestáveis e incontáveis influências das palavras dos "outros", as quais, somadas aos enunciados de toda historicidade humana, qualificam-no como um "sujeito" dialógico.

> A única forma adequada da *expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa

> participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2010a, p 348).

Essa palavra sempre é ideológica, sempre nasce da historicidade de uma ideologia e atua na transmissão, mesmo que não intencionalmente, de conteúdos axiológicos, os quais se infiltram diretamente no indivíduo. A complexidade reside na coabitação de ideologias contrárias, conflitantes e complementares, tornando o processo uma constante batalha, muitas vezes silenciosas.

> Cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais (VOLOCHÍNOV, 2009, p. 67).

Não obstante, esses indivíduos, no processo de interação, encontram-se inseridos em um horizonte social definido, o qual estipula a criação ideológica do contexto histórico-social de que são participantes. Ao mesmo tempo, o mundo interior de cada sujeito tem um auditório social, em cujo âmago formam-se suas deduções, julgamentos e motivações. À medida que esse auditório se torna mais rico, melhor será a análise do sujeito, aproximando-se do auditório ideológico médio da criação axiológica do período, mas nunca conseguirá superá-lo.

> A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por *seu auditório*. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação. Uma questão completa, a exclamação, a ordem, o pedido são enunciações completas típicas da vida corrente. Todas (particularmente as ordens, os pedidos) exigem um complemento extraverbal assim como um início não verbal. Esses tipos de discursos menores da vida cotidiana são modelados pela fricção da palavra contra o meio extraverbal e contra a palavra do outro (VOLOCHÍNOV, 2009, p. 129-130).

Toda palavra tem duas faces, a que se origina de alguém e a que se destina a alguém. Trata-se do produto da interação do locutor e do ouvinte, cuja função é criar uma ligação entre o “eu” e o “outro”, um território comum.

> Por palavra do outro (enunciado, produção de discurso) eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita em minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, é qualquer outra palavra *não minha*. Neste sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é a reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminado na assimilação das riquezas da cultura humana (expressa em palavras ou em outros materiais semióticos) (BAKHTIN, 2010a, p. 379).

A palavra não é um direito exclusivo do falante, uma propriedade única, dogmática, vez que o ouvinte também possui o exercício de direitos, especialmente situados no processo ativo de compreensão. A esses autores, soma-se, ainda, um conjunto de vozes que perpassam a palavra, dentro da historicidade. Trata-se de um drama em que coabitam três personagens.

É possível notar que a fala do indivíduo - seus enunciados - é repleta das palavras dos outros, as quais exercem influência direta, seja através de um processo de reforço, seja pela disputa, luta, refração ou negação. A enunciação[3] é um processo, evolui pela interação e sucessividade com a enunciação dos outros. Esse traço é notado em Bakhtin (2010, p. 294-295):

> Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como um processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos.

Nessa arena de vozes, o enunciado é influenciado diretamente pelo microcosmo em que é produzido, isto é, a época, o meio social, as características individuais do locutor e do interlocutor, a situação de produção – mais formal ou informal -, o papel desempenhado pelos interlocutores ou posição de produção – pai, filho, profissional, paciente, etc. - e, por que não, o objetivo de sua produção.

---

[3] Muito se tem falado de *enunciação* e *enunciado* na obra de Bakhtin. Neste livro, o autor emprega um só termo – *viskázivanie* – quer para o ato de emissão do discurso, que seria a enunciação, quer para um discurso já pronunciado e até um romance, que seria o enunciado. Portanto, para ele o discurso de um passado remoto, um texto filosófico ou a emissão de um discurso são *viskázivanie.* Ele associa o termo também à *parole* saussuriana, o que permite falar de enunciação. Empreguei "enunciado" (com mais frequência) e "enunciação" sempre que percebi que as circunstâncias requeriam um ou outro. (Paulo Bezerra - nota do tradutor)

A forma adquirida pela enunciação é fortuita, não reiterável na vida comum. Somente é possível falar em formas ou fórmulas estereotipadas do discurso em situações regularizadas, reforçadas pelo uso e pelos costumes. Os costumes e a reiteração da prática adaptam a forma de um discurso, isto é, um certo repertório e auditório, criando alguns contornos ao discurso. Há, deste modo, um certo tipo de discurso adequado para determinadas situações de uso, como o discurso produzido em uma conversa informal, no âmbito acadêmico, jurídico, escolar, mídia e etc.

As enunciações, fruto do contato, do choque entre vozes sociais, são produzidas em inter-relação com outras vozes, e constituem uma das formas de interação verbal. Todavia, não se limitam, em um sentido amplo, à comunicação em voz alta, a uma conversa, mas, sim, toda e qualquer comunicação verbal, inclusive intrapessoal.

> Por esse motivo, todos os nossos discurso interiores, isto é, nossos pensamentos, são inevitavelmente diálogos: o diálogo não é uma proposta, uma concessão, um convite do eu, mas uma necessidade, uma imposição, em um mundo que já pertence a outros. O diálogo não é um compromisso que dá lugar ao eu: o eu é esse compromisso, o eu é um compromisso dialógico – em sentido substancial, e não formal – e, como tal, o eu é, desde suas origens, algo híbrido, um cruzamento, um bastardo. A identidade é um enxerto (PONZIO, 2011, p. 23).

Esse diálogo estipula-se também com os demais enunciados integrantes da historicidade humana.

> Não pode haver enunciado isolado. Ele pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo da cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado. Entre os enunciados existem relações que não podem ser definidas em categorias nem mecânicas nem linguísticas. Eles não têm analogias consigo (BAKHTIN, 2010a, p. 348).

Todos os enunciados são únicos, independentemente da quantidade de relações dialógicas que os compõem ou influenciam-nos. Esse atributo deve-se à impossibilidade da repetição idêntica, uma vez que o contexto se altera, o enunciador e o destinatário são diferentes, ainda que muito parecidos, entre uma enunciação e outra. Diverso não em virtude de outro sujeito assumir sua posição no teatro discursivo, mas, sim, por estarem, em sua unicidade e individualidade, em posições distintas, tanto historicamente, quanto em relação ao enunciado.

> Dois enunciados idênticos em, todos os sentidos ("belo clima" – "belo clima"), se realmente são *dois* enunciados pertencentes a *diferentes* vozes e não um só enunciado, estão ligados por uma *relação dialógica de concordância.* Trata-se de um determinado acontecimento dialógico nas relações mútuas entre os dois e não de um eco. Porque também podia não haver concordância ("Não, o clima não está muito bom", etc.) (BAKHTIN, 2010a, p. 331).

Todo enunciado é produzido dialogicamente, entrando em contato com o discurso do outro, emaranhando-se, transformando-se, refazendo-se, mas, ao mesmo tempo, negando, reafirmando e modificando as ideologias veiculadas. Faraco (2009, p. 66) acentua que:

> As relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor – que [...] constituem, no conceitual do Círculo de Bakhtin, parte inerente de todo enunciado, entendido não mais como unidade da língua, mas como unidade da interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas.

Da interação dialógica dos discursos, nasce uma relação de sentido, que é estabelecida pelas enunciações que os compõem. Essa relação de sentido é o que se designa dialogismo. Fiorin (2006, p. 18-19):

> Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados do processo de comunicação, independente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.

O próprio ato de compreensão de um enunciado é um processo dialógico, que pode ser desmembrado em atos particulares de autonomia semântica do conteúdo, muito embora a compreensão real e concreta seja única, segundo o processo:

> 1) Percepção psicofisiológico do signo físico (palavra, cor, forma espacial). 2) Seu *reconhecimento* (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu *significado* reproduzível (geral) na língua. 3) A compreensão de seu *significado* em dado contexto (mais próximo e mais distante). 4) A

> compreensão ativo-dialógica (discussão-concordância). A inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e universidade (BAKHTIN, 2010a, p. 348).

Além de dialógica, a compreensão suscita, na arena de vozes sociais estabelecida, uma ação, uma atitude do interlocutor ou leitor.

> Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta (BAKHTIN, 2010a, p. 271).

No processo de comunicação, o enunciado sempre gerará uma posição responsiva ativa no ouvinte ou destinatário: ele assumirá, após a compreensão do conteúdo linguístico, isto é, apreender o que foi dito, a mensagem sonora, uma posição, concordando com o enunciado, refutando-o, complementando-o, repelindo-o, descaracterizando-o, etc. Tal processo se forma à medida que o ouvinte escuta a palavra enunciada, podendo ser simultaneamente à expressão ou após a enunciação completa.

> Diálogo e enunciado são [...] dois conceitos interdependentes. O enunciado de um sujeito apresenta-se de maneira acabada permitindo/provocando, como resposta o enunciado do outro; a réplica, no entanto, é apenas relativamente acabada, parte que é de uma temporalidade mais extensa, de um diálogo social mais amplo e dinâmico (MARCHEZAN, 2004, 117).

O falante, no momento da enunciação, aguarda uma resposta do ouvinte ou destinatário e não apenas a neutralidade. Essa resposta não é uma compreensão passiva do destinatário, mas uma concordância, uma objeção, uma participação, uma observação, etc. A expectativa pela resposta é a preocupação daquele que enuncia, ao tentar tornar inteligível a mensagem. O destinatário, por sua vez, ao assumir a postura ativa responsiva, prepara-se para uma resposta, independentemente da forma que ela assumir. Quando o processo de comunicação é constituído de uma conversa presencial, em que o enunciador e o destinatário estão face a face, a responsividade ativa é mais evidente, pois há a interatividade entre respostas, réplicas e questionamentos aos enunciados.

> O enunciado, ao se produzir no diálogo com os outros enunciados possíveis do interlocutor, projeta-se para o futuro; e o sujeito não pode eximir-se das

> consequências desse dizer. O enunciado tem por característica, assim, a responsividade (*é resposta*) e a responsabilidade (*está relacionado necessariamente ao ato de dizer marcado historicamente, ato de dizer por um sujeito que interpreta, nesse momento histórico, a realidade e outros discursos, interpreta de forma única, irrepetível, por isso não há álibi para o ato de dizer, é um ato singular*) (MENDONÇA, 2012). (Grifos originais)

O fato de o indivíduo encontrar-se inserido em um contexto sócio-histórico, em uma cultura determinada, marcada pela historicidade e por um conjunto ideológico único, reforça e torna impossível a passividade do sujeito no tocante à recepção de um enunciado. A própria ideologia do indivíduo, quando suscitada pelo enunciado alheio, obriga-o à assunção de valores, sejam concordantes ou discordantes do que foi dito.

> O sujeito da compreensão enfoca a obra com sua visão de mundo já formada, de seu ponto de vista, de suas posições. Em certa medida, essas posições determinam a sua avaliação, mas neste caso elas mesmas não continuam imutáveis: sujeitam-se à ação da obra que sempre traz algo novo. [...] No ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento (BAKHTIN, 2010a, p. 378).

2.1 Da ideologia

Volochínov, na obra "Marxismo e filosofia da linguagem", propõe que toda enunciação é um ato social, produzido em um contexto histórico-social determinado, estabelecendo uma relação dialógica com os demais enunciados produzidos na historicidade humana e com o conjunto de vozes atuantes no contexto. Essas vozes sociais apresentam, refletem, refratam e distorcem conteúdos axiológicos, tornando fundamental a correta apreensão da noção de ideologia para Volochínov, uma vez que toda a compreensão do enunciado é perpassada por valores sociais e o interlocutor, no esforço de entender o enunciado, é incutido de uma atitude responsiva ativa.

O termo ideologia, epistemologicamente, sofreu uma série de alterações, supervalorizações e, não menos, processos pejorativos. Para compreender o pensamento de Volochínov e a relação estabelecida com o conceito de ideologia de Marx e Engels, será traçada uma breve evolução do conceito de ideologia entre os anos de 1801, que marca seu surgimento, e o período da década de 1920, contemporâneo à obra de Volochínov. A fonte principal para as informações será Chauí (1980)[4].

[4] A propósito, aqui, é traçar um brevíssimo esboço histórico do conceito de ideologia, para entender o diálogo estabelecido pelo círculo com o termo.

A palavra ideologia surge em 1801, no livro de Destutt de Tracy: “Elementos de ideologia”. O autor pretendia elaborar uma ciência da gênese das ideias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. Teoriza que as faculdades sensíveis são responsáveis pela formação de todas as ideias: querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória).

Augusto Comte, na obra: “Curso de filosofia positiva”, passou a usar o termo em duas concepções diferentes: como atividade filosófico-científica que estuda a formação das ideias a partir de observações da relação do corpo com o meio natural; e como o conjunto de ideias de uma época, tanto como senso comum ou opinião geral, como a produção dos pensadores da época.

Durkheim propõe a sociologia como uma ciência e, para isso, cria um método objetivo e racional para a análise do fato social, ou seja, desprovido de qualquer subjetividade, separando o sujeito do conhecimento e o objeto do conhecimento. Designa ideologia todo conhecimento da sociedade que não observar esse método e critérios. Esse resto seriam as ideias antigas, noções vulgares, pré-conceitos, oriundos da tradição, e formulação subjetivas e imprecisas.

Marx trata da ideologia na obra: “A ideologia alemã”. O filósofo critica ferozmente o idealismo hegeliano, mas conserva algumas de suas contribuições. Mantém o conceito de dialética como movimento interno de produção da realidade, cujo motor é a contradição. Entretanto, a contradição dar-se-ia entre homens reais, em condições históricas e sociais reais, e isso se chama luta de classes.

A história não seria aquela proposta por Hegel, caracterizada pelo processo por meio do qual o Espírito toma posse de si mesmo, a história da realização do Espírito. Na verdade, para Marx, a história é a história do modo real como os homens reais produzem suas condições reais de existência.

O pensador afirma, ainda, que o método histórico-dialético deve partir do que é mais abstrato, simples ou mais imediato (observável), percorrer o processo contraditório de sua constituição real e atingir o concreto, como um sistema de mediações e de relações cada vez mais complexas e que nunca estão dadas à observação.

Apresenta as classes sociais como relações sociais determinadas pelo modo como os homens, na relação de sobrevivência, reproduzem e legitimam a divisão, por meio de instituições sociais e políticas, e representam para si o significado dessas instituições, através de sistema de ideias, que exprimem, camuflam ou negam o significado real dessas relações.

A alienação é de homens reais, em condições reais. Como o homem é um ser histórico, que se faz diferente, em condições diferentes, a alienação não diz respeito à essência humana, a qual renega; tão menos é a religiosa, mas a originária do trabalho. O trabalho alienado é aquele em que o produtor não pode reconhecer-se no produto de seu trabalho, pois as condições desse trabalho, suas finalidades reais e seu valor não dependem do trabalhador, mas do proprietário e das condições existentes de trabalho.

A ideologia, para Marx, não se refere a um processo subjetivo consciente, mas objetivo e subjetivo involuntário, produzido pelas condições da existência social dos indivíduos, membros de determinada classe social. A relação do indivíduo com a sua classe é de submissão, da qual é uma pequena parte, independentemente de sua vontade.

A relação ideológica trata de algo que faz parte da natureza social do indivíduo, mesmo ignorada, alheia e aceita como natural. É fruto da alienação e da luta de classes, isto é, da dominação de uma classe sobre a outra. A dominante, ao mesmo tempo, lança ideias que têm a finalidade de esconder a luta estabelecida, torná-la imperceptível, assim como a divisão em classes. Destarte, uma vez existente uma única classe, a ideia dessa classe dominante transforma-se na ideologia de todas as classes sociais, que, aparentemente, inexistem aos olhos do indivíduo.

Em Marx, para melhor apreensão do conceito de ideologia para Volochínov, ainda são relevantes três conceitos: a infraestrutura, caracterizada como as relações materiais de produção, isto é, a relação dialética do homem com a natureza, através do trabalho, e as relações de produção estabelecidas entre os homens. A estrutura é o sistema produtivo (Capitalismo) e a superestrutura representa a base ideológica de um determinado sistema de produção: as crenças, o direito, a política, a moral, as ideias, a religião, o Estado.

Volochínov estabelece uma relação com essa teoria de Marx e Engels. O ponto de partida foi o que era aceito pelo marxismo oficial: entender a ideologia como uma espécie de falsa consciência, uma camuflagem da realidade social, com a obscuridade das contradições e da existência de classes sociais. Desse modo, não haveria a percepção das forças dominantes, que atuavam diretamente legitimando o Estado e o poder político, mantendo o mundo no *status quo.*

Embora esse tenha sido o ponto de partida, não havia a concordância total com o conceito, fator pelo qual houve sua destruição e reconstrução. Para tanto, foram contrapostas duas espécies de ideologia: a ideologia oficial, entendida como relativamente dominante, que tentava implantar uma noção única de mundo; e a ideologia do cotidiano, aquela que é

constituída em encontros fortuitos, na nascente de sistemas de referência, na proximidade social.

A ideologia do cotidiano pode ser dividida em dois estratos: o estrato inferior, caracterizado por encontros fortuitos, com duração limitada, as atividades mentais e a consciência, elementos mais próximos à individualidade, cuja apresentação e modelagem não apresentam ideologia clara; e o estrato superior, marcado por elementos ideológicos mais complexos, formados nas múltiplas relações sociais e atividades, como sindicatos e grupos estabelecidos, de onde refletem mais rapidamente para mudanças da infraestrutura socioeconômica.

A ideologia oficial é o local em que circulam elementos ideológicos estabilizados, que compreendem a moral, a religião, o direito e as ciências, e são aceitos pela sociedade e poder vigente.

Volochínov estabelece uma relação dialética entre os conceitos:

> De um lado, a ideologia oficial, como estrutura ou conteúdo, relativamente estável; de outro lado, a ideologia do cotidiano, como acontecimento, relativamente instável; e ambas formando o contexto ideológico completo e único, em relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção e reprodução social (MIOTELLO, 2010, p. 169).

A relação estabelecida entre os níveis ideológicos – ideologia do cotidiano de estrato inferior e superior e ideologia oficial – torna a ideologia de determinada sociedade única, formando um conjunto indivisível, mas em constante movimento, reagindo às transformações ocorridas nos meios de produção.

> A análise que Bakhtin propõe da ideologia mostra-se especialmente apropriada à realidade atual das ideologias, a sua estratificação, interconexão, ambivalência, convivência recíproca, unificação, camuflagem, fisionomia imprecisa, carência de posição definida e derivação duvidosa. Para tratar o problema do sentido ideológico, Bakhtin utiliza o ponto de vista da literatura. [...] A literatura se introduz no laboratório social em que as ideologias se forjam [...] sempre manteve relação com as ideologias flexíveis, incertas, evasivas, híbridas, cujos sujeitos são por sua vez indeterminados, divididos, plurais, sem um rosto reconhecível (PONZIO, 2011, p. 25-26).

Volochínov (2009, p. 31) interliga a questão da ideologia com a noção de signo:

> Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*.

O signo faz parte de uma realidade, mas, ao mesmo tempo, reflete e refrata uma outra. Ele pode ser fiel a essa realidade, distorcê-la, fragmentá-la, apresentá-la sob um ângulo específico ou tendencioso. Todo signo está sujeito a critérios de julgamento, valoração: verdadeiro, falso; justo, injusto; bom, mau; bem, mal; certo, errado; desejável, indesejável. Esse conteúdo valorativo é sempre sócio-histórico e o seu universo de produção e materialização é sempre na comunicação humana.

> O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico* (VOLOCHÍNOV, 2010, p. 32-33). (Grifo original)

Um signo ideológico constitui um fragmento material da realidade, é um fenômeno do mundo exterior. Ao mesmo tempo, a consciência humana só pode surgir e manifestar-se materialmente por meio de signos. Os signos promovem a relação, a interação entre uma consciência individual e outra. Volochínov (2009, p. 36) ainda afirma que:

> A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto das leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos.

A comunicação humana representa um ponto no qual há a constituição da ideologia, uma vez interligada com os processos de produção material da vida, como nas mais plurais manifestações da ideologia, entendida como sistema de referência e significação.

Ideologia, para Volochínov, é a confluência da expressão, da organização e da regulamentação das relações histórico-materiais dos homens. Tal perspectiva evidencia a inter-relação entre as manifestações materiais do sistema de produção e a ideologia característica da superestrutura. Tal relação seria estabelecida e intermediada por signos ideológicos, nas relações sociais.

Segundo Miotello (2010, p. 175), o estudo das ideologias, para Volochínov, deve obedecer as seguintes regras: não afastar a ideologia da realidade material do signo; não separar o signo das formas concretas de comunicação; e não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material.

Apresentam-se, dessa forma, alguns aspectos da relação do indivíduo com a ideologia: no estrato inferior da ideologia do cotidiano, os fatores biográficos e biológicos, em que as atitudes dos agentes não são marcadas ideologicamente, atuam decisivamente; na proporção em que as interações se aprofundam e se repetem, integrando-se a um sistema ideológico, como um sindicato ou partido político, aproximam-se e integram-se, progressivamente, ao estrato superior da ideologia do cotidiano; à medida que essas interações aprofundam-se e reiteram-se, passando a fazer parte do sistema ideológico, envolvendo-se por completo o indivíduo. Nesse processo, o eu individual é fragmentado pela função do outro social. Os índices de valor são adequados à situação social, em negociações interpessoais, preenchendo as relações do indivíduo.

> [...] A ideologia é o sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo constituído a partir de referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados (MIOTELLO, 2010, p.176).

Entrementes, o sentido de ideologia, para Volochínov, não deve ser visto como algo negativo, que mascara ou esconde o real. Na verdade,

> [...] a palavra ideologia é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do "espírito" humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura *imaterial* ou produção *espiritual* (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista).
> *Ideologia* é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (FARACO, 2009, p. 46).

Volochínov atribui ao signo não apenas a característica de refletir o mundo, apresentando uma cópia perfeita e sem qualquer espécie de distorções, mas também refratam-no, por meio da transmutação do objeto da enunciação, em decorrência da influência e choques com as vozes sociais atuantes.

> No processo de referenciação, realizam-se, portanto, duas operações simultâneas nos signos: eles *refletem e refratam* o mundo. Quer dizer: com os signos podemos apontar para uma realidade que lhes é externa (para a materialidade do mundo), mas o fazemos sempre de modo refratado. E *refratar* significa, aqui, que com nossos signos não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (*refrações*) desse mundo. Nessa mesma direção, Medvedev dirá que "no horizonte ideológico de uma época ou grupo social, não há uma, mas várias verdades mutuamente contraditórias" (FARACO, 2009, p. 50-51).

Dessa maneira, o enunciado sempre sofrerá refrações tanto por encontrar-se em diálogo com os demais enunciados produzidos na historicidade humana, como por chocar-se dialogicamente, na alteridade, com os índices e valores de dada cultura, com sua ideologia, além das pressões exercidas pela individualidade do sujeito que entra em contato ou produz a enunciação.

2.2 Da autoria

2.2.1 Da arte e da estética

Bakhtin (2010b), no texto "O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária", critica o pensamento estético do formalismo russo. Ao caracterizá-lo como estética do material, apresenta cinco pontos que merecem análise e atenção:

1. A estética material não é "capaz de fundamentar a forma estética", por, essencialmente, não "exprimir uma relação axiológica qualquer, do autor e do espectador, como algo além do material". Nesse sentido, a "obra de arte compreendida como material organizado, como coisa, só pode ter significado como estimulador físico dos estados fisiológicos e psíquicos, ou então deve receber uma designação prática e utilitária qualquer". Dessa forma, "é indispensável admitir um *momento do conteúdo que permitiria interpretar a forma de modo mais substancial do que o hedonista grosseiro*" (BAKHTIN, 2010b, p. 19-21). (Grifo original)

2. A estética material "*não pode estabelecer a diferença essencial entre o objeto estético e a obra exterior, entre a articulação e as ligações no interior deste objeto e as articulações e ligações materiais no interior da obra*". Há, na realidade, uma tendência de misturar esses elementos. Bakhtin (2010b) apresenta três diretrizes que devem orientar a

análise estética: “compreender o objeto estético na sua singularidade e estrutura puramente artística”, chamado de “objeto estético arquitetônico”; observar a obra estética em sua realidade original, independente de seu objeto estético; e “compreender a obra como um objeto estético a ser realizado”. É importante consignar que por “objeto estético arquitetônico”, Bakhtin também designa a estrutura artística (BAKHTIN, 2010b, p. 21-22). (Grifo original)

3. A estética material não diferencia, com clareza, as formas arquitetônicas e composicionais. Nesse passo, Bakhtin (2010b) fornece importantes definições:

> As formas arquitetônicas são as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social, histórica etc.; todas elas são aquisições, realizações, não servem a nada, mas se autossatisfazem tranquilamente; são as formas da existência estética na sua singularidade.
> As formas composicionais que organizam o material têm um caráter teológico, utilitário, como que inquieto, e estão sujeitas a uma avaliação puramente técnica, para determinar o quão adequadamente elas realizam a tarefa arquitetônica. A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional: assim, a forma da tragédia (forma do acontecimento, em parte, do personagem – o caráter trágico) escolhe a forma composicional adequada – a dramática. Naturalmente, não é por isso que se deva concluir que a forma arquitetônica existe em algum lugar sob um aspecto acabado e que pode ser realizada independente da forma composicional (BAKHTIN, 2010b, p. 25).

4. A estética material não admite a visão estética fora da arte, em especial nas formas estéticas híbridas, como do mito e do domínio do comportamento ético e do conhecimento.

5. A estética material não pode embasar a história da arte, por não admitir a possibilidade de uma estética sistemática geral, mas apenas aquela especial a dada arte, especializada.

Bakhtin (2010b) assevera que os cinco problemas por ele enumerados demonstram uma posição metodológica falsa, segundo a qual dever-se-ia construir uma teoria da arte sem considerar uma estética sistemático-filosófica. Na verdade, o autor e Volochínov consideram a arte como indissociável da vida social.

> A arte, também, é imanentemente social; o meio social extra-artístico afetando de fora a arte, encontra resposta direta e intrínseca dentro dela. Não se trata de um elemento estranho afetando outro, mas de uma formação social, o *estético*, tal como o jurídico ou o cognitivo, *é apenas uma variedade do social*. A teoria da arte, consequentemente, só pode ser uma

> *sociologia da arte*. Nenhuma tarefa "imanente" resta neste campo. (VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, s.d., p. 3)

Bakhtin (2010b) analisa o domínio cultural não como uma entidade espacial qualquer, mas um domínio como situado entre fronteiras, razão pela qual todo ato cultural não pode ser abstraído de suas fronteiras, sob pena de tornar-se vazio, descaracterizar-se. Como consequência, cada fenômeno cultural forma um sistema concreto, a partir do qual deixa de ser mero acontecimento e adquire significação. Além disso, por afigurar-se em fronteiras e adquirir significação, o ato cultural é transpassado por posições axiológicas, definindo-se e influenciando-se por um conjunto de valores.

> Bakhtin diz, então, que cada domínio é dotado de uma autonomia participativa – ou seja, ocupa uma posição distintiva, necessária e insubstituível que se configura a partir de sua participação na totalidade da cultura. E essa participação se dá justamente como uma orientação responsiva no interior da cultura. É respondendo que o ato cultural, qualquer que seja, adquire sentido e valor (FARACO, 2009, p.100).

Segundo Faraco (2009), os termos cognição-ético-estética são indispensáveis à compreensão do pensamento bakhtiniano. Afirma que os termos, apesar de variarem ao longo dos escritos do autor, guardam relação com a ciência, a vida e a arte. O fazer estético configura-se em "contraste com o fazer científico e com a realidade da prática vivida, ao mesmo tempo que deles se apropria e os unifica num outro plano". A ética compreende a vida, a realidade prática vivida, o mundo em que a ação humana se realiza, ao passo que a cognição estaria adstrita à ciência (FARACO, 2009, p. 99-100).

Cada um desses domínios – cognição-ético-estética – são perpassado por um conjunto de valores, uma vez que cada um deles possui, como princípio, atitudes ou posições axiológicas, tratando-se de um ambiente dinâmico de valorações.

Bakhtin (2010b) interessa-se, especialmente, pelo estético, atribuindo ao ato estético receptividade e positividade acolhedora, uma vez que "a realidade, preexistente ao ato, identificada e avaliada pelo comportamento, entra na obra (mais precisamente, no objeto estético) e torna-se então um elemento constitutivo indispensável". Conclui, deste modo, que a vida não se encontra apenas fora da arte, mas também em seu interior, motivo pelo qual a arte diferencia-se do conhecimento e do ético, "que criam a natureza e a realidade social". A arte "cria a unidade concreta e intuitiva desses dois mundos, coloca o homem na natureza,

compreendida como seu ambiente estético, humaniza a natureza e naturaliza o homem" (BAKHTIN 2010b, p. 33). Desse modo,

> *o que caracteriza a comunicação estética é o fato de que ela é totalmente absorvida na criação de uma obra de arte, e nas suas contínuas re-criações por meio da co-criação dos contempladores, e não requer nenhum outro tipo de objetivação*. Mas, desnecessário dizer, esta forma única de comunicação não existe *isoladamente;* ela participa do fluxo unitário da vida social, ela reflete a base econômica comum, e ela se envolve em interação e troca com outras formas de comunicação. (VOLOCHÍNOV e BAKHTIN, (s.d.), p. 5)

A arte cria uma nova relação axiológica com aquilo que já é realidade para o conhecimento e para o ético, na qual tudo é sabido e, por isso, o

> "elemento da novidade, da originalidade, do imprevisto, da liberdade tem tal significado, pois nela há um fundo sobre o qual pode ser percebida a novidade, a originalidade, a liberdade – o mundo a ser conhecido e provado, do conhecimento e do ato, e é ele que se na arte se apresenta como novo, é pela relação com ele que se percebe a atividade do artista como sendo livre. O conhecimento e o ato são primordiais, isto é, eles criam seu objeto pela primeira vez: o conhecido não é reconhecido nem relembrado num novo sentido, mas é definido pela primeira vez; e o ato é vivo apenas pelo que ainda não existe: aqui tudo é novo desde o início, portanto não há novidade, tudo é *ex origine*, e por isso mesmo sem originalidade" (BAKHTIN 2010b, p. 34).

O autor aponta para a necessidade de criar uma "teoria intuitiva baseada numa teoria da arte", algo que a estética material é incapaz de fazer, por ignorar o conteúdo, privando-se de um meio de abordagem para a intuição artística em filosofia. O conteúdo, para Bakhtin (2010b) é o "momento indispensável do objeto estético, ao qual é correlativa a forma estética, que fora dessa relação, em geral, não tem nenhum significado".

> "Nós [...] chamamos de conteúdo da obra de arte (mais precisamente, do objeto estético) à realidade do conhecimento e do ato estético, que entra com sua identificação e avaliação no objeto estético e é submetida a uma unificação concreta, intuitiva, a uma individualização, a uma concretização multiforme com a ajuda de um material determinado" (BAKHTIN 2010b, p. 34).

O artista e sua tarefa artística devem ser apreendidos no mundo, em uma correção com os valores da cognição e da ética, uma vez que não é o material que precisa de acabamento, unificação, individualização, pois, para precisar, o material precisa participar do movimento

axiológico e semântico do ato. Na verdade, é a composição axiológica da realidade vivida multilateralmente, é o evento da realidade que precisa desse acabamento.

Por isso, "a forma esteticamente significante é a expressão de uma relação substancial com o mundo do conhecimento e do ato, porém não é nem cognitiva nem ética". Isso porque o artista coloca-se em posição desinteressada em relação à construção da cognição e do ético, embora compreenda o sentido axiológico do mundo vivo. Essa característica externa permite que artista formule e conclua o acontecimento a partir do lado de fora, transmutando-o para um "novo plano axiológico de uma existência (de uma beleza) isolada e acabada, axiologicamente segura de si" (BAKHTIN, 2010b, p. 36).

Bakhtin (2010b), no capítulo "O problema da forma", afirma que a forma artística é a forma do conteúdo, realizada no material. Aponta que o estudo da forma deve seguir duas direções: a partir da forma arquitetônica, axiologicamente voltada ao conteúdo; e a partir do interior do todo composicional e material da obra. Nesse passo, lança a seguinte questão: "como a forma composional – organização do material – realiza uma forma arquitetônica – a unificação e a organização dos valores cognitivos e éticos?" (Ob. cit., p. 57).

Como resposta, apresenta que, na execução e na contemplação da obra de arte, o indivíduo deve experimentar-se, em certa medida, como criador da forma, para que seja possível realizar inteiramente uma forma artisticamente significante enquanto tal. Diferencia-se, assim, a forma artística e a científica, sendo que, na segunda, não se admite o autor-criador, visto que a forma cognitiva é encontrada no objeto e nela não se encontra nem o indivíduo enquanto pessoa nem enquanto atividade criadora.

> "Só porque vemos ou ouvimos algo não quer dizer que já percebemos sua forma artística; é preciso fazer do que é visto, ouvido e pronunciado a expressão da nossa relação ativa e axiológica, é preciso ingressar como criador no que se vê, ouve e pronuncia, e desta forma superar o caráter determinado, o material e extra-estético da forma, seu caráter de coisa: ela deixa de existir no nosso exterior como um material percebido e organizado de modo cognitivo, transformando-se na expressão de uma atividade valorizante que penetra no conteúdo e o transforma. [...] Eu me torno ativo na forma e por meio dela ocupo uma posição axiológica fora do conteúdo (enquanto orientação cognitiva e ética), e isto torna possível pela primeira vez o acabamento e em geral a realização de todas as funções estéticas da forma no que tange ao conteúdo.
> Assim, a forma é a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe (co-criador da forma) com o conteúdo" (BAKHTIN 2010b, p. 59).

A primeira função da forma, no que tange ao conteúdo, é o isolamento ou separação. Essa propriedade não se relaciona com a obra, enquanto coisa, mas com seu significado, o seu conteúdo, o qual se liberta, como um fragmento, do evento ético e cognitivo. Isso possibilita a realização da forma artística, engendrando uma relação não ética e não cognitiva com o acontecimento, possibilitando que o autor-criador torne-se elemento constitutivo da forma. Ao mesmo tempo, o isolamento determina o significado do material e sua organização composicional.

> Com a ajuda de um único material, o autor ocupa uma posição criativa, produtiva em relação ao conteúdo, ou seja, aos valores cognitivos e éticos; o autor como que penetra no acontecimento isolado e nele se torna criador sem se tornar participante. Desta forma, o isolamento torna a palavra, a opinião e, de um modo geral, o material (o som da acústica, etc.) formalmente criativos (BAKHTIN 2010b, p. 61).

A forma artística deve ser pensada como um todo, no qual interagem e misturam-se a forma arquitetônica, a forma composicional e a forma do material.

> A forma do conteúdo está inteiramente corporificada na forma composional cujo aparato técnico é a forma do material. Não há um conteúdo puro (isolável da forma composional). A forma composicional, por sua vez, não tem qualquer significado fora de sua correção com a forma do conteúdo. E a forma do material não é apenas a linguagem em si (da sua mera realização gramatical), mas a da linguagem conquistada pelo autor-criador, ou seja, o ato de se apropriar axiologicamente do material linguístico na perspectiva da composição do conteúdo. São, no fundo, três sistemas de valores em interação axiologicamente intensa: o recorte, a transposição e o acabamento do conteúdo, sua corporificação numa certa forma composional e o trabalho com a linguagem (FARACO, 2009, p.104).

A atividade formativa do autor-criador e do contemplador domina todos os aspectos da palavra: o aspecto sonoro, o significado material, o momento da ligação vocabular (relações vocabulares), o momento entonacional (plano psicológico, emocional e volitivo) e o sentimento da atividade vocabular (momentos motores).

> A unidade de todos os momentos composicionais que realizam a forma e sobretudo a unidade do conjunto verbal da obra [...] é baseada não naquilo que se fala ou de que se fala, mas na maneira como se fala, no sentimento de uma atividade de elocução significante, que deve ser sentida continuamente como atividade única, independentemente da unidade objetal e semântica do seu conteúdo (BAKHTIN 2010b, p. 63).

2.2.2 Do autor-criador e da autoria

O autor criador caracteriza-se como um momento constitutivo da forma artística, o qual deve experimentar a forma como sua relação axiológica ativa com o conteúdo, para prová-la esteticamente. Trata-se de uma posição estético-formal, cuja função é materializar determinada relação valorativa com o herói e seu mundo, os quais são vistos externamente, seja com simpatia, seja com desprezo; alegria ou amargura; esperança ou resignação.

> Esta atividade da personalidade do criador, organizada a partir do interior, distingue-se substancialmente da personalidade passiva, organizada a partir do exterior, do personagem, do homem-objeto de uma visão artística, física e moralmente determinada: sua determinação é visível, audível, é uma determinação formalizada, é a imagem do homem, a sua personalidade exteriorizada e encarnada. Por outro lado, a personalidade do criador é invisível e inaudível, mas é interiormente experimentada e organizada como uma atividade que vê, ouve, se move, se lembra, uma atividade não encarnada, mas que encarna, e em seguida já está refletida no objeto formalizado (BAKHTIN 2010b, p. 68).

No ato artístico, há o isolamento de atos da vida (ético e cognitivo) e, a partir dessa posição de segregação, são reorganizados e ressignificados, constituindo um novo mundo. O autor-criador é o responsável por essa transposição. Esse ato criativo é complexo, uma vez que dá origem a uma série de refrações. A primeira opera-se na transição entre autor-pessoa e autor-criador, uma vez que o autor-criador – uma posição axiológica refratada do autor-pessoa – é quem realiza a transposição da vida para arte – um segundo processo de refração – e o faz sob determinada tendência valorativa. Sem prejuízo, esse deslocamento também ocorre no plano do material. O ato estético isola certos enunciados concretos, que já são entrepassados por valorações, e os transferem para um outro plano, dentro de outros enunciados concretos, permeados de valores.

> O autor-criador é, assim, uma posição refratada e refratante. Refratada porque se trata de uma posição axiológica conforme recortada pelo viés valorativo do autor-pessoa; e refratante porque é a partir dela que se recortam e se reordenam esteticamente os eventos da vida (FARACO, 2009, p.108).

A consciência do autor-criador excede a consciência da personagem, por saber tudo que ela enxerga e conhece, como enxerga e conhece, suas ansiedades e esperanças. Esse excedente de visão é o que permite ao autor-criador, dar o acabamento à obra. Não obstante, o

conjunto axiológico manejado pelo autor-criador, na constituição da personagem, é distinto do experimentado em sua vida concreta, na relação "eu" com o "outro".

> Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 2010a, p. 23).

Na composição da obra, existem três participantes: o autor-criador, o herói e o ouvinte. Trata-se de uma "força viva que determina a forma e o estilo e são distintamente detectáveis por qualquer contemplador competente". (VOLOCHÍNOV e BAKHTIN, (s.d.), p. 18)

O autor-criador tem uma relação de valores com o herói e com o receptor imanente (ouvinte). Esse receptor (ouvinte) possibilita a transposição, para o plano da obra, manifestações dialógicas sociais, por meio de múltiplas vozes (FARACO 2010).

> O ouvinte não é o sucedâneo do autor nem ocupa o seu lugar: trata-se antes de uma instância independente do evento da criação artística. Além disso, o ouvinte tem uma posição bilateral, visto que apresenta diferentes graus de proximidade com relação ao autor, de um lado, e com respeito ao herói, do outro (SOBRAL, 2009a, p. 68).

Esse receptor (ouvinte), todavia, não se confunde com o público real, empírico, mas trata-se de uma "imagem" do interlocutor a que o autor se dirige e que, de certa forma, determina a estrutura da obra (VOLOCHÍNOV e BAKHTIN, (s.d.), p. 18).

> Por outro lado, o herói não se confunde com o autor, nem vem de um ato consciente e autônomo deste. Entidade autônoma, ele tem seu papel próprio a desempenhar na dupla interação com, de um lado, o autor, e, do outro, o ouvinte; é o centro das avaliações inerentes a todo enunciado, avaliações que entram na composição da própria materialidade da obra, em sua forma moldadora, e não se reduzem portanto a conteúdos que eventualmente se incorporem a ela nem a formas cristalizadas de avaliação, ainda que estas também tenham sua relevância, dado que todas as avaliações vêm, naturalmente, do universo social e histórico das interações entre os seres humanos (SOBRAL, 2009a, p. 67).

O autor-criador e a relação autor-criador, herói e interlocutor (receptor inerente ou ouvinte) não estão adstritos à obra literária, mas a toda enunciação.

> Assim, como agora podermos argumentar, qualquer locução realmente dita em voz alta ou escrita para uma comunicação inteligível (isto é, qualquer uma exceto palavras depositadas num dicionário) é a expressão e produto da interação social de três participantes: o falante (autor), o interlocutor (leitor) e o tópico (o que ou quem) da fala (o herói) (VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, s.d., p. 13).

Bakhtin, no texto "Apontamentos de 1970-1971", traz importantes contribuições acerca da autoria como elemento de toda enunciação:

> Diversas formas assumidas de autoria do discurso, dos mais simples enunciados da fala cotidiana aos grandes gêneros literários. É praxe falar de máscaras do autor. Contudo, em que enunciados (manifestações verbalizadas) se exprime a pessoa, e não haveria aí máscara, isto é, autoria? A forma da autoria depende do gênero do enunciado. Por sua vez, o gênero é determinado pelo objeto, pelo fim e pela situação do enunciado. As formas de autoria e o lugar (posição) ocupado pelo falante [...]. Quem fala e a quem se fala. Tudo isso determina o gênero, o tom e o estilo do enunciado: a palavra do líder, a palavra do juiz, a palavra do mestre, a palavra do pai, etc. É isso que determina a forma da autoria. A mesma pessoa real pode manifestar-se em diversas formas autorais (BAKHTIN, 2010a, p. 389-390).

É possível, com base nas afirmações de Bakhtin (2010a, (s.d.)) e Volochínov (s.d.), concluir que, em toda enunciação, há a autoria, com a presença de três participantes: o autor, o ouvinte e o herói. Além disso, ela manifesta-se através de uma forma arquitetônica, que se encontra em uma relação indissolúvel com dada forma composicional e forma do material.

O autor-criador tem uma relação simbiótica com o autor-pessoa, do qual refrata valores e os transporta para o interior da obra. Ao mesmo tempo, o autor-criador conhece tudo que se opera no mundo das personagens, possuindo um excedente de visão, construindo o todo artístico por meio desse excedente. Todavia, Bakhtin observa, no romance de Dostoiévski, que esse escritor coloca-se de modo equipolente às vozes dos heróis e também em relação à própria voz do autor. Por meio disso, Bakhtin cunha o conceito de polifonia (BAKHTIN, 2010a, 384-392).

A autoria envolve a forma arquitetônica, o recorte, a transposição e o acabamento do conteúdo, por meio da assunção de uma forma composional, utilizando-se de uma forma do material, uma linguagem.

2.2.2.1 Da autoria nas redações

Considerando todo o universo que abrange o gênero do discurso "Redação de Vestibular", suas condições de produção, é possível admitir a autoria nos enunciados dos alunos (vestibulandos ou produtores)? Se sim, como enxergá-la e caracterizá-la?

De acordo com Bakhtin (2010ª), e Bakhtin e Volochínov (s.d.), em todo enunciado concreto há autoria. Cada Redação de Vestibular é um enunciado concreto, materializado em um gênero do discurso, de acordo com determinadas condições de produção, logo possui autoria. Então, o grande problema é identificar e caracterizar as manifestações dessa autoria.

A autoria é percebida, nos enunciados concretos, por meio de certos indícios. Possenti (2002) afirma que a autoria opera-se na ordem do discurso. O autor analisa dois indícios de autoria: "dar voz a outros enunciadores e manter distância em relação ao próprio texto" (POSSENTI, 2002, p. 112-113).

Dar voz ao outro pode operar-se de maneira não marcada, adotando-se a voz social ou do outro como própria (assunção do discurso circulante: "os políticos são ladrões"); ou estar explícita: "a população diz que os políticos são ladrões", "como o ministro afirmou no discurso", "segundo Bauman", etc. O autor considera que a autoria apresenta-se não somente dando voz ao outro, mas no "como" esse processo se realiza.

> Em princípio, como regra, pode-se sugerir "nada de mesmice", nada de empregar apenas o verbo "colocar" ou o menos marcado "dizer". A variação é de bom tom. Mas, de novo, não se trata de variar por variar, de organizar uma lista de verbos *discenti* e prometer não empregar o mesmo verbo mais de uma vez em cada texto. A variação só é interessante quando obedece a tomadas de posição se faz sentido de outra forma. (POSSENTI, 2002, p. 112-113).

O segundo caso, "manter distância em relação ao próprio texto", os enunciadores podem marcar-se enquanto "autores" do próprio texto, utilizando-se expressões "eu acho", "considero", "acredito", "penso", etc.; ou distanciarem-se dos enunciados, "é o que a maioria pensa", "trata-se de uma verdade comprovada", "não se trata de um exagero"; "há certa razão". Outro recurso utilizado é o emprego da primeira pessoa do plural – o nós –, que caracteriza, ao mesmo tempo, a não pessoalidade do "eu acho", mas inclui a pessoa do autor como partícipe do contexto social. Busca-se engendrar o enunciado levando-se em consideração a responsividade do "outro", do ouvinte (interlocutor presumido).

> Trata-se, a rigor, de uma exigência do próprio discurso, decorrente do fato de que o sujeito sempre enuncia de uma posição, mas a língua não é um código

> que sirva a cada posição de forma transparente (POSSENTI, 2002, p. 112-114).

A forma do material e a forma composicional, isto é, a maneira como o enunciador utiliza-se do código demonstra aspectos da autoria. Características associadas à textualidade, como a coerência e a coesão; além da seleção vocabular, são indicativas da presença do autor, seja por meio da precisão, seja pelas lacunas e falhas indesejadas. O acabamento dos enunciados, no que tange ao material e à forma composional, também trazem importantes indícios da autoria, como a estruturação dos parágrafos e número de linhas.

No entanto, não se deve esquecer de outro elemento atinente à autoria, se não a mais importante, manifesta-se por meio da forma do conteúdo, através do recorte temático, dentro das vastas possibilidades existentes nos contornos de determinado assunto; da transposição dos valores axiológicos da relação autor-pessoa e autor-criador, restrita, ainda, por acepções das condições de produção, que integram o gênero do discurso e a forma composional.

3. DO GÊNERO DO DISCURSO

3.1 O gênero do discurso: a partir do Círculo de Bakhtin

Prima facie, como o conceito discurso constitui objeto de análise, por se tratar de um conceito presente em diferentes domínios, é importante fixar a escolha teórica utilizada. Discurso é utilizado como uma atividade comunicativa, realizada por sujeitos sociais, pontuados no espaço e no tempo, nos processos interativos em que fazem parte.

Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, o sujeito é um ser social, que se constitui na interação, no contato com o outro e com os discursos histórico-sociais. O "eu" e o "outro", através da dinâmica enunciativa, formam-se, transformam-se, regulamentam-se, fundem-se e distanciam-se, mutuamente, em um processo ininterrupto, espiral e, muitas vezes, inconsciente.

O ato de enunciar é o elemento que estabelece a ligação entre o sistema linguístico e a realidade, o mundo, as pessoas e a sociedade. Isso se efetiva por meio do enunciado, tido como unidades concretas e únicas, produzidas em determinada esfera da atividade humana. Ainda que singular, o enunciado produz sentido em sua relação com os demais enunciados produzidos ao longo da historicidade humana, por suas tensões, atenuações, concordâncias, dissonâncias, interesses e distorções.

Os sentidos, nos enunciados, não são desvinculados da intenção do agente que os produz, embora, não raras vezes, o sentido apreendido pelo interlocutor não seja exatamente aquele pretendido pelo locutor, mas, sim, um outro, que, de acordo com uma visão específica de mundo do destinatário, somada ao contexto específico da produção, da assunção de valores particulares, possa caracterizar sentidos diversos, contraditórios ou dissonantes com o pretendido pelo emissor. Todavia, isso não significa que em todas as produções a distinção de sentidos se opere, mas, tão somente, que há uma possibilidade concreta de ocorrer.

Além disso, reitera-se, o enunciado é único porque, mesmo se repetido literalmente, reiterado, ratificado, os sentidos por ele produzidos são outros, uma vez que o locutor que o produz e o interlocutor que busca a apreensão estão em posições distintas, ressignificando-o, mesmo que uma maneira muito aproximada ou quase idêntica.

Não obstante, enunciados são realizados em determinadas esferas da atividade humana, que se caracterizam por um conjunto de condições específicas de produção ou regras, que restringem, limitam, cerceiam, criam barreiras, modelam ou transfiguram o

enunciado. São campos de atuação ou papéis sociais exercidos pelo sujeito, com vistas a determinadas práticas sociais, funções enunciativas ou profissões.

Tais condições específicas referem-se ao conteúdo temático, estilo da linguagem e à forma. Dependendo da posição enunciativa do agente, as possibilidades do discurso, através do enunciado concreto, aumentam ou restringem-se, acentuam ou atenuam-se, horizontalizam ou verticalizam-se.

O conteúdo temático, o estilo e a construção composicional são elementos indissociáveis do enunciado, de uma dada esfera da comunicação humana, uma vez relativamente estabilizados, e designam aquilo que Bakhtin define como gêneros do discurso (Bakhtin, 2010a, p. 261-262). Os três elementos fundem-se para a formação do gênero. Um não deve ser considerado mais relevante do que outro, hierarquicamente superior, mas, sim, como integrantes de uma relação interdependente.

As atividades humanas são múltiplas e variadas, dinâmicas, aperfeiçoáveis ou instáveis. Fruto dessas características, a comunicação deve, para alcançar sua finalidade, em especial no cenário histórico-social em que se encontra inserida, adequar-se à realidade. Corolário lógico dessa multiplicidade, as possibilidades dos gêneros do discurso são inesgotáveis, mas não infinitas. Inesgotáveis porque os gêneros podem, como forma de adaptação à realidade social, reinventarem-se ou constituírem novas formas. Entretanto, não são infinitos por serem, em um dado momento histórico, apesar de sua abrangência, numeráveis, mesmo que essa enumeração seja improdutiva ou sem finalidade (BAKHTIN, 2010a, p. 262).

Há muitos gêneros do discurso, mas nem tudo que se apresenta na comunicação é um gênero próprio, isto é, uma constituição particularizada, um ato novo, uma nova forma de manifestação. Isso porque, consoante à proposta de Bakhtin, para um discurso ser considerado um novo gênero e não uma manifestação de dado gênero, é necessário que seja relativamente estável, tenha certa reiteração, torne-se um hábito determinado pelo uso em sociedade, em determinada área da comunicação humana. Em outras palavras, um sujeito não cria um gênero, em termos bakhtinianos, por um ato simples de vontade, intencional e arbitrário, mas, tão somente, quando essa possibilidade justifica-se em processos comunicativos, estabilizando-se por meio do uso, da reiteração, do tempo.

Repisa-se que o conceito de gênero, entretanto, utiliza-se de formas relativamente estáveis, um resultado de hábitos de linguagem em diferentes esferas da atividade humana, de estabilidades ou regularidades. Isso não constitui sinonímia de formatos engessados,

imutáveis. Desse modo, um gênero do discurso pode ter certa maleabilidade, em especial em seu uso concreto, sem que isso constitua um novo gênero.

Os gêneros do discurso, segundo a proposta do autor, são subdivididos entre gêneros discursivos primários e secundários. Os gêneros primários são mais simples, ligados a práticas da comunicação cotidiana, como o diálogo informal, uma conversa através de programas de computador que possibilitam a interação, bate-papos virtuais, algumas formas de fórum de discussão, especificamente os virtuais, não atrelados a atividades científicas; as redes de relacionamento, alguns modelos de blogs, excetuando-se aqueles que se referem a atividades como a jornalística, a política e a científica; e o *twitter*.

Os gêneros secundários são mais complexos e surgem em um convívio cultural mais complexo e desenvolvido, produzidos em sistemas ou áreas específicas, como arte, política e ciência. Os principais exemplos são os textos científicos, os discursos políticos, estudos filosóficos, sociológicos e históricos, grande parte dos textos jornalísticos, principalmente notícias e análises críticas, e blogs que se destinam à prática jornalística, à política e à científica.

Pode ocorrer, no processo de formação dos gêneros secundários, a incorporação de gêneros primários, como o emprego de um diálogo em um romance, por exemplo. Em tal situação, há a perda do contato do gênero primário com a realidade concreta, afigurando-se como uma simulação ou algo artificial. Utilizando-se esse exemplo, busca-se demonstrar que o gênero secundário não é absolutamente incompatível com o gênero primário.

Qualquer enunciado, admitindo-se a oralidade ou a escrita, o gênero primário ou secundário, em qualquer esfera da comunicação humana, conforme exposto alhures, é individual, único (BAKHTIN, 2010a, p. 265). Em virtude dessa característica, o enunciado pode refletir a individualidade do falante ou escritor, o que pode constituir um estilo pessoal.

Repisa-se, não se pode, contudo, confundir a noção de estilo individual com a de gênero do discurso. Isso porque o gênero do discurso é mais complexo do que o estilo pessoal, sendo formado pela somatória de três elementos: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. O estilo pessoal, além de ser um dos elementos que podem constituir o gênero do discurso, é limitado pelos outros dois elementos formadores do gênero, tendo ainda sua maleabilidade relativa, isto é, não se trata de um arbítrio irrestrito, mas delimitado a determinados contornos, estipulados pelo estilo geral.

O estilo, desse modo, pode ser assumir duas possibilidades distintas: o estilo em geral e o estilo individual. O primeiro guarda relação com o próprio gênero, sendo um elemento

indissociável de sua formação. O estilo individual refere-se à possibilidade de variação pessoal, uma atuação direta na constituição do enunciado, respeitando as regras ou estipulações de determinado gênero do discurso. Trata-se, pois, de uma liberdade existente na construção do enunciado, que compõe determinado gênero do discurso, mas limitado pelo conteúdo temático e a construção composicional que caracterizam esse gênero (BAKHTIN, 2010a, p. 266).

O estilo individual sofre adaptações aos diferentes gêneros. Alguns gêneros comportam manifestações maiores do estilo pessoal, como é o caso do romance, do teatro, da novela, dos blogs pessoais, dos artigos assinados e crônicas, em jornais e revistas, da poesia e das cartas pessoais. Outros gêneros são menos suscetíveis às variações pessoais, como é o caso de um ofício, uma escritura, um editorial e uma tese científica.

Brait (2010, p. 96) conclui a respeito do estudo do estilo em Bakhtin:

> Desse conjunto de reflexões sobre estilo, surpreendido em várias obras de Bakhtin e seu Círculo, é possível concluir que quaisquer conceitos, categorias, noções que se queira trabalhar deverão estar coerentemente situados nos fundamentos epistemológicos que os sustentam. Assim se dá com o conceito bakhtiniano de estilo: ele não pode separar-se da ideia de que se olha um enunciado, um gênero, um texto, um discurso, como participante, ao mesmo tempo, de uma história, uma cultura e, também, da autenticidade de um acontecimento, de um evento.

3.2 Redação de Vestibular: um gênero do discurso secundário

Como já mencionado, os gêneros do discurso, segundo a proposta de Bakhtin, são subdivididos em gêneros discursivos primários e secundários. Os gêneros primários são mais simples, ligados a práticas da comunicação cotidiana, como o diálogo informal, ao passo que os gêneros secundários são mais complexos e ricos, por, durante o processo de sua formação, incorporarem e reelaborarem diversos gêneros primários, adequando-se a um ambiente de convívio muito organizado e desenvolvido.

A “Redação de Vestibular” caracteriza-se como um gênero do discurso secundário, por possuir conteúdo temático, estrutura composicional, estilo e condições de produção relativamente estáveis e complexos, gerando coerções em seu processo de produção. Isso tanto é verdade que a simples inobservância do conteúdo temático – um tema determinado pela proposta -, estrutura composicional – defesa de um ponto de vista, de acordo com prescrições específicas do gênero -, e estilo – linguagem formal, correta e objetiva -,

isoladamente ou em conjunto, é suficiente para infringir o gênero e gerar prejuízos ao candidato.

> Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formam nas condições da comunicação discursiva imediata (BAKHTIN, 2010ª, p. 263).

Além disso, as condições de produção são específicas, restringindo a liberdade de como o conteúdo temático é analisado, a forma como as ideias são expostas e o tipo de interlocução que é estabelecida com o leitor em potencial. Somam-se, ainda, a pressão de uma prova que pode definir a futura profissão do candidato, o tempo e o espaço para materialização do discurso – condições imediatas; e o discurso circulante nas escolas e cursinhos pré-vestibulares, que criam, fomentam e reforçam determinadas prescrições, às quais o vestibulando tenta adaptar os seus enunciados.

Segundo Guariglia (2008, p. 12 e 13) o gênero argumentativo escolar, com o qual a Redação de Vestibular guarda relação de proximidade, é caracterizado:

> 1. **O conteúdo temático:** Os sentidos que circulam no gênero escolar são decorrentes do tema proposto pelo texto-estímulo; trata-se de um gênero cujos conceitos são determinados por um outro texto que mantém essa finalidade. Como também se trata de um instrumento avaliatório, os sentidos circulantes no gênero argumentativo são relacionados com o meio social, por meio de temáticas voltadas para o contexto político e econômico.
> 2. **A estrutura composicional:** O encadeamento lógico mais privilegiado nas práticas para composição argumentativa do gênero escolar é a disposição de ideias em introdução (hipótese), desenvolvimento (argumentos) e conclusão (tese). Os raciocínios lógicos *dedutivo* e *indutivo*, que permeiam esse encadeamento, não são normalmente focados pelo ensino tradicional. A dedução parte de generalidade (o apontamento de provas que procuram validar um ponto de vista decorrente de um recorte temático – também chamado de *recorte opinativo* – abstraído da interpretação do texto da proposta) para se chegar a uma particularidade na conclusão do texto (o produto do exercício argumentativo em que a hipótese torna-se tese). O método lógico indutivo consiste no apontamento de premissas particulares (argumentos), a fim de se obter uma conclusão geral tende a não condizer com temáticas sócio-político-econômicas, já que as provas, nesses casos, são de natureza coletiva, transportam normalmente dados

> do senso comum, e, portanto, levam à generalidade, em direção a um conceito particularizado que abarca as premissas gerais apontadas. Assim, as partes composicionais, dispostas em introdução, argumentos e conclusão, comportam os dois raciocínios.
> 3. **O estilo:** Um registro formal, que é requerido em textos temáticos e sob avaliação, exige um vocabulário relativamente aprimorado, marcadores linguísticos de objetividade (predominância em terceira pessoa), distanciamento de marcadores de oralidade e respeito à norma culta. É relevante destacar que esses tópicos referentes aos estilo não são puramente estáveis, pois podem apresentar seus avessos de acordo com as necessidades argumentativas; no entanto, eles constituem características de um texto padrão do gênero escolar (GUARIGLIA, 2008, 12-13).

3.2.1 A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e os Parâmetros Curriculares Nacionais: princípios norteadores

Os materiais didáticos e a prática do magistério no Ensino Básico devem atender a uma série de princípios norteadores, especificamente prescritos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Os vestibulares, enquanto um exame para o acesso ao ensino superior, devem observar estipulações.

Na verdade, a normatização estipula as disciplinas e os conteúdos básicos ministrados nas escolas de todo país. Os vestibulares possuem autonomia para formularem suas questões, cobrarem determinados conteúdos que considerem indispensáveis, desde que não violem os paradigmas governamentais, isto é, a norma.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) tem a incumbência de prescrever as normas e princípios básicos da educação nacional, direcionando, orientando e limitando as práticas do poder público, garantindo o acesso à educação básica a todos os cidadãos, com atenção especial às crianças e adolescentes. O artigo segundo da lei estipula os princípios, sobre os quais todo o sistema de ensino será baseado, *in verbis:*

> Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O legislador, ao elaborar o texto legal, teve a preocupação de deixar explícita a finalidade de garantir o pleno desenvolvimento do aluno, com o objetivo de prepará-lo para o

exercício da cidadania e qualificá-lo para o mercado de trabalho. O exercício da cidadania compreende a plena consciência do indivíduo de que é um sujeito possuidor de direitos e obrigações, inserido em um ambiente social e político, desempenhando um papel específico, em busca do desenvolvimento do bem comum.

O artigo 35 da LDB reitera os princípios básicos, com ênfase na fase final da educação, especificando, em seu inciso terceiro, "o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico". Esse ponto discrimina alguns elementos que são diretamente trabalhados e exigidos no processo ensino-aprendizagem da redação escolar, principalmente do gênero do discurso "Redação de Vestibular", o qual exige a análise crítica do mundo, estimulando um processo de autonomia intelectual.

O artigo 36 do mesmo diploma legal orienta as práticas pedagógicas do sistema de ensino, do qual se extrai a relevância do ensino da língua portuguesa, requisito indispensável para o processo de comunicação, diretamente atrelado à convivência social, inserção no mercado de trabalho e exercício da cidadania.

> Art. 36. O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes:
> I - destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania; [...]
> § 1º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre: [...]
> II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, em sua Parte II, orientam o ensino das linguagens, códigos e suas tecnologias, com o escopo de promover efetividade aos princípios integrantes da LDB.

> A linguagem é considerada aqui como a capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Parte II, p. 5).

A linguagem é o dispositivo indispensável à comunicação, à transmissão de conhecimentos, à interação social. Em especial, a linguagem verbal é de suma importância, por permitir a comunicação oral e escrita, através de enunciados, produzindo e representando sentidos de mundo.

> Nas práticas sociais, o espaço de produção de sentidos é simultâneo. Como diz Bakhtin, a arena de luta daqueles que procuram conservar ou transgredir os sentidos acumulados são as trocas linguísticas, relações de forças entre interlocutores. [...] O caráter dialógico das linguagens impõe uma visão de mundo muito além do ato comunicativo superficial e imediato. Os significados embutidos em cada particularidade devem ser recuperados pelo estudo histórico, social e cultural dos símbolos que permeiam o cotidiano (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Parte II, p. 6).

Toda linguagem carrega, em si, uma visão de mundo, permeada de significados que extrapolam o seu aspecto formal. Dessa forma, a linguagem não deve ser estudada apenas sob o prisma formal, mas também em sua acepção social, integrante de um ato de interação, produzido e atrelado a uma determinada cultura, contexto social e cultural. Esses elementos, em conjunto, permitem melhor entendimento das razões de emprego, das valorações, representações de uso e dos interesses envolvidos no ato de representação e comunicação.

> O caráter sócio-interacionista da linguagem verbal aponta para uma opção metodológica de verificação do saber linguístico do aluno, como ponto de partida para a decisão daquilo que será desenvolvido, tendo como referência o valor da linguagem nas diferentes esferas sociais (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Parte II, p. 18).

"A interação é o que faz com a linguagem seja comunicativa. Esse princípio anula qualquer pressuposto que tenta referendar o estudo de uma língua isolada do ato interlocutivo" (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Parte II, p. 18). A comunicação, representação do mundo por meio da linguagem, a interação e a produção de enunciados devem ser o mote do ensino aprendizagem da língua. As vastas possibilidades de comunicação precisam orientar a produção do aluno, especialmente sob a perspectiva de inserção social e ingresso no mercado de trabalho.

Para tanto, deve-se relembrar que a "unidade básica da linguagem verbal é o texto, compreendido como a fala e o discurso que se produz, e a função comunicativa, o principal eixo de sua atualização e a razão do ato linguístico" (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Parte II, p. 18).

Por isso, os enunciados devem ser o ponto de encontro de todas as práticas do ensino da língua materna. Todavia, esses enunciados não são um elemento teórico, dissonante da sociedade e da prática comunicativa. É, ao contrário, um "produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e os outros textos que o compõem. O homem é visto como um texto que constrói textos" (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Parte II, p. 18).

Trata-se, portanto, de um ato dialógico, constituído em uma arena de vozes sociais, por meio da alteridade. Esse fato permite reconhecer diferentes pontos de vista e leituras sobre um mesmo objeto. A opção por um ponto de vista coerente faz parte da reflexão consciente do aluno, formatando um ato de liberdade.

> O ponto de vista, qualquer que seja, é um texto entre textos e será recriado em outro texto, objetivando a socialização das formas de pensar, agir e sentir, a necessidade de compreender a linguagem como parte do conhecimento de si próprio e da cultura e da responsabilidade ética e estética do uso social da linguagem materna (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, Parte II, p. 23).

Não obstante, o aluno deverá compreender e dominar a leitura e a produção de vários gêneros textuais, haja vista as necessidades da comunicação humana. Cada esfera da atividade humana adapta a linguagem de forma que promova, eficazmente, a interação e a comunicação. Nesse teatro, os gêneros do discurso são fundamentais para a prática educacional.

> No início da década de 90, em função da ineficácia do ensino centrado nas tipologias tradicionalmente exploradas na escola, iniciou-se o debate em torno dos gêneros textuais. Surgiu dos órgãos governamentais a proposta de fundamentar o ensino da língua materna, tanto oral quanto escrita, nos gêneros do discurso. Segundo os PCN, os estudos dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporcionam uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem, incluindo-se os textos (PAVANI, KÖCHE e BOFF, 2006, p. 3).

3.2.2 A "Redação de Vestibular"

A análise das relações dialógicas existentes nas redações mais bem avaliadas do vestibular de meio do ano da Vunesp 2010 e dos indícios de autoria sofre influência das condições de produção das redações, por criar limitações. Um elemento que merece atenção,

entre essas condições de produção, para o presente trabalho, é o discurso circulante nas escolas, isto é, o que é dito no âmbito escolar a respeito da produção da redação.

Nesse ponto, uma reflexão sobre o conceito e orientações atinentes ao que se designa, na esfera escolar, "dissertação", no presente trabalho chamada "Redação de Vestibular", é bastante elucidativa e possibilita um olhar mais acurado ao *corpus*. As contribuições de alguns autores dessa esfera escolar são relevantes, uma vez que essas vozes ajudam a criar os discursos que são transmitidos aos vestibulandos, ao longo de sua trajetória escolar, no tocante a estabilidade do gênero.

A "Redação de Vestibular" é um gênero em que o aluno deve manifestar-se a respeito de um tema. São admitidas duas formas desse gênero, no contexto escolar: argumentativa e expositiva. A expositiva exige articulação de informações, cuja intenção é transmitir determinado conhecimento, ao passo que a argumentativa visa ao convencimento, à persuasão ou a aceitação de determinada hipótese como verdadeira (CEREJA e MAGALHÃES, 2000, p. 290). A respeito, destaca-se o recorte da publicação "A redação no Enem 2012: guia do participante":

> Um texto dissertativo difere de um texto dissertativo-argumentativo por não haver a necessidade de demonstrar a verdade de uma ideia, ou tese, mas apenas de expô-la. Você deve evitar elaborar um texto de caráter apenas dissertativo, ou seja, expor um aspecto relacionado ao tema sem defender uma posição, sem defender uma tese. Isso não atenderá às exigências para avaliação dessa competência (MEC, 2012, p. 17).

Costa (2009, p. 93) informa que a "Redação de Vestibular" é um tipo de texto bastante usado nas escolas básicas, cuja função é a defesa de um ponto de vista, a respeito de um tema proposto pelo professor.

Fiorin e Savioli (2005, p. 298-299) esclarecem que o texto dissertativo é um tipo de texto que analisa e interpreta fatos da realidade, utilizando-se de conceitos abstratos, de caracteres genéricos, amplos e, não raras vezes, abstraídos do tempo e do espaço.

Nuno (2012, p. 722) pontua que o texto dissertativo é a apresentação de ideias sobre determinado assunto, cujo mote é a análise, a persuasão e a sedução, por meio do convencimento a respeito de um ponto de vista, utilizando-se da comunicação, do jogo de palavras e de conceitos.

Para Ghilardi, Pereira e Thereza (2006, p. 17), o texto dissertativo é voltado para um assunto, normalmente amplo e genérico, que deve ser delimitado a um de seus aspectos, para ser abordado com mais facilidade.

A "Redação de Vestibular" expositiva tem com finalidade transmitir informações, conhecimentos ou conteúdos. Nuno (2012, p. 724) aponta que o objetivo do texto expositivo "é a transmissão de um conhecimento ao leitor: identificação, exposição, análise e esclarecimento de situações, fatos, fenômenos, teorias, conceitos e definições. Esse tipo de texto é usado na imprensa, nos livros didáticos [...], do especialista". São características básicas dos textos expositivos:

> 01. objetividade, clareza e precisão – uso da linguagem referencial (denotativa), vocabulário especializado;
> 02. estruturas explicativas;
> 03. interação com o leitor – perguntas e respostas;
> 04. veracidade e precisão;
> 05. impessoalidade – o autor não dá opinião; uso da terceira pessoa;
> 06. emprego de determinados verbos como *ser, ter, consistir, compreender, designar, constituir, haver, pertencer* e muitos outros, usados no presente, pretérito perfeito e futuro do indicativo;
> 07. conectores que exprimem relações de causa e consequência (*porque, visto que, como, em função de, por consequência, por isso, por conseguinte, tendo em conta etc.*)
> 08. emprego de comparações, definições, enumerações, contrastes e exemplos;
> 09. documentação e citação de fontes.

A "Redação de Vestibular" argumentativa, por sua vez, tem como objeto central a defesa de um ponto de vista, o convencimento do leitor a respeito de uma tese e, não raras vezes, a cobrança de uma mudança de postura frente ao problema ou tema proposto.

Faraco e Mandryk (2008, p. 22) pontificam que um texto de opinião é situado no terreno da argumentação, razão pela qual o redator não deve limitar-se a enunciar um juízo, expressar uma opinião. É necessário ir além, sustentar aquilo que é afirmado com argumentos, com olhos em convencer o leitor de que determinada tese está correta.

Fiorin e Savioli (2005, p. 175) destacam que a argumentação compreende qualquer tipo de procedimento utilizado pelo autor de um texto, com o objetivo de levar o leitor à adesão às teses defendidas pelo texto.

Neste ponto, é importante estabelecer o recorte do presente trabalho. Dentro do gênero "Redação de Vestibular", que abrange dois tipos textuais, o argumentativo e o expositivo, o

foco será a “Redação de Vestibular” argumentativa, especificamente aquela que é objeto de ensino nas escolas brasileiras.

Como o conceito de tipo textual integra várias das definições utilizadas do gênero do discurso “Redação de Vestibular”, é prudente tecer algumas considerações desse conceito. Os tipos textuais estruturam-se a partir de determinadas construções teóricas, ligadas a aspectos linguísticos, como tipo de linguagem, forma, escolhas lexicais, uso da conjugação verbal (tempo e modo), estrutura composicional e sintaxe, e são limitados. É a chamada superfície linguística do texto, a tessitura textual, a formação linguística ou a combinação de elementos.

É possível enumerar os tipos textuais da seguinte maneira: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Dentro de cada um desses tipos textuais, há a florescência de incontáveis gêneros do discurso (MARCUSCHI, 2011, p.154-155). Travaglia (2007a, p.56) acrescenta ainda os tipos preditivo, humorístico e lírico.

> O que mobiliza esses tipos de texto são as estratégias discursivas, os funcionamentos discursivos, o projeto enunciativo (que vai além das “intenções comunicativas”), que lhes impõem inflexões e formas de realização/estruturação a partir de uma dada arquitetônica, de um dado “projeto de dizer”, que constitui o arcabouço no qual os famigerados tema, estilo e forma de composição unem o histórico do gênero à expressão individual de cada locutor (em sua relação com interlocutores), realizando atos simbólicos (no sentido filosófico amplo de simbólico) que são a um só tempo estáveis e instáveis, objetivos e subjetivos, cognitivos e práticos, textuais e discursivos/genéricos, biológicos e histórico-sociais. Em outros termos, tema, estilo e forma de composição só fazem sentido no âmbito de uma arquitetônica, sempre autoral, vinculada a um projeto enunciativo, sendo o texto o plano do material, que tem por conteúdo o mundo humano e por forma o gênero (SOBRAL, 2009, p. 87-88).

Na esteira da citação acima, inclui-se a reflexão dos tipos textuais tais como têm sido tratados por teorias; das quais também migram, com propósitos normativos para os manuais e para as salas de aula.

A descrição é o tipo textual destinado a apresentar, detalhadamente, as características de determinado objeto, animal, pessoa ou sentimento, traduzindo, através dos cinco sentidos, a percepção gerada pelo autor. Uma característica peculiar da descrição é a inexistência da sucessão temporal[5], de eventos, cenas ou situações. Habitualmente, descreve-se um elemento em uma dada situação, um evento marcado especificamente no tempo e no espaço, tal qual

[5] Salienta-se que alguns materiais didáticos apresentam a descrição “dinâmica”, a qual possibilitaria a sucessão temporal. Esse posicionamento, entretanto, não parece o mais adequado, haja vista que, nessa hipótese, haveria uma narração com fortes traços ou predomínio da descrição.

uma fotografia, um retrato ou uma pintura. Daí dizer-se que a descrição é um "retrato com palavras".

A descrição pode assumir a forma objetiva, na qual, teoricamente, não há interferência da subjetividade do autor no texto produzido, isto é, suas impressões pessoais, individuais, personalíssimas. Teoricamente porque é impossível a inexistência da interferência dos valores e escolhas subjetivas do autor na produção textual, ao passo que a simples predileção de uma característica já pode ser pensada como um ato subjetivo. O que há, ao contrário, é um texto em que ocorre o distanciamento intencional daqueles traços mais subjetivos, marcando-se formas impessoais, compreensíveis e comuns a um observador qualquer.

Sem prejuízo, esse tipo textual também pode albergar a forma subjetiva, repleta de elementos subjetivos, de significados únicos, provenientes da visão particular do autor. Nesse caso, há, sim, o contato proposital com o universo do produtor, o qual dá direção ao texto. Nesse tipo textual, utilizam-se os verbos no presente do indicativo, construções nominais, embora seja admissível, dependendo do contexto, o emprego de outras formas verbais.

A argumentação é um tipo textual destinado a convencer o leitor de que determinada tese ou perspectiva é correta e merece acolhimento. Para tanto, busca-se o uso da razão[6], a objetividade, a impessoalidade no transcurso argumentativo, evitando-se excessos subjetivos e pessoais, que possuem menor fundamentação e/ou grau de convencimento.

> O objetivo de toda argumentação [...] é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (CHAÏM e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 50).

O tipo argumentativo é bastante utilizado na vida acadêmica, através de artigos científicos, dissertações, teses; na esfera jornalística, por meio de artigos de opinião e editorial; no âmbito escolar, por meio da "Redação de Vestibular" e trabalhos acadêmicos.

A argumentação pode assumir dois objetivos: convencer e/ou persuadir o leitor.

> Propomo-nos chamar *persuasiva* a uma argumentação que se pretende valor só para um auditório particular e chamar *convincente* àquela que queria obter

[6] Também é importante ressaltar que alguns gêneros permitem maior flexibilidade na argumentação, admitindo traços particulares e a subjetividade. Entretanto, na maioria dos casos, a objetividade é desejável, especialmente em virtude de sua capacidade de convencimento. Fatos, argumentos e o percurso racional utilizado pelo autor para chegar à determinada conclusão são mais significativos do que emoções. Todavia, não se nega que, em determinados casos, a emoção e a subjetividade podem auxiliar ou, mesmo, mostrarem-se mais producentes.

> a adesão de todo ser racional. [...] A distinção que propomos entre persuasão e convicção explica indiretamente o vínculo que se costuma estabelecer, ainda que confusamente, de um lado entre persuasão e ação, do outro entre convicção e inteligência. Com efeito, o caráter intemporal de certos auditórios explica que os argumentos que lhes são destinados não constituem um apelo à ação imediata.
> Tal distinção, fundamentada nas características do auditório ao qual se dirige o orador, não parece, à primeira vista, explicar a distinção entre convicção e persuasão tal como ela é sentida pelo próprio ouvinte. Mas é fácil ver que o mesmo critério pode, não obstante, ser aplicado, se levarmos em conta o fato de que esse ouvinte imagina a transferência, para outros auditórios, dos argumentos que se lhe apresentam e se preocupa com a acolhida que lhes seria concedida (CHAÏM e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 31 e 33).

Da mesma forma que a descrição, a argumentação utiliza-se de verbos no presente do indicativo, embora seja admissível, dependendo do contexto, o emprego de outras formas verbais; somadas à impessoalidade, caracterizada pelo uso da terceira pessoa. Aceita-se, entretanto, em usos específicos, a primeira pessoa do plural (plural humilde) e a do singular (artigos jornalísticos e alguns trechos de artigos e trabalhos acadêmicos).

O tipo expositivo, por sua vez, tem como objetivo expor, apresentar, dar a conhecimento determinado conjunto de informações. É o tipo de texto utilizado em materiais didáticos, em apostilas e fichamentos acadêmicos. Não tem a intenção de convencer, persuadir, mas apresentar um conhecimento, dar acesso a informações.

Normalmente é impessoal, utilizando-se da terceira pessoa do singular, embora alguns livros didáticos adotem a estratégia de estabelecer diálogo com o leitor, tentando, exatamente, uma “didatização” ou facilitação do conhecimento.

O tipo textual injuntivo destaca-se por orientar, prescrever condutas, ações e comportamentos. Segundo Travaglia (2007a, p.51), o texto é composto por três elementos: a descrição, a incitação e a justificativa. A descrição seria a apresentação dos elementos a serem utilizados na ação a ser realizada, enquanto a incitação constituiria uma provocação, a busca pela manifestação do desejo, a injunção em si; ao passo que a justificativa procura dar razão ao será e/ou foi feito. Esse tipo de texto é presente em pregações religiosas, manuais de instrução e montagem de produtos, receitas e na especificação de procedimentos técnicos.

A narração constitui o ato de criar histórias, contá-las ou reinventá-las. O tipo textual é marcado pela sucessão de eventos, pelo transcurso do tempo, pelo encadeamento e articulação de cenas e situações, pela imitação ou recriação da vida. É bastante usado em diversos gêneros, em especial na literatura, através de romances, contos e fábulas; no jornalismo, por meio de reportagens, notícias e algumas crônicas; nas escolas, por meio da narração escolar,

dos livros que retratam a história da humanidade; na televisão, no teatro e no cinema, com o uso de roteiros para criação e adaptação de histórias a serem interpretadas.

É o tipo textual que possui maior maleabilidade entre os tempos e formas verbais, além do uso bastante livre das formas de linguagem. Tais elementos dependem da finalidade do texto e do público alvo.

O tipo preditivo é aquele destinado a prever o futuro, usado em previsões do tempo, horóscopo e análises de possibilidades futuras, como a previsão ou expectativa do mercado financeiro ou de uma competição esportiva. O humorístico destina-se a fazer humor, gerar riso, entreter, mas também ridicularizar e criticar. São os casos da piada, da comédia, da farsa, das charges e sátiras. O lírico é aquele que busca a arte através das palavras, da sonoridade, das composições, da harmonia. A poesia, o hino, a balada e o soneto são exemplos (TRAVAGLIA, 2007a, p. 56).

Uma noção importante, tratando-se de tipo e gênero e, consequentemente, do uso da linguagem, é a de auditório. Auditório é o que se designa de público alvo ou destinatário virtual do texto, formado por um conjunto de pessoas do qual se espera a leitura do texto e para o qual se busca adequar a linguagem e a forma da escrita. Virtual por se tratar de uma expectativa do autor, algo que pode distanciar-se da realidade, uma vez que um texto em circulação pode atrair ou ser lido por um leitor distinto daquele previamente selecionado. É o que caracteriza, em termos bakhtinianos, o leitor presumido.

> [...] em matéria de retórica, parece-nos preferível definir o auditório como o *conjunto daqueles que o autor quer influenciar com sua argumentação.* Cada orador pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e constituem o auditório ao qual se dirigem os seus discursos (CHAÏM e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 22).

Um texto narrativo, na forma de um romance, pode ter como público alvo adolescentes, crianças, adultos ou idosos; com maior ou menor grau de instrução, capacidade de apreensão de metáforas e exemplos; vocabulário e experiências de vida diferentes. Enfim, esse ponto pode influir diretamente na constituição do texto.

O gênero designado no presente trabalho “Redação de Vestibular”, quando trabalhado especificamente para o vestibular, sofre uma série de restrições, as quais dão origem ao que Chociay (2008, p.108)[7] designa de “dissertação de vestibular”. Segundo esse autor, a

[7] Rogério Chociay é autor do livro “Redação no vestibular da Unesp: a dissertação”, o qual constitui um importante instrumento de trabalho para os professores que atuam no ensino da produção de textos. A referência de sua obra não tem a

dissertação de vestibular é um texto opinativo em que o candidato deve manifestar-se de forma lógica e coerente a respeito de um tema ou problema localizado. A obediência ao gênero é de caráter eliminatório, assim como ao tema, especificamente nos vestibulares da Fuvest[8], Unicamp[9][10], Enem[11], Unesp[12], Unifesp[13] e UFSCAR[14]. O tema tem a finalidade de aferir se o vestibulando, considerando a coletânea, é capaz de escrever, com competência, a respeito daquilo que é proposto.

A "Redação de Vestibular" será considerada um gênero autônomo, em função das condições de produção e das normas do órgão promotor do vestibular, que restringem consideravelmente a liberdade de escrita do aluno. Isso tanto é verdade que os manuais dos candidatos instituem elementos específicos cobrados pela banca, os quais influenciarão diretamente na produção dos enunciados dos alunos, materializados por meio do texto, como é o caso do uso obrigatório da coletânea, no vestibular da Fuvest, e a observância de competências específicas na redação do Enem, com vistas à interdisciplinaridade, ao respeito aos direitos humanos e à apresentação de proposta de solução do problema ou de intervenção social.

O Enem[15], por meio do INEP/MEC, publicou "A redação no Enem 2012: guia do participante", assim define o gênero exigido:

> O texto dissertativo-argumentativo é um texto opinativo que se organiza na defesa de um ponto de vista sobre determinado assunto. Nele, a opinião é fundamentada com explicações e argumentos, para formar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a ideia defendida está correta. É

---

intenção de desviar a base teórica do trabalho, qual seja o Círculo de Bakhtin, mas, tão somente, fornecer subsídios a respeito das condições de produção das redações analisadas.

[8] Eles deverão atribuir nota a essa Redação, levando em conta três características: Tipo de texto e abordagem e tema, Estrutura e Expressão (FUVEST, 2010, p. 36).

[9] Levou-se em consideração o Manual do Candidato do Vestibular de 2010, sem as posteriores alterações introduzidas na prova de redação, pela instituição.

[10] Nesse sentido, os parâmetros de avaliação de uma redação são: a leitura, a consistência temática e textual, e a articulação escrita (COMVEST, 2009, p. 29).

[11] A redação receberá nota 0 (zero) se apresentar uma das características a seguir: fuga total ao tema; não obediência à estrutura dissertativo-argumentativa; texto com até 7 (sete) linhas; impropérios, desenhos ou outras formas propositais de anulação; desrespeito aos direitos humanos (desconsideração da Competência 5); e folha de redação em branco, mesmo que tenha sido escrita no rascunho (MEC, 2012, p. 9).

[12] A redação em língua portuguesa, de gênero dissertativo, avaliará as propriedades de coesão, coerência e progressão temática, privilegiando-se a norma padrão da língua (VUNESP, 2010, p. 19).

[13] O candidato deverá produzir um texto dissertativo em prosa a partir da leitura de textos auxiliares, que devem ser analisados e utilizados como um referencial para ampliar os argumentos produzidos pelo próprio candidato. Ele deverá demonstrar raciocínio e domínio dos mecanismos de coesão e coerência textual, considerando a importância de apresentar um texto bem articulado (VUNESP 2009a, p. 24).

[14] A Prova de Redação deverá ser feita em língua portuguesa. Os candidatos deverão elaborar uma dissertação que versará sobre temas da atualidade com base em textos apresentados (VUNESP 2009b, p. 34).

[15] O Enem será utilizado como referência em algumas citações, por possuir um material próprio, cuja função é orientar o candidato. O Manual do Candidato do vestibular de meio de ano da Vunesp 2010 não traz explicações detalhadas sobre o gênero "Redação", apenas indicando os critérios de correção.

> preciso, portanto, expor e explicar ideias. Daí a sua dupla natureza: é argumentativo porque defende uma tese, uma opinião, e é dissertativo porque se utiliza de explicações para justificá-la.
> Seu objetivo é, em última análise, convencer ou tentar convencer o leitor mediante a apresentação de razões, em face da evidência de provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente (MEC, 2012, p. 17).

A Unicamp, no ano de 2010, trouxe, em seu Manual do Candidato, a recomendação:

> Mais do que um aluno que demonstre capacidade de memorização e repetição acrítica de um conjunto de informações adquiridas de forma fragmentada durante o ensino fundamental e o ensino médio, a Unicamp procura selecionar para os seus cursos aquele aluno que, mobilizando sua experiência de leitura e escrita, estabelece e reorganiza relações de sentido, interpreta dados e fatos e elabora hipóteses explicativas para diferentes áreas de conhecimento, sem desconsiderar a complexidade dos fatores envolvidos.
> A proposta A solicita sempre um texto dissertativo. Nesse tipo de texto é especialmente importante que você, com sua experiência de leitura e reflexão, reconheça a complexidade do recorte temático proposto, discutindo e explorando argumentos de modo a sustentar sua perspectiva sobre o tema. Não se espera um texto que polarize opiniões, mas sim um texto crítico sobre o recorte proposto, que indique domínio na identificação das partes, na análise das relações e na interpretação dos sentidos (COMVEST, 2009, p. 28).

A Fuvest, por sua vez, no Manual do Candidato de 2010, não apresenta especificamente a definição do que entende pelo gênero "Redação de Vestibular", todavia traz os seguintes requisitos:

> A redação deverá ser, obrigatoriamente, uma dissertação, na qual se espera que o candidato demonstre capacidade de mobilizar conhecimentos e opiniões, argumentar coerentemente e expressar-se de modo claro, correto e adequado. [...]
> Verifica-se aqui se o texto do candidato configura-se como uma dissertação e se atende ao tema proposto. Pressupõe-se, então, que o candidato demonstre a habilidade de compreender a proposta de redação e, quando esta contiver uma coletânea, que ele se revele capaz de ler e de relacionar adequadamente os trechos que a integram. A simples paráfrase da coletânea, da proposta e/ou das instruções não é, em princípio, um recurso recomendável para o desenvolvimento adequado do tema.
> A elaboração de um texto que não seja dissertativo ou a fuga completa ao tema proposto farão com que a prova não seja objeto de avaliação em qualquer outro de seus aspectos, recebendo, portanto, nota zero em sua totalidade.
> No que diz respeito ao desenvolvimento, verificar-se-á, além da efetiva progressão temática, também a capacidade crítico-argumentativa que a redação revele (FUVEST 2009, p. 55).

O Enem traz ainda outras especificidades:

> A prova de redação exigirá de você a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências" que você deve ter desenvolvido durante os anos de escolaridade. Nessa redação, você deverá defender uma tese, uma opinião a respeito do tema proposto, apoiada em argumentos consistentes estruturados de forma coerente e coesa, de modo a formar uma unidade textual. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa e, finalmente, apresentar uma proposta de intervenção social que respeite os direitos humanos (MEC, 2012, p. 7).

Essas exigências limitam, de certa forma, a estrutura composicional e a análise do tema, quando não a opinião do aluno, seja pela observância de possíveis posicionamentos ideológicos da coletânea, ou pela restrição argumentativa imposta pelo respeito aos direitos humanos.

Não é intenção do presente trabalho tratar das distinções entre as provas de redação dos vestibulares, por meio dos variados gêneros do discurso cobrados, focalizando-se, tão somente, no gênero designado "Redação de Vestibular", o qual faz referência à redação cobrada no vestibular de meio de ano da Vunesp 2010. Todavia, são utilizados conceitos e citações de outros vestibulares que cobram o gênero "Redação de Vestibular", por formarem as condições de produção e o discurso circulante nas escolas e cursinhos preparatórios para o vestibular.

> A maior parte dos vestibulares do país solicita aos candidatos a produção de um texto dissertativo. Apesar disso, quase sempre os temas propostos exigem a análise de um problema, o posicionamento do aluno a respeito dele e, eventualmente, a indicação de soluções. Por essa razão, o que se espera do aluno, no caso, é que ele produza um texto argumentativo ou dissertativo-argumentativo. Enquanto no texto dissertativo a principal finalidade é apresentar, expor determinadas ideias, no argumentativo a intenção é persuadir o leitor (CEREJA e MAGALHÃES, 2000, p.290).

Via de regra, em um exame vestibular, o candidato obriga-se a escrever sobre determinado assunto, previamente estipulado pela banca, por meio da proposta de redação, direcionando seu ponto de vista à defesa de uma tese. O principal objetivo é aferir se o candidato é capaz de analisar, com competência, o assunto, de acordo com as imposições do gênero "Redação de Vestibular", utilizando-se, para tanto, do conjunto de informações e valores integrantes de seu repertório cultural.

O candidato, na elaboração de seu texto, pode focalizar o tema corretamente ou praticar a fuga ao tema. Essa fuga pode ser total ou parcial. A primeira significa ignorar totalmente a proposta de vestibular, escrevendo sobre assunto diverso ao pretendido, ao passo que a fuga parcial ou tangenciamento ao tema constitui atribuir importância excessiva ou centralizar a análise em um elemento secundário, diverso daquele proposto pelo exame vestibular.

> A fuga temática pode significar que o candidato: a) não compreendeu o tema, nem mesmo a partir dos textos auxiliares; b) não entendeu a proposta de redação; c) entendeu a proposta, mas não focalizou o tema por vontade própria, julgando que tem o direito de explorar o tema que bem quiser; d) trouxe uma redação sobre outro tema decorada; e) é do tipo *camicase*: prefere arriscar tudo num só lance; f) acha que, fazendo uma redação sobre outro tema, quase sempre previamente memorizada, e introduzindo uma ou outra palavra ou noção referente ao tema proposto, pode enganar a banca examinadora; e g) não tem repertório suficiente sobre o domínio focalizado pelo tema e textos auxiliares (CHOCIAY, 2008, p. 192).

Além disso, o candidato deve posicionar-se efetivamente a respeito do tema proposto, expressando uma opinião, uma tese. Não obstante, uma vez sendo o gênero "Redação de Vestibular" um gênero argumentativo, o autor deve organizar seus argumentos e informações, de modo que promova o convencimento, ou, ao menos, demonstre a verossimilhança da tese defendida.

> TESE – É a ideia que você vai defender no seu texto. Ela deve estar relacionada ao tema e deve estar apoiada em argumentos ao longo da redação.
> ARGUMENTO – É a justificativa utilizada por você para convencer o leitor a concordar com a tese defendida.
> Cada argumento deve responder à pergunta "por quê?" em relação à tese defendida.
> ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS – São recursos utilizados para desenvolver os argumentos, de modo a convencer o leitor: exemplos; dados estatísticos; pesquisas; fatos comprováveis; citações ou depoimentos de pessoas especializadas no assunto; alusões históricas; e comparações entre fatos, situações, épocas ou lugares distintos (MEC, 2012, p. 17).

A opinião pode ser caracterizada como a assunção de certo ponto de vista como verdadeiro, em detrimento de outras possibilidades, especificamente quando contrapostas à escolhida.

> Definido o tema, o primeiro passo é refletir sobre qual a finalidade da redação. Ao estabelecer o objetivo, será definida a tese (afirmação básica) e garantida a unidade da dissertação. Toda a argumentação estará voltada para a defesa do ponto de vista do autor (GHILARDI, PEREIRA e THEREZO, 2006, p. 17).

A análise de um assunto é orientada pela mobilização de um repertório cultural, cuja função será fornecer subsídios à argumentação. Esse repertório é composto pelas informações reunidas ao longo da vivência do candidato, tanto no que se refere ao contexto escolar, através das múltiplas disciplinas, com atenção especial ao conceito de interdisciplinaridade; até as experiências auferidas na convivência social. São as múltiplas vozes, de variadas esferas da atividade humana, convergindo na constituição de enunciados.

A extensão do repertório cultural é diretamente proporcional às possibilidades de construção de uma argumentação sólida e com capacidade de persuasão, por fornecer estruturas capazes de sustentar uma base de informações e conhecimentos, suficientes para justificar e dar verossimilhança aos elementos encadeados, com objetivo de possibilitar a comprovação de uma tese.

> [...] o repertório cultural corresponde à formação cultural de quem escreve e se revela por meio de conceitos, problematizações e tematizações, levadas a efeito com base em: a) cosmovisão, ou seja, modo de "ver" o mundo, variável segundo a faixa etária e experiência de vida; b) ideologia, isto é, modo de equacionar os fatos relativos ao homem e à humanidade a partir de uma ideia condutora ou de um conceito-base. [...] Um conhecimento, ainda que superficial, já permite à pessoa participar de discussões ou escrever textos de menor profundidade (CHOCIAY, 2008, p. 199).

A argumentação é um recurso, ao mesmo tempo, linguístico, uma vez que articula os elementos da língua, em especial o vocabulário e as funções da linguagem referencial – destinada a informar, a transmitir uma mensagem – e conativa, cuja função é influenciar o interlocutor; e lógico, por articular elementos de forma que suscitem determinada conclusão (FIORIN E SAVIOLI, 2005, p. 175).

Chociay (2008, p. 201-202) informa que, além desses elementos, o repertório cultural do redator influencia diretamente na capacidade argumentativa, indicando, ainda, que a argumentação, no contexto do vestibular, mais do que convencer sobre um ponto de vista, objetiva demonstrar a habilidade do candidato para desenvolver um texto argumentativo.

Os enunciados, uma vez materializados pela escrita, estarão relacionados com a norma culta da Língua Portuguesa, que constitui o padrão escrito formal. Aliás, um dos objetivos do

exame vestibular é exatamente verificar o desempenho do aluno quanto à norma padrão, demonstrando seu repertório linguístico.

> Avaliam-se nesse item o domínio do padrão culto escrito da língua e a clareza na expressão das ideias. Serão examinados aspectos gramaticais como ortografia, morfologia, sintaxe e pontuação. Espera-se que o candidato revele competência para expor com precisão os argumentos selecionados para a defesa do ponto de vista adotado e, também, que demonstre capacidade de escolher e utilizar expressivamente o vocabulário, evitando o uso abusivo de clichês ou frases feitas (FUVEST 2009, p. 55).

O uso desse repertório é o que permitirá que as ideias e argumentos do vestibulando sejam transmitidos pela escrita, sob o gênero "Redação de Vestibular", de forma clara e coerente, pelo menos do ponto de vista linguístico.

> É imprescindível, a quem escreve, um razoável *repertório gramatical*, isto é, um *acervo* lexicológico (amplitude do léxico; expressão de conceitos pelos termos próprios, expressões, frases-feitas, provérbios; capacidade de gerar significados expressivos por meio de estratégias de conotação: analogias, metáforas, metonímias, alegorias); um *acervo frasal* (produção dos diferentes tipos de frases da língua, sendo também aconselhável a capacidade de mobilização de construções sintáticas típicas do discurso culto); habilidade de expressar-se adequadamente em diferentes registros da língua: culto, coloquial, científico, técnico, regional, profissional (para possibilitar a escolha do registro de acordo com a situação de comunicação) (CHOCIAY, 2008, p. 160).

Concomitantemente, é cobrado do candidato o desempenho, isto é, a capacidade operacional do redator sobre seus repertórios, abrangendo as operações em diferentes registros da língua; a compreensão de conhecimentos e informações de áreas da cultura; apropriação e manejo de conceitos específicos; conhecimento e habilidade de utilizar as tipologias textuais; capacidade de argumentação e problematização através do texto escrito; desenvolvimento de um texto com unidade de sentido; adequação ao suporte e ao público alvo. Esse conjunto de conhecimentos, quando corretamente articulado, somando-se ao repertório cultural, possibilitará a progressão textual. O Enem assim instrui os candidatos:

> **Encadeamento textual** – A organização textual exige que as frases estabeleçam entre si uma relação que garanta a sequenciação lógica do texto e a interdependência entre as ideias. Esse encadeamento pode ser expresso por conectores, por itens lexicais, ou pode ser inferido a partir da articulação dessas ideias. Preposições, conjunções, advérbios e locuções adverbiais são responsáveis pela coesão do texto, porque estabelecem uma inter-relação

> entre orações, frases e parágrafos. Para garantir a coesão textual, devem ser observados determinados princípios em diferentes níveis:
> **Estruturação dos parágrafos** – Um parágrafo é uma unidade textual formada por uma ideia principal à qual se ligam ideias secundárias. No texto dissertativo-argumentativo, os parágrafos podem ser desenvolvidos por comparação, por causa-consequência, por exemplificação, por detalhamento, entre outras possibilidades.
> **Estruturação dos períodos** – Pela própria especificidade do tipo dissertativo-argumentativo, o período do texto é, normalmente, um período complexo, formado por duas ou mais orações, para que se possam expressar as ideias de causa-consequência, contradição, temporalidade, comparação, conclusão, entre outras.
> **Referenciação** – As referências a pessoas, coisas, lugares, fatos são introduzidas e, depois, retomadas, à medida que o texto vai progredindo. Esse processo pode ser expresso por pronomes, advérbios, artigos ou vocábulos de base lexical, estabelecendo relações de sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia, uso de expressões resumitivas, expressões metafóricas ou expressões metadiscursivas (MEC, 2012, p. 22). (Grifos originais)

O texto "Redação de Vestibular" deve formar uma unidade semântica, razão pela qual a coerência é extremamente importante. A coerência é a compatibilidade entre as partes do texto, o que se designa coerência interna, a ausência de contradições entre as ideias formadoras dos parágrafos; e adequação à realidade do mundo, representado por elementos verdadeiros ou verossímeis. Uma prática bastante comum, que constitui um lapso, é a generalização, com o uso de expressões como "todo mundo", "ninguém", "sempre", "nunca", "desde os primórdios da humanidade", "sem exceção" e "todas as vezes".

Outro componente indispensável ao gênero "Redação de Vestibular" é a coesão, que consiste na conexão entre frases e seus elementos constituintes, para a construção do texto. É o encadeamento, a articulação e a tessitura, formadores de um corpo, uma unidade, que caracteriza o texto. Os pronomes, as preposições, os conectivos, a conjugação verbal, a concordância e regência verbal e nominal são atributos que promovem ou restringem a coesão, dependendo do grau de correção empregado. A correção indica o correto uso da norma culta da Língua Portuguesa, isto é, a observância das normas gramaticais (ortografia, pontuação, paragrafação, seleção lexical, uso de sinônimos e parônimos).

> Na redação do seu texto, você deve procurar ser claro, objetivo, direto; empregar um vocabulário mais variado e preciso do que o que utiliza quando fala e seguir as regras prescritas pela norma padrão da Língua Portuguesa.
> Além disso, o texto dissertativo-argumentativo, por seu caráter formal, exige que alguns requisitos básicos sejam atendidos.
> **Requisitos básicos do texto dissertativo-argumentativo:** ausência de marcas de oralidade e de registro informal; precisão vocabular; obediência às

> regras gramaticais de concordância nominal e verbal; regência nominal e verbal; pontuação; flexão de nomes e verbos; colocação de pronomes átonos; grafia das palavras; acentuação gráfica; emprego de letras maiúsculas e minúsculas; e divisão silábica na mudança de linha (translineação) (MEC, 2012, p. 11 e 12). (Grifo original)

A objetividade versa sobre a direcionalidade do texto, de acordo com a proposta e objetivos, de forma direta, através do emprego da razão e da lógica, sem influências marcantes da emotividade e da subjetividade do escritor. A clareza é a possibilidade de leitura imediata do texto, sem dificuldades, sem esforço interpretativo, é a qualidade que permite ao leitor médio ler e compreender o que foi proposto.

A "Redação de Vestibular" dirige-se a um auditório universal, compreendido pela pluralidade de leitores, não identificados e de diferentes níveis culturais, que são os possíveis destinatários do texto. Isso gera a necessidade de uma escolha lexical simples, mas correta, evitando rebuscamentos linguísticos.

> Como imaginaremos os auditórios aos quais é atribuído o papel normativo que permite decidir a natureza convincente de uma argumentação? Encontramos três espécies de auditórios, considerados privilegiados a esse respeito, tanto na prática corrente como no pensamento filosófico. O primeiro, constituído pela humanidade inteira, ou pelo menos todos os homens adultos e normais, que chamaremos de auditório *universal*; o segundo formado no diálogo, unicamente pelo *interlocutor* a quem se dirige; o terceiro, enfim, constituído pelo *próprio sujeito*, quando ele delibera ou figura as razões de seis atos. [...] Daí a importância do auditório universal enquanto norma da argumentação objetiva, pois o parceiro do diálogo e o indivíduo que delibera consigo mesmo não são mais que encarnações sempre precárias (CHAÏM e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 33 e 34). (Grifos originais)

O destinatário final do texto, teoricamente, seria esse auditório e não a banca examinadora, cuja função seria apenas aferir a qualidade e a observância das características do gênero e da proposta do vestibular. Caso contrário, o vestibulando poderia estabelecer um diálogo com o corretor, o que descaracterizaria algumas propriedades do texto, como a objetividade e a impessoalidade. Todavia, na prática, o candidato espera exatamente a assunção do Avaliador (o ouvinte ou leitor presumido).

O gênero "Redação de Vestibular" é conciso, haja vista que o espaço fornecido e delineado pela proposta de vestibular, pelo menos no caso da Vunesp, são trinta e cinco linhas. Não há obrigatoriedade do preenchimento das trinta e cinco linhas, mas há a limitação espacial para o excesso.

Não há uma regra, obviamente, quanto ao número de parágrafos. Entretanto, considera-se o mínimo de três parágrafos distintivos dos elementos estruturais básicos do gênero, sendo um de introdução, um de desenvolvimento e outro de conclusão. Grande parte dos materiais didáticos indica o emprego de cinco parágrafos, sendo um de introdução, três de desenvolvimento e um de conclusão. Não raras vezes, os candidatos utilizam-se de quatro ou seis parágrafos, o que não pode ser caracterizada uma falha, a princípio. Entrementes, há casos entre as melhores redações publicadas pela Fuvest, com a ocorrência de dois parágrafos.

O estilo do gênero "Redação de Vestibular" é formal e impessoal. A formalidade é composta pelo uso da norma culta da língua, apagando-se as marcas de coloquialidade e oralidade, como gírias e expressões características de uma classe social, idade ou região. A impessoalidade garante o afastamento racional do texto, limitando-se a subjetividade e a emotividade do autor, como também o diálogo direto com o interlocutor.

Nesse aspecto, a "Redação de Vestibular" diferencia-se outros gêneros que possuem o caráter argumentativo, como uma carta de reclamação ou carta do leitor, em que há um auditório específico, com interlocução definida (autor e destinatário), em que a presença do leitor é particularizada e, por consequência, a seleção dos elementos argumentativos diferenciam-se, assim como a pessoalidade ou a objetividade; uma resenha crítica, em o autor enuncia de uma posição de autoridade e, após breve resumo da obra analisada, emite um parecer crítico, recomendando ou não, direta ou indiretamente, o "consumo" de determinada obra do espírito humano, variando a linguagem e a objetividade de acordo com a obra e a publicação; um artigo de opinião, veiculado em órgãos de imprensa ou internet, em que não há necessidade do apagamento da subjetividade do autor e, em alguns casos, esse traço é até desejado, já que se trata de um ponto de vista pessoal do enunciador, o qual assina a produção; ou de um editorial, em que o autor representa uma instituição e escreve em nome da coletividade, identificando-se, dessa maneira, o auditório e o autor, não enquanto sujeito, mas instituição (COSTA, 2009, p. 53-56, 178, 36; e 98).

> A hipótese de uma maior complexidade do discurso dissertativo parece associada à exigência de distanciamento (ou decentração) do contexto imediato, ou contexto da experiência particular ou pessoal, que ele representa. Em outras palavras, à elaboração do genérico a partir de fatos singulares a que este tipo de discurso obriga. Além desse processo de decentração, que decorre da natureza demonstrativa do discurso dissertativo, seu compromisso com a retórica, ou com a intenção persuasiva, impõe a manipulação de um sistema de pressuposições sobre o conhecimento do interlocutor que, dadas as condições da produção escrita, se torna problemática (LEMOS, 1977, p. 62).

A fisionomia do texto, segundo Chociay (2008, p. 211), é a existência ou não de marcas subjetivas que demarquem a personalidade do escritor. Há a fisionomia tensa, na qual há marcas definidas da personalidade, da ideologia e traços linguísticos e discursivos próprios. No polo oposto, há a fisionomia distensa, fundamentada na dissolução das características da personalidade tensa, transformando o discurso em uma argumentação impessoal e lógica.

Outro elemento constituinte do gênero é a focalização. Chociay (2008, p. 199) aponta para três possibilidades: o foco egocêntrico, fundamentado na primeira pessoa do singular, através uso dos pronomes e advérbios correspondentes à primeira pessoa do singular; o foco excêntrico, em que se tenta evitar o emprego de "eu" por meio do emprego do "nós" e dos pronomes correspondentes, evitando-se a exposição da pessoa do escritor, conhecido como "plural da modéstia" ou "plural humilde", apontado como uma "formalidade falsa"; e o foco objetivo, caracterizado pelo uso de verbos na terceira pessoa, demonstrando o distanciamento subjetivo do objeto discutido e maior precisão racional, marca preferencial dos textos científicos.

Apesar de nenhum dos três focos serem absolutamente errados, o uso do foco egocêntrico apresenta o risco do excesso de subjetivismo do texto, enquanto o foco excêntrico aponta para uma falsidade ideológica, incluindo o autor e o leitor como "participantes" do debate, uma espécie de generalização racional, que procura aproximar-se de um formalismo. O foco apontado como o mais correto é o objetivo, face à sua formalidade e distanciamento da subjetividade, pelo menos linguisticamente (CHOCIAY, 2008, p. 199-203). Salienta-se, entretanto, que a Fuvest possui, entre as redações selecionadas como as melhores, ocorrências dos três focos, o que demonstra que não se trata de algo absoluto, corroborando o afirmado.

3.2.2.1 O senso comum e os argumentos consensuais

Na análise do tema, o candidato pode lançar mão de alguns recursos ou estratégias argumentativas, que nem sempre contribuem positivamente para o convencimento do leitor. São os casos dos argumentos consensuais, dos clichês e do senso comum.

> Num texto dissertativo-argumentativo, os *argumentos consensuais* são aqueles aceitos universalmente, sem necessidade de comprovação imediata. Afirmações como "o homem depende do meio ambiente para viver" ou "a

> má alimentação é prejudicial à saúde" ou ainda "a mulher hoje ocupa um papel social diferente do ocupado pela mulher de um século atrás" não precisam de justificativas, pois já foram demonstrados historicamente. São verdades universais, que podem ser utilizadas como argumentos, porém com moderação, por apresentarem um grau de informatividade relativamente baixo, têm valor persuasivo menor (CEREJA e MAGALHÃES, 2000, p. 290).

Os clichês são frases prontas, ditados populares, enunciados integrantes da cultura popular, como, por exemplo, "água mole em pedra dura, tanto bate até que fura", "é melhor um pássaro na mão do que dois voando", "cada macaco no seu galho" e "em terra de cego quem tem um olho é rei". É possível que o aluno entenda que os clichês são elementos expressivos, mas que, na realidade, têm efeito exatamente contrário ao pretendido.

O senso comum, a seu turno, refere-se à opinião média da população, absorvida de forma irrefletida, e tida como uma espécie de verdade absoluta. Normalmente são construções preconceituosas ou de cunho generalizante. Exemplos comuns são: "todo político é ladrão", "só há justiça contra o pobre", "na favela só tem bandido", "o dinheiro não traz felicidade, compra" e "a beleza está nos olhos de quem vê".

Entretanto, essas possibilidades devem ser evitadas, especialmente por afastarem o pensamento crítico e a reflexão analítica do texto, reduzindo a força argumentativa e o poder persuasivo do conjunto, segundo as vozes que circulam na esfera escolar. A esse respeito, destaca-se o que o Enem considera uma argumentação consistente, em oposição ao senso comum:

> O participante desenvolve **muito bem** o tema, explorando os seus principais aspectos. A redação contém uma **argumentação consistente**, revelando excelente domínio do tipo textual dissertativo-argumentativo. Isso significa que o texto está estruturado, por exemplo, com: uma introdução, em que a tese a ser defendida é explicitada; argumentos que comprovam a tese distribuídos em diferentes parágrafos; um parágrafo final com a proposta de intervenção funcionando como uma conclusão. Além disso, os argumentos defendidos não ficam restritos à reprodução das ideias contidas nos textos motivadores nem a questões do senso comum (MEC, 2012, p. 18). (Grifo original)

4 DA ANÁLISE DIALÓGICA DAS REDAÇÕES MAIS BEM AVALIADAS DO VESTIBULAR DE MEIO DE ANO DA VUNESP 2010

Como forma de tornar mais coesa a análise dos textos, propõe-se uma metodologia, cuja finalidade será diferenciar alguns elementos dos enunciados, direcionar a leitura do trabalho e ordenar a produção do trabalho e ordenar sua produção.

4.1 Procedimentos metodológicos gerais

A análise dialógica das noventa e quatro redações mais bem avaliadas do vestibular de meio do ano da Vunesp 2010 terá o seguinte procedimento:

a) Análise da proposta do vestibular de meio do ano da Vunesp 2010, procurando estabelecer e delinear as vozes presentes nos enunciados integrantes da proposta e dos textos auxiliares das questões, indicados pela proposição;
b) Análise das redações produzidas pelos candidatos, buscando aferir:

   b.1) as relações dialógicas estabelecidas entre os enunciados, considerando as seguintes vozes: do vestibulando, do exame vestibular – o autor da proposta e leitor presumido - e do discurso alheio citado direta e indiretamente;

   b.2) as relações estabelecidas entre as redações e as diversas esferas da atividade humana, em especial a pedagógica, científica, política, sociológica, filosófica e artística;

   b.3) as condições de produção das redações: imediatas - ambiente do "concurso para ingresso no ensino superior", o espaço – de realização da prova, destinado à redação e histórico-social -; o tempo – de realização da prova e histórico-social da época da produção da prova; e as condições gerais de produção, marcado pelo contexto histórico-social ;

   b.4) a relação entre os enunciados produzidos e o gênero do discurso "Redação de Vestibular".

4.2 Análise da proposta do Vestibular de meio de ano da Vunesp 2010

A proposta de redação do vestibular do meio de ano da Vunesp 2010 foi composta pelos seguintes elementos: a proposição e a indicação de textos auxiliares.

> PROPOSIÇÃO:
> Segundo se pode verificar no site *Brasil Ponto a Ponto* (http://www.brasilpontoaponto.org.br), durante o ano passado, pesquisadores do PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – perguntaram a internautas brasileiros "O que precisa mudar no Brasil para a sua vida melhorar de verdade?". A análise das respostas permite criar um novo índice, o IVH – Índice de Valor Humano, para orientar as políticas públicas do país. As respostas, na média nacional, indicaram como os cinco pontos mais votados: educação, política pública, violência, valores, emprego. Surpreenderam-se os pesquisadores com o fato de muitas pessoas apontarem a inobservância dos valores morais como responsável pela situação do país e do povo brasileiro. No estado de São Paulo, por exemplo, a média das respostas dos internautas foi diferente da média nacional, colocando os valores morais em primeiro lugar: valores, educação, política pública, violência, emprego. Por isso, na sequência dessa pesquisa, no ano em curso, os pesquisadores estão fazendo questionários para detectar, na opinião popular, quais valores morais são fundamentais para a transformação do país.
>
> Com base nesta informação e levando em consideração, se achar necessário, os textos que serviram de base às questões de números **29** a **32** e **33** a **36**, escreva uma redação de **gênero dissertativo**, em norma padrão da língua, sobre o tema:
>
> Os valores morais e sua importância na sociedade

A proposta de redação do vestibular de meio de ano da Vunesp 2010 apresenta a voz que será chamada de "Avaliador", a qual estabelece um diálogo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), através da citação do discurso alheio demarcado. Para tanto, retoma uma pesquisa efetuada junto a internautas brasileiros, que deveriam responder à seguinte pergunta: "o que precisa mudar no Brasil para a sua vida mudar de verdade?".

Nessa pergunta, a voz do PNUD explicita a existência da necessidade de mudanças, e, mais que isso, mudanças substanciais, a ponto de gerar uma "mudança de verdade" na vida dos entrevistados. Os internautas brasileiros, pelo menos aqueles que participaram e responderam às perguntas, estabeleceram um discurso de concordância com o PNUD, indicando, ainda, cinco elementos que precisariam de melhorias. Nesse ponto, o exame vestibular cita o discurso do internauta, anteriormente citado pelo PNUD e estabelece uma relação dialógica com esses enunciados.

A voz dos internautas brasileiros apontou para os seguintes itens: educação, política pública, violência, valores e emprego. Entretanto, houve uma dissonância entre as respostas dos internautas paulistas com as apresentadas pelo internauta brasileiro, como um todo,

indicando: valores, educação, política pública, violência e emprego. Observa-se que, quanto aos elementos, há concordância das vozes, mas uma discordância pertinente à ordenação ou grau de importância.

Fruto dessa ordenação, a voz dos pesquisadores da PNUD indicou surpresa com o resultado apresentado pelas respostas dos internautas paulistas, indicando concordância com a relevância dos enunciados. Isso tanto é verdade que a proposição explicita esse ponto de vista: "os pesquisadores estão fazendo questionários para detectar, na opinião popular, quais valores morais são fundamentais para a transformação do país".

Entretanto, não há, diretamente, na proposição, a voz do exame vestibular demarcando concordância com os enunciados desses internautas paulistas, embora existam indícios, como ao enunciar no "tema[16]" da redação "os valores morais e sua importância para a sociedade". A escolha da palavra "importância" evidencia um conteúdo axiológico marcado, de cunho positivo, diferentemente, por exemplo, se o termo empregado fosse "irrelevância" ou "insignificância".

Não obstante, os enunciados integrantes da proposição dialogam com o cidadão brasileiro, representado pelo internauta, o qual, no contexto específico do vestibular, será o vestibulando que deverá dialogar diretamente com o PNUD, órgão que realizou a pesquisa, e com o exame vestibular – a Vunesp, instituição que formulou a proposta e avaliaria a redação.

Há o envolvimento, na proposta, de conteúdos axiológicos de diversas esferas da atividade humana, com as quais se estabelece uma relação dialógica, destacando-se: a esfera política, que deve agir, por meio do Estado, no sentido de fomentar o desenvolvimento da educação, a redução da violência, a criação de empregos e a melhoria das políticas públicas; a esfera ética, formada pela somatória das esferas filosófica, histórica, social, educacional e religiosa, das quais é uma espécie de amálgama.

Por meio da adoção de um discurso de melhoria, há desaprovação dos procedimentos atuais. Atribui-se, assim, um valor axiológico negativo a esses procedimentos, que devem ser reestruturados.

O gênero do discurso que marca os enunciados é o da proposta de redação de vestibular, o qual constitui um gênero secundário, dada sua complexidade, com relativa estabilidade, estabelecida por recortes de trechos de gêneros diversos, a determinação da produção de um gênero do discurso e a indicação de um "tema", no sentido de assunto, sob um enfoque específico.

[16] Termo usado pela Vunesp, na elaboração da proposta.

Na proposta de redação do vestibular de meio do ano da Vunesp 2010, a primeira parte dos enunciados apresentados na proposição transparece-se como gênero do discurso bastante próximo a um gênero da esfera da jornalística, a notícia, em que há a enunciação de forma, aparentemente, imparcial, buscando contar um fato. O "outro", nesse discurso, é o vestibulando, o qual deverá produzir a redação. Espera-se dele uma atitude responsiva ativa, no sentido de construir um conjunto de enunciados, com vistas à análise do assunto.

Foram nove mil e trinta candidatos inscritos[17]. Os cursos oferecidos pela Unesp no meio do ano são: Administração (Jaboticabal), Agronomia (Ilha Solteira e Registro), Geografia (Ourinhos), Zootecnia (Dracena e Ilha Solteira), Engenharia Ambiental (Sorocaba), Engenharia Civil (Ilha Solteira), Engenharia de Controle e Automação (Sorocaba), Engenharia de Produção (Bauru), Engenharia Elétrica (Ilha Solteira) e Engenharia Mecânica (Ilha Solteira).[18] Ao total, são quinhentas e cinquenta vagas. Foram convocados para a segunda fase dois mil, oitocentos e cinquenta e um candidatos[19] e houve a abstenção, no dia da prova de redação, de duzentos e quarenta e sete candidatos, o equivalente a 8,7%. O total de candidatos presentes no dia da prova foi de dois mil, seiscentos e quatro candidatos.[20]

A proposta de redação faz menção, ainda, a outros textos integrantes da prova:

> Com base nesta informação e levando em consideração, se achar necessário, os textos que serviram de base às questões de números **29** a **32** e **33** a **36**, escreva uma redação de **gênero dissertativo**, em norma padrão da língua, sobre o tema: os valores morais e sua importância na sociedade.

As questões de números 29 a 32 tomam por base um poema do repentista cearense Patativa do Assaré (1909-2002):

> Brasi de Cima e Brasi de Baxo
> [...]
> Inquanto o Brasi de Cima
> Fala de transformação,
> Industra, matéra prima,
> Descobertas e invenção,
> No Brasi de Baxo isiste
> O drama penoso e triste
> Da negra necissidade;

[17] http://www.vunesp.com.br/vnsp1001/Frequencia_unespmeiodeano2010_primeirafase.pdf.
[18] http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2010/05/31/627059/vestibular-meio-ano-da-unesp-tem-9-mil-candidatos.html.
[19] http://www.cneconline.com.br/exames-educacionais/vestibular/noticias/unesp-sai-a-lista-de-convocados-para-a-segunda-fase-do-vestibular-meio-de-ano/.
[20] http://www.vunesp.com.br/vnsp1001/Unesp_ausentes_segfase_dois%20dias.pdf.

É uma cousa sem jeito
E o povo não tem dereito
Nem de dizê a verdade.

No Brasi de Baxo eu vejo
Nas ponta das pobre rua
O descontente cortejo
De criança quage nua.
Vai um grupo de garoto
Faminto, doente e roto
Mode caçá o que comê
Onde os carro põe o lixo,
Como se eles fosse bicho
Sem direito de vivê.

Estas pequenas pessoa,
Estes fio do abandono,
Que veve vagando à toa
Como objeto sem dono,
De manêra que horroriza,
Deitado pela marquiza,
Dromindo aqui e aculá
No mais penoso relaxo,
É deste Brasi de Baxo
A crasse dos marginá.

Meu Brasi de Baxo, amigo,
Pra onde é que você vai?
Nesta vida do mendigo
Que não tem mãe nem tem pai?
Não se afrija, nem se afobe,
O que com o tempo sobe,
O tempo mesmo derruba;
Tarvez ainda aconteça
Que o Brasi de Cima desça
E o Brasi de Baxo suba.

Sofre o povo privação
Mas não pode recramá,
Ispondo suas razão
Nas coluna do jorná.
Mas, tudo na vida passa,
Antes que a grande desgraça
Deste povo que padece
Se istenda, cresça e redrobe,
O Brasi de Baxo sobe
E o Brasi de Cima desce.

Brasi de Baxo subindo,
Vai havê transformação
Para os que veve sintindo
Abondono e sujeição.
Se acaba a dura sentença
E a liberdade de imprensa

Vai sê legá e comum,
Em vez deste grande apuro,
Todos vão tê no futuro
Um Brasi de cada um.

Brasi de paz e prazê,
De riqueza todo cheio,
Mas, que o dono do podê
Respeite o dereito aleio.
Um grande e rico país
Munto ditoso e feliz,
Um Brasi dos brasilêro,
Um Brasi de cada quá,
Um Brasi nacioná
Sem monopolo istrangêro.[21]

Esse poema evidencia a voz do autor, a qual se identifica com o chamado "Brasi de Baxo", marcado pela miséria, necessidade e exclusão social. Há a demarcação das necessidades desse "Brasi" com o valor axiológico negativo, em contraposição a elementos positivos do "Brasi de Cima", com valor axiológico positivo, como a "industra", "matera prima", "descobertas" e "invenções".

Entretanto, sobressai-se uma voz de esperança do próprio autor, ao enunciar a possibilidade do "Brasi de Baxo" sobir e do "Brasi de Cima" descer. Ao subir, segundo essa voz, o "Brasi de Baxo" gerará transformações, especialmente para a população excluída, determinando o fim do "monopolo istrangêro". Observa-se, nesse ponto, a discordância da voz do autor com as indústrias multinacionais, designada "monopolo istrangêro".

Não obstante, há conteúdos axiológicos de três esferas da atividade humana encadeados no discurso: a social, a política e a filosófica. A esfera social demarca a relação entre os sujeitos sociais, especificamente a desigualdade, sendo possível notar, ainda, as classes sociais. Existe, nesse sentido, a citação indireta do discurso alheio, do marxismo, representado pela luta de classes. As esferas política e a filosófica estão entrelaçadas à social, com cunho axiológico negativo, fruto da desigualdade social e do "monopolo istrangêro".

É possível afirmar que o "outro" integrante do discurso é uma pessoa integrante do "Brasi de Baxo", com o qual há o diálogo. O gênero do discurso predominante é a poesia, caracterizada pela estrutura composicional em verso, a presença de estrofes e rimas. Os enunciados destinam-se a criticar a desigualdade social e a estratificação social. A esfera da

[21] Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva). *Cante lá que eu canto cá.* 6ª Ed. Crato: Vozes/Fundação Pe. Ibiapina/Instituto Cultural do Cariri. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1986. Dados fornecidos pela própria prova do vestibular.

atividade humana na qual o gênero foi produzido é a literária, cujo escopo é a produção de arte, por meio de enunciados.

As questões de 29 a 32 também levaram em consideração uma pequena uma passagem do livro "O discípulo de Emaús", de Murilo Mendes:

> O Discípulo de Emaús
> A harmonia da sociedade somente poderá ser atingida mediante a execução de um código espiritual e moral que atenda, não só ao bem coletivo, como ao bem de cada um. A conciliação da liberdade com a autoridade é, no plano político, um dos mais importantes problemas. A extensão das possibilidades de melhoria a todos os membros da sociedade, sem distinção de raças, credos religiosos, opiniões políticas, é um dos imperativos da justiça social, bem como a apropriação pelo Estado dos instrumentos de trabalho coletivo.

A voz presente nos enunciados de "O discípulo de Emaús" evidencia inexistir harmonia na sociedade, indicando, entretanto, espaço e propostas para a melhoria do quadro. Estabelece, outrossim, um discurso de discordância com o marxismo, citado indiretamente, com o qual estipula uma relação dialógica de alteridade, apresentando que a harmonia social somente será conquistada com o equilíbrio entre o "bem coletivo" e o "bem de cada um", entre "liberdade" e "autoridade". Todavia, há concordância com o discurso marxista, ao ponderar que a melhoria deve atingir a "todos os membros da sociedade", sem distinções.

No discurso, estão presentes conteúdos axiológicos de três esferas da atividade humana: a social, a política e a filosófica. O gênero do discurso do recorte possui caráter argumentativo, com a intenção de convencer o "outro", caracterizado como a humanidade. Através da inserção desse conjunto de enunciados na proposta de redação, o "outro" passa a ser o vestibulando.

Instrução: Leia o texto *Human values and the design of computer technology* para responder as questões de números **33** a **36**, em português.

Human values and the design of computer technology[22]

[22] Valores humanos e do design da tecnologia de computador
Batya Friedman
Introdução
Muitos de nós, quando projetamos e implementamos tecnologias de informática, nos concentramos em fazer um trabalho de máquina - de forma confiável, de forma eficiente e correta. Raramente nos concentramos em valores humanos. Talvez acreditemos no valor neutro tecnologia. Talvez nós acreditamos que as questões de valor pertencem apenas aos cientistas sociais, filósofos ou políticos. Em seu trabalho, os "designers" de sistema, necessariamente, transmitem valores morais e sociais. No entanto, como? Que valores? Por que, se os valores humanos - com a liberdade de expressão, direitos de propriedade, responsabilidade, autonomia, privacidade e - são controversos, e após, em que base é que alguns valores substituem os outros no projeto de, digamos, de hardware, algoritmos e bancos de dados? Além disso, como pode designers que trabalham dentro de uma estrutura corporativa e com a missão de gerar receita trazer valor sensível ao projeto no local de trabalho? A tecnologia tem valores? Cerca de quatro décadas atrás, motos de neve foram introduzidos nas comunidades inuit

Batya Friedman
Introduction
Many of us when we design and implement computer technologies focus on making a machine work – reliably, efficiently and correctly. Rarely do we focus on human values. Perhaps we believe in value-neutral technology. Perhaps we believe that issues of value belong only to social scientists, philosophers, or policy makers. In their work, system designers necessarily impart moral and social values. Yet how? What values? Whose values? For if human values – such as freedom of speech, rights to property, accountability, privacy, and autonomy – are controversial, then on what basis do some values override others in the design of, say, hardware, algorithms, and databases? Moreover, how can designers working within a corporate structure and with a mandate to generate revenue bring value-sensitive design into the workplace? *Does technology have values?* Does technology have values? About four decades ago, snowmobiles were introduced into the Inuit communities of the Arctic, and have now largely replaced travel by dog sleds. This technological innovation thereby altered not only patterns of transportation, but symbols of social status, and moved the Inuit toward a dependence on a money economy. Now a computer example. Electronic mail rarely displays the sender's status. Is the sender a curious lay person, system analyst, full professor, journalist, assistant professor, entry level programmer, senior scientist, high school student? Who knows until the e-mail is read, and maybe not even then. This design feature (and associated conventions) has thereby played a significant role in allowing electronic communication to cross traditional hierarchical boundaries and to contribute to the restructuring of organizations. The point is this: In various ways, technological innovations do not stand apart from human values. But, still, what would it mean to say that technology has values? In terms of computer system design, we are not so privileged as to determine rigidly the values that will emerge from the systems we design. But neither can we abdicate responsibility.
(http://books.google.com.br. Adaptado.)

O texto "Human values and the design of computer technology", integrante da prova de inglês, faz referência a inexistência de preocupação, pelos programadores, dos valores transmitidos por meio da tecnologia, mas, tão somente, com a qualidade técnica do produto. Nesse aspecto, há o diálogo demarcado com o conjunto de vozes que atuam na esfera "tecnológica", por meio da alteridade entre a tecnologia e os valores; lucro e valores. Ao

---

do Ártico, e têm substituído as viagens de trenós puxados por cachorros. Esta inovação tecnológica, assim, alterou não apenas os padrões de transporte, mas símbolos de "status" social, e mudou-se o Inuit para uma dependência de uma economia de dinheiro. Agora, por exemplo, um computador. O correio eletrônico raramente exibe o "status" do remetente. É o remetente um leigo curioso, analista de sistema, professor catedrático, jornalista, professor assistente, programador de nível de entrada, cientista sênior, estudante do ensino médio? Quem sabe se o e-mail for lido, e talvez nem mesmo depois. Esta característica de projeto (e convenções associadas) tem, assim, desempenhado um papel importante ao permitir a comunicação eletrônica para atravessar fronteiras hierárquicas tradicionais e contribuir para a reestruturação das organizações. O ponto é este: de várias maneiras, as inovações tecnológicas não se distinguem dos valores humanos. Mas, ainda assim, o que significa dizer que a tecnologia tem valores? Em termos de design sistema de computador, nós não somos tão privilegiados como para determinar rigidamente os valores que vão surgir a partir dos sistemas que desenvolvemos. Mas também não podemos abdicar da responsabilidade.
(Http://books.google.com.br. Adaptado.) Tradução própria.

mesmo tempo, há contato com a voz social, no sentido de atribuir carga positiva aos valores morais, socorrendo-se de fatos cotidianos para corroborar com o discurso proferido.

A somatória da proposição e dos textos auxiliares permite destacar uma voz, que poderia ser considerada a voz do examinador, a qual veicula o discurso de que há uma "crise" de valores morais, mas que o quadro apresentado pode ser melhorado. O trabalho analisará a interlocução que as redações travam com a proposta, ou melhor, com o que consideram da proposta.

4.3 Análise das redações produzidas: visão geral do *corpus*

4.3.1 Das relações dialógicas

Busca-se, por meio deste item, aferir como as relações dialógicas estão estabelecidas nas Redações. Essas relações dialógicas são importantes, em termos bakhtinianos, porque o sujeito é formado pela palavra do outro, no contato com o discurso alheio. As redações, dada sua especificidade, são uma manifestação da ideologia do candidato, mais ou menos influenciada, a qual está permeada pelos discursos circulantes na sociedade, do enunciado alheio. A escolha dos trechos selecionados tem a intenção de ilustrar ocorrências e não o caráter avaliativo, isto é, qualificar como melhor ou pior, correto ou incorreto, o que não é o objeto do trabalho.[23]

A voz dos vestibulandos estipula que os valores morais são importantes para a sociedade. Dessa maneira, essa voz estabelece uma relação de diálogo com a proposta de redação do vestibular – considerando-se a proposição e os textos auxiliares, apresentando os valores morais como um valor positivo, desejável. Noventa e duas redações consideram os valores morais relevantes enquanto apenas duas não imputam importância a esses valores, face à sua maleabilidade, instabilidade e relatividade.[24]

A assunção, pelos candidatos, da relevância dos valores morais para a sociedade devolve o discurso adotado pela proposta ao Avaliador.

---

[23] A seleção ou recorte de todas as ocorrências nas redações não seria produtível, por estender demasiadamente o trabalho, além de não constituir o objeto principal da presente análise.

[24] A identificação das redações com os números (01 05 04 86, por exemplo) encontra-se no verso da folha (vide anexo Redações) em que os enunciados estão escritos. Optou-se por essa designação, em virtude de ser a identificação fornecida pela Vunesp.

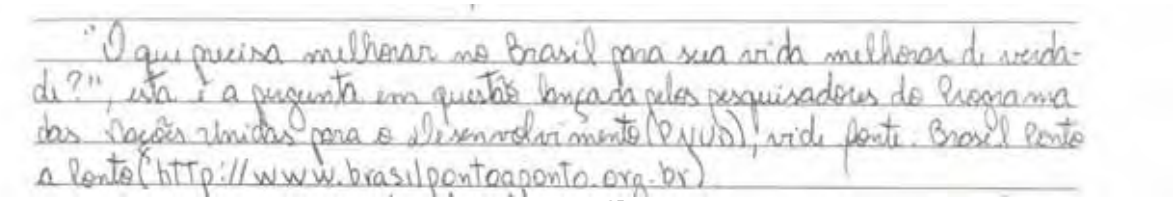

"O que precisa melhorar no Brasil para sua vida melhorar de verdade?", esta é a pergunta em questão lançada pelos pesquisadores do Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD), vide fonte. Brasil Ponto a Ponto (http://www.brasilpontoaponto.org.br)

Figura 1[25]

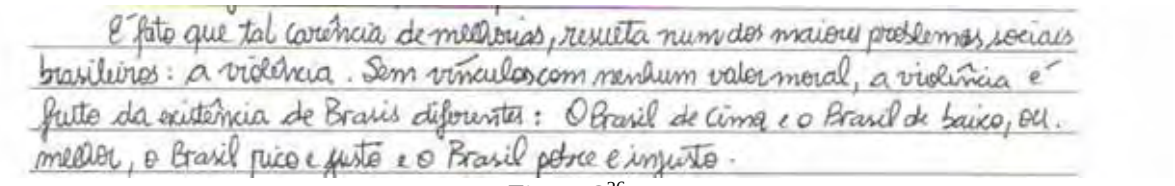

É fato que tal carência de melhorias, resulta num dos maiores problemas sociais brasileiros: a violência. Sem vínculos com nenhum valor moral, a violência é fruto da existência de Brasis diferentes: O Brasil de cima e o Brasil de baixo, ou melhor, o Brasil rico e justo e o Brasil pobre e injusto.

Figura 2[26]

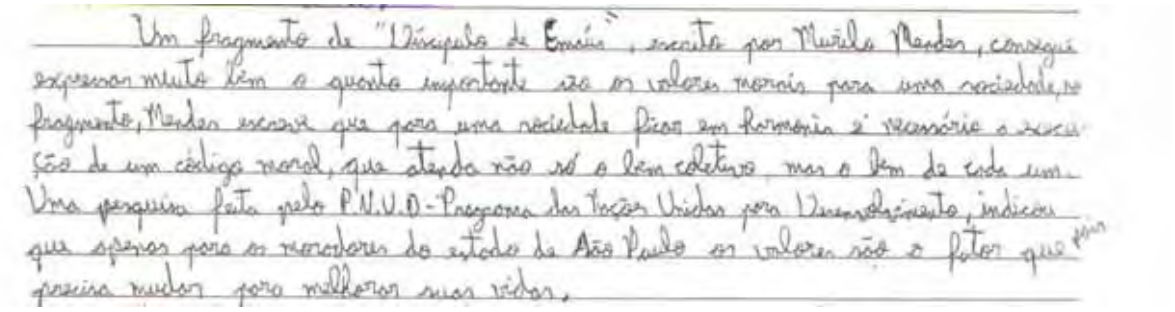

Um fragmento de "Discípulo de Emaús", escrita por Murilo Mendes, consegue expressar muito bem a questão importante são os valores morais para uma sociedade, no fragmento, Mendes escreve que para uma sociedade ficar em harmonia é necessário a existência de um código moral, que atenda não só o bem coletivo, mas o bem de cada um. Uma pesquisa feita pelo P.N.U.D - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, indicou que apenas para os moradores do estado de São Paulo os valores não o fator que mais precisa mudar para melhorar suas vidas.

Figura 3[27]

Os enunciados, nesse sentido, originam-se na esfera da atividade humana social, da qual um conjunto de valores é mobilizado, na contraposição entre o "eu" e o "outro".

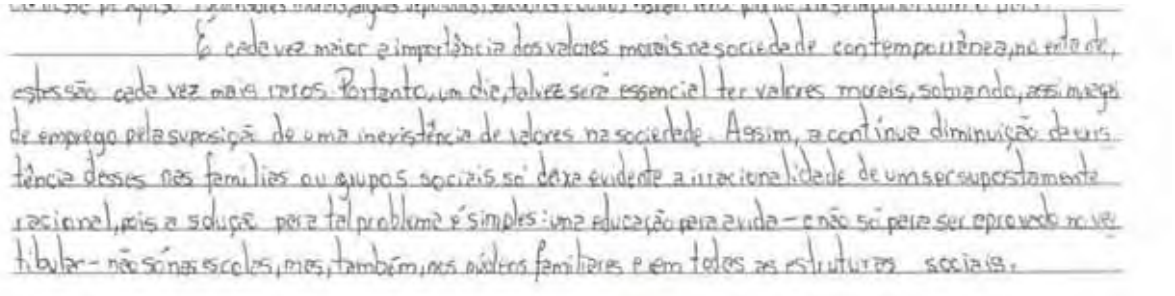

É cada vez maior a importância dos valores morais na sociedade contemporânea, na entanto, estes são cada vez mais raros. Portanto, um dia, talvez será essencial ter valores morais, sabiendo, assim mesmo de emprego pela suposição de uma inexistência de valores na sociedade. Assim, a continua diminuição de existência desses nas famílias ou grupos sociais só deixa evidente a irracionalidade de um ser supostamente racional, pois a solução para tal problema é simples: uma educação para a vida - e não só para ser aprovado no vestibular - não só nas escolas, mas, também, nos núcleos familiares e em todas as estruturas sociais.

Figura 4[28]

Em contrapartida, a ausência de valores morais é considerada negativa. Ao afirmar que os valores morais estão sendo, no comportamento do homem, afastados da prática comum, estabelece-se uma oposição entre o posicionamento do autor da Redação de Vestibular e a

[25] Redação número 01 05 04 86, primeiro parágrafo.
[26] Redação número 01 08 93 58, quarto parágrafo.
[27] Redação número 01 02 51 04, terceiro parágrafo.
[28] Redação número 01 04 88 56, quinto parágrafo.

sociedade, uma espécie de cisão. Ao mesmo tempo, há a reprovação da voz social que determina a utilização de qualquer meio para obtenção do sucesso.

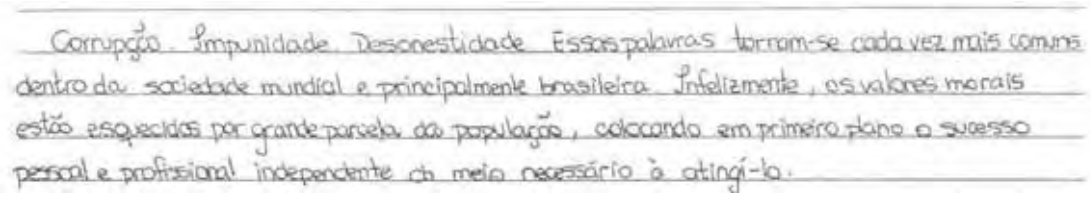

Corrupção. Impunidade. Desonestidade. Essas palavras tornam-se cada vez mais comuns dentro da sociedade mundial e principalmente brasileira. Infelizmente, os valores morais estão esquecidos por grande parcela da população, colocando em primeiro plano o sucesso pessoal e profissional independente do meio necessário à atingí-lo.

Figura 5[29]

Reconhece-se a importância desses valores, que é fixar os padrões axiológicos que guiam o comportamento em sociedade e da sociedade, os quais, em termos bakhtinianos, podem ser positivos ou negativos, suscitando vozes de concordância ou dissonância. O fato de poderem afigurar-se em polos opostos torna o ambiente em que circulam os elementos morais uma arena. Mobilizam-se, destarte, valores na busca de compreender "o porquê" da fixação de determinados elementos integrantes da moral e da ética.

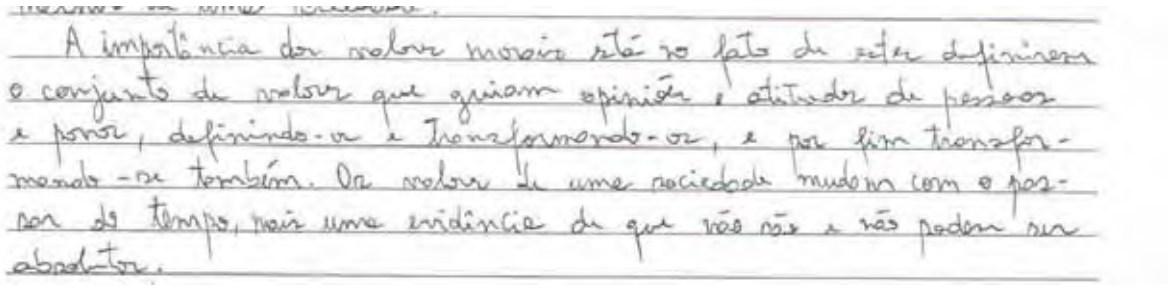
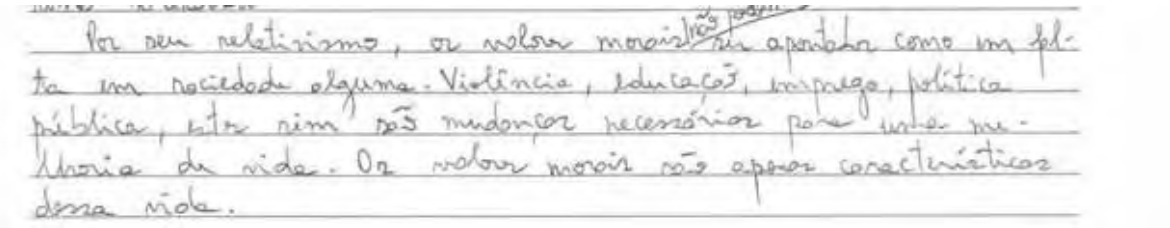

A importância dos valores morais está no fato de estes definirem o conjunto de valores que guiam opiniões e atitudes de pessoas e povos, definindo-os e transformando-os, e por fim transformando-se também. Os valores de uma sociedade mudam com o passar do tempo, mais uma evidência de que não são e não podem ser absolutos.

Figura 6[30]

Todavia, entre os vestibulandos, há duas vozes destoantes, que discordam da opinião dos internautas paulistas, por considerarem os valores morais relativos. Trata-se de apenas duas ocorrências, ou melhor, em duas redações.


Por seu relativismo, os valores morais não apontam como um falta em nenhuma sociedade alguma. Violência, educação, emprego, política pública, entre outros são mudanças necessárias para uma melhoria de vida. Os valores morais são apenas características dessa vida.

[29] Redação número 01 03 39 80, primeiro parágrafo.
[30] Redação número 01 01 46 17, segundo parágrafo.

Figura 7[31]

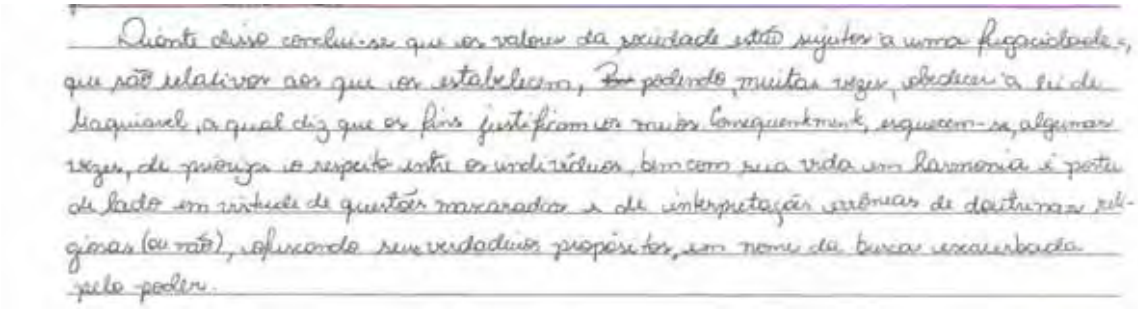

Diante disso conclui-se que os valores da sociedade estão sujeitos a uma fluidez, que são relativos aos que os estabelecem, [illegible] podendo, muitas vezes, obedecer à lei do Maquiavel, a qual diz que os fins justificam os meios. Consequentemente, esquecem-se, algumas vezes, de prezar o respeito sobre os indivíduos, bem como sua vida em harmonia e portanto, de fato em virtude de questões mascaradas e de interpretações errôneas de doutrinas religiosas (ou não), ofuscando seus verdadeiros propósitos, em nome da busca exacerbada pelo poder.

Figura 8[32]

Os valores morais são, segundo esses vestibulandos, um produto histórico e social, formado do confronto de conteúdos axiológicos, práticas reiteradas, costumes e normas. Para determinado valor integrar o "código" moral de um local e tempo, é necessário reconhecê-lo como válido, o que nem sempre é um valor axiológico positivo. Cria-se um diálogo com as esferas da atividade humana histórica e social e seus princípios.

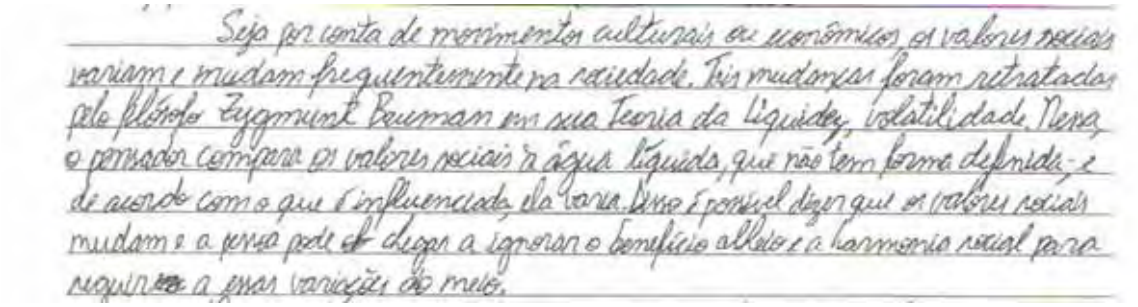

Seja por conta de movimentos culturais ou econômicos os valores sociais variam e mudam frequentemente na sociedade. Tais mudanças foram retratadas pelo filósofo Zygmunt Bauman em sua Teoria da Liquidez, volatilidade. Nesta, o pensador compara os valores sociais à água líquida, que não tem forma definida, e de acordo com o que é influenciada, ela varia. Disso é possível dizer que os valores sociais mudam e a pessoa pode acabar a ignorar o benefício alheio e a harmonia social para adquirir a essas variações do meio.

Figura 9[33]

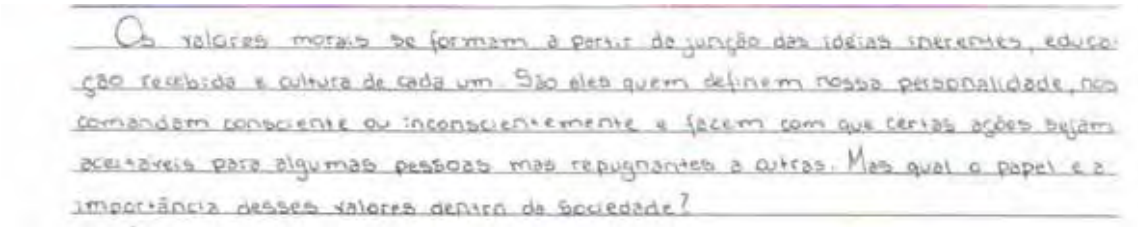

Os valores morais se formam a partir da junção das idéias herdadas, educação recebida e cultura de cada um. São eles quem definem nossa personalidade, nos comandam conscientemente ou inconscientemente e fazem com que certas ações sejam aceitáveis para algumas pessoas mas repugnantes a outras. Mas qual o papel e a importância desses valores dentro da sociedade?

Figura 10[34]

[31] Redação número 01 01 46 17, quinto parágrafo.
[32] Redação número 01 08 21 75, sexto parágrafo.
[33] Redação número 01 02 27 25, terceiro parágrafo.
[34] Redação número 01 02 43 53, primeiro parágrafo.

A voz do vestibulando que produziu a Redação de Vestibular do recorte abaixo imputa uma tendência de a moral local ser considerada a correta. Os valores em vigência em outra localidade, quando dissonantes dos locais, são avaliados como negativos.

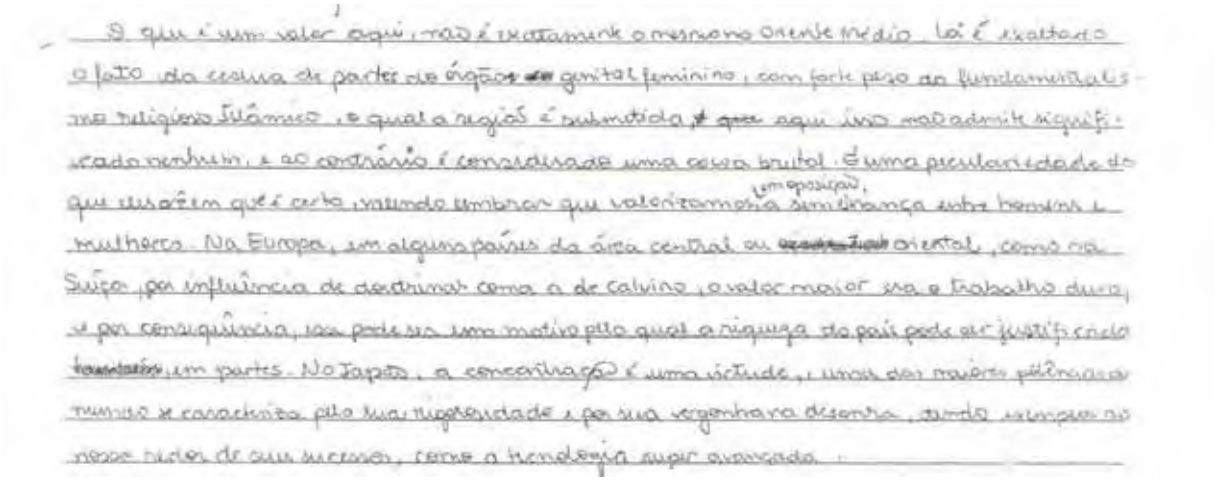
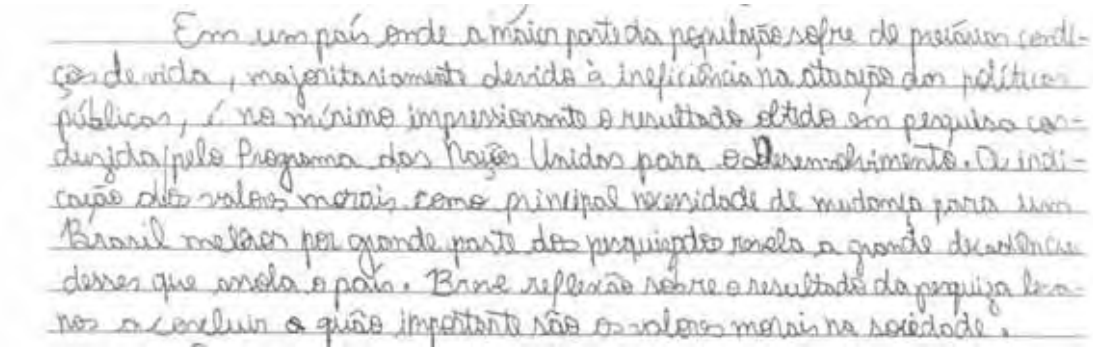


Figura 11[35]

Um exemplo é o candidato que estabelece uma relação dialógica de discordância com valores da moral do Oriente Médio, principalmente no tocante ao fundamentalismo islâmico, o qual confronta valores caros à moral brasileira, como a liberdade e a "igualdade" entre os sexos. Mobilizam-se, destarte, valores circulantes no discurso social.

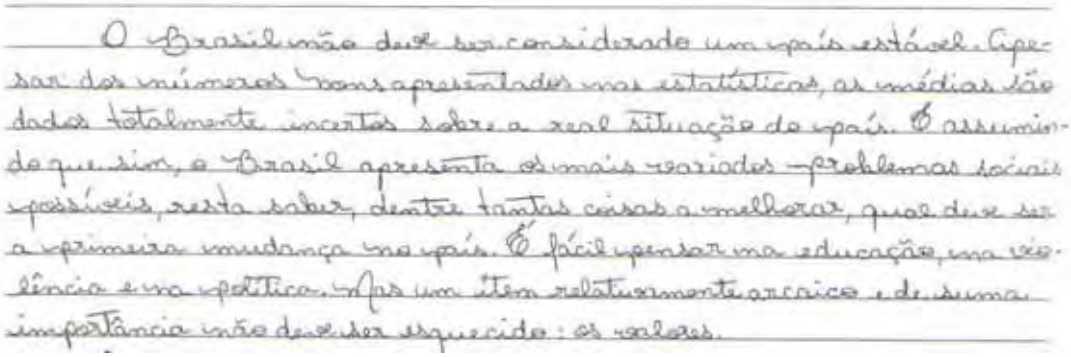
Na análise dialógica do discurso, o tempo e o espaço são extremamente importantes. Nesse ponto é importante observar que redações firmaram o diálogo com os valores do "aqui e agora". A sociedade brasileira foi a focalização principal do espaço, o "aqui"; e o ano de 2010, em que as redações foram produzidas, caracterizou o tempo, o "agora". As redações, por meio do conjunto de vozes atuantes, estabeleceram diálogos, principalmente, com a sociedade brasileira, muito embora, em algumas situações, outros países ou regiões tenham sido utilizados como contraponto, o que constituiu uma minoria.

[35] Redação número 01 01 10 81, segundo parágrafo.



Em um país onde a maior parte da população sofre de precárias condições de vida, majoritariamente devido à ineficiência na atuação das políticas públicas, é no mínimo impressionante o resultado obtido em pesquisa conduzida pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. O indicação dos valores morais como principal necessidade de mudança para um Brasil melhor por grande parte dos pesquisados revela a grande discrepância desses que assola o país. Bom reflexão sobre o resultado da pesquisa leva-nos a concluir o quão importante são os valores morais na sociedade.

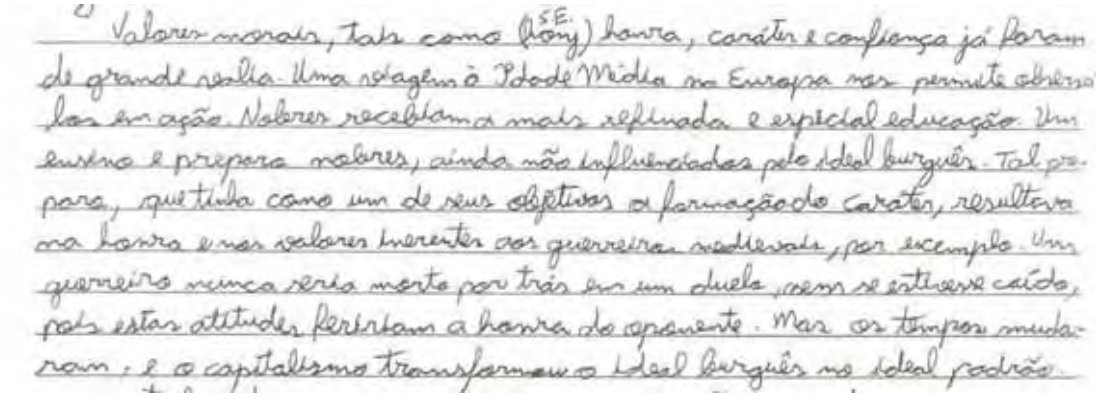
Figura 12[36]



O Brasil não deve ser considerado um país estável. Apesar dos números bons apresentados nas estatísticas, as médias são dadas totalmente incertas sobre a real situação do país. É assumindo questões, o Brasil apresenta os mais variados problemas sociais possíveis, resta saber, dentre tantas coisas a melhorar, qual deve ser a primeira mudança no país. É fácil pensar na educação, na violência e na política. Mas um item relativamente arcaico e de suma importância não deve ser esquecido: os valores.

Figura 13[37]

Não obstante, existiu a comparação do “agora”, o presente da voz do candidato, e “outros tempos”, o passado, época em que preponderavam o que o vestibulando chama “valores tradicionais”, que têm caráter axiológico positivo, com os quais as vozes dos candidatos apontam relação de concordância. Todavia, os “outros tempos” não foram demarcados de forma precisa, com uma data ou ano, mas genericamente, como um tempo distante.



Valores morais, tais como (S.E. Hony) honra, caráter e confiança já foram de grande valia. Uma viagem à Idade Média na Europa nos permite observá-los em ação. Nobres recebiam a mais refinada e especial educação. Um evento e prepara nobres, ainda não influenciados pelo ideal burguês. Tal preparo, que tinha como um de seus objetivos a formação do caráter, resultava na honra e nos valores inerentes aos guerreiros nobres, por exemplo. Um guerreiro nunca seria morto por trás em um duelo, mesmo se estivesse caído, pois estas atitudes feririam a honra do oponente. Mas os tempos mudaram, e o capitalismo transformou o ideal burguês no ideal padrão

[36] Redação número 01 03 90 59, primeiro parágrafo.
[37] Redação número 01 06 58 15, primeiro parágrafo.

Figura 14[38]

Há o diálogo, mesmo que indireto, com o vestibular, por meio do "Avaliador", do qual se espera e busca-se a concordância, a aprovação. As vozes dos vestibulandos dirigem-se à sociedade, em especial à brasileira, criticando o comportamento do "outro", o "não-eu". Esse valor é estipulado como negativo, com o qual há uma dissonância. Os traços distintivos entre a moral do "eu" e a moral do "outro" é o campo de batalha ideológico em que se julga, de acordo com a proximidade ou distanciamento com os valores individuais, o correto, o justo e o desejável.

Nessa alternância de vozes, no conflito dialógico de valores, atuam duas forças, segundo Bakhtin (2010ª, p. 80-81): a centrípeta, empurrando determinados valores para o centro do pensamento dominante na sociedade; e a centrífuga, empurrando outros para fora, distanciando-os. Tais propriedades físicas não se encontram em perfeito equilíbrio, ao centro de uma esfera imaginária em forte rotação, mas aumentam e diminuem de intensidade, de acordo com os movimentos ideológicos e valorativos sociais.

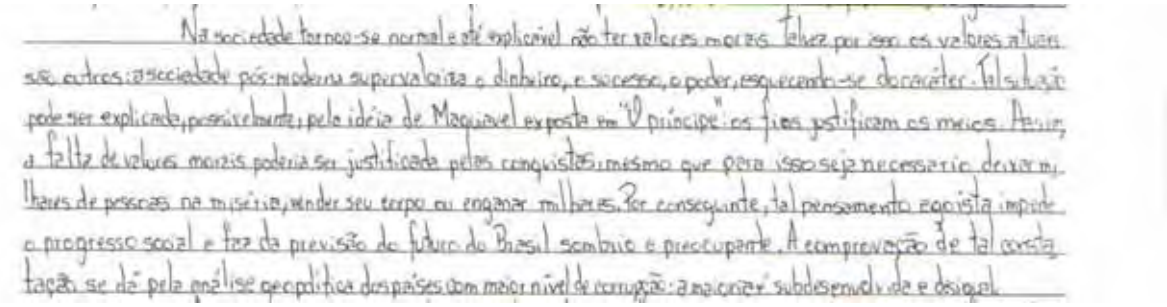

Na sociedade torna-se normal e até aplicável não ter valores morais. Talvez por isso os valores atuais são outros: a sociedade pós-moderna supervaloriza o dinheiro, o sucesso, o poder, esquecendo-se do caráter. Tal situação pode ser explicada, possivelmente, pela idéia de Maquiavel exposta em "O príncipe" os fins justificam os meios. Assim, a falta de valores morais poderia ser justificada pelas conquistas, mesmo que para isso seja necessário deixar milhares de pessoas na miséria, vender seu corpo ou enganar milhares. Por conseguinte, tal pensamento capitalista impede o progresso social e faz da previsão do futuro do Brasil sombrio e preocupante. A compreensão de tal constatação se dá pela análise que explicita os países com maior nível de corrupção: a maioria é subdesenvolvida e desigual.

Figura 17[39]

[38] Redação número 01 02 85 02, segundo parágrafo.
[39] Redação número 01 04 88 56, terceiro parágrafo.

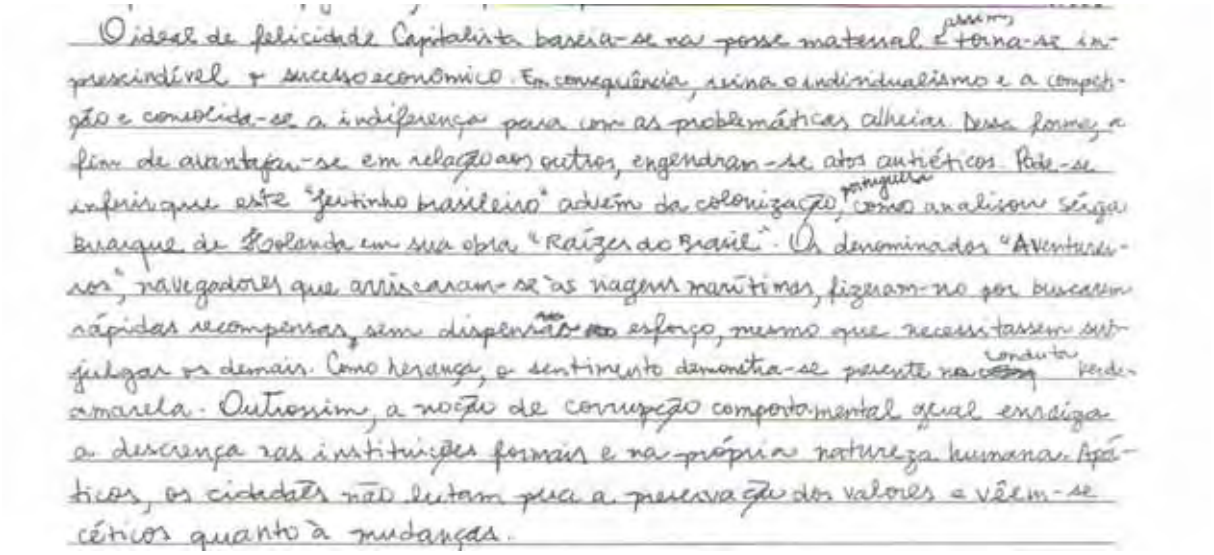

O ideal de felicidade Capitalista baseia-se na posse material e torna-se imprescindível o sucesso econômico. Em consequência, reina o individualismo e a competição e consolida-se a indiferença para com as problemáticas alheias. Dessa forma, a fim de alcançar-se em relação aos outros, engendram-se atos antiéticos. Pode-se inferir que este "jeitinho brasileiro" advém da colonização, como analisou Sérgio Buarque de Holanda em sua obra "Raízes do Brasil". Os denominados "Aventureiros", navegadores que arriscaram-se às viagens marítimas, fizeram-no por buscarem rápidas recompensas, sem dispensar esforço, mesmo que necessitassem subjulgar os demais. Como herança, o sentimento demonstra-se presente na conduta pedemarela. Outrossim, a noção de corrupção comportamental atual enraíza a descrença nas instituições formais e na própria natureza humana. Após ticos, os cidadãos não lutam pela a preservação dos valores e vêem-se céticos quanto à mudanças.

Figura 18[40]

A escassez dos valores morais é atribuída à substituição desses valores, de cunho positivo, por princípios capitalistas, aos quais as vozes desqualificam, por edificarem outros valores, de aspectos negativos, como o dinheiro, o poder, o prazer, o consumo, a efemeridade e o egoísmo. Ao afirmarem isso, há contato direto com conteúdos axiológicos das esferas econômica, social e filosófica.

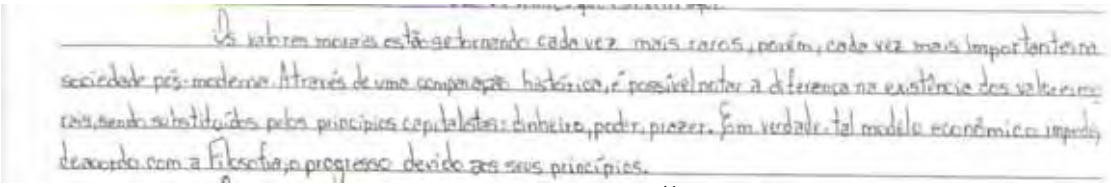

Os valores morais estão se tornando cada vez mais raros, porém, cada vez mais importantes na sociedade pós-moderna. Através de uma comparação histórica, é possível notar a diferença na existência dos valores morais, sendo substituídos pelos princípios capitalistas: dinheiro, poder, prazer. Em verdade, tal modelo econômico impede, de acordo com a Filosofia, o progresso devido aos seus princípios.

Figura 19[41]

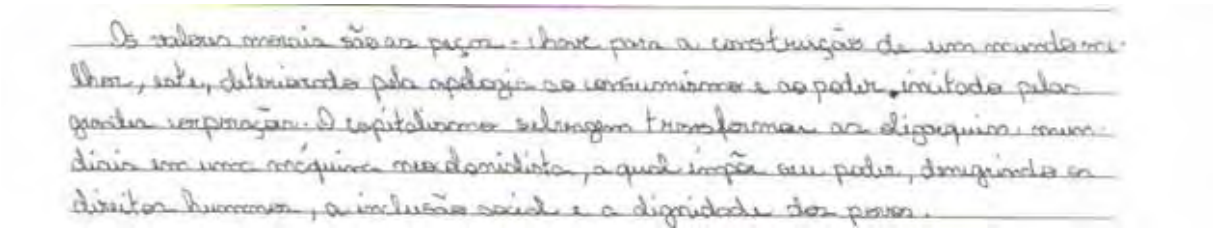

Os valores morais são as peças-chave para a construção de um mundo melhor, este, deteriorado pela ganância do consumismo e do poder, imitado pelas grandes corporações. O capitalismo selvagem transforma as disparidades sociais em uma máquina meritocrática, a qual impõe seu poder, denegrindo os direitos humanos, a inclusão social e a dignidade dos povos.

Figura 20[42]

[40] Redação número 01 08 31 98, segundo parágrafo.
[41] Redação número 01 04 88 56, primeiro parágrafo.
[42] Redação número 01 03 63 43, primeiro parágrafo.

As vozes dos vestibulandos caracterizam a primazia do dinheiro como um valor negativo. As vozes oriundas do medo e do instinto de sobrevivência, quando atreladas à competitividade do mercado de trabalho, qualifica o "outro" como um inimigo. Isso faz emergir um discurso de autoproteção, egoísmo e distanciamento.

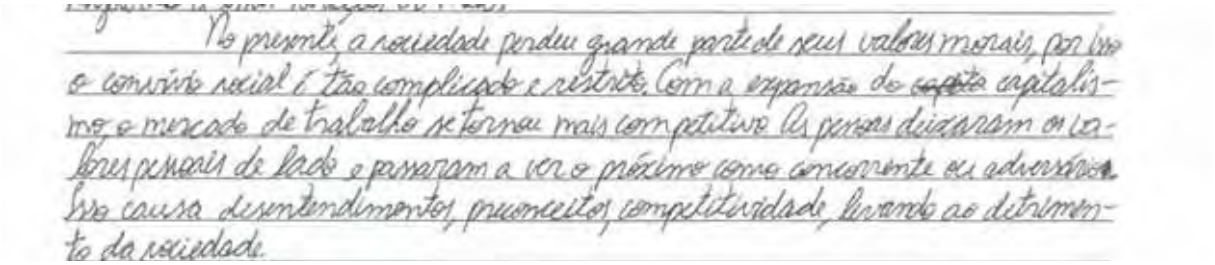

No presente, a sociedade perdeu grande parte de seus valores morais, por isso o convívio social é tão complicado e restrito. Com a expansão do ~~capita~~ capitalismo, o mercado de trabalho se tornou mais competitivo. As pessoas deixaram os valores pessoais de lado e passaram a ver o próximo como concorrente ou adversário. Isso causa desentendimentos, preconceitos, competitividade, levando ao detrimento da sociedade.

Figura 21[43]

Institui-se uma arena entre valores em posições antagônicas e, nessa alteridade, o sujeito constitui-se. À medida que os valores morais são sobrepujados, o coletivo e o "outro" cedem terreno e importância. Nessa proporção, o discurso em favor da retomada dos valores "clássicos" ganha força e, concomitantemente, a prática perde espaço. Há destaque para o conceito, constatação ou opinião da instauração de uma crise de valores, elemento muito recorrente nas redações.

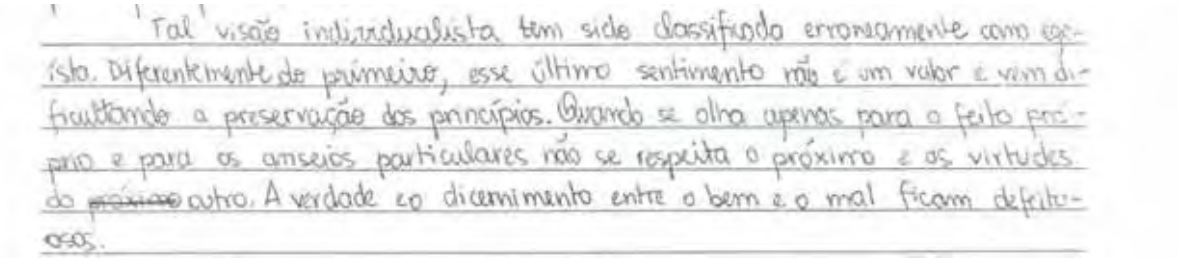

Tal visão individualista tem sido classificada erroneamente como egoísta. Diferentemente do primeiro, esse último sentimento não é um valor e vem dificultando a preservação dos princípios. Quando se olha apenas para o feito próprio e para os anseios particulares não se respeita o próximo e as virtudes do ~~próximo~~ outro. A verdade e o discernimento entre o bem e o mal ficam defeituosos.

Figura 22[44]

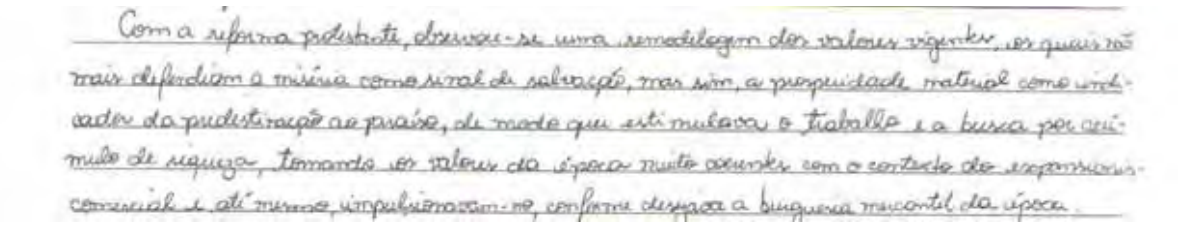

Com a ~~ditadura~~ pós-ditadura, deu-se uma remodelagem dos valores vigentes, os quais não mais defendiam a ~~missão~~ como sinal de salvação, mas sim, a pequenidade natural como virtude da pós-ditadura, de modo que estimulava o trabalho e a busca por acúmulo de riqueza, tornando os valores da época muito ~~ocorrer~~ comum com o contexto da ~~ocorrência~~ comercial e até mesmo, impulsionando-os, conforme despoca a burguesia mercantil da época.

Figura 23[45]

[43] Redação número 01 02 27 25, terceiro parágrafo.
[44] Redação número 01 01 54 94, quarto parágrafo.

O sistema econômico exige o consumo. Quanto maior o consumo, maior é o giro econômico, o crescimento e o desenvolvimento de dada região ou país. À medida que há o crescimento, há maior número de vencedores, instaurando-se um "ciclo virtuoso", ao menos economicamente. A voz do vestibulando, apesar de reconhecer que o consumo e o prazer advindo da satisfação material são desejados por muitos, fixa-os como um valor negativo, que dá origem ou exponencia o egoísmo.

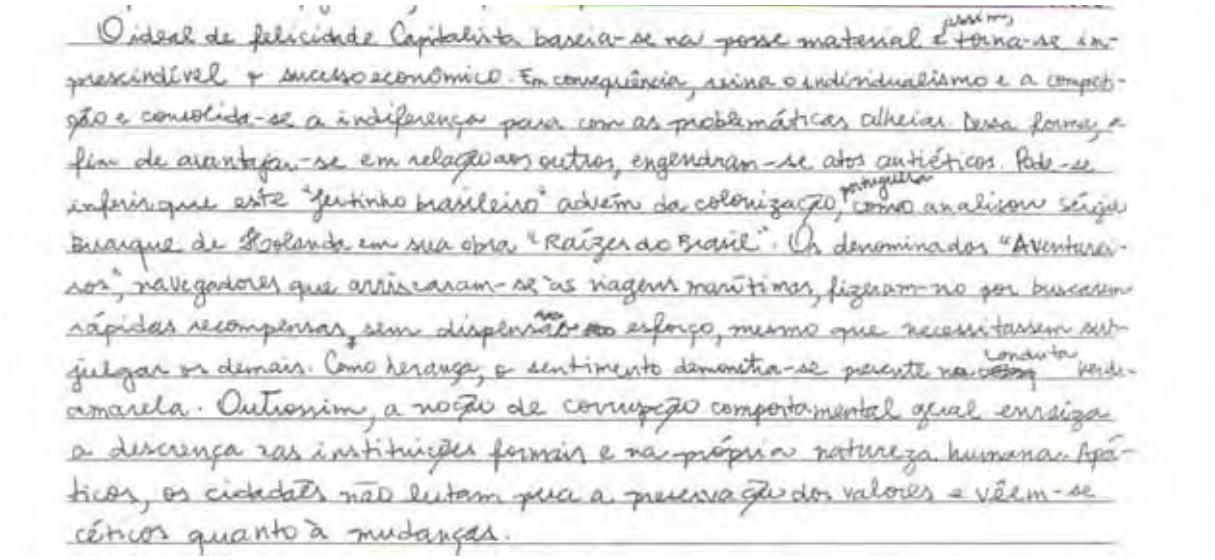

O ideal de felicidade Capitalista baseia-se na posse material e torna-se (assim) imprescindível p sucesso econômico. Em conseqüência, reina o individualismo e a competição e consolida-se a indiferença para com as problemáticas alheias. Dessa forma, a fim de avantajar-se em relação aos outros, engendram-se atos antiéticos. Pode-se inferir que este "jeitinho brasileiro" advém da colonização, (português) como analisou Sérgio Buarque de Holanda em sua obra "Raízes do Brasil". Os denominados "Aventureiros", navegadores que arriscaram-se às viagens marítimas, fizeram-no por buscarem rápidas recompensas, sem dispensão (não) ao esforço, mesmo que necessitassem subjugar os demais. Como herança, o sentimento demonstra-se presente na (conduta) vida-amarela. Outrossim, a noção de corrupção comportamental atual enraíza a descrença nas instituições formais e na própria natureza humana. Hipócritas, os cidadãos não lutam pela a preservação dos valores e vêem-se céticos quanto à mudanças.

Figura 24[46]

A assunção dos valores capitalistas, de caráter negativo, pela população, segundo os enunciados, deve-se à falta de prática dos valores morais. A lacuna gerada é preenchida por outros elementos axiológicos, em um processo contínuo e natural. Com isso, valores oriundos de instituições "tradicionais" como a família e a religião são sobrepostos. Essa ocorrência é bastante presente nas redações.

[45] Redação número 01 08 21 75, quarto parágrafo.
[46] Redação número 01 02 43 53, terceiro parágrafo.

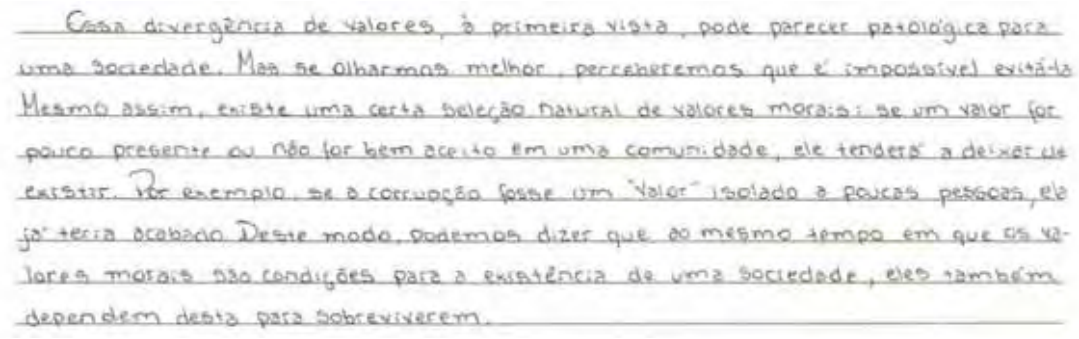

Essa divergência de valores, à primeira vista, pode parecer patológica para uma sociedade. Mas se olharmos melhor, perceberemos que é impossível evitá-la. Mesmo assim, existe uma certa seleção natural de valores morais: se um valor for pouco presente ou não for bem aceito em uma comunidade, ele tenderá a deixar de existir. Por exemplo, se a corrupção fosse um "valor" isolado a poucas pessoas, ela já teria acabado. Desse modo, podemos dizer que, ao mesmo tempo em que os valores morais são condições para a existência de uma sociedade, eles também dependem dela para sobreviverem.

Figura 25[47]

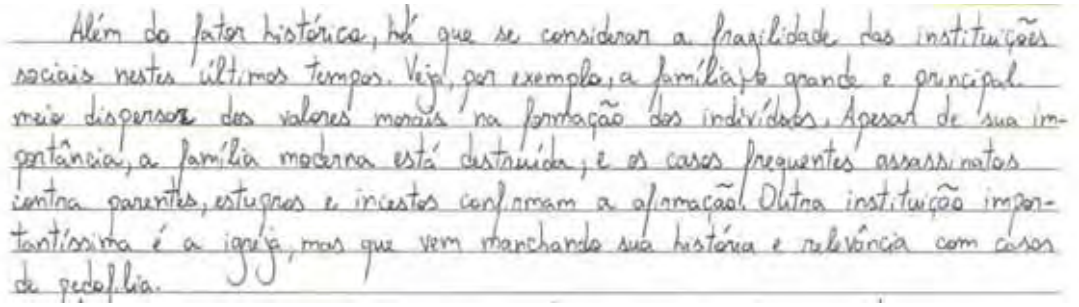

Além do fator histórico, há que se considerar a fragilidade das instituições sociais nestes últimos tempos. Veja, por exemplo, a família, o grande e principal meio dispersor dos valores morais na formação dos indivíduos. Apesar de sua importância, a família moderna está destruída, e os casos frequentes assassinatos contra parentes, estupros e incestos confirmam a afirmação. Outra instituição importantíssima é a igreja, mas que vem manchando sua história e relevância com casos de pedofilia.

Figura 26[48]

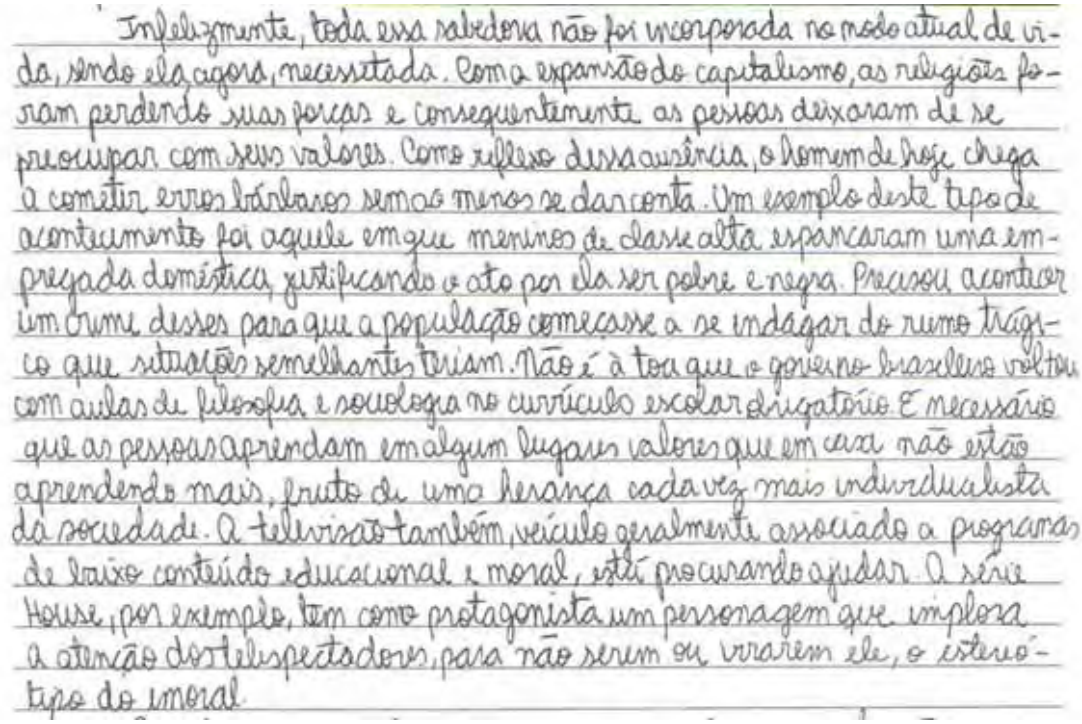

Infelizmente, toda essa sabedoria não foi incorporada no modo atual de vida, sendo ela agora, necessitada. Com a expansão do capitalismo, as religiões foram perdendo suas forças e consequentemente as pessoas deixaram de se preocupar com seus valores. Como reflexo dessa ausência, o homem de hoje chega a cometer erros bárbaros sem ao menos se dar conta. Um exemplo deste tipo de acontecimento foi aquele em que meninos de classe alta esparcaram uma empregada doméstica, justificando o ato por ela ser pobre e negra. Precisou acontecer um crime desses para que a população começasse a se indagar do rumo trágico que situações semelhantes teriam. Não é à toa que o governo brasileiro voltou com aulas de filosofia e sociologia no currículo escolar obrigatório. É necessário que as pessoas aprendam em algum lugares valores que em casa não estão aprendendo mais, fruto de uma herança cada vez mais individualista da sociedade. A televisão também, veículo geralmente associado a programas de baixo conteúdo educacional e moral, está procurando ajudar. A série House, por exemplo, tem como protagonista um personagem que implora a atenção dos telespectadores, para não serem ou virarem ele, o estereótipo do imoral.

Figura 27[49]

[47] Redação número 01 02 27 25, terceiro parágrafo.
[48] Redação número 01 08 80 33, terceiro parágrafo.
[49] Redação número 01 00 66 14, terceiro parágrafo.

Os enunciados de um vestibulando merecem destaque, por ilustrarem precisamente a interação entre dois tipos de valores: o macrovalor e o microvalor. O macrovalor é aquele difundido pelas instituições, como família, religião, escola e Estado; ao passo que o microvalor é a escala valorativa do indivíduo, é o que ele considera com o atributo de bom, justo, correto e desejável. Dessa forma, firma-se um diálogo que interliga os valores circulantes na sociedade e a conduta individual, relacionada à arena de vozes entre o contexto histórico-social e aquilo que o sujeito considera um valor.

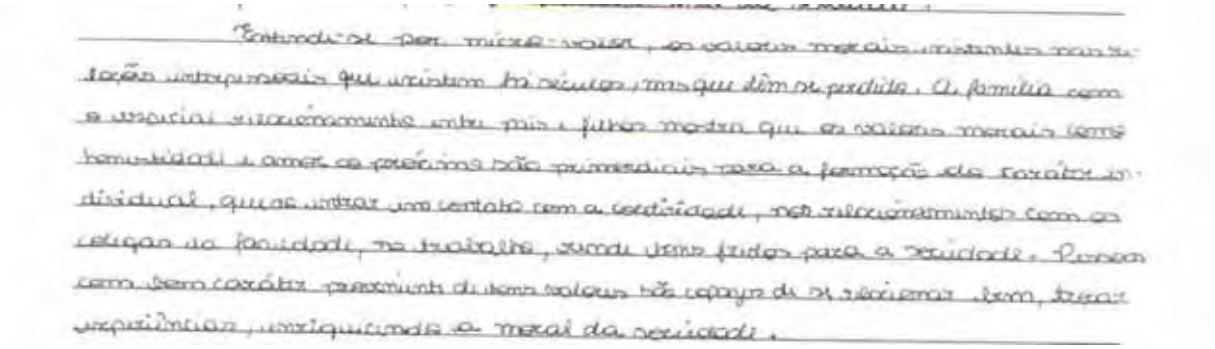


Figura 28[50]

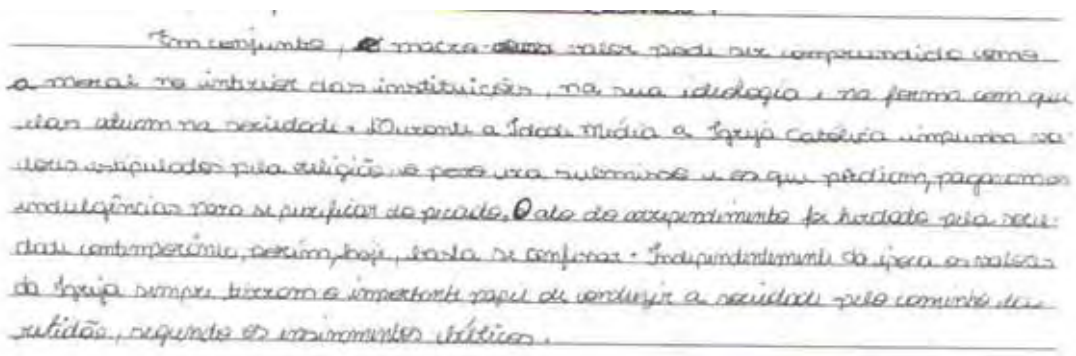


Figura 29[51]

Um discurso bastante presente nas redações foi a vinculação da corrupção como a maior falha moral do brasileiro. Para tanto, forma-se uma relação muito próxima com esfera a política e seus valores.

[50] Redação número 01 02 78 24, terceiro parágrafo.
[51] Redação número 01 02 78 24, quarto parágrafo.

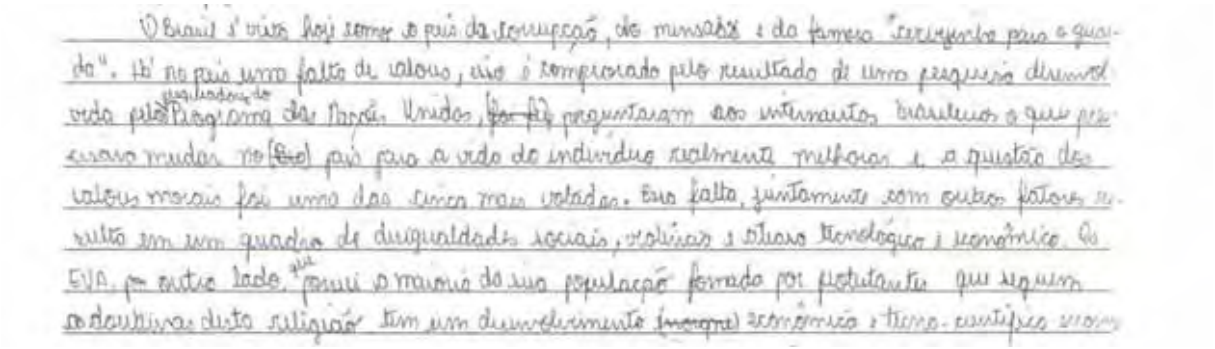
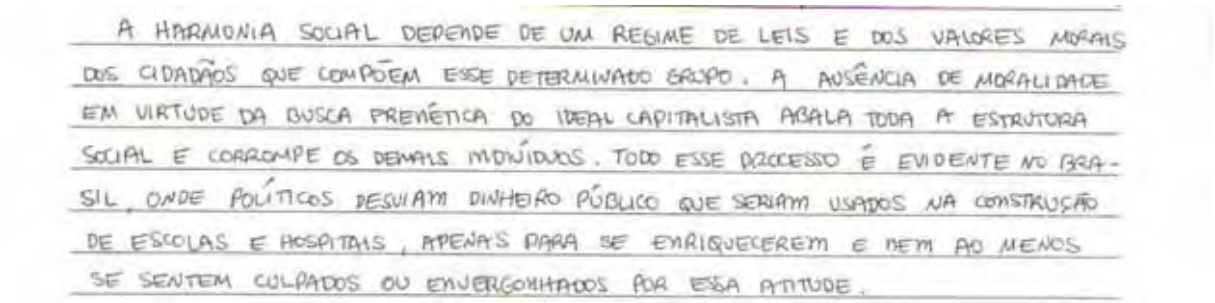


Figura 30[52]



A HARMONIA SOCIAL DEPENDE DE UM REGIME DE LEIS E DOS VALORES MORAIS DOS CIDADÃOS QUE COMPÕEM ESSE DETERMINADO GRUPO. A AUSÊNCIA DE MORALIDADE EM VIRTUDE DA BUSCA FRENÉTICA DO IDEAL CAPITALISTA ABALA TODA A ESTRUTURA SOCIAL E CORROMPE OS DEMAIS INDIVÍDUOS. TODO ESSE PROCESSO É EVIDENTE NO BRASIL, ONDE POLÍTICOS DESVIAM DINHEIRO PÚBLICO QUE SERIAM USADOS NA CONSTRUÇÃO DE ESCOLAS E HOSPITAIS, APENAS PARA SE ENRIQUECEREM E BEM AO MENOS SE SENTEM CULPADOS OU ENVERGONHADOS POR ESSA ATITUDE.

Figura 31[53]

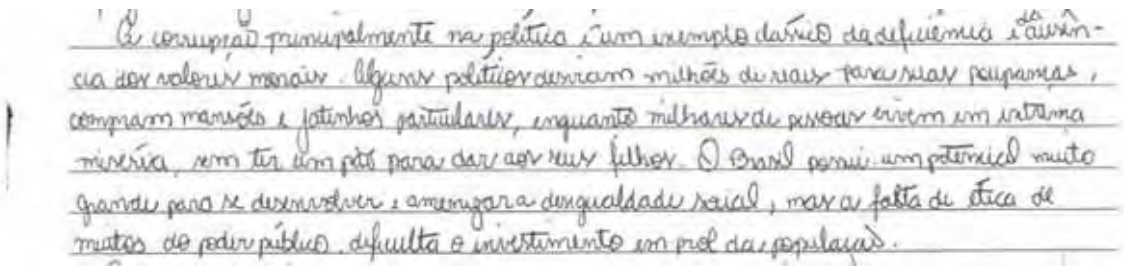


Figura 32[54]

A impunidade é um elemento diretamente ligado à corrupção. Nesse aspecto, a atuação do Poder Judiciário é considerada falha, um valor negativo, que influencia na constituição da moral do brasileiro. Estabelece-se diálogo, destarte, com valores da esfera jurídica. Os poderes Legislativo e Executivo são criticados pela ação da "corrupção" e não quanto ao deslinde de punições.

[52] Redação número 01 08 99 35, terceiro parágrafo.
[53] Redação número 01 02 47 28, terceiro parágrafo.
[54] Redação número 01 08 34 06, quarto parágrafo.

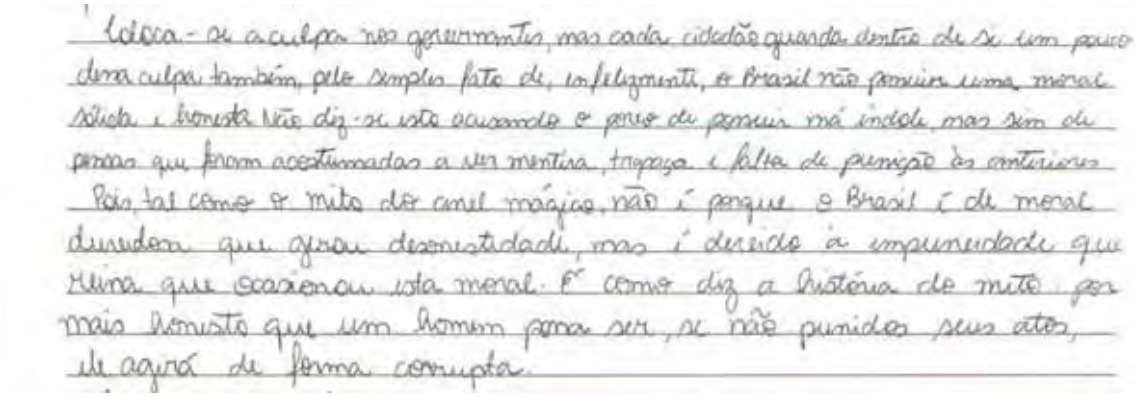

Ideia - se a culpa não governantes, mas cada cidadão guarda dentro de si um pouco dessa culpa também, pelo simples fato de, infelizmente, o Brasil não possuir uma moral sólida e honesta. Não diz-se isto causando o povo de possuir má índole, mas sim de pessoas que foram acostumadas a ver mentira, trapaça e falta de punição às anteriores. Pois, tal como o mito do anel mágico, não é porque o Brasil é de moral duvidosa que gerou desonestidade, mas é devido à impunidade que reina que ocasionou esta moral. É como diz a história do mito, por mais honesto que um homem possa ser, se não punidos seus atos, ele agirá de forma corrupta.

Figura 33[55]

A corrupção, entretanto, não é atribuída somente ao político, mas também ao sujeito comum, através do "jeitinho brasileiro", uma característica histórica. A malandragem da população é considerada um valor negativo, à qual se instaura relação de dissonância. Mobilizam-se valores, nesse diálogo, das esferas social, histórica e filosófica.

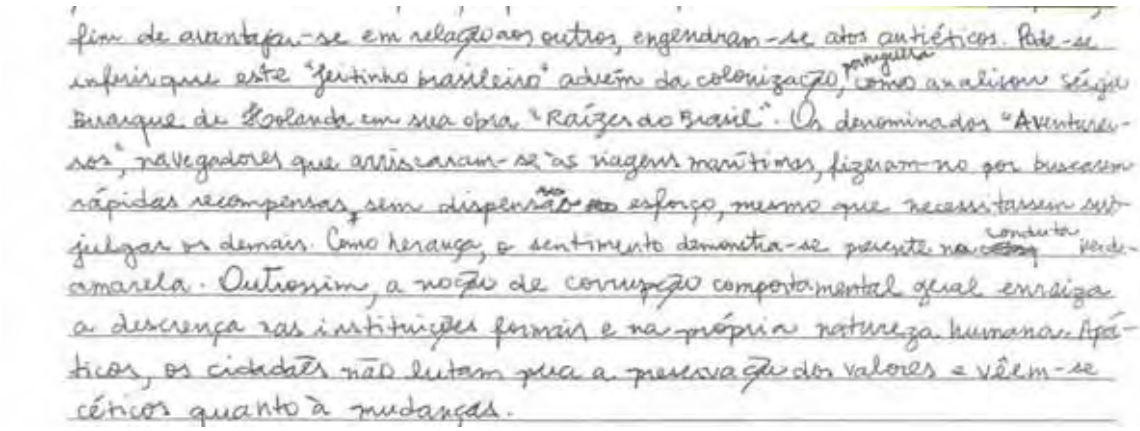

fim de avantajar-se em relação aos outros, engendram-se atos antiéticos. Pode-se inferir que este "jeitinho brasileiro" advém da colonização, pois como analisou sérgio Buarque de Holanda em sua obra, "Raízes do Brasil". Os denominados "Aventureiros", navegadores que arriscaram-se às viagens marítimas, fizeram-no por buscarem rápidas recompensas, sem dispensão de esforço, mesmo que necessitassem subjugar os demais. Como herança, o sentimento demanchia-se presente na conduta verde-amarela. Outrossim, a noção de corrupção comportamental geral enraíza a descrença nas instituições formais e na própria natureza humana. Após ticos, os cidadãos não lutam pela a preservação dos valores e vêem-se céticos quanto à mudanças.

Figura 34[56]

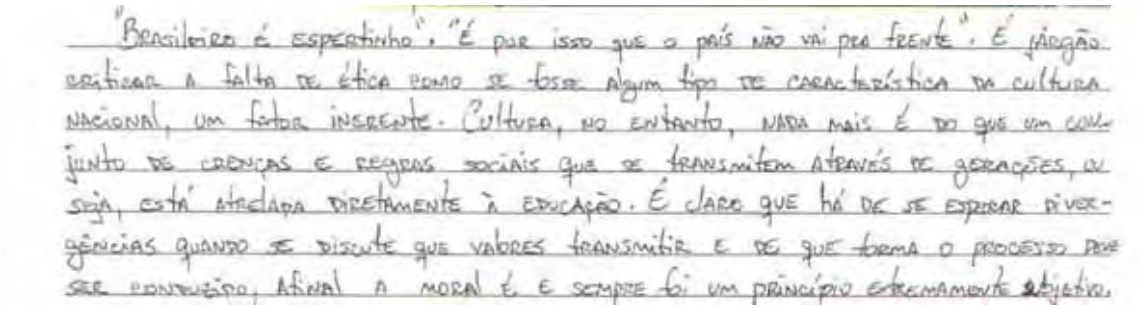

"Brasileiro é esperto", "É por isso que o país não vai pra frente". É jargão criticar a falta de ética como se fosse algum tipo de característica da cultura nacional, um fator inerente. Cultura, no entanto, nada mais é do que um conjunto de crenças e regras sociais que se transmitem através de gerações, ou seja, está atrelada diretamente à educação. É claro que há de se esperar divergências quando se discute que valores transmitir e de que forma o processo deve ser construído. Afinal a moral é e sempre foi um princípio extremamente objetivo.

Figura 35[57]

[55] Redação número 01 08 40 38, quarto parágrafo.
[56] Redação número 01 08 34 06, quarto parágrafo.

Nota-se, em todo o processo, um embate entre os discursos do “eu” e do “outro”, em posições contrárias. Há uma relação entre as forças centrípeta e centrífuga. A força centrípeta é aquela que direciona determinada voz ao centro do discurso circulante, a qual assume maior intensidade e estabelece relações dialógicas mais intensas. A força centrífuga, ao contrário, afasta-se do discurso, possuindo menor representatividade. Essas forças evoluem e regridem em um processo dinâmico e que perdura no tempo. Não se trata de algo instantâneo, via de regra.

Assim, ao mesmo tempo, há a voz histórica, atribuindo à prática da corrupção certa normalidade, o “todo mundo faz”. Em contrapartida, tão logo um caso de corrupção se torne público, a opinião e a revolta da população se avolumam, intensificando-se o inconformismo do “todo” prejudicado.

A “voz” do “eu” ganha maior força à medida que o sistema capitalista se torna mais selvagem, que as disputas de mercado e no ambiente trabalho multiplicam-se. Concomitantemente, o próprio sistema educacional transmite valores desse sistema, como a competição, a meritocracia, o incentivo a superar barreiras e limites. A família, conjuntamente, também difunde esses elementos como desejáveis, essenciais e inevitáveis.

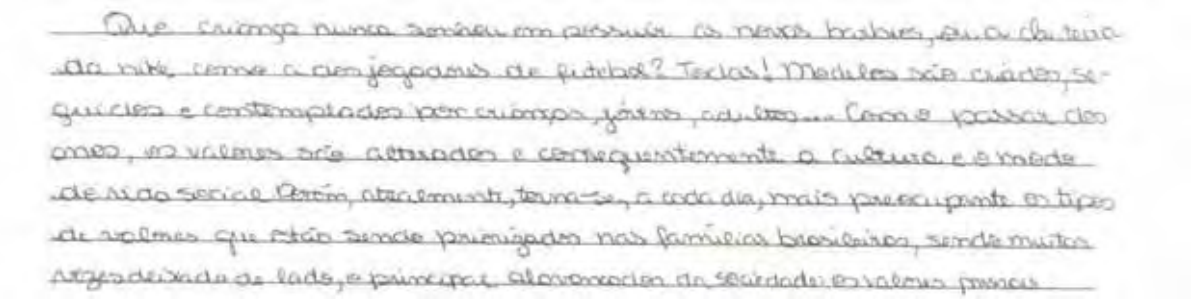


Figura 36[58]

[57] Redação número 01 02 53 76, segundo parágrafo.
[58] Redação número 01 06 88 14, primeiro parágrafo.

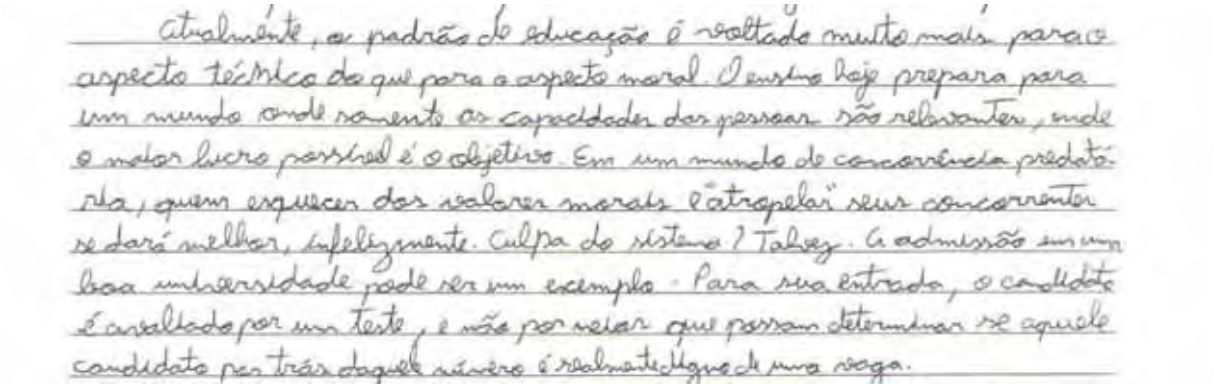

Atualmente, o padrão de educação é voltado muito mais para o aspecto técnico do que para o aspecto moral. O ensino hoje prepara para um mundo onde somente as capacidades das pessoas são relevantes, onde o maior lucro possível é o objetivo. Em um mundo de concorrência predatória, quem esquecer dos valores morais e "atropelar" seus concorrentes se dará melhor, infelizmente. Culpa do sistema? Talvez. A admissão em uma boa universidade pode ser um exemplo. Para sua entrada, o candidato é avaliado por um teste, e não por notas que possam determinar se aquele candidato por trás daquele número é realmente digno de uma vaga.

Figura 37[59]

A análise do *corpus* permitiu observar o diálogo de vozes sociais, com mobilização de valores da esfera histórica, social, política, filosófica, religiosa, familiar e judiciária. Os enunciados dos vestibulandos estabeleceram diálogo com a proposta de redação, em especial com o assunto determinado.

O discurso circulante entre os enunciados foi que o maior problema moral do país é a corrupção, estabelecendo-se um diálogo com a prática dos políticos, atribuindo-lhe valor axiológico negativo. O principal motivador da alteração da prática axiológica da sociedade foi o Capitalismo, que promoveu a ascensão de valores relacionados à materialidade, ao dinheiro e ao egoísmo. A esses valores, houve a vinculação de valores negativos.

Concomitantemente, existiu ligação da assunção dos valores capitalistas ao enfraquecimento de instituições como família, religião e escola. A somatória desses fatores permitiu concluir que os valores morais, embora sejam importantes, não são praticados pela maioria da população brasileira, segundo a voz dos candidatos.

4.3.2 Indícios de autoria

Na análise dos indícios da autoria, serão buscadas marcas que identificam a voz autoral do vestibulando. Para tanto, serão consideradas características que possam ser atribuídas a um estilo pessoal, que o distingam, que diferenciem seu modo de dizer.

Nesse prisma, cumpre afirmar, inicialmente, que há voz autoral nas redações. Para comprovar essa hipótese, serão destacados: a forma de citar o discurso alheio, a oportunidade da citação, a maneira de manejar o discurso circulante em seus enunciados, o repertório cultural – considerado o conjunto de vozes e discursos histórico-sociais que integram seus

[59] Redação número 01 02 85 02, terceiro parágrafo.

enunciados; o manejo dos elementos linguísticos na construção dos enunciados; e a interação entre os enunciados; as condições de produção; e a relação das redações com a proposta de redação.

Os candidatos citaram diretamente a proposta de vestibular, formada pela proposição e dois dos textos nela indicados. São objetos de citação, desse modo: a pesquisa do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e sua pesquisa; o texto do repentista cearense Patativa do Assaré "Brasi de Cima e Brasi de Baxo" e o livro *O discípulo de Emaús* de Murilo Mendes. A voz dos candidatos estabeleceu uma relação de concordância com os conteúdos axiológicos mobilizados pelos enunciados, estipulando uma relação de ressonância, existindo apenas dois vestibulandos que estipularam uma relação disfórica.

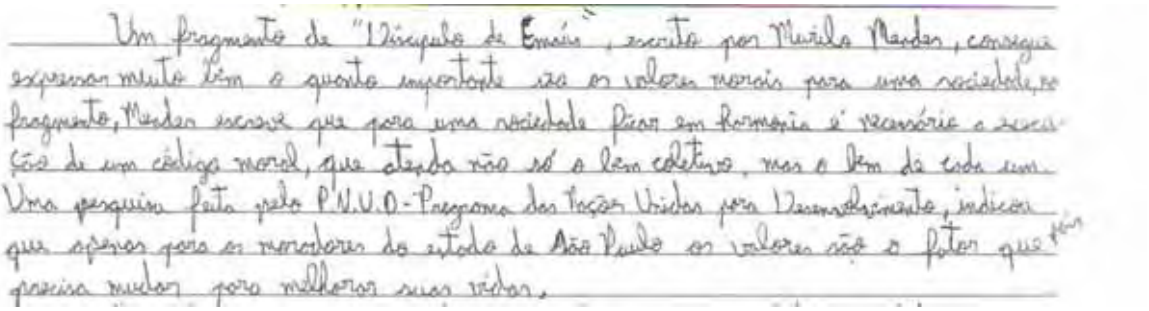


Figura 38[60]

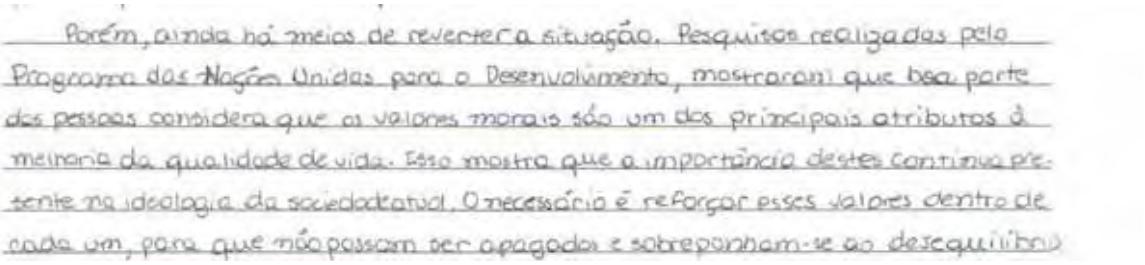
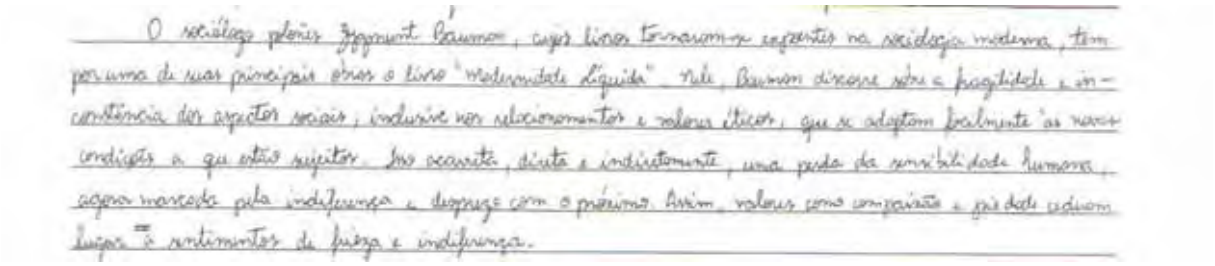


Figura 39[61]

Os vestibulandos, na construção de seus enunciados, citaram, direta e indiretamente, o discurso alheio demarcado, estipulando diálogo com várias esferas da atuação humana. Houve o discurso de concordância com o "outro" citado, atribuindo ao enunciado maior autoridade, como também a discordância, relativizando o enunciado "alheio".

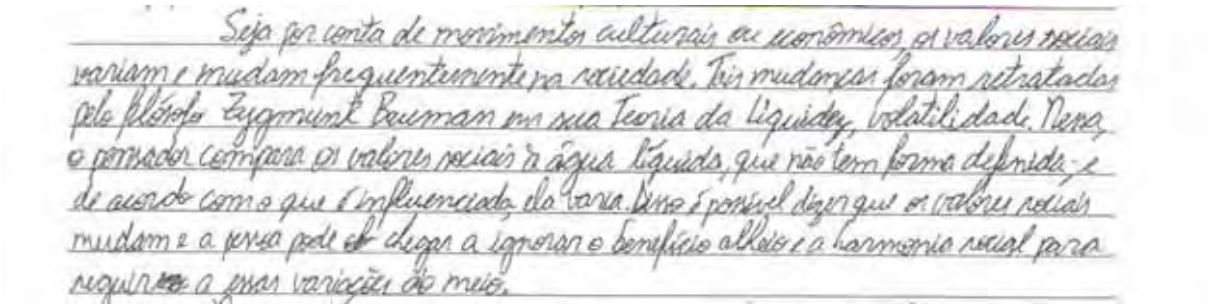
[60] Redação número 01 02 51 04, terceiro parágrafo.
[61] Redação número 01 02 84 30, terceiro parágrafo.

Por meio do discurso de concordância, um autor com o qual se estabeleceu o diálogo com a esfera sociológica, através dos sociólogos Zygmunt Bauman, Sérgio Buarque de Holanda e Durkhein:



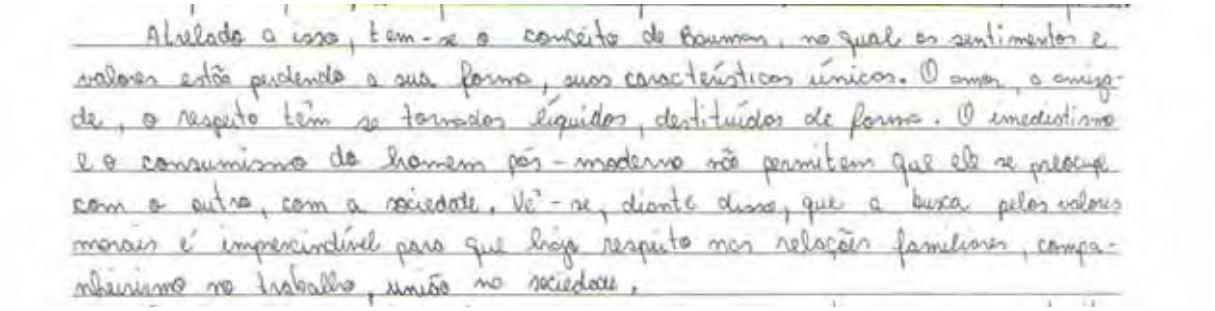
O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, cujos livros tornaram-se expoentes na sociedade moderna, tem por uma de suas principais obras o livro "Modernidade Líquida". Nele, Bauman discorre sobre a fragilidade e inconsistência dos aspectos sociais, incluindo nos relacionamentos e valores éticos, que se adaptam facilmente às novas condições a que estão sujeitos. Isso ocorrido, direta e indiretamente, uma perda da sensibilidade humana, agora marcada pela indiferença e desprezo com o próximo. Assim, valores como compaixão e piedade cedem lugar à sentimentos de frieza e indiferença.

Figura 40[62]



Seja por conta de movimentos culturais ou econômicos, os valores sociais variam e mudam frequentemente na sociedade. Tais mudanças foram retratadas pelo filósofo Zygmunt Bauman em sua Teoria da Liquidez, Volatilidade. Nesta, o pensador compara os valores sociais à água líquida, que não tem forma definida, e de acordo com o que é influenciada, ela varia. Dessa forma é possível dizer que os valores sociais mudam e a pessoa pode chegar a ignorar o benefício alheio e a harmonia social para seguir as suas variações do meio.

Figura 41[63]



Atrelado a isso, tem-se o conceito de Bauman, no qual os sentimentos e valores estão perdendo a sua forma, suas características únicas. O amor, a amizade, o respeito têm se tornados líquidos, destituídos de forma. O imediatismo e o consumismo do homem pós-moderno não permitem que ele se preocupe com o outro, com a sociedade. Vê-se, diante disso, que a busca pelos valores morais é imprescindível para que haja respeito nas relações familiares, companheirismo no trabalho, união na sociedade.

Figura 42[64]

[62] Redação número 01 04 92 91, segundo parágrafo.
[63] Redação número 01 02 27 25, terceiro parágrafo.
[64] Redação número 01 03 79 43, terceiro parágrafo.

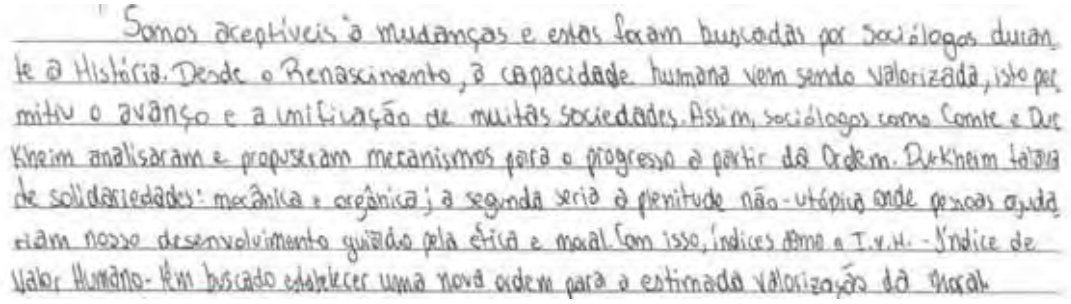

Somos aceptíveis à mudanças e estas foram buscadas por sociólogos durante a História. Desde o Renascimento, a capacidade humana vem sendo valorizada, isto permitiu o avanço e a unificação de muitas sociedades. Assim, sociólogos como Comte e Durkheim analisaram e propuseram mecanismos para o progresso a partir da Ordem. Durkheim falava de solidariedades: mecânica e orgânica; a segunda seria a plenitude não-utópica onde pessoas ajudariam nosso desenvolvimento guiados pela ética e moral. Com isso, índices como o I.V.H. - Índice de Valor Humano - têm buscado estabelecer uma nova ordem para a estimada valorização do moral.

Figura 43[65]

A filosofia, a psicanálise e a esfera jornalística também foram citadas diretamente, por meio do discurso de concordância, do diálogo com a voz da "autoridade", cuja função será dar credibilidade à voz do vestibulando. Nesse aspecto, destacam-se as vozes de Karl Marx, Marilena Chauí, Clóvis Rossi, Sócrates, Hobbes, John Locke, Rosseau, Jean-François Lyotard, Freud, Nietzsche, Giges, Comte, Hanna Arendt, Lévi-Strauss, Voltaire e Montesquieu.

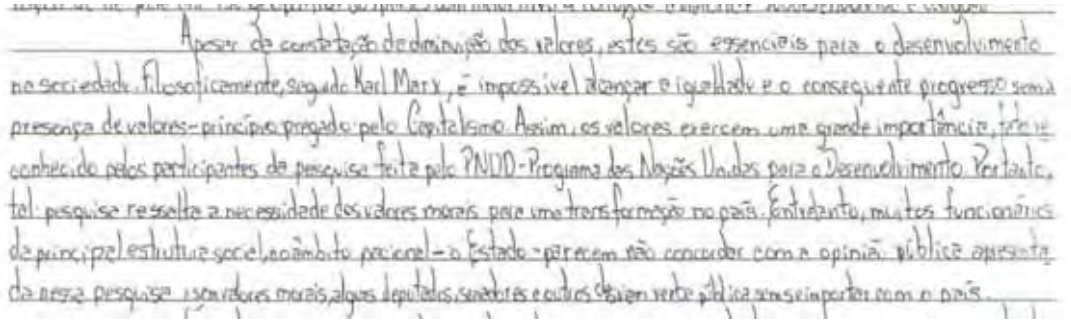

Apesar da constatação de diminuição dos valores, estes são essenciais para o desenvolvimento na sociedade. Filosoficamente, segundo Karl Marx, é impossível alcançar a igualdade e o consequente progresso sem a presença de valores - princípios pregado pelo Capitalismo. Assim, os valores exercem uma grande importância, fato conhecido pelos participantes da pesquisa feita pelo PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Portanto, tal pesquisa ressalta a necessidade dos valores morais para uma transformação no país. Entretanto, muitos funcionários de principal estrutura social, o âmbito nacional - o Estado - parecem não concordar com a opinião pública apresentada nessa pesquisa. Os valores morais, alguns deputados, senadores e outros do bem servir público não se importam com o país.

Figura 44[66]

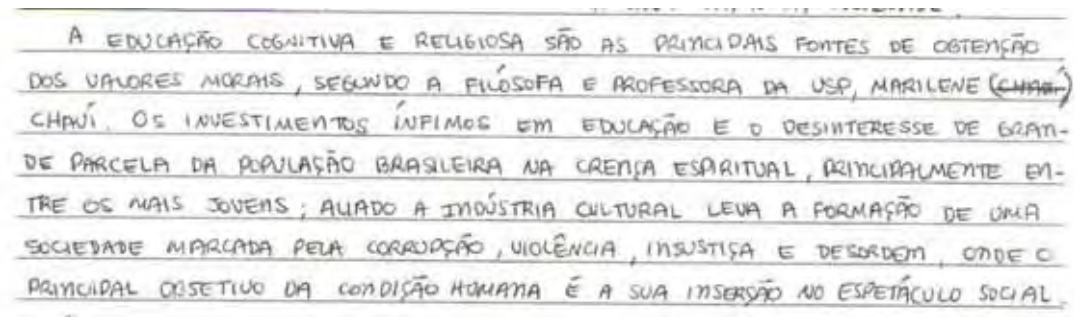

A EDUCAÇÃO COGNITIVA E RELIGIOSA SÃO AS PRINCIPAIS FONTES DE OBTENÇÃO DOS VALORES MORAIS, SEGUNDO A FILÓSOFA E PROFESSORA DA USP, MARILENE ~~CHAUÍ~~ CHAUÍ. OS INVESTIMENTOS ÍNFIMOS EM EDUCAÇÃO E O DESINTERESSE DE GRANDE PARCELA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA NA CRENÇA ESPIRITUAL, PRINCIPALMENTE ENTRE OS MAIS JOVENS; ALIADO A INDÚSTRIA CULTURAL LEVA A FORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE MARCADA PELA CORRUPÇÃO, VIOLÊNCIA, INJUSTIÇA E DESORDEM, ONDE O PRINCIPAL OBJETIVO DA CONDIÇÃO HUMANA É A SUA INSERÇÃO NO ESPETÁCULO SOCIAL.

Figura 45[67]

[65] Redação número 01 00 09 18, segundo parágrafo.
[66] Redação número 01 02 47 28, segundo parágrafo.
[67] Redação número 01 04 88 56, quarto parágrafo.

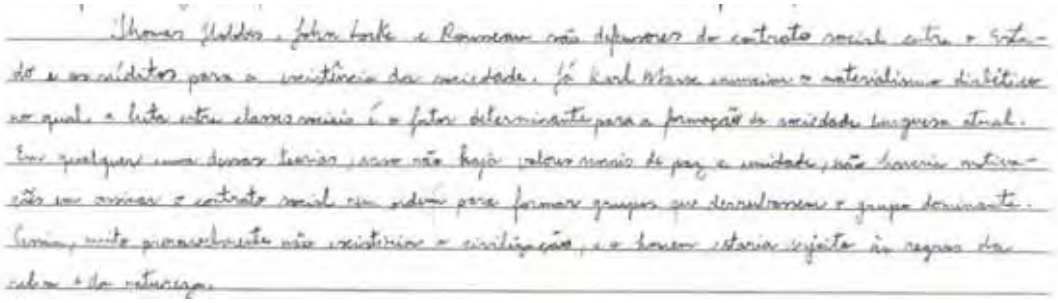


Figura 46[68]

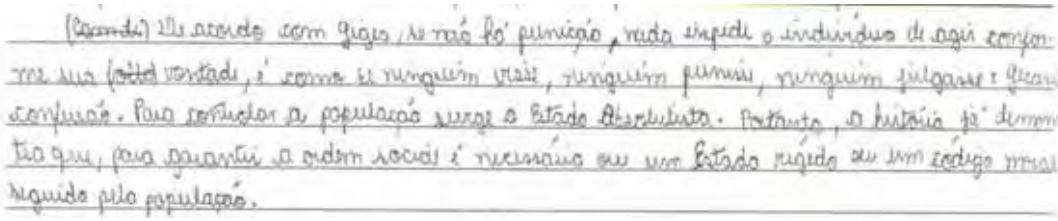


Figura 47[69]

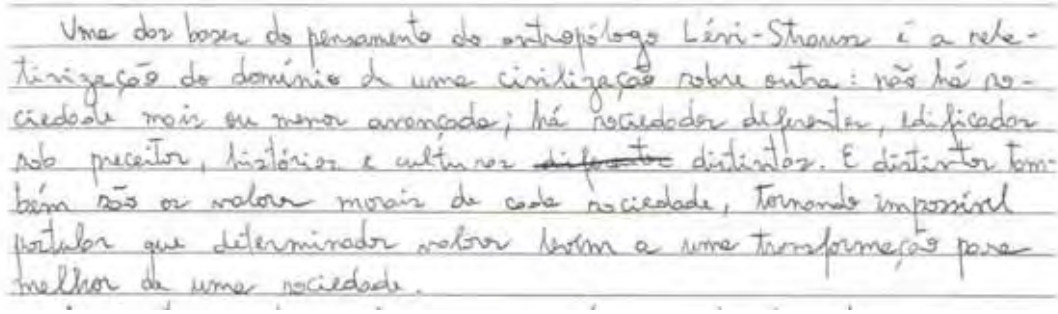


Figura 48[70]

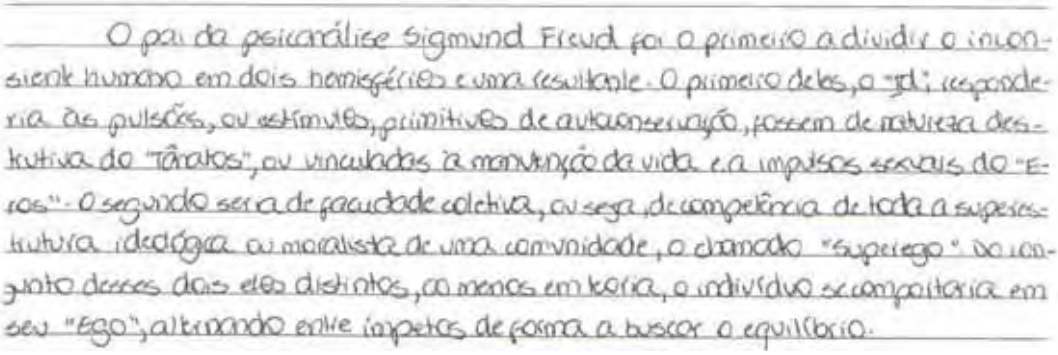


Figura 49[71]

[68] Redação número 01 00 33 72, segundo parágrafo.
[69] Redação número 01 08 99 35, terceiro parágrafo.
[70] Redação número 01 01 46 17, primeiro parágrafo.
[71] Redação número 01 00 16 55, primeiro parágrafo.

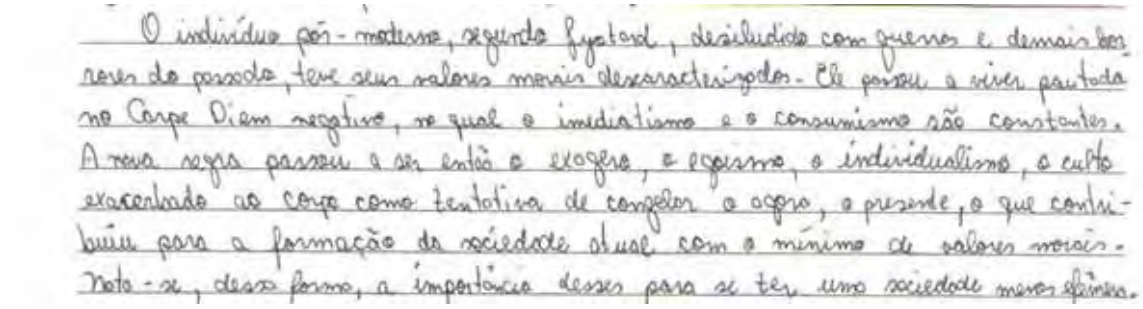

O indivíduo pós-moderno, segundo Lyotard, desiludido com guerras e demais horrores do passado, teve seus valores morais descaracterizados. Ele passou a viver pautado no Carpe Diem negativo, no qual o imediatismo e o consumismo são constantes. A nova regra passou a ser então o ecoger, o egoísmo, o individualismo, o culto exacerbado ao corpo como tentativa de congelar o agora, o presente, o que contribui para a formação de sociedade atual com o mínimo de valores morais. Nota-se, dessa forma, a importância desses para se ter uma sociedade menos efêmera.

Figura 50[72]

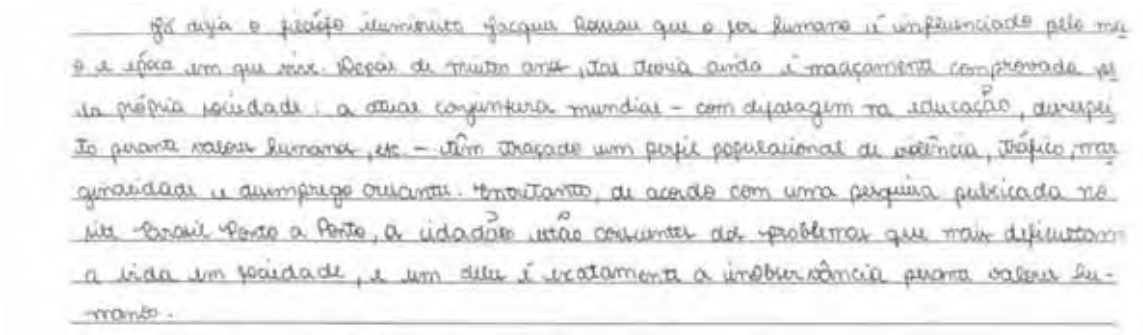

Já o filósofo iluminista Jacques Rousseau que o ser humano é influenciado pelo meio e época em que vive. Depois de muitos anos, ele teria ainda a mesma comprovada pela própria sociedade: a atual conjuntura mundial - com desvalorização na educação, desrespeito para valores humanos, etc - vêm traçando um perfil populacional de violência, tráfico, marginalidade e desemprego crescente. Entretanto, ao acordo com uma pesquisa publicada na revista Brasil Ponto a Ponto, a vida não consumem dos problemas que mais dificultam a vida em sociedade, e um dele é exatamente a irresponsabilidade para valores humanos.

Figura 51[73]

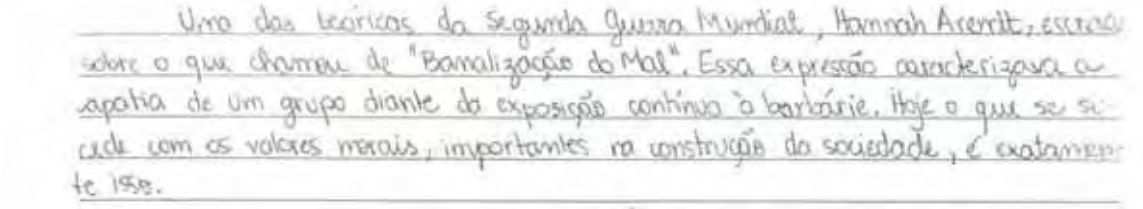

Uma das teóricas da Segunda Guerra Mundial, Hannah Arendt, escreveu sobre o que chamou de "Banalização do Mal". Essa expressão caracterizava a apatia de um grupo diante da exposição contínua à barbárie. Hoje o que se vê cada com os valores morais, importantes na construção da sociedade, é exatamente isso.

Figura 52[74]

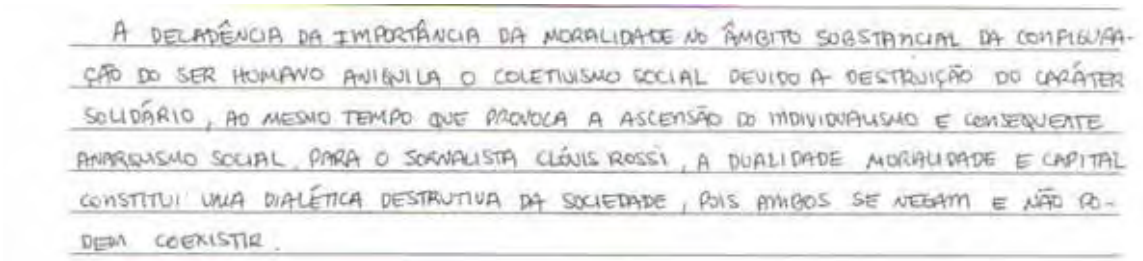

A DECADÊNCIA DA IMPORTÂNCIA DA MORALIDADE NO ÂMBITO SUBSTANCIAL DA COMPLEXIFICAÇÃO DO SER HUMANO ANIQUILA O COLETIVISMO SOCIAL DEVIDO A DESTRUIÇÃO DO CARÁTER SOLIDÁRIO, AO MESMO TEMPO QUE PROVOCA A ASCENSÃO DO INDIVIDUALISMO E CONSEQUENTE ANARQUISMO SOCIAL. PARA O SOCIALISTA CLÓVIS ROSSI, A DUALIDADE MORALIDADE E CAPITAL CONSTITUI UMA DIALÉTICA DESTRUTIVA DA SOCIEDADE, POIS AMBOS SE NEGAM E NÃO PODEM COEXISTIR.

Figura 53[75]

[72] Redação número 01 03 79 43, segundo parágrafo.
[73] Redação número 01 00 34 53, primeiro parágrafo.
[74] Redação número 01 01 54 94, primeiro parágrafo.
[75] Redação número 01 04 88 56, quarto parágrafo.

As esferas da atividade humana filosófica, sociológica, psicológica e pedagógica foram citadas diretamente por alguns enunciados, de maneira genérica – isto é, sem a demarcação do termo -, retomando um discurso circulante, com o qual o vestibulando estabelece uma relação de concordância, com a intenção de afirmar ou reafirmar a importância dos valores morais.

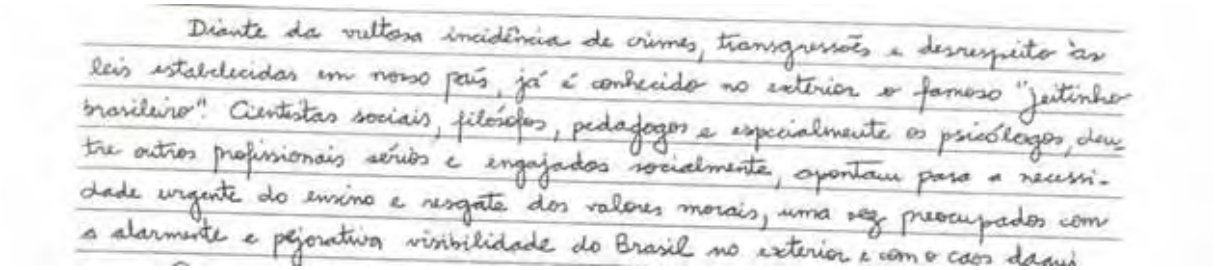

Diante da vultosa incidência de crimes, transgressões e desrespeito às leis estabelecidas em nosso país, já é conhecido no exterior o famoso "jeitinho brasileiro". Cientistas sociais, filósofos, pedagogos e especialmente os psicólogos, dentre outros profissionais sérios e engajados socialmente, apontam para a necessidade urgente do ensino e resgate dos valores morais, uma vez preocupados com a alarmante e pejorativa visibilidade do Brasil no exterior e com o caos daqui

Figura 54[76]

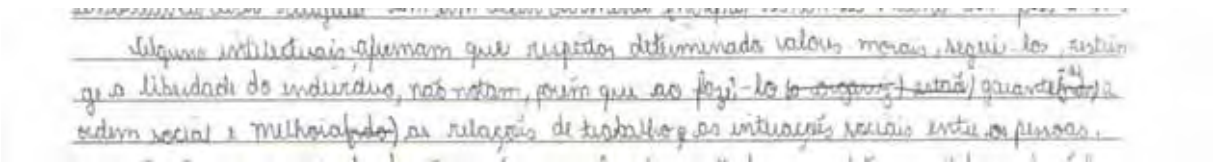

Alguns indivíduos ignoram que respeitar determinados valores morais, seguir leis restringe a liberdade do indivíduo, não notam, porém que ao fazê-los (o progresso) gera(ndo) a ordem social e melhora(ndo) as relações de trabalho e as interações sociais entre as pessoas.

Figura 55[77]

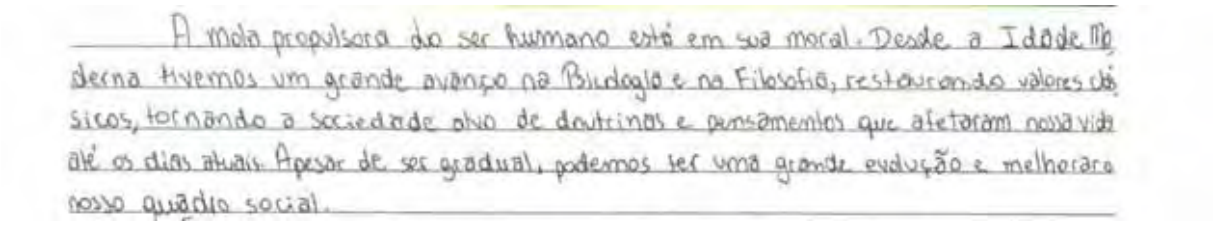

A mola propulsora do ser humano está em sua moral. Desde a Idade Moderna tivemos um grande avanço na Biologia e na Filosofia, restaurando valores clássicos, tornando a sociedade alvo de doutrinas e pensamentos que afetaram nossa vida até os dias atuais. Apesar de ser gradual, podemos ter uma grande evolução e melhorarmos nosso quadro social.

Figura 56[78]

Também é perceptível a citação dos valores axiológicos advindos dos enunciados do discurso social e incorporados ao circulante. Nessa situação, há concordância com a voz "citada", mas repulsa ao comportamento descrito.

[76] Redação número 01 06 04 22, primeiro parágrafo.
[77] Redação número 01 08 99 35, quinto parágrafo.
[78] Redação número 01 00 09 18, primeiro parágrafo.

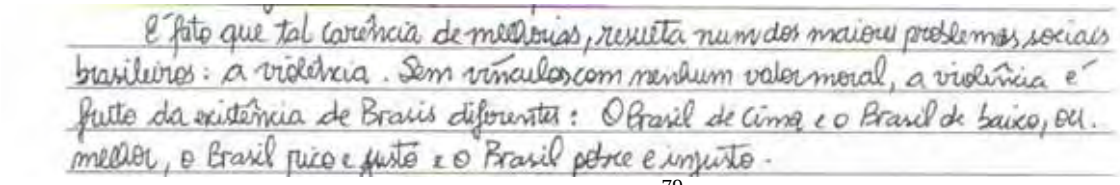

É fato que tal carência de melhorias, resulta num dos maiores problemas sociais brasileiros: a violência. Sem vínculos com nenhum valor moral, a violência é fruto da existência de Brasis diferentes: O Brasil de cima e o Brasil de baixo, ou, melhor, o Brasil rico e justo e o Brasil pobre e injusto.

Figura 57[79]

Também existiu a citação de Maquiavel, atribuindo, nesse caso, uma relação de dissonância entre o vestibulando e o conteúdo axiológico veiculado:

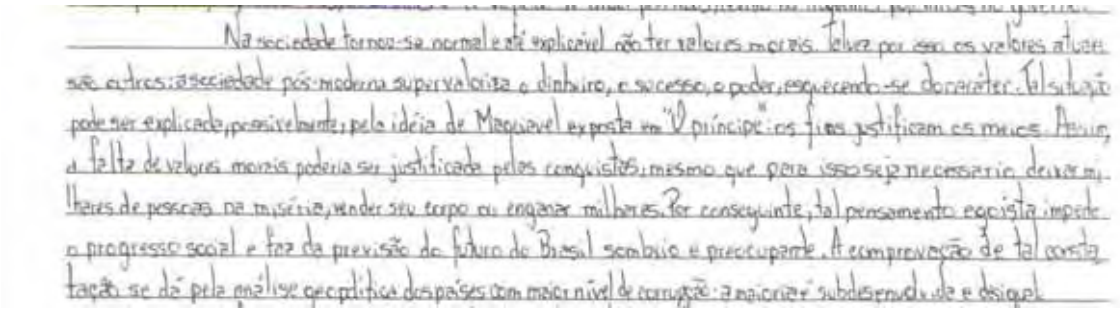

Na sociedade tornou-se normal e até explicável não ter valores morais. Talvez por isso os valores atuais são outros: a sociedade pós-moderna supervaloriza o dinheiro, o sucesso, o poder, esquecendo-se do caráter. Tal situação pode ser explicada, provavelmente, pela idéia de Maquiavel exposta em "O príncipe": os fins justificam os meios. Assim, a falta de valores morais poderia ser justificada pelas conquistas, mesmo que para isso seja necessário deixar milhares de pessoas na miséria, vender seu corpo ou enganar milhares. Por conseguinte, tal pensamento egoísta impede o progresso social e faz da previsão do futuro do Brasil sombrio e preocupante. A comprovação de tal constatação se dá pela análise de países com maior nível de corrupção: a maioria é subdesenvolvida e desigual.

Figura 58[80]

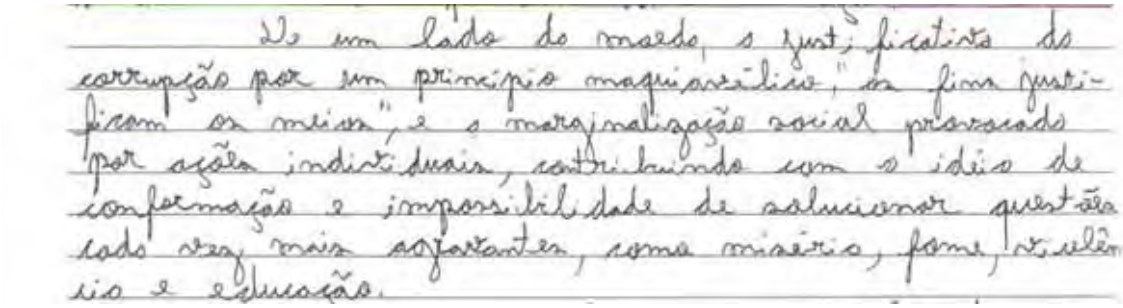
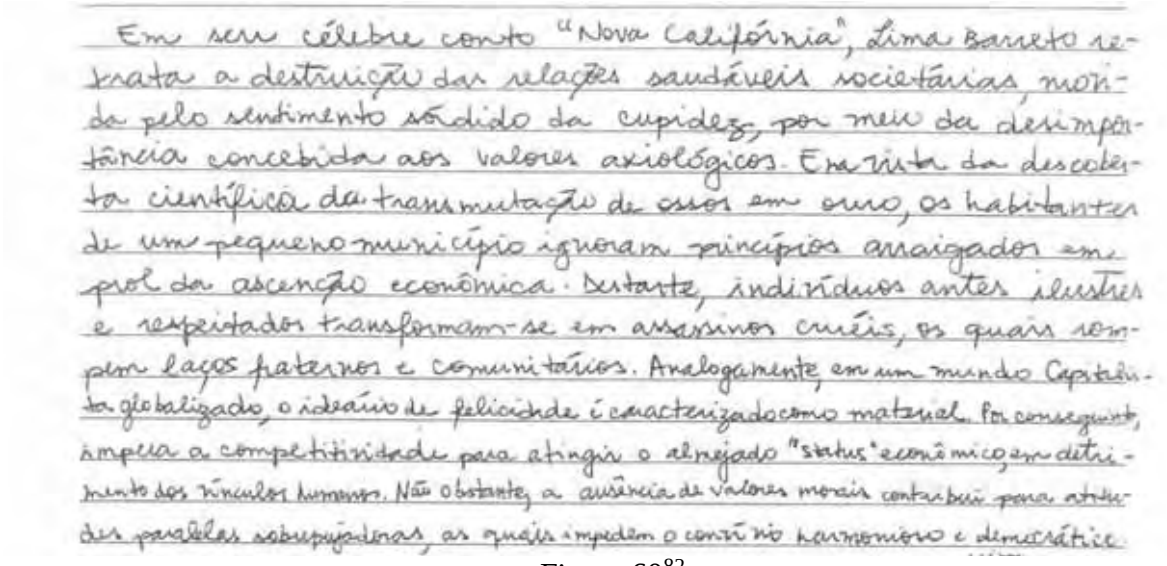

De um lado do mundo, o ilustre ficcionista da corrupção por um princípio maquiavélico: "os fins justificam os meios", e a marginalização social provocada por ações individuais, contribuindo com a idéia de conformação e impossibilidade de solucionar questões cada vez mais assustadoras, como miséria, fome, violência e educação.

Figura 59[81]

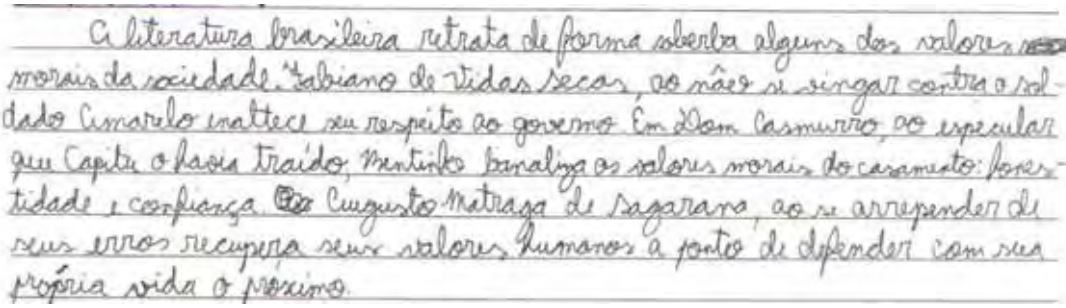
A literatura, através de diversos autores, foi citada pelos vestibulandos, com a intenção de estabelecer uma comparação, um paralelo com o cenário atual. Além disso, busca-se também demonstrar o conhecimento enciclopédico ao Avaliador. A voz emergente do candidato, todavia é dissonante à prática relatada, um discurso de reprovação e discordância, fixando-a como um valor negativo.

[79] Redação número 01 08 93 58, quarto parágrafo.
[80] Redação número 01 04 88 56, terceiro parágrafo.
[81] Redação número 01 07 35 83, quarto parágrafo.



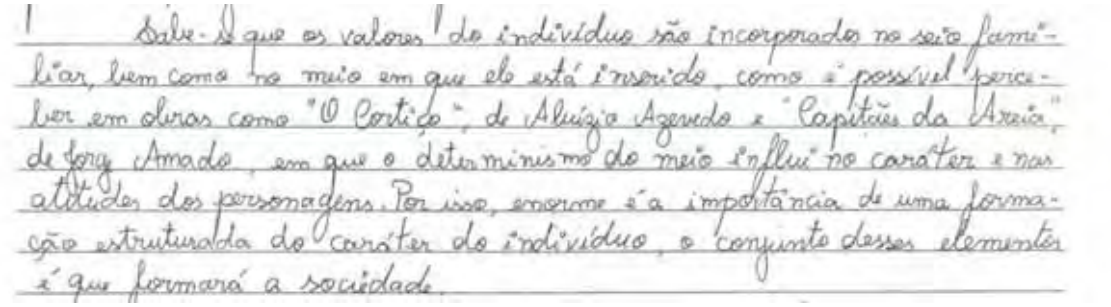
Em seu célebre conto "Nova California", Lima Barreto retrata a destruição das relações saudáveis societárias, movida pelo sentimento sórdido da cupidez, por meio da desimportância concebida aos valores axiológicos. Em vista da descoberta científica da transmutação de ossos em ouro, os habitantes de um pequeno município ignoram princípios arraigados em prol da ascenção econômica. Destarte, indivíduos antes ilustres e respeitados transformam-se em assassinos cruéis, os quais rompem laços paternos e comunitários. Analogamente, em um mundo Capitalista globalizado, o ideário de felicidade é caracterizado como material. Por conseguinte, impera a competitividade para atingir o almejado "status" econômico, em detrimento dos vínculos humanos. Não obstante, a ausência de valores morais contribui para atitudes parasitas sobrepujadoras, as quais impedem o convívio harmonioso e democrático

Figura 60[82]



A literatura brasileira retrata de forma soberba alguns dos valores morais da sociedade. Fabiano de Vidas Secas, ao não se singar contra o soldado Amarelo exalteceu seu respeito ao governo. Em Dom Casmurro, ao especular que Capitu o havia traído, Bentinho banaliza os valores morais do casamento: fidelidade e confiança. Em Augusto Matraga de Sagarana, ao se arrepender de seus erros recupera seus valores humanos a ponto de defender com sua própria vida o próximo.

Figura 61[83]



Sabe-se que os valores do indivíduo são incorporados no seio familiar, bem como no meio em que ele está inserido, como é possível perceber em obras como "O Cortiço", de Aluízio Azevedo e "Capitães da Areia", de Jorge Amado, em que o determinismo do meio influi no caráter e nas atitudes dos personagens. Por isso, enorme é a importância de uma formação estruturada do caráter do indivíduo, o conjunto desses elementos é que formará a sociedade.

Figura 62[84]

[82] Redação número 01 08 31 98, primeiro parágrafo.
[83] Redação número 01 03 33 60, terceiro parágrafo.
[84] Redação número 01 04 66 24, quarto parágrafo.

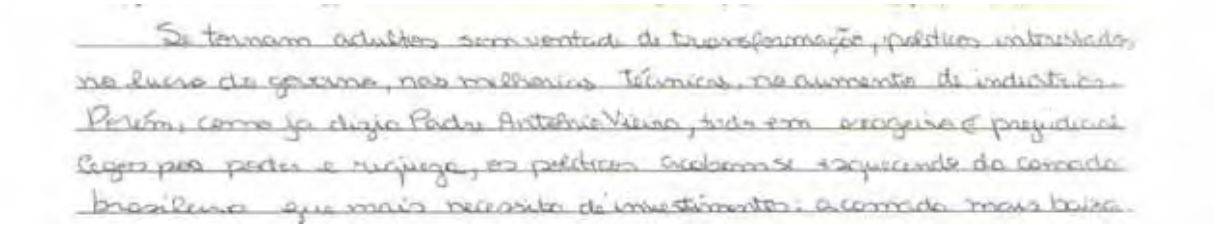


Figura 63[85]

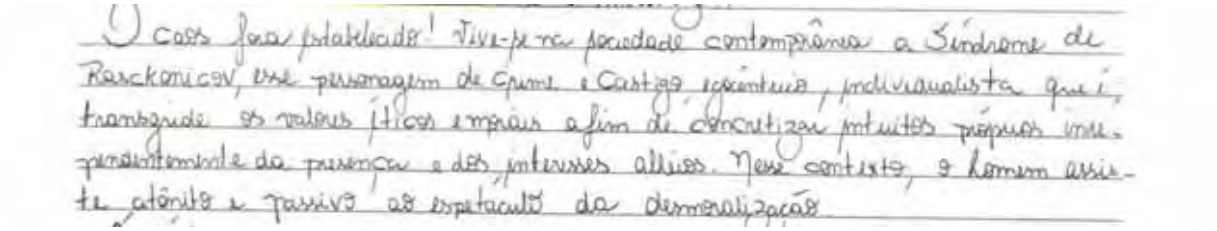


Figura 64[86]

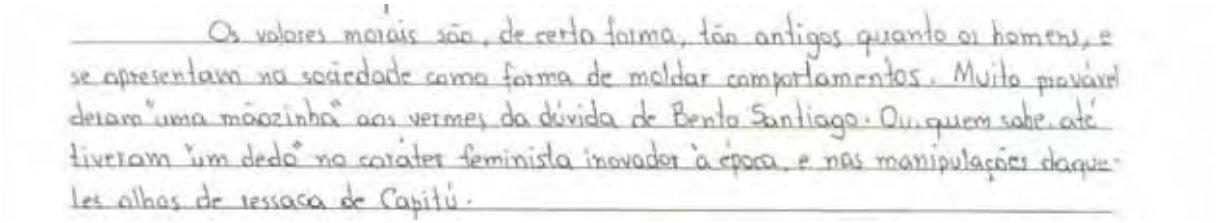
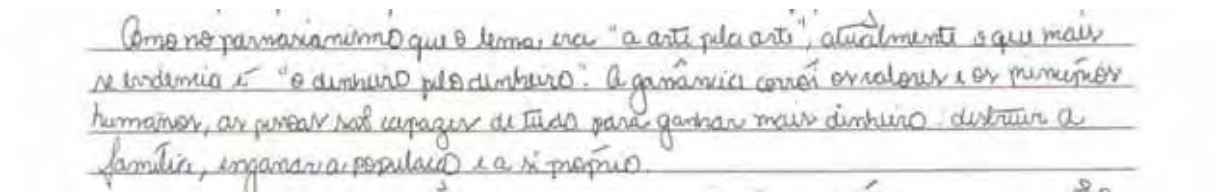


Figura 65[87]

Houve a citação de uma escola literária, com a intenção de estipular parâmetros para uma comparação de semelhança e dissonância. No recorte a seguir, há a comparação do Parnasianismo com o contexto atual, procurando evidenciar a diferença entre o ideal da escola literária, que apregoava a "arte pela arte", uma espécie de idealismo, ao cenário atual, transmutando-o para "o dinheiro pelo dinheiro", um valor desejado. Essa comparação, além de demarcar a autoria do candidato, gera um efeito de sentido expressivo, além de demonstrar o repertório cultural do vestibulando.



[85] Redação número 01 06 88 14, quarto parágrafo.
[86] Redação número 01 03 01 16, primeiro parágrafo.
[87] Redação número 01 07 12 11, quarto parágrafo.

Figura 66[88]

Foram citados nos discursos exemplos de políticos e religiosos, cuja função foi ilustrar com fatos o "caos" estabelecido no âmbito moral nacional, adotando-se o discurso de discordância com a prática.

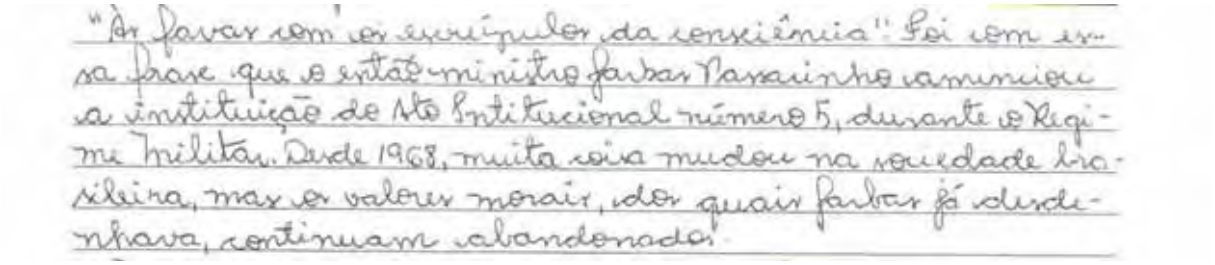

"Ao falar com os escrúpulos da consciência". Foi com essa frase que o então ministro Jarbas Passarinho comunicou a instituição do Ato Institucional número 5, durante o Regime Militar. Desde 1968, muita coisa mudou na sociedade brasileira, mas os valores morais, dos quais falar já desdenhava, continuam abandonados.

Figura 67[89]

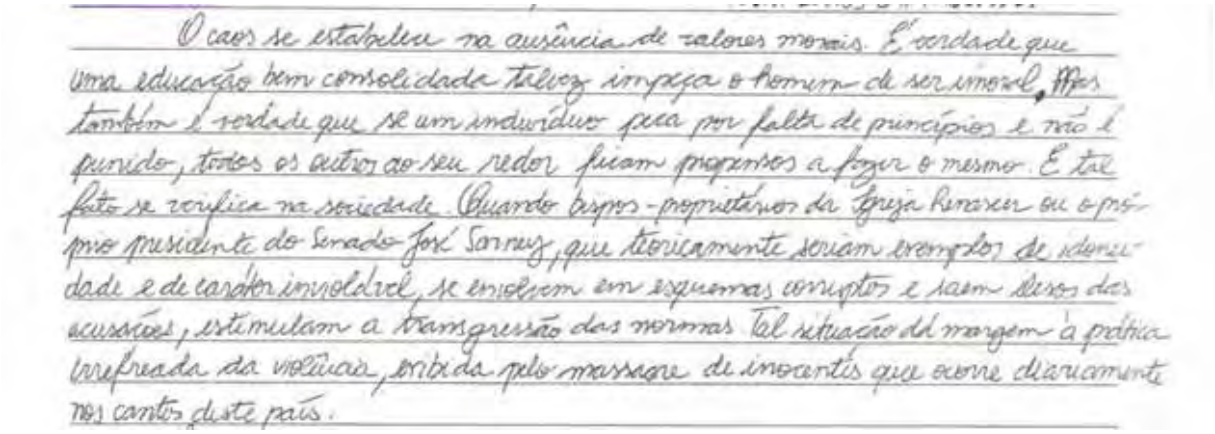
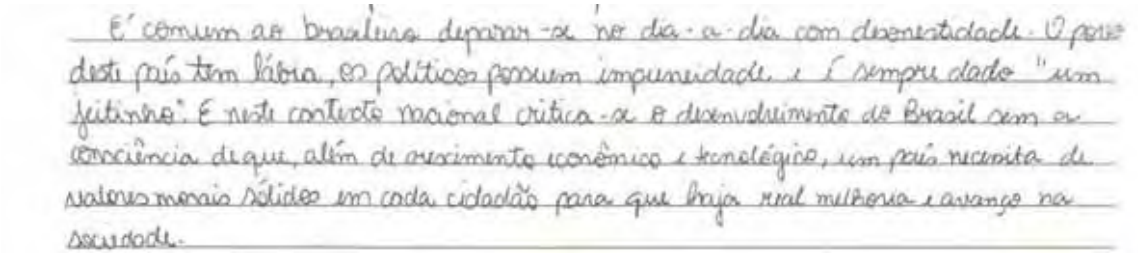

O caos se estabelece na ausência de valores morais. É verdade que uma educação bem consolidada talvez impeça o homem de ser imoral, Mas também é verdade que se um indivíduo peca por falta de princípios e não é punido, todos os outros ao seu redor ficam propensos a fazer o mesmo. É tal fato se verifica na sociedade. Quando bispos - proprietários da Igreja Renascer ou o próprio presidente do Senado José Sarney, que teoricamente seriam exemplos de idoneidade e de caráter inviolável, se envolvem em esquemas corruptos e saem ilesos das acusações, estimulam a transgressão das normas. Tal situação dá margem à prática desenfreada da violência, evitada pelo massacre de inocentes que ocorre diariamente nos cantos deste país.

Figura 68[90]

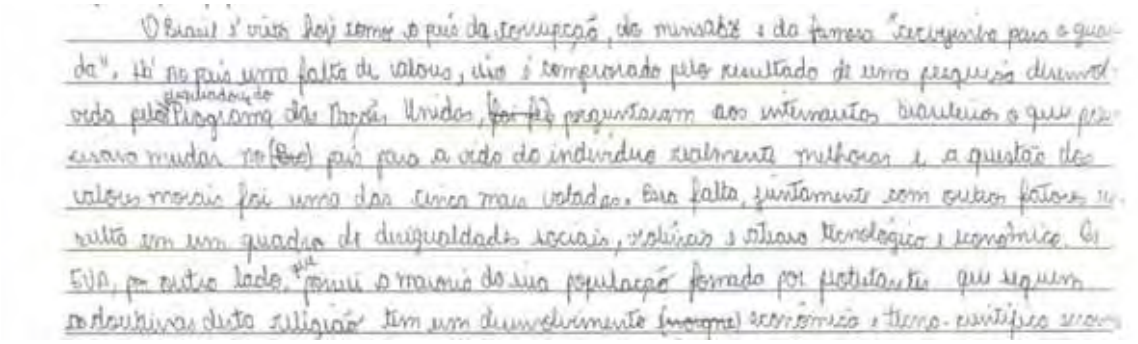
A política também foi citada de maneira genérica, isto é, sem precisar a atuação de um político específico, caracterizando o discurso circulante, com o qual o candidato estabelece um diálogo de concordância, atribuindo ao cenário político valores axiológicos negativos, dos quais discorda. Observa-se a citação do discurso alheio não marcado, isto é, sem a menção de uma autoria específica, com a apropriação de conteúdos axiológicos para o próprio discurso.

[88] Redação número 01 08 34 06, terceiro parágrafo.
[89] Redação número 01 05 63 36, primeiro parágrafo.
[90] Redação número 01 00 00 98, terceiro parágrafo.



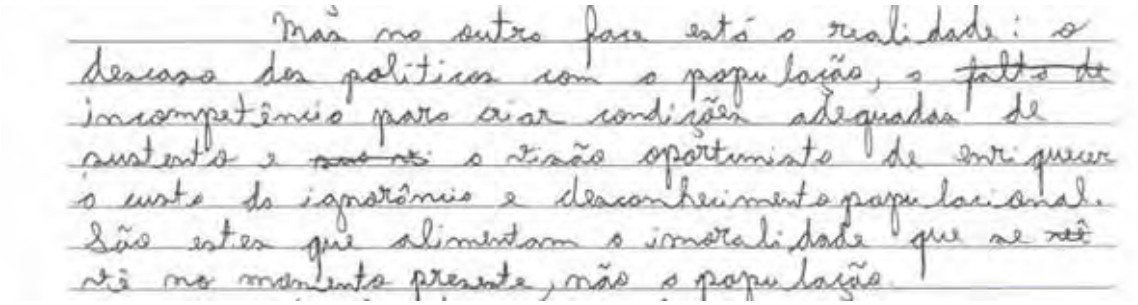
É comum os brasileiros deparar-se no dia-a-dia com desonestidade. O povo deste país tem fábia, os políticos possuem impunidade e é sempre dado "um jeitinho". E neste contexto nacional crítica-se o desenvolvimento do Brasil sem a consciência de que, além de crescimento econômico e tecnológico, um país necessita de valores morais sólidos em cada cidadão para que haja real melhoria e avanço na sociedade.

Figura 69[91]



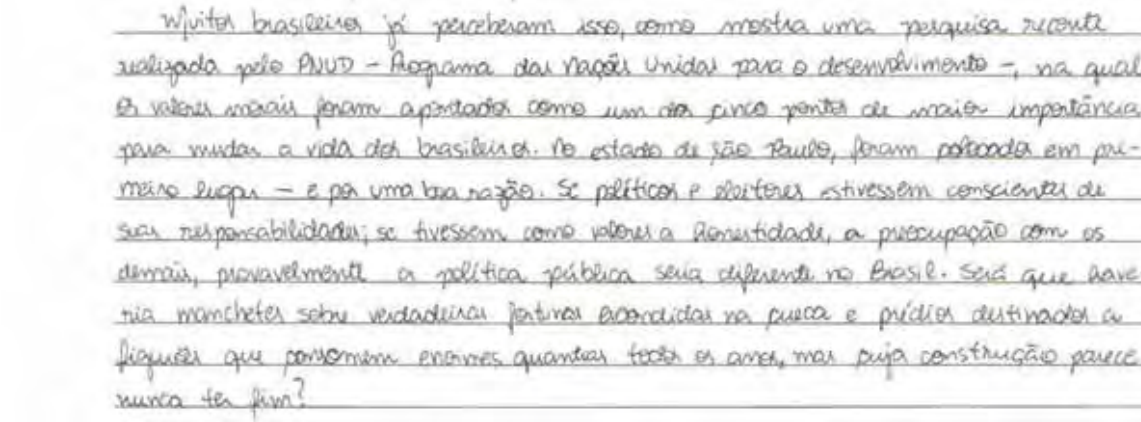
O Brasil é visto hoje como o país da corrupção, da miséria e da famosa "ciranda para o governo", há no país uma falta de valores, isso é comprovado pelo resultado de uma pesquisa divulgada pelo Programa das Nações Unidas, que perguntaram aos entrevistados brasileiros o que precisava mudar no país para a vida do indivíduo realmente melhorar e a questão dos valores morais foi uma das cinco mais votadas. Essa falta, juntamente com outros fatores resulta em um quadro de desigualdades sociais, políticas e atraso tecnológico e econômico. O EUA, por outro lado, possui a maioria de sua população formada por protestantes que seguem os princípios desta religião tem um desenvolvimento econômico e tecno-científico

Figura 70[92]



Mas no outro fase está a realidade: o descaso dos políticos com a população, a falta de incompetência para dar condições adequadas de custeio e a visão oportunista de enriquecer o custo da ignorância e desconhecimento populacional. São estes que alimentam a imoralidade que se vê no momento presente, não a população.

Figura 71[93]

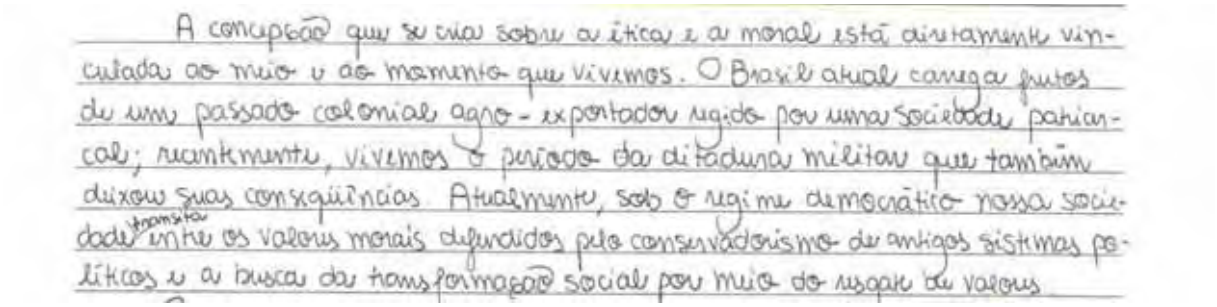


Muitos brasileiros já perceberam isso, como mostra uma pesquisa recente realizada pelo PNUD - Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento -, na qual os valores morais foram apontados como um dos cinco pontos de maior importância para mudar a vida dos brasileiros. No estado de São Paulo, foram colocados em primeiro lugar - e por uma boa razão. Se políticos e eleitores estivessem conscientes de suas responsabilidades; se tivessem como valores a honestidade, a preocupação com os demais, provavelmente a política pública seria diferente no Brasil. Será que haveria manchetes sobre verdadeiras fortunas escondidas na cueca e prédios destinados a figuras que passaram anos quantos foram os anos, mas cuja construção parece nunca ter fim?

Figura 72[94]

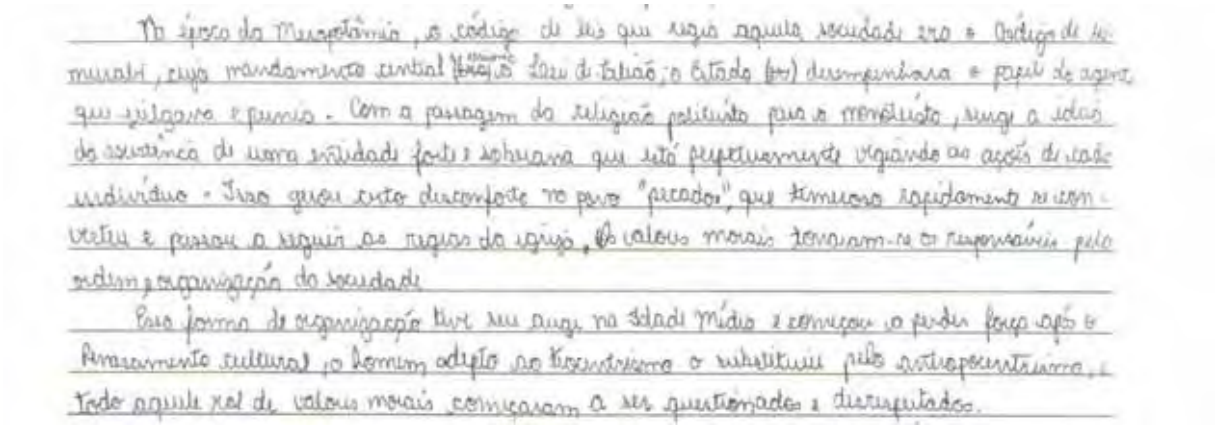
[91] Redação número 01 08 40 38, primeiro parágrafo.
[92] Redação número 01 08 99 35, quarto parágrafo.
[93] Redação número 01 07 35 83, quinto parágrafo.

O discurso histórico também foi objeto de citação dos vestibulandos, cuja intenção foi estipular as possíveis origens, fixar uma espécie de "justificativa" histórica para os procedimentos adotados hoje na esfera política e social. A voz do vestibulando utilizou-se desse recurso para discordar não do processo histórico, mas da prática originada nos períodos destacados e presente atualmente.



A concepção que se cria sobre a ética e a moral está diretamente vinculada ao meio e ao momento que vivemos. O Brasil atual carrega frutos de um passado colonial agro-exportador regido por uma sociedade patriarcal; recentemente, vivemos o período da ditadura militar que também deixou suas consequências. Atualmente, sob o regime democrático nossa sociedade transita entre os valores morais difundidos pelo conservadorismo de antigos sistemas políticos e a busca da transformação social por meio do resgate de valores

Figura 73[95]



No época da Mesopotâmia, o código de leis que regia aquela sociedade era o Código de Hamurabi, cujo mandamento central [illegible] Lei de Talião: o Estado (rei) desempenhava o papel de agente que julgava e punia. Com a passagem do teocentrismo para o monoteísmo, surge a ideia da existência de uma entidade forte e soberana que está perpetuamente vigiando as ações de cada indivíduo. Isso quer este direcionado ao povo "pecador", que temeroso rapidamente se converteu e passou a seguir as regras da igreja. Os valores morais tornaram-se os responsáveis pela ordem e organização da sociedade.

Esse forma de organização teve seu auge na Idade Média e começou a perder força após o Renascimento cultural, o homem adepto ao teocentrismo e substituído pelo antropocentrismo. Todo aquele rol de valores morais começaram a ser questionados e discutidos.

Figura 74[96]

[94] Redação número 01 02 78 16, primeiro parágrafo.
[95] Redação número 01 03 05 58, segundo parágrafo.
[96] Redação número 01 08 99 35, primeiro e segundo parágrafos.

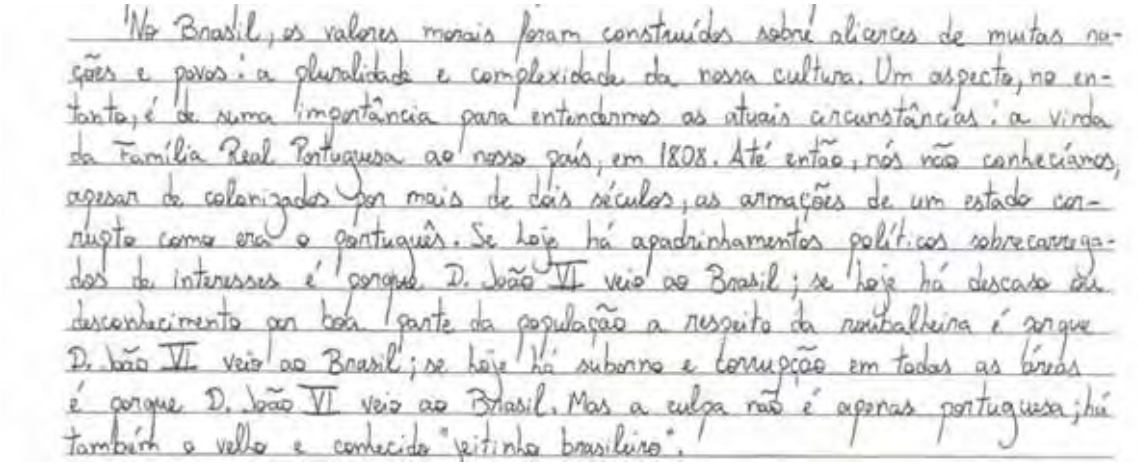

No Brasil, os valores morais foram construídos sobre alicerces de muitas nações e povos: a pluralidade e complexidade da nossa cultura. Um aspecto, no entanto, é de suma importância para entendermos as atuais circunstâncias: a vinda da Família Real Portuguesa ao nosso país, em 1808. Até então, nós não conhecíamos, apesar de colonizados por mais de dois séculos, as armações de um estado corrupto como era o português. Se hoje há apadrinhamentos políticos sobrecarregados de interesses é porque D. João VI veio ao Brasil; se hoje há descaso do desconhecimento por boa parte da população a respeito da constituição é porque D. João VI veio ao Brasil; se hoje há suborno e corrupção em todas as áreas é porque D. João VI veio ao Brasil. Mas a culpa não é apenas portuguesa; há também a velha e conhecida "jeitinho brasileiro".

Figura 75[97]

Um vestibulando citou personagens do contexto histórico religioso, concordando com discurso veiculado.

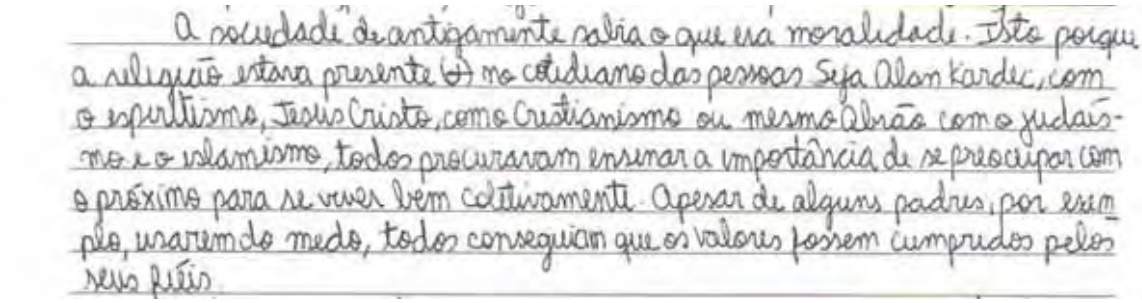

A sociedade antigamente sabia o que era moralidade. Isto porque a religião estava presente (d) no cotidiano das pessoas. Seja Alan Kardec, com o espiritismo, Jesus Cristo, com o Cristianismo ou mesmo Abraão com o judaísmo e o islamismo, todos procuravam ensinar a importância de se preocupar com o próximo para se viver bem coletivamente. Apesar de alguns padres, por exemplo, usarem do medo, todos conseguiam que os valores fossem cumpridos pelos seus fiéis.

Figura 76[98]

Uma marca importante de autoria foi o uso de perguntas retóricas, isto é, questionamentos ao longo dos enunciados, cuja intenção é promover e direcionar um processo de reflexão, induzindo a adesão do avaliador ao discurso materializado.

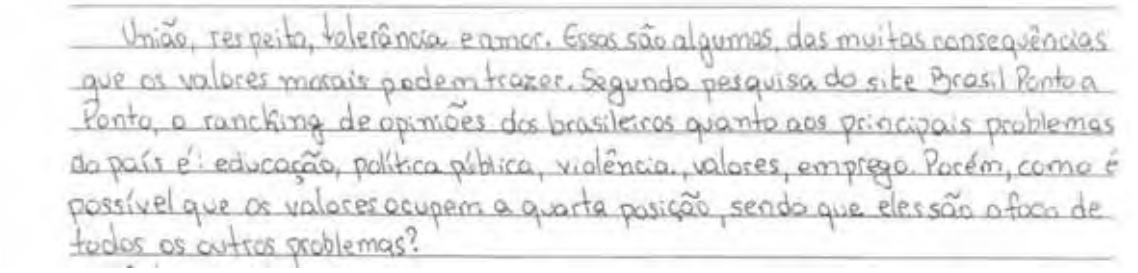

União, respeito, tolerância e amor. Essas são algumas das muitas consequências que os valores morais podem trazer. Segundo pesquisa do site Brasil Ponto a Ponto, o ranching de opiniões dos brasileiros quanto aos principais problemas do país é: educação, política pública, violência, valores, emprego. Porém, como é possível que os valores ocupem a quarta posição, sendo que eles são o foco de todos os outros problemas?

Figura 77[99]

[97] Redação número 01 08 80 33, segundo parágrafo.
[98] Redação número 01 00 66 14, segundo parágrafo.
[99] Redação número 01 03 82 57, primeiro parágrafo.

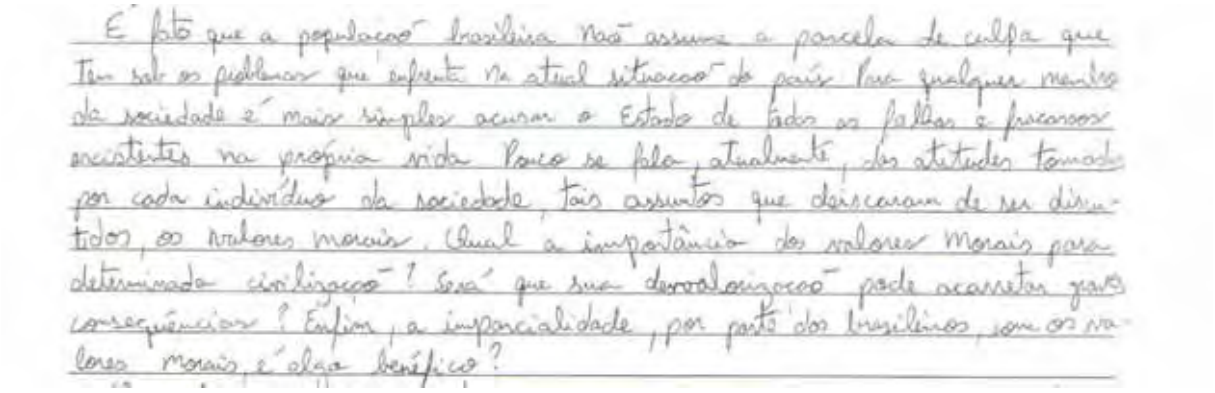

É fato que a população brasileira não assume a parcela de culpa que tem sob os problemas que enfrenta na atual situação do país. Para qualquer membro da sociedade é mais simples acusar o Estado de todas as falhas e fracassos existentes na própria vida. Pouco se fala, atualmente, das atitudes tomadas por cada indivíduo da sociedade, tais assuntos que descaram de seu direitos, os valores morais. Qual a importância dos valores morais para determinada civilização? Será que sua desvalorização pode acarretar graves consequências? Enfim, a imparcialidade, por parte dos brasileiros, com os valores morais, é algo benéfico?

Figura 78[100]

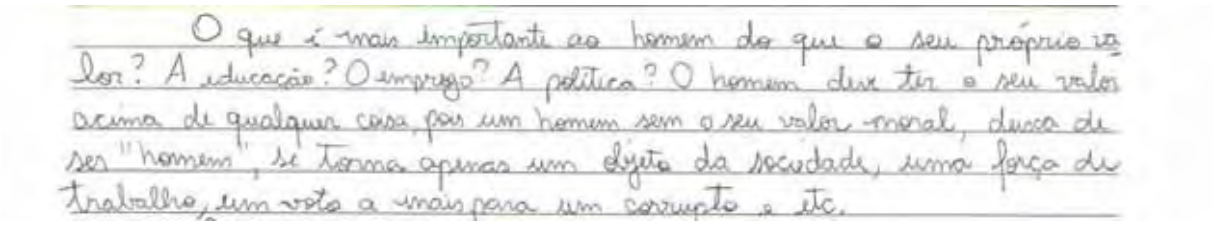

O que é mais importante ao homem do que o seu próprio valor? A educação? O emprego? A política? O homem deve ter o seu valor acima de qualquer coisa, pois um homem sem o seu valor moral, deixa de ser "homem", se torna apenas um objeto da sociedade, uma força de trabalho, um voto a mais para um corrupto e etc.

Figura 79[101]

A autoria também se mostra no modo de como o discurso circulante[102] é integrado aos enunciados de um sujeito. Destarte, existe a possibilidade de o vestibulando empregar marcas pessoais, que caracterizariam o estilo individual, com o manejo mais expressivo dos recursos linguísticos disponíveis, procurando criar um efeito de sentido. A tentativa, nesse uso, é tornar os enunciados mais agradáveis ao leitor presumido, tornando-o mais receptivo ao discurso.

No primeiro recorte, a marca expressiva é caracterizada pelo uso das expressões em latim “ad infinitum”, “por excellence” e “in praxi”. No segundo recorte, a marca é evidenciada no início do parágrafo, com a exposição das características positivas associadas à população brasileira no discurso circulante, estabelecendo-se, posteriormente, a realidade, segundo o vestibulando, do povo brasileiro. Esse discurso apresenta efeito de sentido de veracidade ao trazer qualidades locais, segundo o candidato.

[100] Redação número 01 00 59 60, primeiro parágrafo.
[101] Redação número 01 01 28 60, primeiro parágrafo.
[102] A expressão “discurso circulante” refere-se ao discurso com grande ocorrência na sociedade, algo consensual, sem grandes discussões e oposições ideológicas.

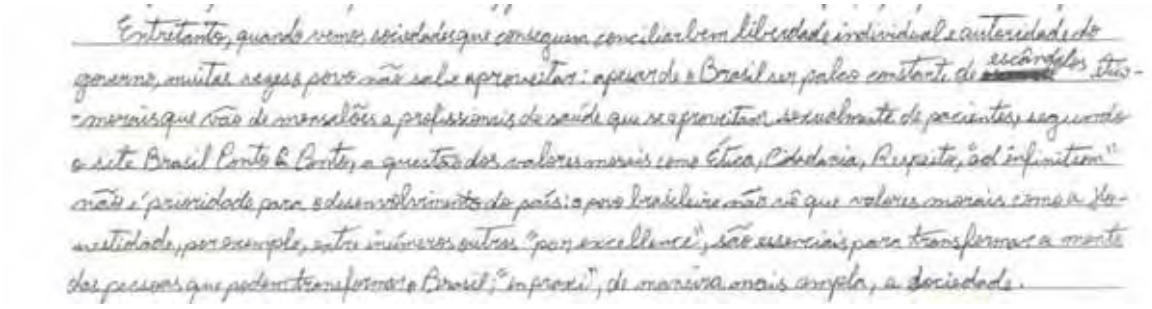


Figura 80[103]

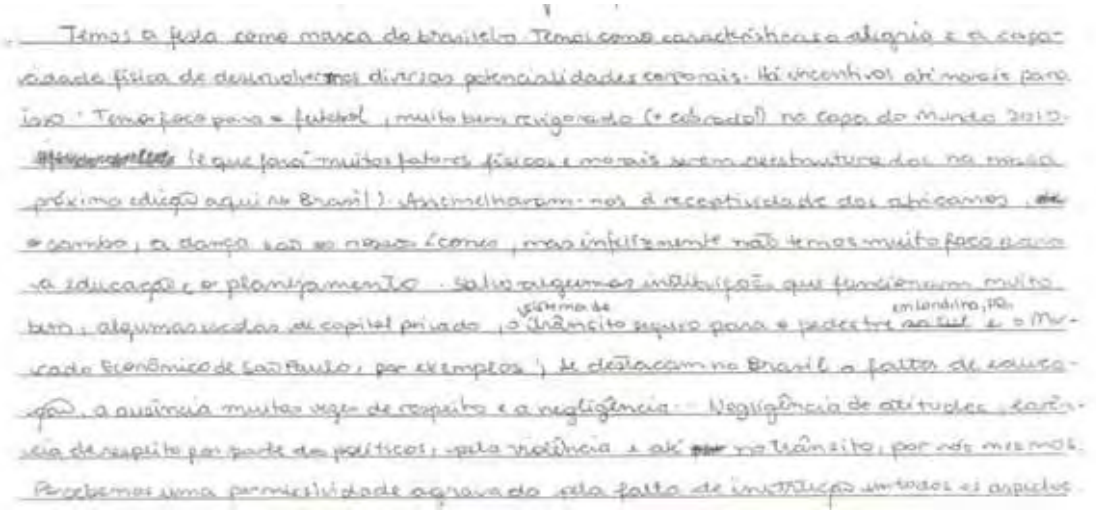


Figura 81[104]

Na passagem a seguir, o candidato faz uso da expressão “engrenagens” para demonstrar, comparando com um maquinário, a importância dos valores morais. No segundo trecho, o candidato utiliza-se de uma crítica existente no discurso circulante, segundo a qual a intenção não produz resultados, mas, sim, a ação, a concretização. Imputa à força da ação a qualidade de “voz ativa”, do que se depreende que o mero discurso ou intenção seria uma “voz passiva”, uma não ação, um não sujeito, no sentido de inexistente.

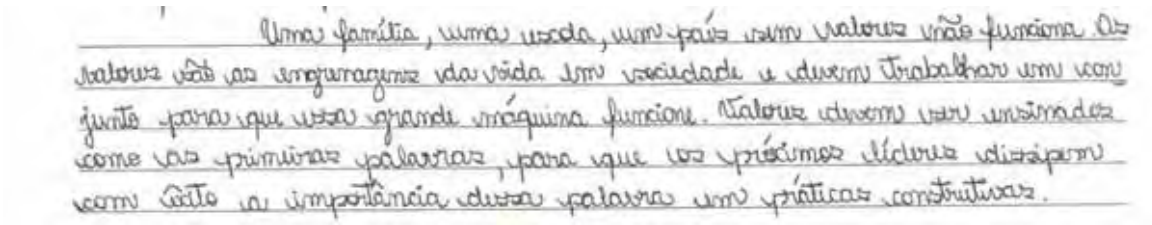


Figura 82[105]

[103] Redação número 01 08 55 81, primeiro parágrafo.
[104] Redação número 01 01 10 81, quarto parágrafo.

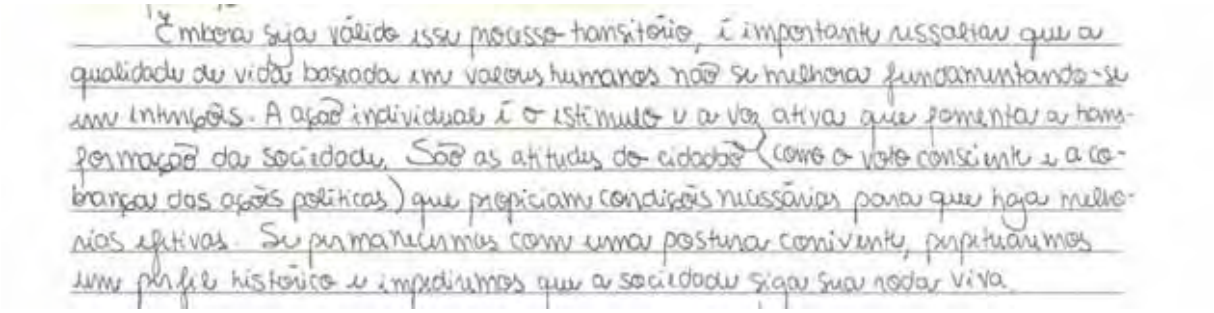

Embora seja válido esse processo transitório, é importante ressaltar que a qualidade de vida baseada em valores humanos não se melhora fundamentando-se em intenções. A ação individual é o estímulo e a voz ativa que fomenta a transformação da sociedade. São as atitudes do cidadão (como o voto consciente e a cobrança das ações políticas) que propiciam condições necessárias para que haja melhorias efetivas. Se permanecermos com uma postura conivente, perpetuaremos um perfil histórico e impediremos que a sociedade siga sua roda viva.

Figura 83[106]

No excerto abaixo, o candidato faz uma enumeração, através do emprego de frases nominais. Essa construção destaca os termos enumerados, associando-os, a seguir, ao procedimento "comum" à população mundial, gerando oposição aos valores que o candidato considera valores importantes, "esquecidos por grande parte da população". No recorte em seguida, há a mobilização de aspectos tecnológicos ou grandes avanços da humanidade, que necessitam dos valores morais para conduzi-los e limitá-los.

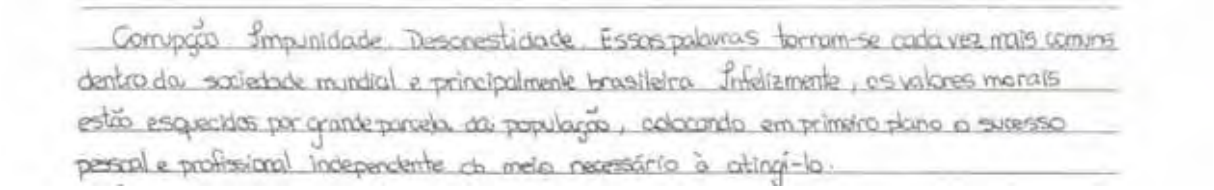

Corrupção. Impunidade. Desonestidade. Essas palavras tornam-se cada vez mais comuns dentro da sociedade mundial e principalmente brasileira. Infelizmente, os valores morais estão esquecidos por grande parcela da população, colocando em primeiro plano o sucesso pessoal e profissional independente do meio necessário à atingí-lo.

Figura 84[107]

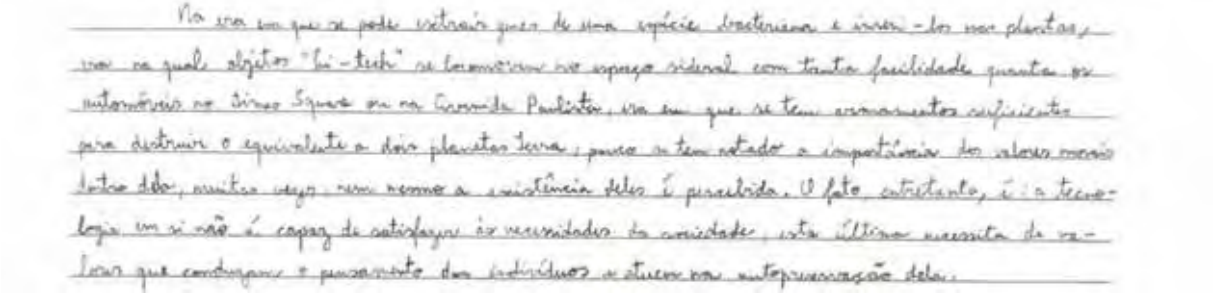

Na era em que se pode retirar gens de uma espécie bacteriana e inseri-los nas plantas, era na qual objetos "hi-tech" se locomovem no espaço sideral com tanta facilidade quanto os automóveis na Times Square ou na Avenida Paulista, era em que se tem armamentos suficientes para destruir o equivalente a dois planetas Terra, parece ter ficado a importância dos valores morais bons pra trás, muitas vezes sem nenhuma a existência deles é possível. O fato intrigante, é: a tecnologia em si não é capaz de satisfazer as necessidades da sociedade, esta última necessita de valores que conduzam o pensamento dos indivíduos a atuarem na autopreservação dela.

Figura 85[108]

[105] Redação número 01 00 81 53, quinto parágrafo.
[106] Redação número 01 02 78 16, quinto parágrafo.
[107] Redação número 01 03 39 80, primeiro parágrafo.
[108] Redação número 01 00 33 72, primeiro parágrafo.

No fragmento a abaixo, há a comparação de uma passagem do filme “O Poderoso Chefão” à ideia de família como centro das preocupações dos seus integrantes. Ao ser relativizada, a família desestrutura-se. Essa marca autoral destaca os enunciados do vestibulando.

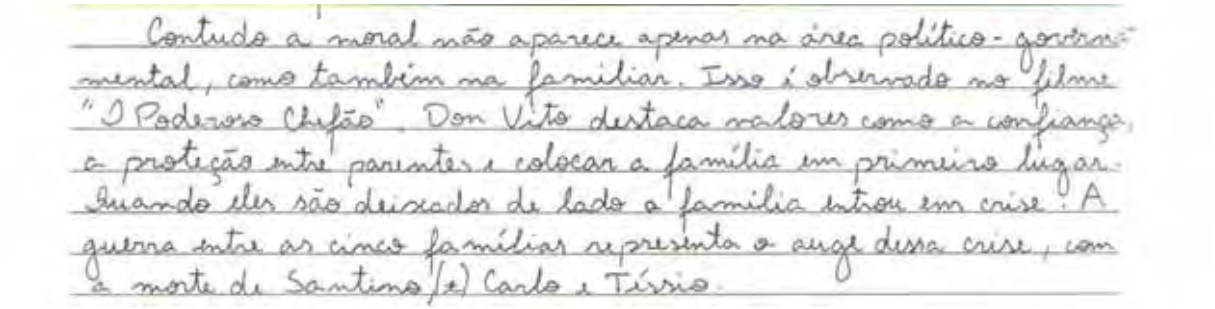

Contudo a moral não aparece apenas na área político-governamental, como também na familiar. Isso é observado no filme "O Poderoso Chefão". Don Vito destaca valores como a confiança, a proteção entre parentes e colocar a família em primeiro lugar. Quando eles são deixados de lado a família entra em crise. A guerra entre as cinco famílias representa o auge dessa crise, com a morte de Santino (e) Carlo e Tírrio.

Figura 86[109]

Uma dessas características que merece destaque especial é o emprego de acidez argumentativa, o que exterioriza certo radicalismo do vestibulando. Trata-se da defesa de um argumento ou ponto de vista de uma maneira mais incisiva, direta e sem atenuações. No recorte abaixo, é possível observar a acidez na passagem em que o candidato afirma que, com “o mínimo de consciência crítica”, seria possível notar os problemas da sociedade brasileira, à qual considera imoral. Isso também é perceptível no momento em que destaca que a visão de um “povo feliz” é um atributo decorrente do “desconhecimento da realidade miserável e manipuladora” e de um “cotidiano usurpador e predatório”. O uso da acidez argumentativa é um traço autoral de alguns artigos de opinião da esfera jornalística, em que o articulista evita o uso de eufemismos e do discurso “politicamente correto”, em prol de sua opinião.

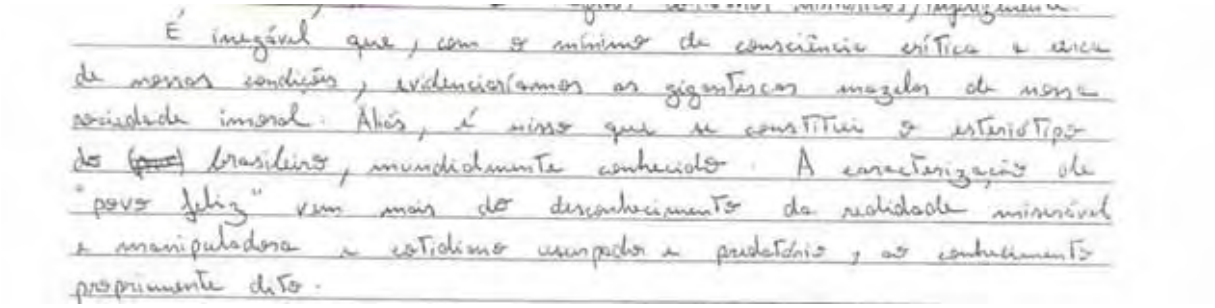

É inegável que, com o mínimo de consciência crítica e acuidade de menores condições, evidenciaríamos os gigantescos mazelas de nossa sociedade imoral. Aliás, é nisso que se constitui o estereótipo do (povo) brasileiro, mundialmente conhecido. A caracterização de "povo feliz" vem mais do desconhecimento da realidade miserável e manipuladora e cotidiano usurpador e predatório, do conhecimento propriamente dito.

Figura 87[110]

[109] Redação número 01 01 33 19, quarto parágrafo.
[110] Redação número 01 03 39 80, terceiro parágrafo.

Esse traço argumentativo também é observável no recorte a seguir, em que o autor afirma que a degradação social, por meio da forma, é "outra patologia social". Ao vincular a imagem de doença ao costume social, como também ao associar a mulher a "um objeto", observa-se o desprezo do candidato. Isso é reforçado pelo uso de expressões como "beleza fútil e um glamour incansável".

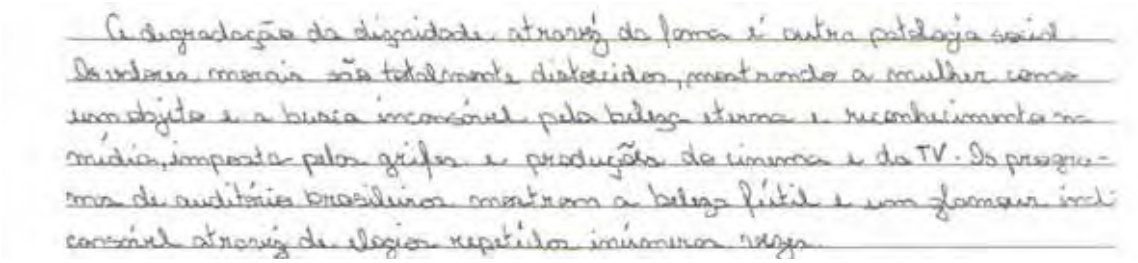


Figura 88[111]

Um recurso utilizado por dois vestibulandos que é uma marca de autoria é a contra-argumentação. Esse recurso se utiliza do manejo de um argumento contrário ao defendido pelo enunciador, com a intenção de desqualificá-lo e apresentar um outro ponto de vista.

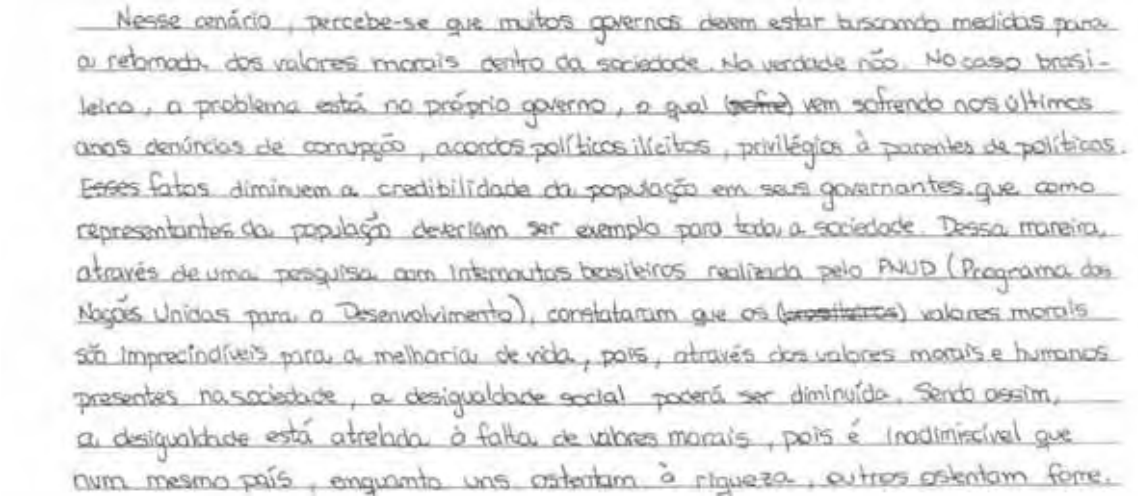


Figura 89[112]

Outra marca utilizada pelos vestibulandos foi a generalização. Generalizar consiste em criar uma regra absoluta e normalmente é marcada por expressões como "todo", "tudo",

[111] Redação número 01 03 63 43, quarto parágrafo.
[112] Redação número 01 04 16 30, quarto parágrafo.

"nunca", "ninguém", "sempre" e "nunca". Também pode ocorrer quando se toma um caso particular como uma regra.

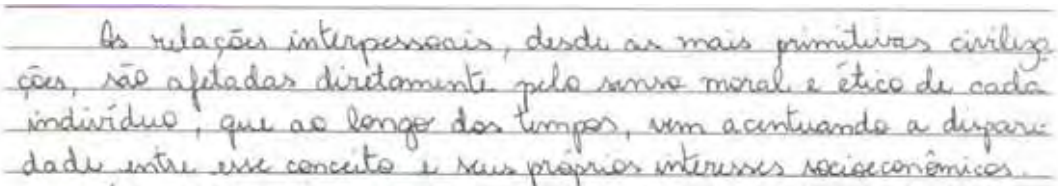

As relações interpessoais, desde as mais primitivas civilizações, são afetadas diretamente pelo senso moral e ético de cada indivíduo, que ao longo dos tempos, vem acentuando a disparidade entre esse conceito e seus próprios interesses socioeconômicos.

Figura 90[113]

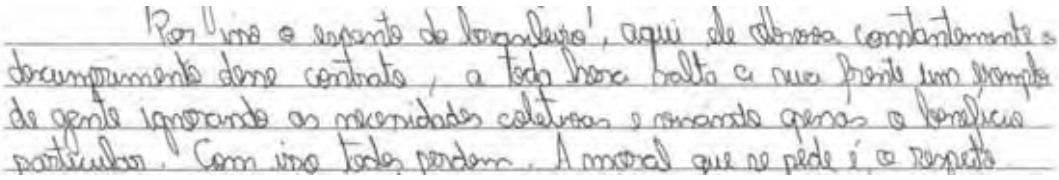

Por uma e inpanto de brasileiro', aqui de dentro constantemente o descumprimento dono contrato, a todo hora falta e nus frente um grupo de gente ignorando as necessidades coletivas e pensando apenas o benefício particular. Com isso todos perdem. A moral que se pede é o Respeito

Figura 91[114]

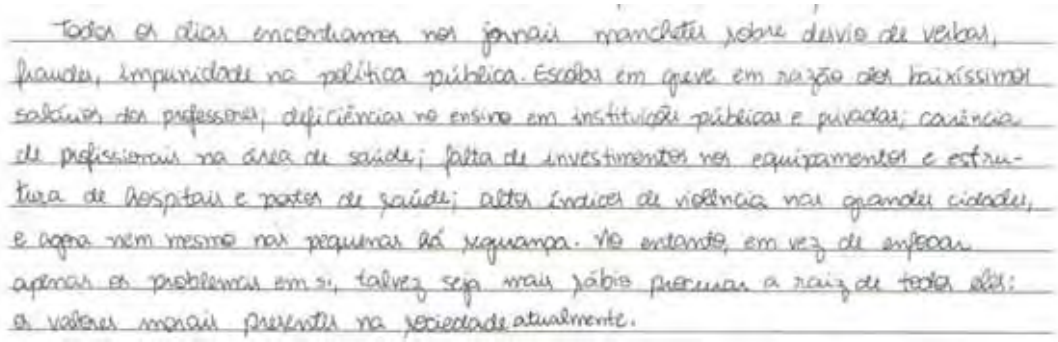

Todos os dias encontramos nos jornais manchetes sobre desvio de verbas, fraudes, impunidade na política pública. Escolas em greve em razão dos baixíssimos salários dos professores; deficiências no ensino em instituições públicas e privadas; carência de profissionais na área de saúde; falta de investimentos nos equipamentos e estrutura de hospitais e postos de saúde; altos índices de violência nas grandes cidades, e agora nem mesmo nas pequenas há segurança. No entanto, em vez de enfocar apenas os problemas em si, talvez seja mais sábio procurar a raiz de todo eles: os valores morais presentes na sociedade atualmente.

Figura 92[115]

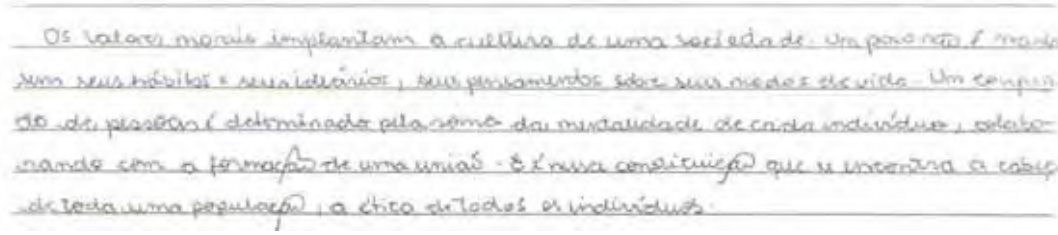
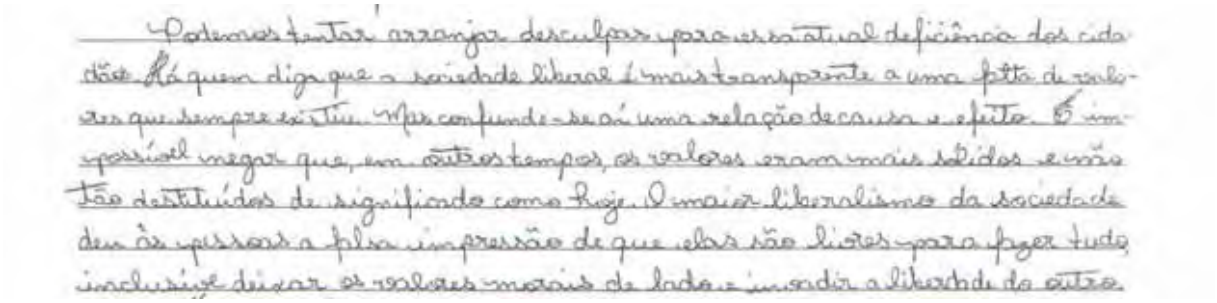

Os valores morais implantam a cultura de uma sociedade. Um povo não é mais um seus hábitos e seus costumes, seus pensamentos sobre suas modos de vida. Um conjunto de pessoas é determinado pela forma da mentalidade de cada indivíduo, colaborando com a formação de uma união. É nessa constituição que se encontra a coleção de toda uma população, a ética de todos os indivíduos.

Figura 93[116]

Relacionado ao uso da linguagem, como outro traço da autoria, é possível discriminar indícios de maior ou menor objetividade, no sentido de promoção do efeito de aproximação

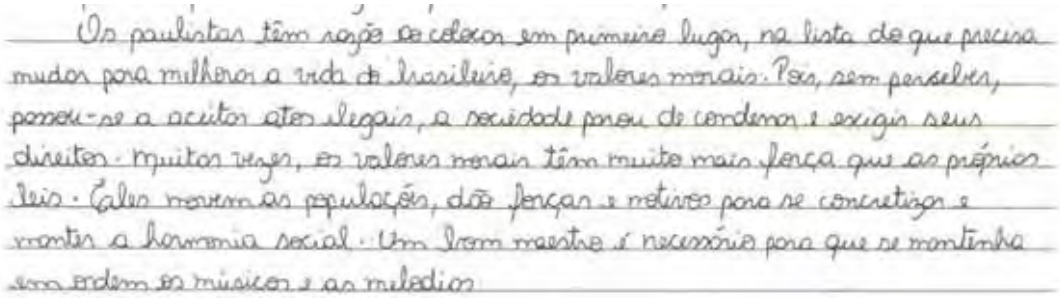
[113] Redação número 01 06 00 40, quinto parágrafo.
[114] Redação número 01 08 48 87, terceiro parágrafo.
[115] Redação número 01 03 05 58, primeiro parágrafo.
[116] Redação número 01 01 10 81, primeiro parágrafo.

da pessoa física enunciadora dos discursos, através do uso da primeira pessoa do plural ou da terceira pessoa do singular. A primeira pessoa do plural inclui o sujeito enunciador como partícipe do contexto social, incluindo-se como um dos sujeitos da ação, enquanto a terceira pessoa do singular afasta-o do "jogo" social.



Podemos tentar arranjar desculpas para essa atual deficiência dos cidadãos. Há quem diga que a sociedade liberal é mais transparente a uma falta de valores que sempre existiu. Mas confunde-se aí uma relação de causa e efeito. É impossível negar que, em outros tempos, os valores eram mais sólidos e não tão destituídos de significado como hoje. O maior liberalismo da sociedade deu às pessoas a falsa impressão de que elas são livres para fazer tudo, inclusive deixar os valores morais de lado e invadir a liberdade do outro.

Figura 94[117]



Os paulistas têm razão de colocar em primeiro lugar, na lista de que precisa mudar para melhorar a vida de Brasília, os valores morais. Pois, sem perceber, passou-se a aceitar atos ilegais, a sociedade parou de condenar e exigir seus direitos. Muitas vezes, os valores morais têm muito mais força que as próprias leis. Eles movem as populações, dão forças e motivos para se concretizar e manter a harmonia social. Um bom maestro é necessário para que se mantenha em ordem os músicos e as melodias.

Figura 95[118]

4.3.2.1 Quadro geral: autoria

Destaca-se o quadro geral apresentado nas redações dos vestibulandos, quanto ao uso da primeira pessoa do plural e da terceira pessoa do singular. Trinta e quatro textos utilizaram o plural humilde (36%), sessenta, a impessoal (64%).

[117] Redação número 01 03 90 59, quinto parágrafo.
[118] Redação número 01 03 92 29, quinto parágrafo.

Figura 96

O *corpus* é composto pelas noventa e quatro redações que apresentaram as melhores notas do vestibular, entre vinte e oito pontos (nota dez) e vinte e três e meio (oito e meio). Em média, as redações tiveram de trinta e duas linhas[119] e cinco parágrafos[120]. Oitenta e dois tiveram título (87%)[121] e doze não o apresentaram (13%).

Figura 97

Todas as redações analisadas manifestaram uma opinião explícita em seus enunciados.

[119] Um texto apresentou vinte e cinco linhas; cinco vinte e sete; um vinte e oito; três vinte e nove; oito trinta; doze trinta e uma; quatorze trinta e duas; dezessete trinta e três; onze trinta e quatro; vinte trinta e cinco e dois trinta e seis.
[120] Quatro textos apresentaram três parágrafos; vinte e sete quatro; quarenta e sete cinco; e dezesseis com seis.
[121] As porcentagens observaram apenas números inteiros, não apresentando frações de décimos, centésimos e milhares, tão menos dízimas periódicas. A aproximação foi feita para o primeiro número inteiro superior.

Figura 98

A estatística das marcas de autoria considerou o número total de ocorrências nas redações do *corpus*. Salienta-se que há mais de uma ocorrência por texto, dependendo das características do vestibulando. Existiram treze ocorrências do uso de perguntas retóricas lógica (4% das ocorrências), oitenta e oito de fato-exemplo (27%), duas de contra-argumentação (1%), sessenta e quatro de citação (19%) e noventa e três de explicação (28% e 99%).

Figura 99

As redações analisadas permitiram aferir a existência de marcas definidas de autoria, representadas pelo discurso citado direta e indiretamente, manejo do discurso circulante para integrar o discurso do sujeito, emprego de marcas expressivas individuais, relacionadas à apropriação, transmutação e utilização desse discurso circulante e mobilização de conteúdos

axiológicos de diversas áreas da atividade humana, principalmente da filosófica, histórica, social e literária.

4.4 Análise das dez melhores Redações de Vestibular

O propósito do presente tópico é a análise das dez melhores redações, em sua totalidade, considerando-se, para seleção das redações, a avaliação da Vunesp, por meio das notas atribuídas no vestibular, cuja finalidade será observar os enunciados em sua totalidade e não apenas por meio de recortes.

Para tanto, o olhar seguirá as mesmas orientações do Círculo de Bakhtin, em especial três conceitos: o dialogismo, a forma composicional e a autoria, a qual será focalizada, principalmente, por meio da arquitetônica. Para tanto, são analisadas a forma do conteúdo, por meio do recorte e transposição do discurso social para o discurso veiculado na Redação de Vestibular (apagamento e reiteração – citação); da forma composicional (modo de estruturação da materialidade do discurso) e a forma do material (seleção vocabular, acabamento); além de traços que caracterizam a individualidade do autor (autor-criador).

É importante destacar a maneira como se pretende utilizar o conceito de autoria na presente análise. A autoria da Redação de Vestibular envolve aspectos relacionados à arquitetônica. Há a coabitação, em relação extremamente próxima, se não indissolúvel, da forma do conteúdo, da forma composicional e da forma do material. Esses três elementos materializam-se em enunciados, os quais, como é sabido, manifestam-se em um gênero do discurso, no caso, a "Redação de Vestibular".

Para formar o seu discurso, o indivíduo faz um recorte dos discursos que circulam socialmente, os quais se encontram em relações dialógicas de alteridade, suscitando uma série de atitudes responsivas. Ao recortar, o sujeito apropria-se do discurso, organiza-o de uma maneira particular e transpõe-no como discurso próprio, o qual, no contexto da redação de vestibular, e, no presente caso, do gênero "Redação de Vestibular", precisa sofrer um processo de adaptação.

O autor-pessoa, que circula em incontáveis esferas e está em contato, da mesma forma, com incontáveis discursos, sofre um processo de transformação, amoldando-se no autor-criador. Esse autor-criador dá origem a uma personagem (um papel interpretado – o vestibulando), que amolda o discurso de acordo com a expectativa gerada por um ouvinte (o Avaliador ou leitor presumido), do qual se espera a adesão ao discurso veiculado.

A autoria manifesta-se exatamente nesse processo, em que o autor-criador recorta os discursos sociais, manifestando uma competência para lidar com as diferentes vozes – as diferentes informações disponíveis ao vestibulando; apropria-se deles, transporta-os à personagem (vestibulando), a qual enuncia, com traços mais ou menos marcados de sua individualidade, buscando a aprovação do ouvinte (Avaliador ou leitor presumido).

REDAÇÃO

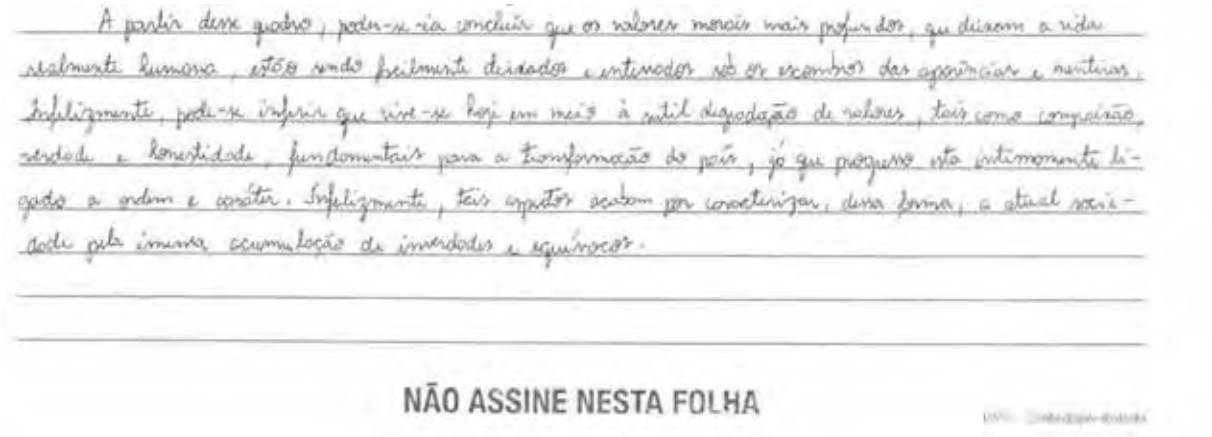
Sociedade de equívocos

Caracterizada pela evidente degradação do "ser" em "ter", a atual estrutura social e econômica, com base no que é descartável, efêmero e aparente, gera na vida uma desastrosa inversão da noção de valor-ser. Os indivíduos, influenciados pela vivência em meio a um mercado de consumo que vive da criação de necessidades, passam a se sujeitar a uma constante preocupação a respeito de sua adequação aos padrões sociais vigentes, deixando em segundo plano os valores morais mais profundos, que envolvem ética, caráter e personalidade. Assim, torna-se essencial o questionamento sobre tais valores e sua importância na sociedade.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, cujos livros tornaram-se referência na sociologia moderna, tem por uma de suas principais obras o livro "Modernidade Líquida". Nele, Bauman discorre sobre a fragilidade e inconsistência dos aspectos sociais, incluindo nos relacionamentos e valores éticos, que se adaptam facilmente às novas condições a que estão sujeitos. Isso ocasiona, direta e indiretamente, uma perda da sensibilidade humana, agora marcada pela indiferença e desprezo com o próximo. Assim, valores como compaixão e piedade cedem lugar a sentimentos de frieza e indiferença.

Além disso, é possível assistir hoje a um profundo conjunto de ações, características do capitalismo, que foram acrescentadas à vida humana. Atualmente, todo tempo gasto e perdido constitui-se como prejuízo, pensamento, o mercado exige das pessoas o máximo de eficiência. Dessa forma, aqueles que não se adaptam são facilmente descartados e classificados como desistentes. São "deficientes" e não apresentam algo útil que valha a possibilidade de lucro. Esta equivocada sociedade provoca nos seus humanos uma constante ansiedade e inquietação, que além de extinguir a felicidade nas coisas simples da vida, traz à tona o questionamento da validade de suas vidas, gerando depressão e vidas infelizes.

Outro aspecto relevante, de fundamental reflexão, em especial à sociedade brasileira, é a negação da honestidade e da verdade. Infelizmente, pode-se presenciar constantemente na mídia televisiva denúncias de corrupção e fraudes por parte de governantes, que deveriam representar o povo brasileiro de maneira íntegra. Historicamente, isso se justifica, pelo menos em parte, no "jeitinho brasileiro", em que a honestidade é abandonada em favor de benefícios próprios. Infelizmente, este equivocado raciocínio que na população a descrença em seus representantes e soliniza a importância de certos valores, imprescindíveis à sociedade



A partir desse quadro, pode-se inferir que os valores morais mais profundos, que dizem a vida realmente humana, estão sendo facilmente deixados e entendem só os escombros das aparências e mentiras. Infelizmente, pode-se inferir que vive-se hoje em meio à total degradação de valores, tais como compaixão, verdade e honestidade, fundamentais para a transformação do país, já que preguiça está intimamente ligada a ordem e caráter. Infelizmente, tais aspectos acabam por caracterizar, dessa forma, a atual sociedade pela imensa acumulação de inverdades e equívocos.

NÃO ASSINE NESTA FOLHA

Redação de Vestibular 1

O vestibulando, por meio da mobilização de uma série de discursos sociais, realiza, com competência, um recorte, que aponta para a existência de uma "devastadora" inversão de valores, cuja característica é a substituição "ser" pelo "ter", sob influência da imersão em um mercado de consumo, pautado pela criação de necessidades, aparência e pela efemeridade. Como consequência, relegam-se a um segundo plano os "valores morais mais profundos". Imputa-se ao capitalismo um conjunto de costumes atrelados à importância do tempo, comparando-se o gasto do tempo ao prejuízo, suscitando a ideia de máxima eficiência e descarte dos menos aptos. Como consequência, essa prática gera ansiedade e inquietações, o que extingue a felicidade nas coisas simples da vida. Observa-se, nessa linha, a oposição: valores atuais *versus* valores "mais profundos".

A transposição desse discurso para a Redação de Vestibular gerou um processo de objetivação, isto é, "apagamento" das vozes sociais como tais, assumindo-as como discurso próprio. É o que ilustra o seguinte recorte: "Atualmente, todo o tempo gasto e perdido constitui-se como prejuízo, portanto, o mercado exige das pessoas o máximo de eficiência. Dessa forma, aqueles que não se adaptam são facilmente descartados e classificados obsoletos. São 'defeituosos' e não apresentam algo útil que valha a possibilidade de lucro".

Entretanto, o vestibulando, como forma de dar "credibilidade" ao discurso veiculado, dialoga com o sociólogo Zygmunt Bauman, em relação de concordância. Nesse teatro, reitera a afirmação do sociólogo de que a sociedade é caracterizada pela fragilidade e inconstância, "inclusive nos relacionamentos e valores éticos". Concomitantemente ao processo, indica a "perda da sensibilidade humana" e desprestígio do outro. Percebe-se a oposição, novamente, entre valores morais, tidos pelo vestibulando como positivos, e os valores atuais, responsáveis pela instabilidade.

Outro elemento presente no discurso do vestibulando foi o “jeitinho brasileiro”, que dialoga e retoma o discurso histórico-social da “malandragem”, do adaptar-se à hostilidade, por meio da esperteza, o que caracteriza o abandono da verdade e da honestidade em prol do benefício próprio, fazendo alusão aos representantes públicos. Destaca-se o recorte: “Historicamente, isso se justifica, pelo menos em parte, no ‘jeitinho brasileiro’, em que a honestidade é abandonada em favor do benefício próprio. Infelizmente, este equivocado raciocínio gera na população a desconfiança em seus representantes e satiriza a importância de certos valores, imprescindíveis à sociedade”.

Dessa maneira, o vestibulando “reitera” ao Avaliador o discurso de que os valores morais são importantes para a sociedade, em consonância à proposta.

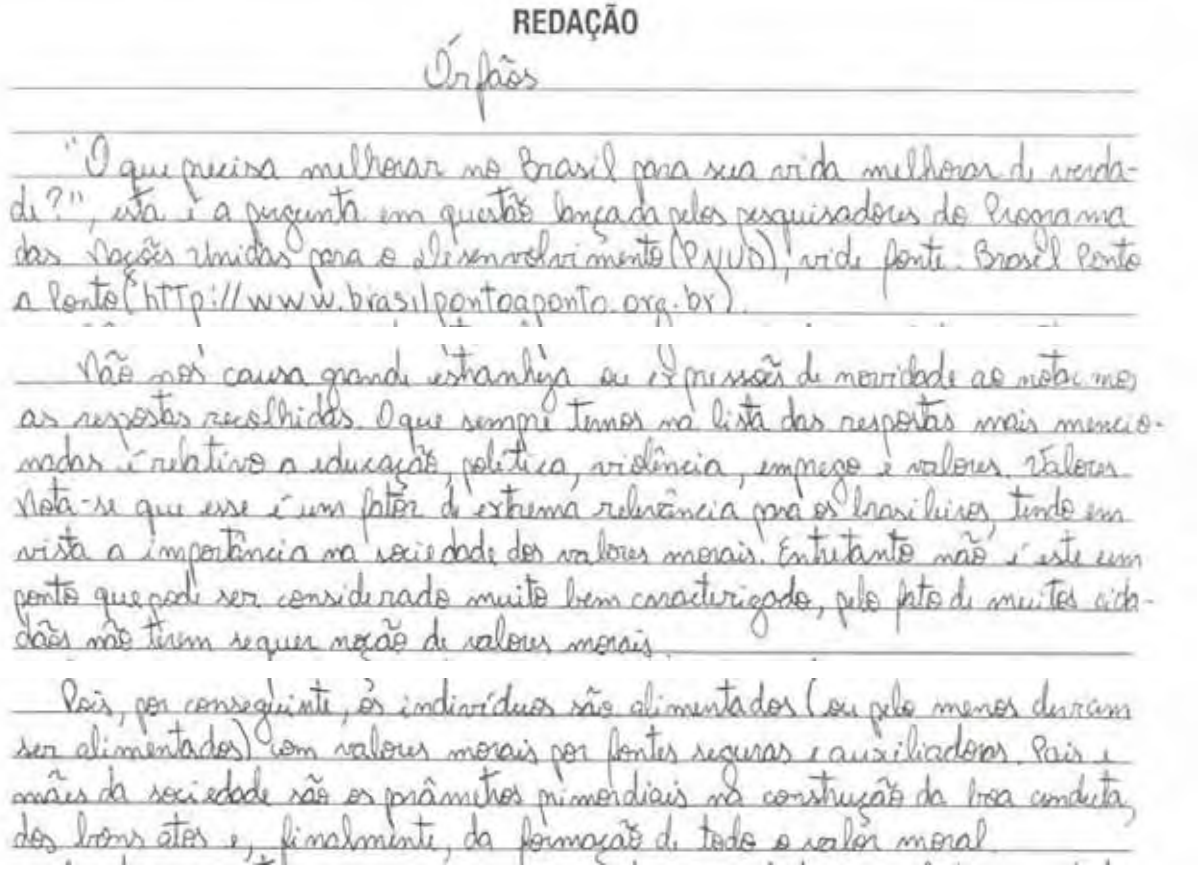
A forma composicional e gênero segundo os quais o discurso foi veiculado direcionaram-se à comprovação de que merece crédito e, consequentemente, a assunção do ouvinte (Avaliador). O acabamento da forma composicional e do material consistiu em cinco parágrafos, com tamanhos harmônicos, variando entre cinco e sete linhas. A letra do candidato é facilmente legível e há apenas uma ocorrência de rasura. O vestibular atribuiu nota máxima à Redação de Vestibular (28,0).

Nesse aspecto, é importante ressaltar que o candidato, no início dos parágrafos, fazia alusão aos “valores atuais”, imputando-lhes problemas e falhas, trazendo, no final dos parágrafos, a relevância dos “valores mais profundos”, reiterando seu abandono. Outro recurso utilizado foi o convite à reflexão, o que estabelece um diálogo retórico consigo e, ao mesmo tempo, com o “ouvinte”, quanto aos problemas discutidos. É o que se verifica nas seguintes passagens: “torna-se essencial o questionamento sobre tais valores e sua importância na sociedade” (primeiro parágrafo); “traz à tona o questionamento da validade de suas vidas, gerando depressão e vidas insatisfeitas” (terceiro parágrafo); “a partir de quadro, poder-se-ia concluir que os valores morais mais profundos”, “pode-se inferir que vive-se hoje em meio” (quinto parágrafo).

Atrelado indissociavelmente à forma composicional, a forma do material também apresentou indícios de autoria, em especial pela seleção vocabular precisa e pela demonstração da opinião de maneira “ponderada”. Como exemplo dessa seleção, destacam-se os termos “degradação”, “inversão”, “sujeitar”, “adequação”, “discorre”, “acarreta”, “cederam”, “constitui-se”, “obsoleto”, “inquietação”, “equivocada”, “extinguir”, “tona”, “regressão”, “satiriza”, “imprescindíveis”, “escombros” e “inferir”.

A manifestação da opinião, sem prejuízo ao conteúdo total e sua forma, transpareceu, explicitamente, nas seguintes palavras: “equívocos”, “devastadora”, “infelizmente” e “satiriza”.

O título da Redação de Vestibular “Sociedade de equívocos” evidencia uma leitura de caráter pessimista, elucubrada na alteridade, considerando particularidades do tema do vestibular: “os valores morais e sua importância na sociedade”.



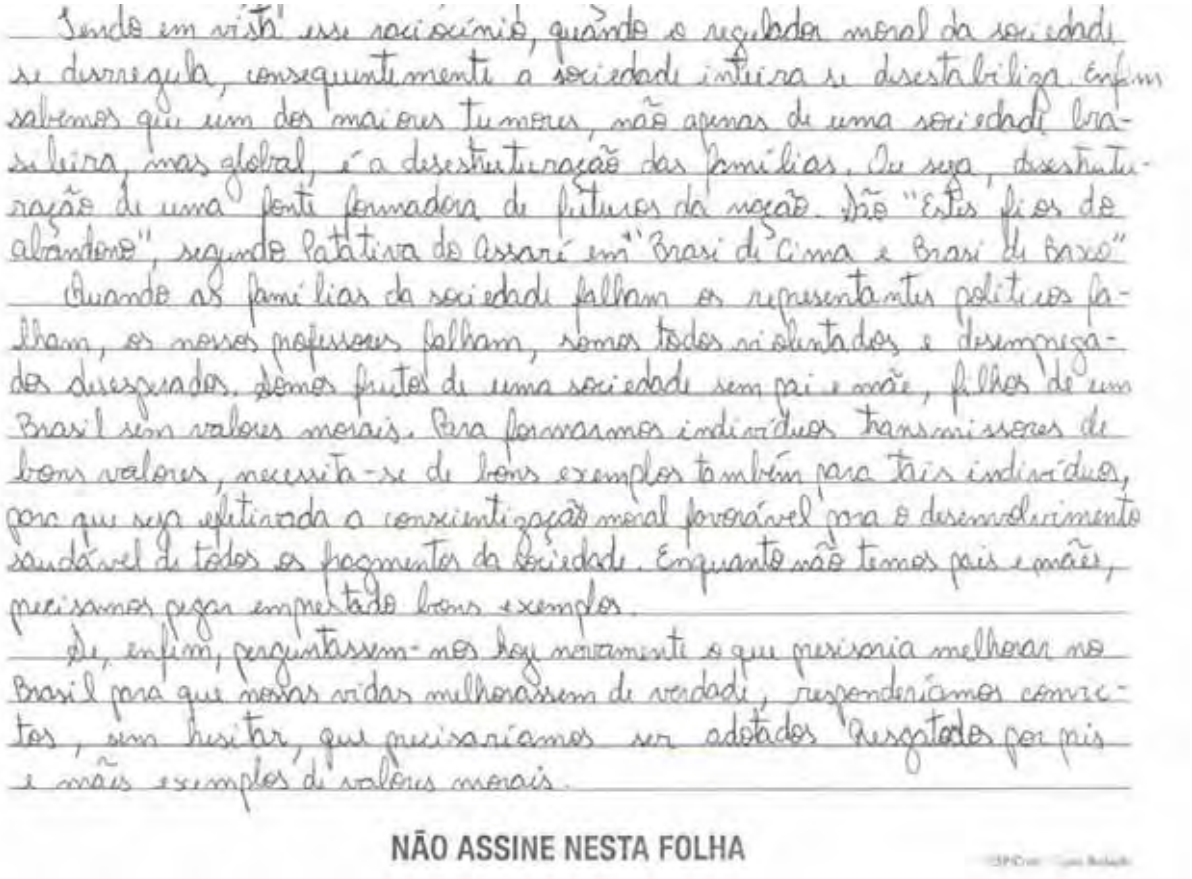
REDAÇÃO

Órfãos

"O que precisa melhorar no Brasil para sua vida melhorar de verdade?", esta é a pergunta em questão lançada pelos pesquisadores do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), vide fonte: Brasil Ponto a Ponto (http://www.brasilpontoaponto.org.br).

Não nos causa grande estranheza ou expressão de negridade ao notarmos as respostas recolhidas. O que sempre temos na lista das respostas mais mencionadas é relativo a educação, política, violência, emprego e valores. Valores. Nota-se que esse é um fator de extrema relevância para os brasileiros, tendo em vista a importância na sociedade dos valores morais. Entretanto não é este um ponto que pode ser considerado muito bem caracterizado, pelo fato de muitos cidadãos não terem sequer noção de valores morais.

Pois, por conseguinte, os indivíduos são alimentados (ou pelo menos deveriam ser alimentados) com valores morais por fontes seguras e auxiliadoras. Pais e mães da sociedade são os prâmetros primordiais na construção da boa conduta, dos bons atos e, finalmente, da formação de todo o valor moral



Sendo em vista esse sociocínio, quando o regulador moral da sociedade se desregula, consequentemente a sociedade inteira se desestabiliza. Enfim, sabemos que um dos maiores tumores, não apenas de uma sociedade brasileira, mas global, é a desestruturação das famílias. Ou seja, desestruturação de uma fonte formadora de futuros da nação. São "Estes filhos do abandono", segundo Patativa do Assaré em "Brasil de Cima e Brasil de Baixo".

Quando as famílias da sociedade falham os representantes políticos falham, os nossos professores falham, somos todos voluntados e desempregados desesperados. Somos frutos de uma sociedade sem pai e mãe, filhos de um Brasil sem valores morais. Para formarmos indivíduos transmissores de bons valores, necessita-se de bons exemplos também para tais indivíduos, para que seja efetivada a conscientização moral favorável para o desenvolvimento saudável de todos os fragmentos da sociedade. Enquanto não temos pais e mães, precisamos pegar emprestado bons exemplos.

Se, enfim, perguntassem-nos hoje novamente o que precisaria melhorar no Brasil para que nossas vidas melhorassem de verdade, responderíamos convictos, sem hesitar, que precisaríamos ser adotados resgatados por pais e mães exemplos de valores morais.

NÃO ASSINE NESTA FOLHA

Redação de Vestibular 2

Na Redação de Vestibular 2, o aluno dialoga com a coletânea de textos integrante da proposta do vestibular, de maneira explícita, em especial com as perguntas elaboradas pelos pesquisadores do PNDU. É o que se observa no seguinte trecho: "'O que precisa melhorar no Brasil para sua vida melhorar de Verdade?', esta é a pergunta em questão lançada pelos pesquisadores do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), vide fonte: Brasil Ponto a Ponto (http://www.brasilpontoaponto.org.br)".

Afirma não causar estranheza as respostas fornecidas pelos entrevistados (educação, política, violência, emprego e valores), e acentua, explicitamente, a importância dos valores morais: "Nota-se que esse é um fator de extrema relevância para os brasileiros, tendo em vista a importância na sociedade dos valores morais". Nesse aspecto, "reitera" ao Avaliador o discurso existente nos textos da coletânea, ressaltando a tendência de que os valores morais são relevantes para sociedade.

Não obstante, há uma relação de alteridade com a forma atual da instituição família, à qual caracteriza como extremamente pertinente, mas, ao mesmo tempo, em patente desestruturação: "quando o regulador moral da sociedade se desregula, consequentemente a

sociedade inteira se desestabiliza. Enfim, sabemos que um dos maiores tumores, não apenas da sociedade brasileira, mas global, é a desestruturação das famílias". A instituição, estrutura base da sociedade, geraria consequências negativas nas mais vastas esferas, como a política e a educacional. Há, portanto, a atribuição axiológica positiva à família e aos valores morais.

Há indícios de autoria na forma do conteúdo, particularmente na metáfora estabelecida entre os valores morais, família e orfandade, salientada no título da Redação de Vestibular "Órfãos", na citação da de Patativa do Assaré "Estes fios do abandono"; e nas passagens "Somos frutos de uma sociedade sem pai e mãe, filhos de um Brasil sem valores morais" e "que precisaríamos ser adotados Resgatados por pais e mães exemplos de valores morais".

A maneira utilizada para movimentar o discurso social e integrá-lo à Redação de Vestibular é outro indício. Há a preocupação do afastamento do autor-pessoa do discurso veiculado, mas, ao mesmo tempo, existe a integração do vestibulando como sujeito social e, portanto, como um partícipe das vozes sociais. O que indica esse processo é o emprego da primeira pessoa do plural: "nos causa", "sempre temos", "sabemos", "formarmos", "temos", "precisamos", "perguntassem-nos", "nossas vidas", "responderíamos" e "precisaríamos".

Não obstante, o vestibulando deixa transparecer-se, por meio da enunciação de uma opinião direta, em duas ocasiões: no comentário "(ou pelo menos deviam ser alimentados)" e na qualificação da desestruturação da família como "um dos maiores tumores", em que evidencia maior acidez.

O manejo do discurso alheio também se deu pela forma direta, com citação direta: "'O que precisa melhora para sua vida melhorar de verdade', esta é a pergunta em questão lançada pelos pesquisadores do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), vide fonte: Brasil Ponto a Ponto (http://www.brasilpontoaponto.org.br)"; e "São 'Estes fios do abandono', segundo Patativa do Assaré em 'Brasi de Cima e Brasi de baxo'".

A forma composicional e a forma do material observaram o gênero do discurso Redação de Vestibular, não apresentando falhas que comprometessem os enunciados. Destarte, a Redação de Vestibular foi composta por seis parágrafos, que variaram entre quatro e oito linhas. A letra do candidato é facilmente legível e a Redação de Vestibular não apresentou rasuras. A nota atribuída à Redação de Vestibular pelo avaliador foi 28,00, a nota máxima.

REDAÇÃO

Cadê os valores que estavam aqui?

Os valores morais estão se tornando cada vez mais raros, porém, cada vez mais importantes na sociedade pós-moderna. Através de uma comparação histórica, é possível notar a diferença na existência dos valores morais, sendo substituídos pelos princípios capitalistas: dinheiro, poder, prazer. Com verdade, tal modelo econômico impede de acordo com a Filosofia, o progresso devido aos seus princípios.

Os valores morais se tornaram no decorrer da história menos frequentes na sociedade. A importância dada em ter valores morais, éticos, religiosos e a busca em tê-los era muito maior na sociedade pré Revolução Industrial. Talvez por isso, na sociedade patriarcal da era do café, muitos filhos tenham sido humilhados e renegados pelos pais, como é possível constatar em novelas e filmes de época. No entanto, com o advento da Revolução Industrial no século XVI, a importância de tais valores decresceu e ainda hoje diminui. Por conseguinte tornou-se cada vez mais normal a existência de profissões exigentes de uma quase inexistência de valores, como profissões da prostituição, terroristas, assaltantes e talvez pode-se dizer políticos, devido às frequentes polêmicas no governo.

Na sociedade torna-se normal e até explicável não ter valores morais. Talvez por isso os valores atuais são outros: a sociedade pós-moderna supervaloriza o dinheiro, o sucesso, o poder, esquecendo-se do caráter. Tal situação pode ser explicada, possivelmente, pela idéia de Maquiavel exposta em "O príncipe": os fins justificam os meios. Assim, a falta de valores morais poderia ser justificada pelas conquistas, mesmo que para isso seja necessário deixar milhares de pessoas na miséria, vender seu corpo ou enganar milhares. Por conseguinte, tal pensamento egoísta impede o progresso social e faz da previsão do futuro do Brasil sombria e preocupante. A comprovação de tal constatação se dá pela análise geopolítica dos países com maior nível de corrupção: a maioria é subdesenvolvida e desigual.

Apesar da constatação da diminuição dos valores, estes são essenciais para o desenvolvimento na sociedade. Filosoficamente, segundo Karl Marx, é impossível alcançar a igualdade e o consequente progresso sem a presença de valores - princípio pregado pelo Capitalismo. Assim, os valores exercem uma grande importância, fato já conhecido pelos participantes de pesquisa feita pelo PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Portanto, tal pesquisa ressalta a necessidade dos valores morais para uma transformação no país. Entretanto, muitos funcionários de principal estrutura social, no âmbito nacional - o Estado - parecem não concordar com a opinião pública apresentada nessa pesquisa: os valores morais, alguns deputados, senadores e outros "servidores públicos" sem se importar com o país.

É cada vez maior a importância dos valores morais na sociedade contemporânea, no entanto, estes são cada vez mais raros. Portanto, um dia, talvez será essencial ter valores morais, sabiando, assim, seu emprego pela suposição de uma inexistência de valores na sociedade. Assim, a contínua diminuição da existência desses nas famílias ou grupos sociais só deixa evidente a irracionalidade de um ser supostamente racional, pois a solução para tal problema é simples: uma educação para a vida - e não só para ser aprovado no vestibular - não só nas escolas, mas, também, nos núcleos familiares e em todas as estruturas sociais.

NÃO ASSINE NESTA FOLHA

A Redação de Vestibular foi escrita empregando letra de fôrma, bastante legível, parágrafos harmônicos e ausência de rasuras. O candidato obteve nota máxima na Redação de Vestibular.

O vestibulando, em sua Redação de Vestibular, defende a ideia de que os valores morais são importantes, porém estão raros. Alude que, ao longo da história, o processo se acentuou, tendo como elemento motivador a Revolução Industrial. Atualmente, os valores atrelados ao Capitalismo – dinheiro, sucesso e poder – são dominantes na sociedade.

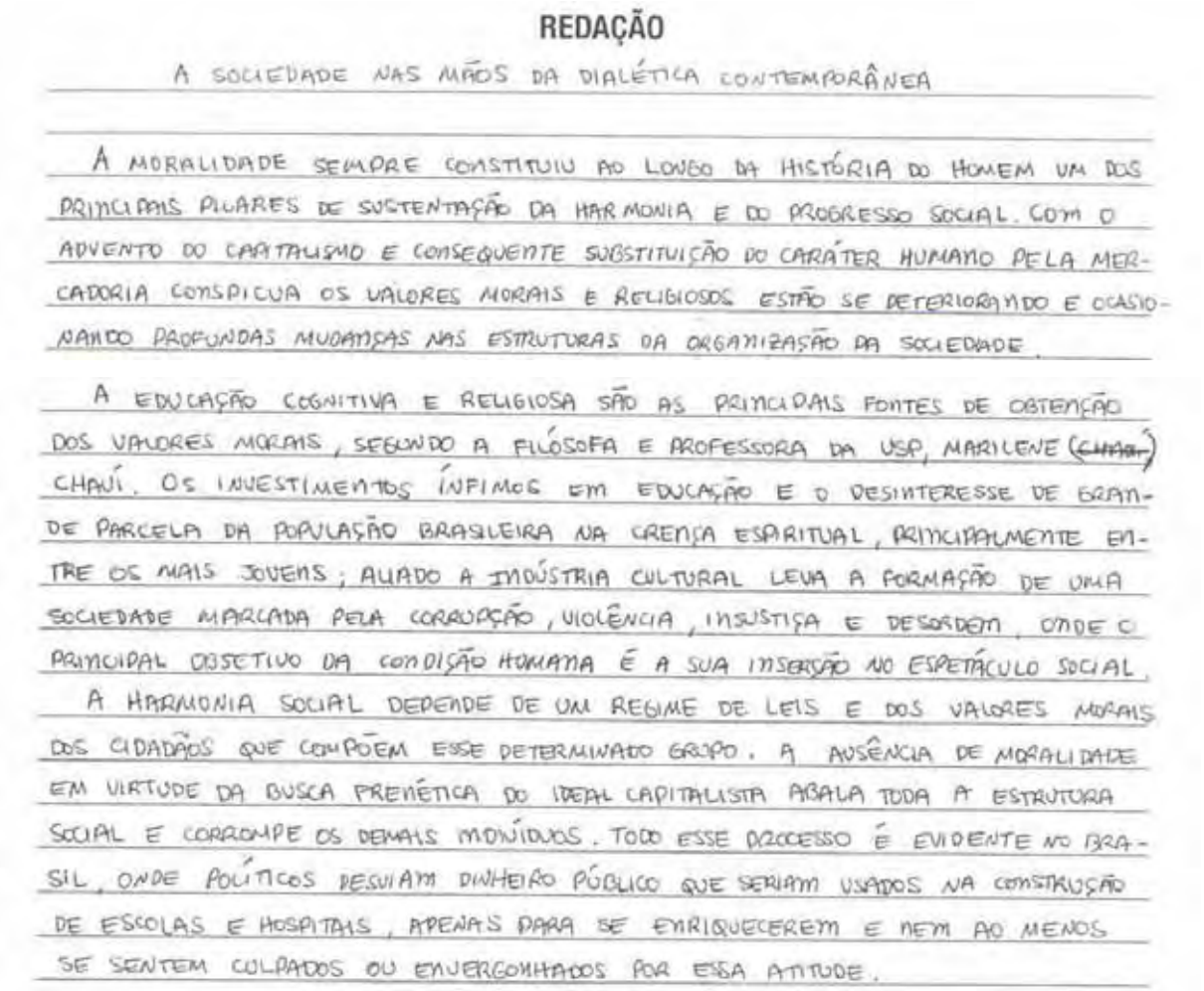
Observa-se, dessa forma, o diálogo direto com a proposta do vestibular, afirmando-se que "Os valores morais estão se tornando cada vez mais raros, porém, cada vez mais importantes na sociedade pós-moderna". Há uma relação de concordância com a coletânea, em especial com a pesquisa do PNUD: "Assim, os valores exercem uma grande importância, fato reconhecido pelos participantes da pesquisa feita pelo PNUD – Programa das Nações unidas para o Desenvolvimento", citada coerentemente, com a finalidade de reiterar a relevância dos dados e do fato retratado, o que é corroborado pelo pensamento de Marx, de que "é impossível alcançar a igualdade e o consequente progresso sem a presença de valores". A intenção da citação, aliás, é introduzir a necessidade de mudanças comportamentais: "Portanto, tal pesquisa ressalta a necessidade dos valores morais para uma transformação no país". A raridade dos valores morais é justificada pela substituição de valores, havendo a assunção dos valores atrelados ao sistema econômico dominante: "Através de uma comparação histórica, é possível notar a diferença na existência dos valores morais, sendo substituídos pelos princípios capitalistas: dinheiro, poder, prazer".

Tentando comprovar esse discurso, há emprego de exemplos históricos, em relação de concordância, situando-se o desejo ou a busca pelos valores morais no período Pré-Revolução Industrial e a substituição paulatina desses elementos por outros, após o século XVI. Não obstante, há o diálogo com o discurso circulante na sociedade, reiterado na proposta e corroborado pela "reiteração" ao Avaliador, o qual é reforçado na Redação de Vestibular, por meio da exemplificação das mazelas causadas pelo comportamento de "deputados, senadores e outros deviam verba pública sem se importar com o país", bem como de profissões que desprezam esses elementos axiológicos, como prostitutas, assaltantes e terroristas.

Essa organização do conteúdo é um importante indício da autoria, à qual acrescenta-se a forma utilizada para recortar, reorganizar e transpor o discurso circulante, apagando-se marcas individuais, mantendo-se um distanciamento do autor-pessoa do conteúdo, elemento

desejável no gênero do discurso Redação de Vestibular, segundo as condições de produção. Também relacionado ao manejo de vozes sociais, existiram três citações diretas, duas das quais (Marx e PNDU) para reforçar a tese articulada pelo autor de que os valores são importantes e uma (Maquiavel) para demonstrar que o Capitalismo é dissonante aos valores morais.

O autor-criador transparece-se, mais evidentemente, no último parágrafo, ao destacar que "a solução para o problema é simples: uma educação para a vida – e não só para ser aprovado no vestibular – não só nas escolas, mas, também, nos núcleos familiares e em todas as estruturas sociais".



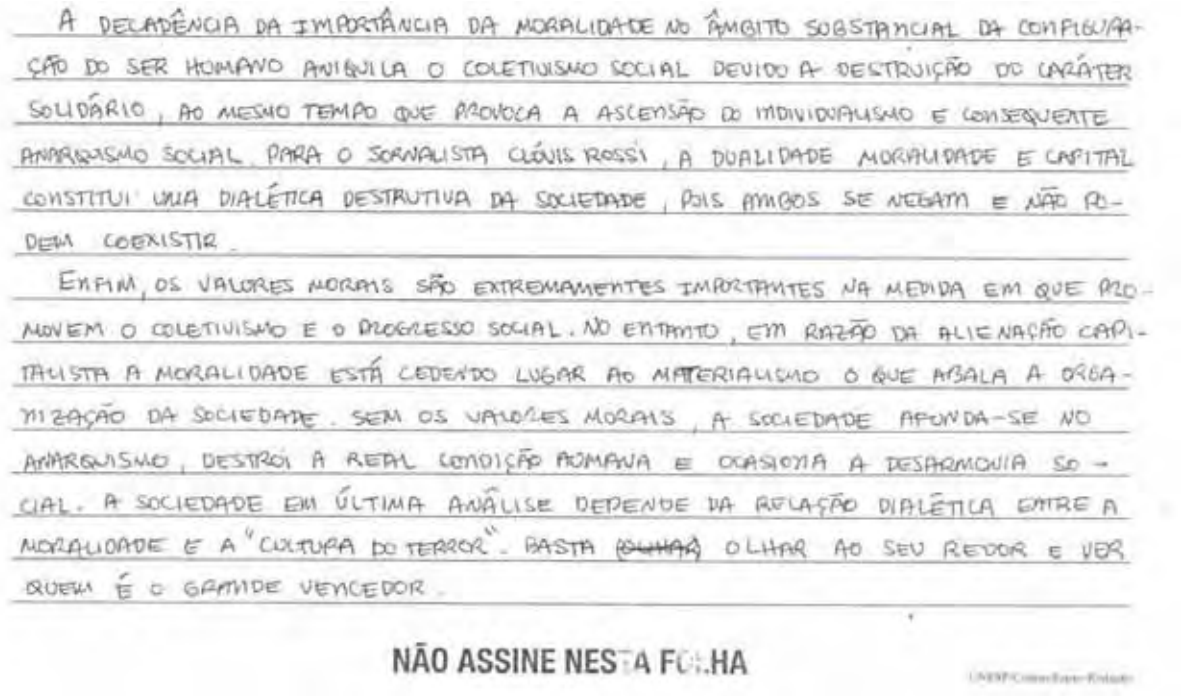
REDAÇÃO

A SOCIEDADE NAS MÃOS DA DIALÉTICA CONTEMPORÂNEA

A MORALIDADE SEMPRE CONSTITUIU AO LONGO DA HISTÓRIA DO HOMEM UM DOS PRINCIPAIS PILARES DE SUSTENTAÇÃO DA HARMONIA E DO PROGRESSO SOCIAL. COM O ADVENTO DO CAPITALISMO E CONSEQUENTE SUBSTITUIÇÃO DO CARÁTER HUMANO PELA MERCADORIA CONSPICUA OS VALORES MORAIS E RELIGIOSOS ESTÃO SE DETERIORANDO E OCASIONANDO PROFUNDAS MUDANÇAS NAS ESTRUTURAS DA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE.

A EDUCAÇÃO COGNITIVA E RELIGIOSA SÃO AS PRINCIPAIS FONTES DE OBTENÇÃO DOS VALORES MORAIS, SEGUNDO A FILÓSOFA E PROFESSORA DA USP, MARILENE ~~CHAUÍ~~ CHAUÍ. OS INVESTIMENTOS ÍNFIMOS EM EDUCAÇÃO E O DESINTERESSE DE GRANDE PARCELA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA NA CRENÇA ESPIRITUAL, PRINCIPALMENTE ENTRE OS MAIS JOVENS; ALIADO A INDÚSTRIA CULTURAL LEVA A FORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE MARCADA PELA CORRUPÇÃO, VIOLÊNCIA, INJUSTIÇA E DESORDEM, ONDE O PRINCIPAL OBJETIVO DA CONDIÇÃO HUMANA É A SUA INSERÇÃO NO ESPETÁCULO SOCIAL.

A HARMONIA SOCIAL DEPENDE DE UM REGIME DE LEIS E DOS VALORES MORAIS DOS CIDADÃOS QUE COMPÕEM ESSE DETERMINADO GRUPO. A AUSÊNCIA DE MORALIDADE EM VIRTUDE DA BUSCA FRENÉTICA DO IDEAL CAPITALISTA ABALA TODA A ESTRUTURA SOCIAL E CORROMPE OS DEMAIS MORÍDUOS. TODO ESSE PROCESSO É EVIDENTE NO BRASIL, ONDE POLÍTICOS DESVIAM DINHEIRO PÚBLICO QUE SERIAM USADOS NA CONSTRUÇÃO DE ESCOLAS E HOSPITAIS, APENAS PARA SE ENRIQUECEREM E NEM AO MENOS SE SENTEM CULPADOS OU ENVERGONHADOS POR ESSA ATITUDE.



A DECADÊNCIA DA IMPORTÂNCIA DA MORALIDADE NO ÂMBITO SUBSTANCIAL DA CONFIGURAÇÃO DO SER HUMANO ANIQUILA O COLETIVISMO SOCIAL DEVIDO A DESTRUIÇÃO DO CARÁTER SOLIDÁRIO, AO MESMO TEMPO QUE PROVOCA A ASCENSÃO DO INDIVIDUALISMO E CONSEQUENTE ANARQUISMO SOCIAL. PARA O JORNALISTA CLÓVIS ROSSI, A DUALIDADE MORALIDADE E CAPITAL CONSTITUI UMA DIALÉTICA DESTRUTIVA DA SOCIEDADE, POIS AMBOS SE NEGAM E NÃO PODEM COEXISTIR.

ENFIM, OS VALORES MORAIS SÃO EXTREMAMENTES IMPORTANTES NA MEDIDA EM QUE PROMOVEM O COLETIVISMO E O PROGRESSO SOCIAL. NO ENTANTO, EM RAZÃO DA ALIENAÇÃO CAPITALISTA A MORALIDADE ESTÁ CEDENDO LUGAR AO MATERIALISMO O QUE ABALA A ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE. SEM OS VALORES MORAIS, A SOCIEDADE AFUNDA-SE NO ANARQUISMO, DESTRÓI A REAL CONDIÇÃO HUMANA E OCASIONA A DESARMONIA SOCIAL. A SOCIEDADE EM ÚLTIMA ANÁLISE DEPENDE DA RELAÇÃO DIALÉTICA ENTRE A MORALIDADE E A "CULTURA DO TERROR". BASTA ~~OLHAR~~ OLHAR AO SEU REDOR E VER QUEM É O GRANDE VENCEDOR.

NÃO ASSINE NESTA FOLHA

Redação de Vestibular 4

O título da Redação de Vestibular indica a existência de uma dualidade, que aponta para o conflito que caracteriza a questão dos valores morais. O termo “dialética” dá ideia de polos antagônicos, inconciliáveis.

Há a afirmação de que a moralidade acompanha a história da humanidade. Em contraposição, há a afirmação de que o termo inicial da mudança da moralidade, foi o “advento do capitalismo”, substituindo-se “o caráter humano pela mercadoria”: “Com o advento do capitalismo e consequente substituição do caráter humano pela mercadoria conspicua os valores morais e religiosos estão se deteriorando e ocasionando profundas mudanças nas estruturas da organização da sociedade”. Verifica-se, dessa forma, a dualidade moralidade *versus* capitalismo, duas vozes sociais antagônicas, em posição de alteridade, atribuindo-se negatividade ao sistema econômico.

A tese apresentada é de que a deteriorização dos “valores morais e religiosos” provoca mudanças na organização social. Com isso, denota-se a “reiteração”, ao Avaliador, do discurso subentendido na proposta, a importância dos valores morais na sociedade.

O vestibulando afirma que a falta de investimento na educação, o afastamento da religião e a indústria cultural, ao fundirem-se, formam uma sociedade marcada pela “corrupção, violência, injustiça e desordem”. Nesse passo, o objetivo da conduta humana seria sua inserção no “espetáculo social”.

Estabelece-se o diálogo com a professora Marilena Chauí, a qual defende a ideia de que a educação cognitiva e religiosa “são as principais fontes” da moral. Ao recuperar a voz da professora, sobrepesa-se a importância da tese defendida pelo autor, que passa a ser avalizada por alguém de notória sabedoria e respeito acadêmico, o que se verifica pelo destaque dado à “filósofa e professora da USP”.

Retoma-se a tese de que a ausência de moralidade, gerada pelo ideal capitalista, danifica a estrutura social. O candidato apresenta, como fato, o caso da corrupção no Brasil, reforçando sua tese ao demonstrar que os desvios de dinheiro, que deveria ser utilizado em benefício da população, enriquece poucos, em detrimento da grande maioria. Novamente, há o “empréstimo” da voz alheia, no caso do jornalista Clóvis Rossi, também reforçando seu discurso, ao imputar à “dualidade moralidade e capital” a característica de antagônicos, uma vez que não podem coexistir.

Há ainda a reiteração explícita da importância dos valores morais, bem como da dualidade existente.

Os indícios de autoria estão marcados na forma do conteúdo, por meio da competência do autor em manusear diversos discursos e vozes sociais, recortando-os de acordo com sua tese (discurso entendido como correto), ordenando-os de modo a dar veracidade ao discurso da dualidade, em contraposição, entre os valores morais e os valores “capitalistas”. Nessa seara, coloca-se, em um excedente de visão, distante do discurso (discurso não marcado), transmutando-o como impessoal e objetivo. Ao mesmo tempo, utiliza-se de vozes de autoridades conhecidas, que dão crédito ao que é enunciado, como são os casos de Marilena Chauí e Clóvis Rossi, o que é corroborado com fatos históricos.

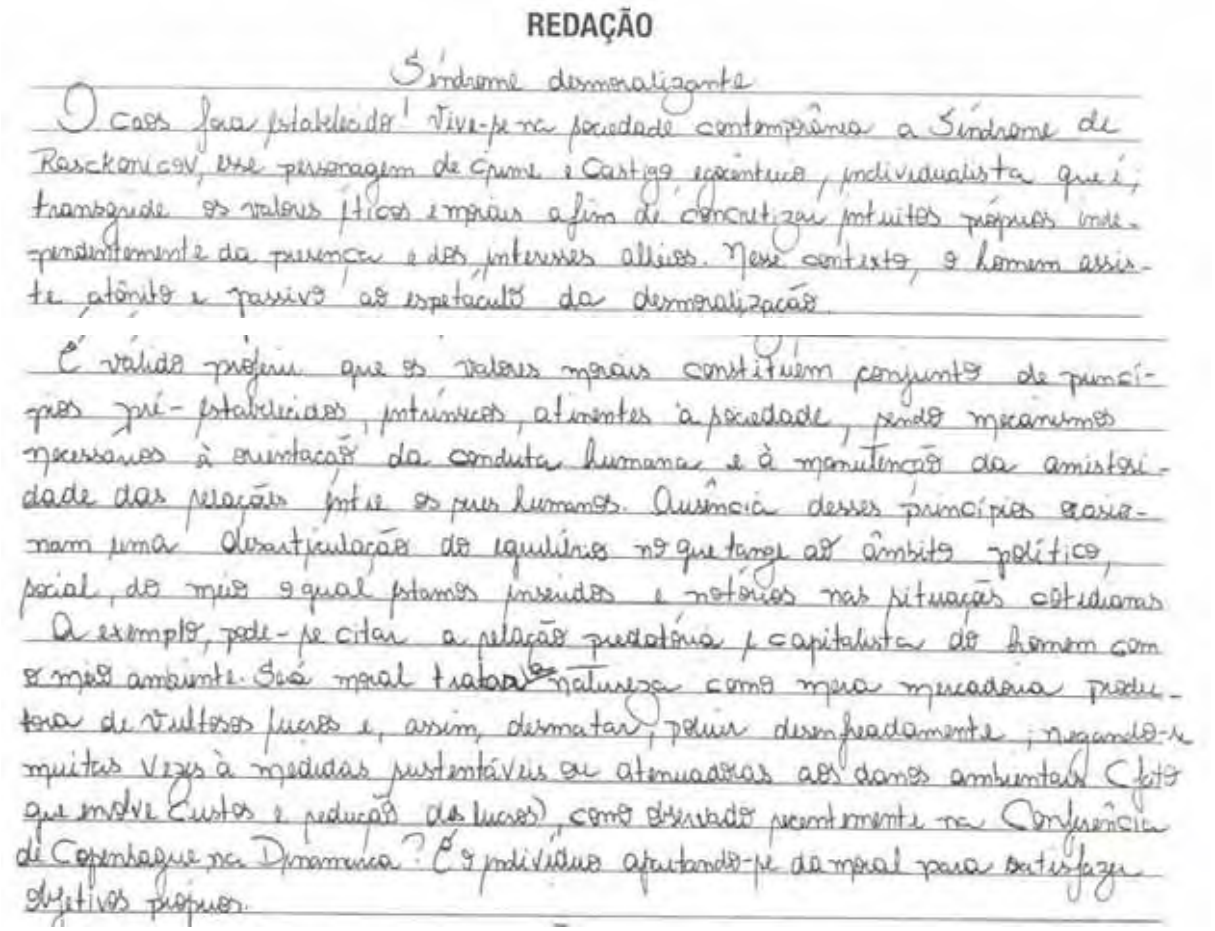
A forma composicional utilizada pelo vestibulando é característica do gênero do discurso Redação de Vestibular. Utilizou-se, nos primeiro, segundo, terceiro e quinto parágrafos, a colocação topográfica dos valores “desejáveis” no início, em contraposição aos que estipula deméritos, que se afiguram no final cada um. Observa-se estratégia autoral contrária à utilizada pelo autor da Redação de Vestibular 1, em que o candidato, no início dos parágrafos, fazia alusão aos “valores atuais”, imputando-lhes problemas e falhas, trazendo, no final dos parágrafos, a relevância dos “valores mais profundos”, reiterando seu abandono.

No final da Redação de Vestibular, há uma construção que merece destaque, por indicar uma marca autoral diversa: “A sociedade em última análise depende da relação dialética entre a moralidade e a ‘cultura do terror’. Basta olhar ao seu redor e ver quem é o grande vencedor”. O emprego do pronome possessivo “seu” gera uma ambiguidade, não

sendo possível certificar se proposital ou não, podendo referir-se à sociedade ou ao Avaliador, “o ouvinte”.

Na construção: “[...] leva a formação de uma sociedade marcada pela corrupção, violência, injustiça e desordem, onde o principal objetivo da condição humana é a sua inserção no espetáculo social”, a expressão “espetáculo social” encontra-se emaranhada em uma série de sentidos adjacentes e subentendidos, capazes de imputar a ideia de um teatro ou representação social, de simulação ou ausência de veracidade. Trata-se de outra marca sutil de autoria.

A Redação de Vestibular possui cinco parágrafos, variando entre cinco e oito linhas, a letra utilizada pelo candidato é facilmente legível, de fôrma; e há duas rasuras. A Redação de Vestibular conquistou nota máxima no vestibular.

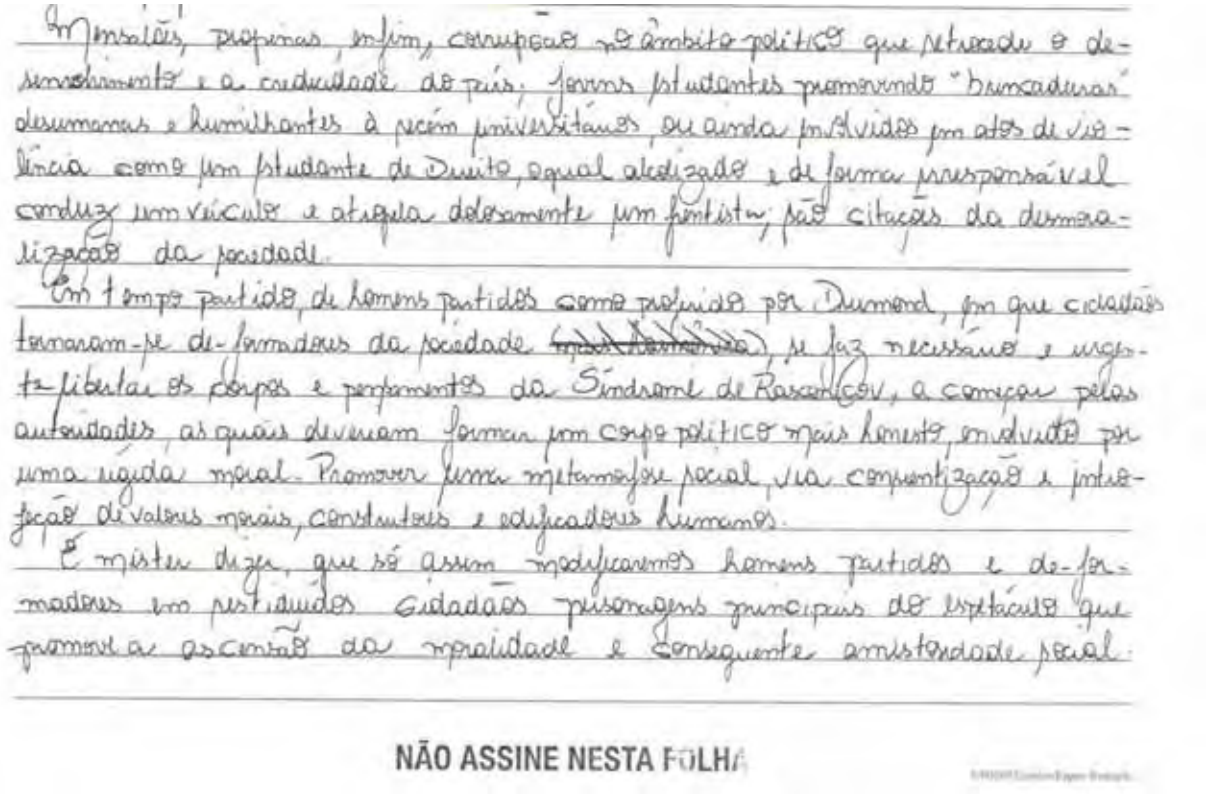


REDAÇÃO

Síndrome desmoralizante

O caos foi estabelecido! Vive-se na sociedade contemporânea a Síndrome de Raskonicov, esse personagem de Crime e Castigo egocêntrico, individualista que vê, transgride os valores éticos e morais a fim de concretizar seus intuitos próprios independentemente da presença e dos interesses alheios. Nesse contexto, o homem assiste atônito e passivo ao espetáculo da desmoralização.

É válido propor que os valores morais constituem conjunto de princípios pré-estabelecidos, intrínsecos, atuantes à sociedade, pois mecanismos necessários à orientação da conduta humana e à manutenção da amistosidade das relações entre os seus humanos. Ausência desses princípios ocasionam uma desarticulação do equilíbrio no que tange ao âmbito político, social, do meio o qual estamos inseridos e notórios nas situações estudadas. A exemplo, pode-se citar a relação predatória e capitalista do homem com o meio ambiente. Seu moral trata a natureza como mera mercadoria produtora de vultosos lucros e, assim, desmatar, poluir desenfreadamente, negando-se muitas vezes à medidas sustentáveis ou atenuadoras aos danos ambientais (pois envolve custos e redução de lucros) como debatido recentemente na Conferência de Copenhague na Dinamarca. É o indivíduo aferrando-se do moral para satisfazer objetivos próprios.



Mensalão, propinas, enfim, corrupção no âmbito político que retrocede o desenvolvimento e a credibilidade do país; jovens estudantes promovendo "brincadeiras" desumanas e humilhantes à recém universitários, ou ainda pessoas vítimas em atos de violência como um estudante de Direito, equalizado e de forma irresponsável conduz um veículo e atropela deliberadamente um flentista; são citações da desmoralização da sociedade.

Um tempo partido, de homens partidos como pulsados por Drumond, em que cidadãos tornaram-se deformadores da sociedade ~~[illegible]~~, se faz necessário e urgente libertar os corpos e pensamentos da Síndrome de Rasckolnicov, a começar pelas autoridades, as quais devessem formar um corpo político mais honesto, envolvido por uma ação moral. Promover uma metamorfose social, via compartilhação e introjeção de valores morais, construtores e edificadores humanos.

É mister dizer, que só assim modificaremos homens partidos e deformadores em pessoas cidadãos personagens principais do espetáculo que promove a ascensão da moralidade e consequente amistosidade social.

NÃO ASSINE NESTA FOLHA

Redação de Vestibular 5

O título da Redação de Vestibular "Síndrome desmoralizante" remete à noção de patologia, doença. O vestibulando, no primeiro parágrafo, faz uma metáfora comparativa entre a "Síndrome de Rasckonicov", personagem de Crime e Castigo, e a sociedade atual. Imputa, nesse contexto, um processo de desmoralização. No parágrafo seguinte, procura definir os valores morais, como o "conjunto de princípios pré-estabelecidos, intrínsecos e atinentes à sociedade", constituindo elementos de orientação da conduta humana, cuja ausência traz consequências mendazes à coletividade.

Dessa maneira, há a fixação, como tese (o discurso a ser defendido e provado verdadeiro), dos valores morais como axiologicamente positivos e sua ausência negativa ao organismo social. Mobilizam-se vozes sociais que criticam algumas práticas, como "a relação predatória e capitalista do homem com o meio ambiente", a corrupção política e "'as brincadeiras' a desumanas e humilhantes" aos calouros universitários, que implicam a "desmoralização da sociedade".

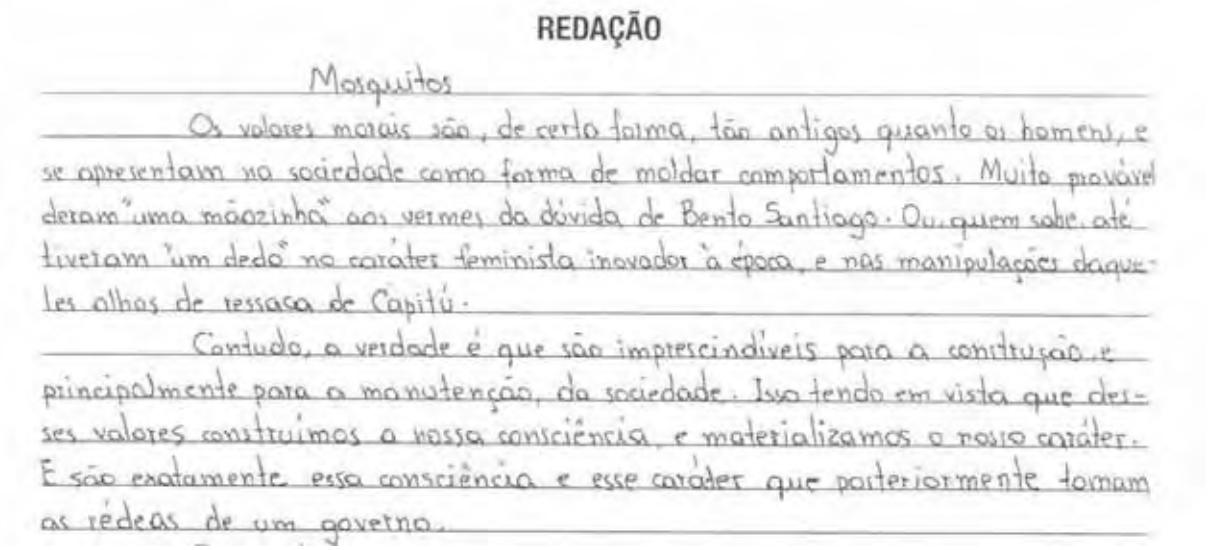
O discente estabelece um diálogo marcado com Carlos Drummond de Andrade, chamado de "Drumond", e com "Crime e Castigo", por meio da Síndrome de Rasckonicov, cuja função é trazer expressividade ao texto - no que teve êxito, por trazer uma marca pessoal,

enquanto autoria, e, ao mesmo tempo, demonstrar o conhecimento enciclopédico ao Avaliador (ouvinte). Nesse sentido, há referência à "Conferência de Copenhage" e ao atropelamento "doloso" de um frentista por um estudante de Direito.

Na arquitetônica, abrangendo a forma do conteúdo, a forma composicional e a forma do material, houve a demarcação do autor-criador nas seguintes passagens: "O caos fora estabelecido!"; "o homem assiste atônito e passivo ao espetáculo da desmoralização"; "Promover uma metamorfose social, via conscientização e introjeção de valores morais"; e "Homens partidos e de-formadores em restituídos cidadãos, personagens principais do espetáculo que promove a ascensão da moralidade". Trata-se de elementos expressivos, algo exagerados, com tendência à ironia, que manipula a arquitetônica de forma individual.

Sem prejuízo, há o emprego de uma pergunta retórica, convidando o Avaliador (ouvinte) a refletir sobre um problema que considera relevante, ao qual indica a resposta desejada: "Será moral tratar a natureza como mera mercadoria produtora de vultosos lucros e, assim, desmatar, poluir desenfreadamente; negando-se muitas vezes à medidas sustentáveis ou atenuadoras aos danos ambientais (fato que envolve custos e redução dos lucros), como observado recentemente na Conferência de Copenhague, na Dinamarca? É o indivíduo apartando-se da moral para satisfazer objetivos próprios".

A Redação de Vestibular atendeu às expectativas do gênero, a letra é facilmente legível, cursiva, possui seis parágrafos, variando entre três e sete linhas. O vestibular atribuiu nota máxima à Redação de Vestibular.

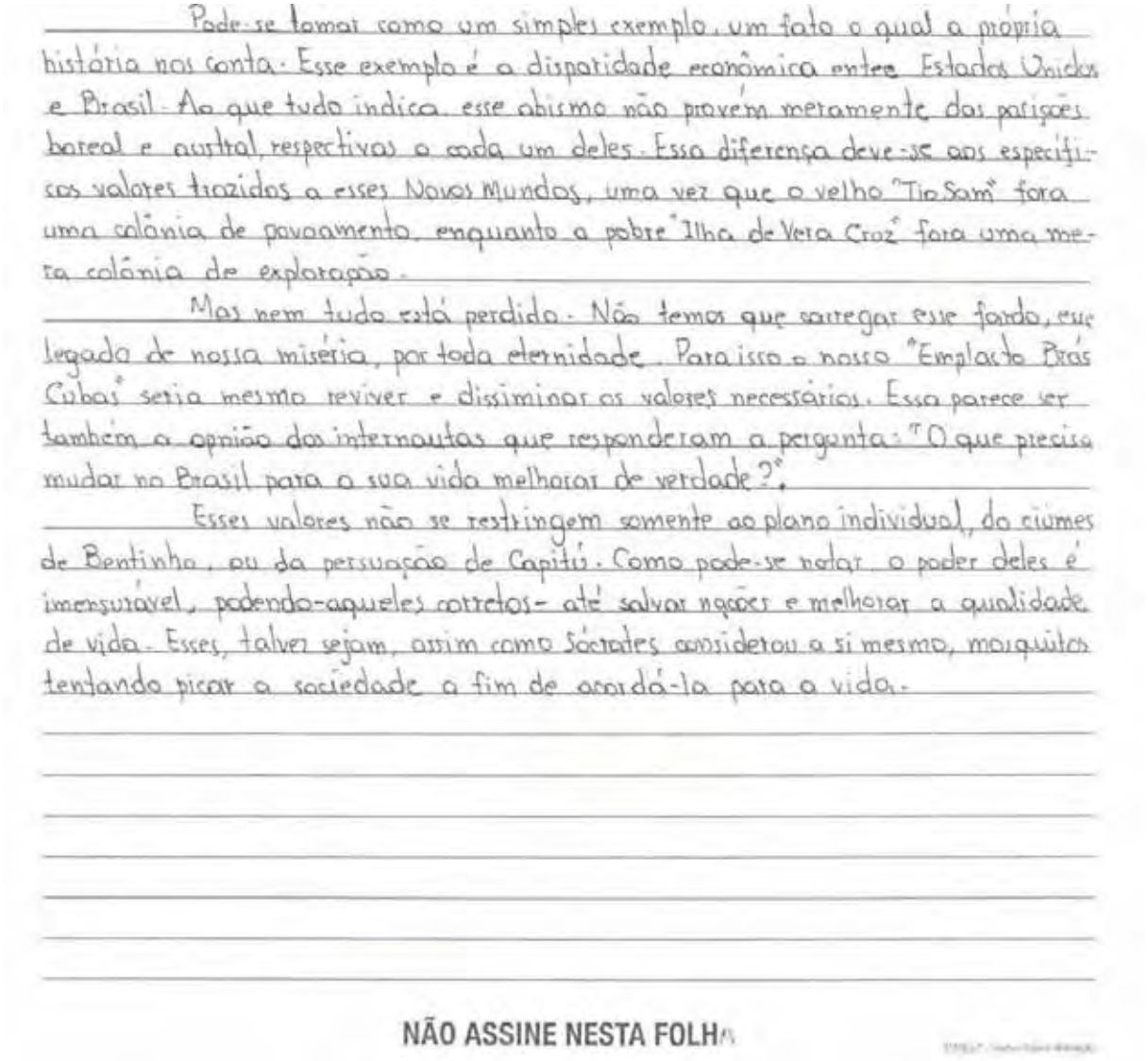


REDAÇÃO

Marquisitos

Os valores morais são, de certa forma, tão antigos quanto os homens, e se apresentam na sociedade como forma de moldar comportamentos. Muito provável deram "uma mãozinha" aos vermes da dúvida de Bento Santiago. Ou, quem sabe, até tiveram "um dedo" no caráter feminista inovador à época, e nas manipulações daqueles olhos de ressaca de Capitú.

Contudo, a verdade é que são imprescindíveis para a constituição, e principalmente para a manutenção, da sociedade. Isso tendo em vista que desses valores construímos a nossa consciência, e materializamos o nosso caráter. E são exatamente essa consciência e esse caráter que posteriormente tomam as rédeas de um governo.



Pode-se tomar como um simples exemplo, um fato o qual a própria história nos conta. Esse exemplo é a disparidade econômica entre Estados Unidos e Brasil. Ao que tudo indica, esse abismo não provém meramente das posições boreal e austral, respectivas a cada um deles. Essa diferença deve-se aos específicos valores trazidos a esses Novos Mundos, uma vez que o velho "Tio Sam" fora uma colônia de povoamento, enquanto a pobre "Ilha de Vera Cruz" fora uma mera colônia de exploração.

Mas nem tudo está perdido. Não temos que carregar esse fardo, esse legado de nossa miséria, por toda eternidade. Para isso o nosso "Emplasto Brás Cubas" seria mesmo reviver e disseminar os valores necessários. Essa parece ser também a opinião dos internautas que responderam a pergunta: "O que precisa mudar no Brasil para a sua vida melhorar de verdade?".

Esses valores não se restringem somente ao plano individual, do ciúmes de Bentinho, ou da persuasão de Capitú. Como pode-se notar, o poder deles é imensurável, podendo-aqueles corretos- até salvar nações e melhorar a qualidade de vida. Esses, talvez sejam, assim como Sócrates considerou a si mesmo, mosquitos tentando picar a sociedade a fim de acordá-la para a vida.

NÃO ASSINE NESTA FOLH

Redação de Vestibular 6

O vestibulando estabelece, em relação de concordância, diálogo com o conjunto axiológico manejado pela proposta de vestibular. Para tanto, mobiliza os valores morais, aos quais atribui a qualidade de "imprescindíveis" e "forma de moldar comportamentos". A literatura, através de características das personagens Bento Santiago e Capitu, e do "Emplasto Brás Cubas", teve seu discurso articulado, o qual reitera a relevância dos valores. A história da humanidade também foi utilizada, como forma de fornecer subsídios concretos para o discurso defendido pelo candidato. O movimento feminista e o processo de colonização dos Estados Unidos e do Brasil serviram de contraponto para a discurso.

Nesse passo, há diálogo direto com a proposta do vestibular, por meio da citação direta da pergunta feita aos internautas "o que precisa mudar no Brasil para a sua vida melhorar de

verdade", além da reiteração ao Avaliador do discurso "esperado" pela tendência evidenciada pelos textos integrantes da coletânea.

A autoria possui elementos delineados na arquitetônica. A forma do conteúdo, por meio do recorte utilizado, que caracteriza os valores morais como "molde da sociedade" e "imprescindíveis", fornece subsídios necessários ao discurso veiculado nos enunciados, os quais transpuseram, dialogicamente, exemplos da literatura, que demonstram conhecimento enciclopédico e individualidade, e fatos históricos, cuja função é corroborar o discurso com elementos "incontestáveis", que autorizam o discurso.

A forma composicional, a forma do material e o acabamento da forma do conteúdo demonstram traços autorais, por meio expressões como "uma mãozinha", "um dedo", "tomam as rédeas", "Tio Sam", "pobre 'Ilha de Vera Cruz'", "Emplasto Brás Cubas" e "aqueles corretos".

Também merece atenção a maneira como a voz social e a do outro são mobilizadas pelo discurso do sujeito. O candidato afasta-se do discurso, apagando indícios das "vozes sociais" e da sua "subjetividade" (autor-pessoa), requisitos considerados necessários pelo gênero "Redação de Vestibular", segundo as vozes emanadas da esfera escolar. Nesse aspecto, "reitera" o discurso aguardado. Sem prejuízo, explicita o diálogo histórico, que considera importante para dar azo aos discursos presentes nos enunciados. Tanto é verdade que demarca: "a história nos conta" e "valores trazidos". Também demarca, intencionalmente, o diálogo com a proposta (pergunta aos internautas), com obras da literatura Sócrates.

Aliás, de Sócrates "empresta" a comparação do desconforto da picada de mosquitos para, estilisticamente, aproximar os valores morais a incômodos à sociedade, no sentido de senso moral ou consciência, o que integrou outras passagens "vermes da dúvida de Bento Santiago" e "manipulações daqueles olhos de ressaca de Capitú". Utiliza-se, nesse sentido, como título da Redação de Vestibular "Mosquitos", o que recupera toda estratégia.

O comentário: "– aqueles corretos -" representam o uso voz autoral na Redação de Vestibular, a qual demonstra a "reiteração" do discurso ao "Avaliador" (ouvinte). A Redação de Vestibular possui cinco parágrafos harmônicos, variando entre cinco e seis linhas, a letra é bastante legível e de fôrma, não há rasuras e o título não está centralizado. A Redação de Vestibular obteve nota máxima no vestibular.

REDAÇÃO

Moralidade "inviável"?

Na era em que se pode extrair genes de uma espécie bacteriana e inseri-los em plantas, era na qual objetos "hi-tech" se locomovem no espaço sideral com tanta facilidade quanto os automóveis na Times Square ou na Avenida Paulista, era em que se tem armamentos suficientes para destruir o equivalente a dois planetas Terra, pouco se tem notado a importância dos valores morais todos dos, muitos vão, com nenhum a existência deles é prescindível. O fato, entretanto, é: a tecnologia em si não é capaz de satisfazer às necessidades da sociedade, este último requisito de valores que condizam e possibilitem o desenvolvimento dos indivíduos e atuem na autopreservação dela.

Thomas Hobbes, John Locke e Rousseau são defensores do contrato social entre o Estado e os súditos para a existência da sociedade. Já Karl Marx enxerga o materialismo dialético no qual a luta entre classes sociais é o fator determinante para a formação da sociedade burguesa atual. Em qualquer uma dessas teorias, sem não haja valores morais de paz e unidade, não haveria motivação nem ordem o contrato social em si para formar grupos que dominassem o grupo dominante. Como, então, poderia existir a civilização, e o homem estaria sujeito às regras das selvas e da natureza.

Uma vez considerada a existência da sociedade, os princípios morais ainda são necessários. Na antiga Roma, o espírito de luta e conquista mantinha os soldados unidos e fortes para a conquista e a expansão do império; já na Idade Média, os valores cristãos mobilizaram a força de trabalho servil e garantiram a ordem feudal. Hoje, se não houvesse esses valores, logo a sociedade tornar-se-ia um palco de manifestações violentas e de desobediência à lei, extinguindo qualquer tipo de contrato social ou classe social. Imperaria o caos e o desenvolvimento tecnológico atual. Por isso, os valores morais são essenciais para a manutenção da paz e da ordem social.

Por fim, a sociedade, por definição, visa manter o bem estar coletivo e individual dos integrantes dela. Para tal, é necessário que todos os indivíduos sejam morais, de modo que eles respeitem o próximo e sejam em contribuição da sociedade como um todo. Muito do que se acredita hoje como moralmente correto como, por exemplo, matar ao próximo como a si mesmo, não pode ser provado por métodos científicos; mas a ausência desses princípios certamente acarretará em consequências desastrosas. A tirania imoral até pode manter uma sociedade em ordem por um tempo, mas o regime jamais fará com que ela atinja o objetivo devido.

Considerando a existência, a manutenção e o objetivo da sociedade, logo se confirma a grande importância dos valores morais. Portanto, devemos preservá-los, uma vez que, em uma sociedade progressa como a atual, até mesmo a moralidade seja considerada "inviável".

NÃO ASSINE NESTA FOLHA

Redação de Vestibular 7

Um conjunto de valores são mobilizados na Redação de Vestibular: há, demarcada, uma relação de alteridade entre o discurso que apregoa a relevância e a imprescindibilidade da tecnologia, como sinal de evolução e modernidade, e aquele que tenciona no sentido de serem os valores os atributos indispensáveis à organização e futuro sociais. Para tanto, são mobilizados os discursos dos filósofos Thomas Hobbes, John Locke, Rousseau e Karl Marx e da história da humanidade. De posse desses elementos, há o diálogo com a proposta do vestibular, reiterando-se o discurso de que os valores morais são "essenciais para a manutenção da paz e da ordem social". Ainda são evidenciados o confronto entre o bem-estar individual e o bem coletivo, o que retoma a coletânea e "reitera-se" o que se imagina que é desejado.

A forma do conteúdo, por meio do recorte dos discursos, é um traço importante. Há, nesse aspecto, o apagamento da subjetividade do autor-pessoa, buscando-se dar azo à objetividade, o que prepondera na Redação de Vestibular, organizando-se as vozes sociais, recortando-as e transpondo-as ao discurso presente nos enunciados, no sentido de demonstrar que os valores morais são basilares para a sociedade, em grau de importância superior à tecnologia.

Nessa seara, há a demarcação de uma voz social definida, com a qual há o posicionamento antagônico, exatamente no tocante à tecnologia. Para tanto, ressaltam-se alguns dos avanços tecnológicos, pugnando-se que a sociedade dá prioridade às inovações. Não obstante, "empresta-se" a teoria do contrato social, dos filósofos Thomas Hobbes, John Locke e Rousseau, a qual reverencia a necessidade do discurso de que, sem valores, não há motivos para a celebração de tal pacto. Karl Marx foi utilizado para reforçar essa ideia. Em consonância, estabelece-se um paralelo com a história, a qual tem o condão de conferir, por meio de experiências concretas, a relevância do discurso defendido.

Além da demonstração do conhecimento enciclopédico e da estruturação linguística (forma do material e forma composicional), outros dois traços da autoria apresentam-se na Redação de Vestibular: a generalização ("todos indivíduos sejam morais, de modo que eles respeitem ao próximo e ajam em contribuição da sociedade como um todo"); e a correlação do título "Moralidade 'imoral'?" e a reiteração da preservação dos valores morais, caso contrário, haverá uma "moralidade imoral". Atribui-se nota máxima à Redação de Vestibular.

REDAÇÃO

"Os valores morais e sua importância na sociedade"

Todos os dias encontramos nos jornais manchetes sobre desvio de verbas, fraudes, impunidade na política pública. Escolas em greve em razão dos baixíssimos salários dos professores; deficiências no ensino em instituições públicas e privadas; carência de profissionais na área de saúde; falta de investimentos nos equipamentos e estrutura de hospitais e postos de saúde; altos índices de violência nas grandes cidades, e agora nem mesmo nas pequenas há segurança. No entanto, em vez de enfocar apenas os problemas em si, talvez seja mais fácil procurar a raiz de todos eles: os valores morais presentes na sociedade atualmente.

Muitos brasileiros já perceberam isso, como mostra uma pesquisa recente realizada pelo PNUD – Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento –, na qual os valores morais foram apontados como um dos cinco pontos de maior importância para mudar a vida dos brasileiros. No estado de São Paulo, foram colocados em primeiro lugar – e por uma boa razão. Se políticos e eleitores estivessem conscientes de suas responsabilidades, se tivessem como valores a honestidade, a preocupação com os demais, provavelmente a política pública seria diferente no Brasil. Será que haveria manchetes sobre verdadeiras fortunas escondidas na cueca e prédios destinados a hóspedes que permanecem poucos quantos todos os anos, mas cuja construção parece nunca ter fim?

Faltam valores às crianças, que passam na marginalidade, sem perspectiva de um futuro diferente. Crianças que crescem para tornar-se bandidos, que assaltam os pobres, que assaltam os cofres públicos. Faltam valores aos pais, que não têm consciência da importância de seus exemplos para seus filhos. Faltam valores ao povo, que trata com distinção pessoas de diferentes classes sociais, raças, credos religiosos, opiniões políticas. O "jeitinho brasileiro" é aplaudido, em vez de ser observado criticamente.

Em seu poema "Brasil de cima e Brasil de baixo", Patativa do Assaré faz uma crítica à sociedade e às condições de vida dos brasileiros. Em um trecho, diz que, no futuro, haverá um Brasil cheio de riquezas, mas no qual o dono do poder respeitará o direito alheio. Isso só será possível se houver uma mudança nos valores que vigoram hoje na mentalidade do povo. É da natureza humana corrompê-los, e nisto consiste a grande importância da educação – consciente.

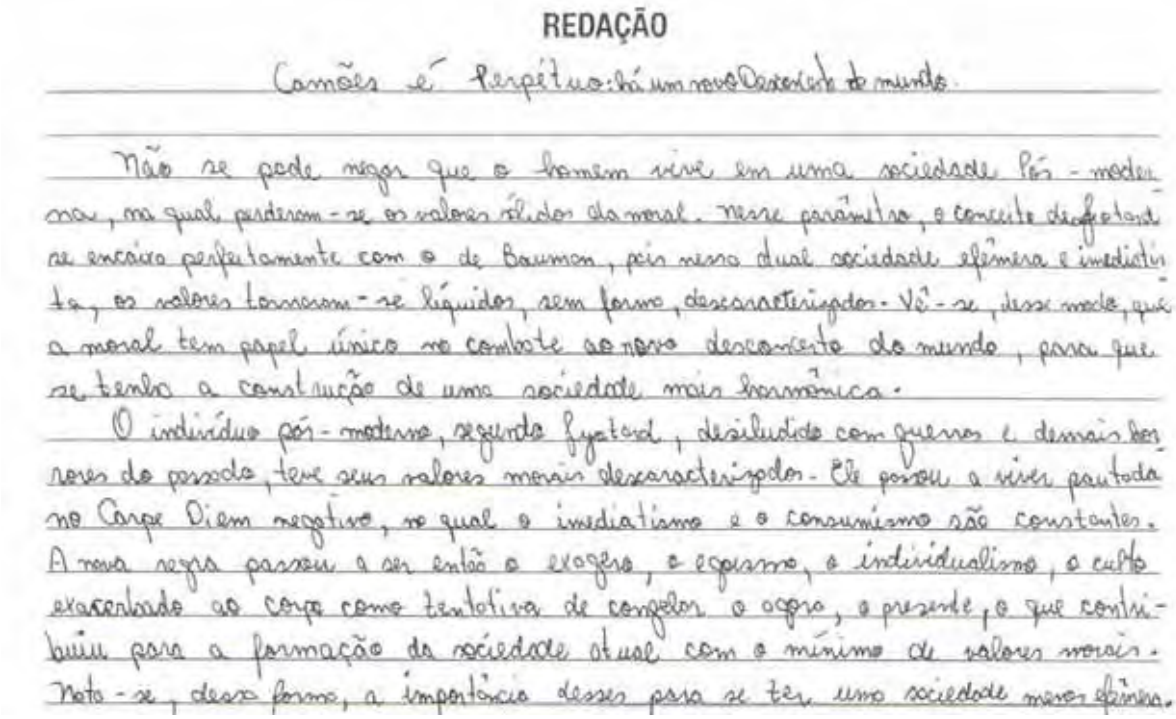
O primeiro passo – identificar o problema – já foi dado. Resta agora conscientizar os demais brasileiros, a mídia, o governo; incutir na sociedade brasileira, aos poucos, os valores morais fundamentais para a transformação do país. A perspectiva de um Brasil melhor aproxima-se à medida que cada indivíduo age à luz de valores que contribuem para o bem de todos.

NÃO ASSINE NESTA FOLHA

Redação de Vestibular 8

O vestibulando movimenta um conjunto de vozes sociais, de alteridade, que denunciam diversos problemas cotidianos, cujas origens remontariam à ausência de valores. Basicamente, trata-se da oposição: interesse privado *versus* interesse coletivo, em que o egoísmo sobressai-se. A forma do conteúdo indica traços de autoria, especificamente no tocante à mobilização de vozes sociais que denunciam as mazelas do brasileiro, relacionadas à educação, saúde, violência e corrupção. Desse modo, apossa-se desses discursos e reitera-os em relação de concordância, indicando-se a origem do problema à moralidade vigente. Não obstante, organiza fatos cotidianos como forma de autorizar o que é defendido.

Há a tentativa de distanciar o autor-pessoa, em sua subjetividade, dos enunciados, tendendo-os à objetividade. O candidato apresenta conhecimento dos fatos sociais do país, focaliza-os como centro do recorte efetuado. Existe indicação da autoria, ainda, no emprego do comentário: "e nisto consiste a grande importância da educação – corrigi-los", na apresentação de solução para o problema discutido, "conscientizar" e na postura crítica adotada ao contrapor problemas sociais e valores morais. O título retoma a proposta de Redação de Vestibular: "Os valores morais e sua importância na sociedade". A Redação de Vestibular foi avaliada com a nota de 26,6, correspondente a 9,5.

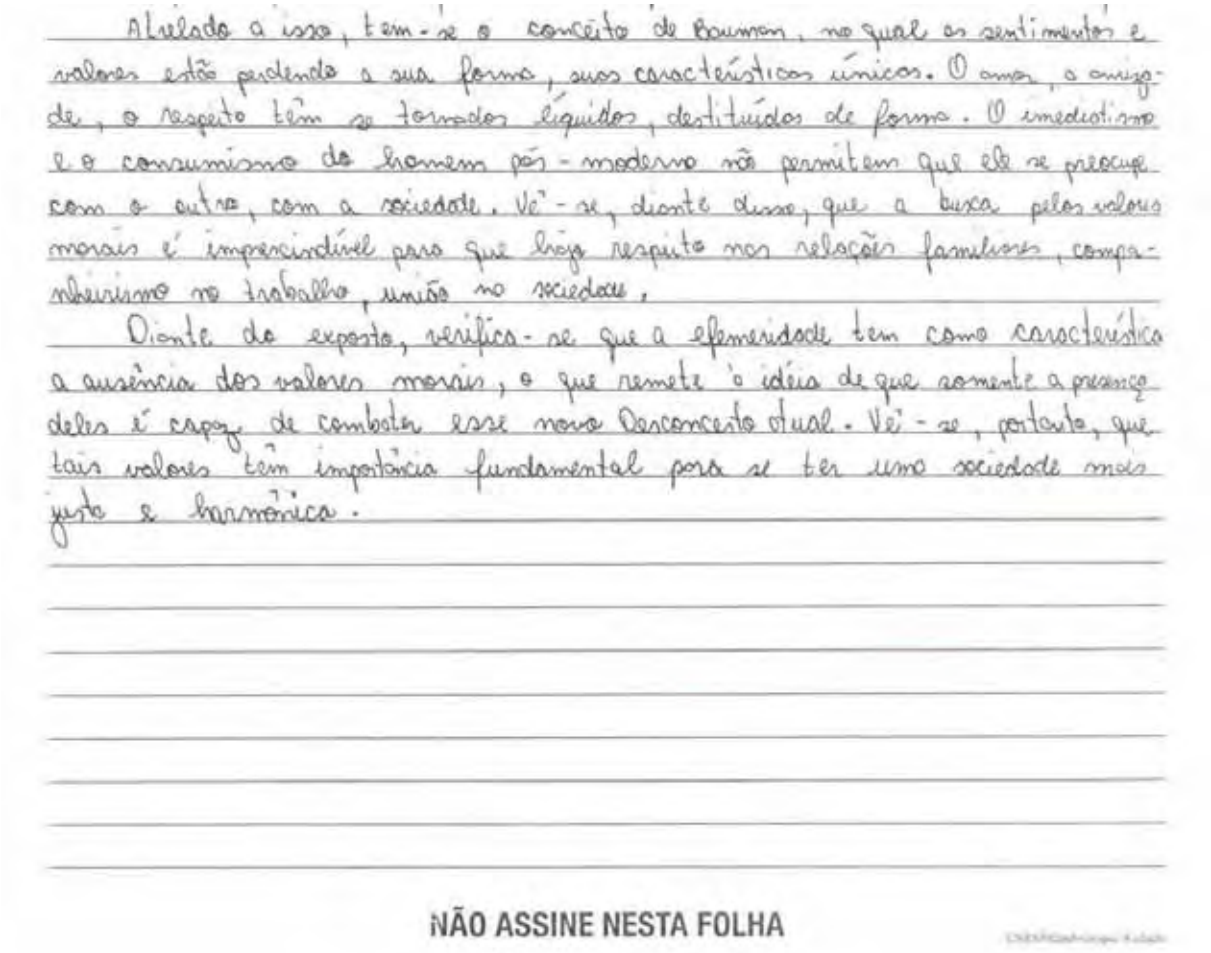


REDAÇÃO

Camões é Perpétuo: há um novo Descobrir do mundo.

Não se pode negar que o homem vive em uma sociedade Pós - moderna, na qual perderam - se os valores sólidos da moral. Nesse parâmetro, o conceito de Lyotard se encaixa perfeitamente com o de Bauman, pois nessa dual sociedade efêmera e imediatista, os valores tornaram - se líquidos, sem forma, descaracterizados. Vê - se, dessa modo, que a moral tem papel único no combate ao novo descobrir do mundo, para que se tenha a construção de uma sociedade mais harmônica.

O indivíduo pós - moderno, segundo Lyotard, desiludido com guerras e demais horrores do passado, teve seus valores morais descaracterizados. Ele passou a viver pautado no Carpe Diem negativo, no qual o imediatismo e o consumismo são constantes. A nova regra passou a ser então o ecogoísmo, o egoísmo, o individualismo, o culto exacerbado ao corpo como tentativa de congelar o agora, o presente, o que contribuiu para a formação da sociedade atual com o mínimo de valores morais. Nota - se, dessa forma, a importância desses para se ter uma sociedade mais efêmera.



Atrelado a isso, tem-se o conceito de Bauman, no qual os sentimentos e valores estão perdendo a sua forma, suas características únicas. O amor, a amizade, o respeito têm se tornados líquidos, destituídos de forma. O imediatismo e o consumismo do homem pós-moderno não permitem que ele se preocupe com o outro, com a sociedade. Vê-se, diante disso, que a busca pelos valores morais é imprescindível para que haja respeito nas relações familiares, companheirismo no trabalho, união na sociedade.

Diante do exposto, verifica-se que a efemeridade tem como característica a ausência dos valores morais, o que remete à ideia de que somente a presença deles é capaz de combater esse novo Desconcerto Atual. Vê-se, portanto, que tais valores têm importância fundamental para se ter uma sociedade mais justa e harmônica.

NÃO ASSINE NESTA FOLHA

Redação de Vestibular 9

O candidato, em relação dialógica de alteridade, contrapõe os valores morais aos anseios da sociedade pós-moderna, em especial os elementos efemeridade e instantaneidade. Para tanto, mobiliza as vozes de Lyotard e Bauman, com as quais estabelece relação de concordância. Duelam os valores: imediatismo, consumismo e egoísmo *versus* família e bem-estar coletivo.

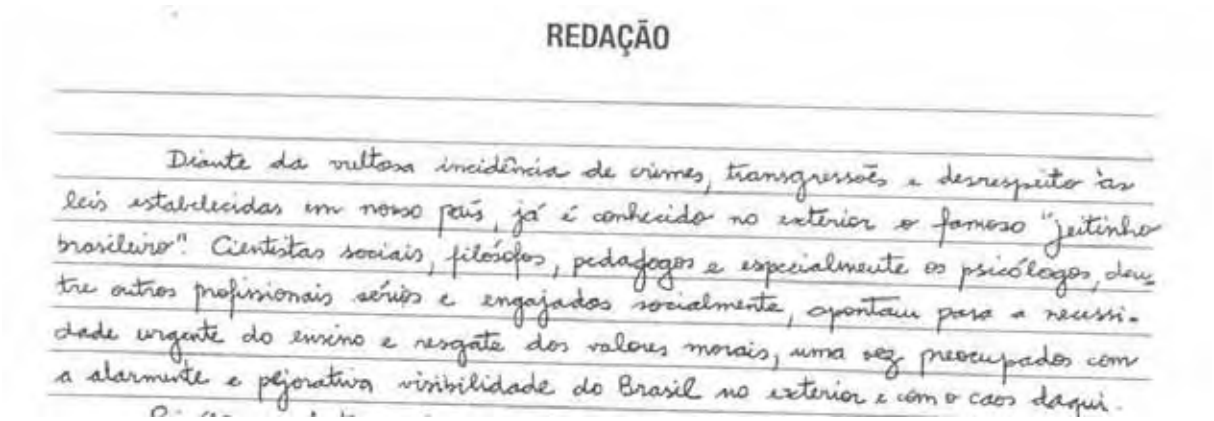
Nesse paradigma, por meio da forma do conteúdo, há a mobilização das vozes sociais, recortando-se, especificamente, elementos do comportamento do homem pós-moderno, com olhos em sua origem, por meio da concepção de Lyotard, segundo a qual, após os traumas e desilusões do pós-guerras, os valores morais foram descaracterizados e substituídos. Corroborando com a nova forma adotada pela humanidade, "empresta" a voz de Bauman, por meio de sua metáfora da liquidez pós-moderna, que transmuta valores e sentimentos em líquidos, "destituídos de forma".

Observa-se, nessa seara, que o vestibulando, mobiliza um conjunto de vozes, apaga as marcas da subjetividade, aproximando-se da forma composicional determinada pelo gênero Redação de Vestibular, e demarca três vozes, às quais atribui a qualidade de "autorizar" o discurso adotado.

Verificam-se, outrossim, momentos em que o autor-criador "apresenta-se" no discurso, de forma mais direta: por meio da expressão "Carpe Diem negativo", transpassando a ideia de que se busca o hedonismo egoístico; "combater o desconcerto atual", fazendo alusão à ausência de ritmo e harmonia, em relação metafórica com o concerto musical; e no título: "Camões é perpétuo: há um novo desconcerto do mundo".

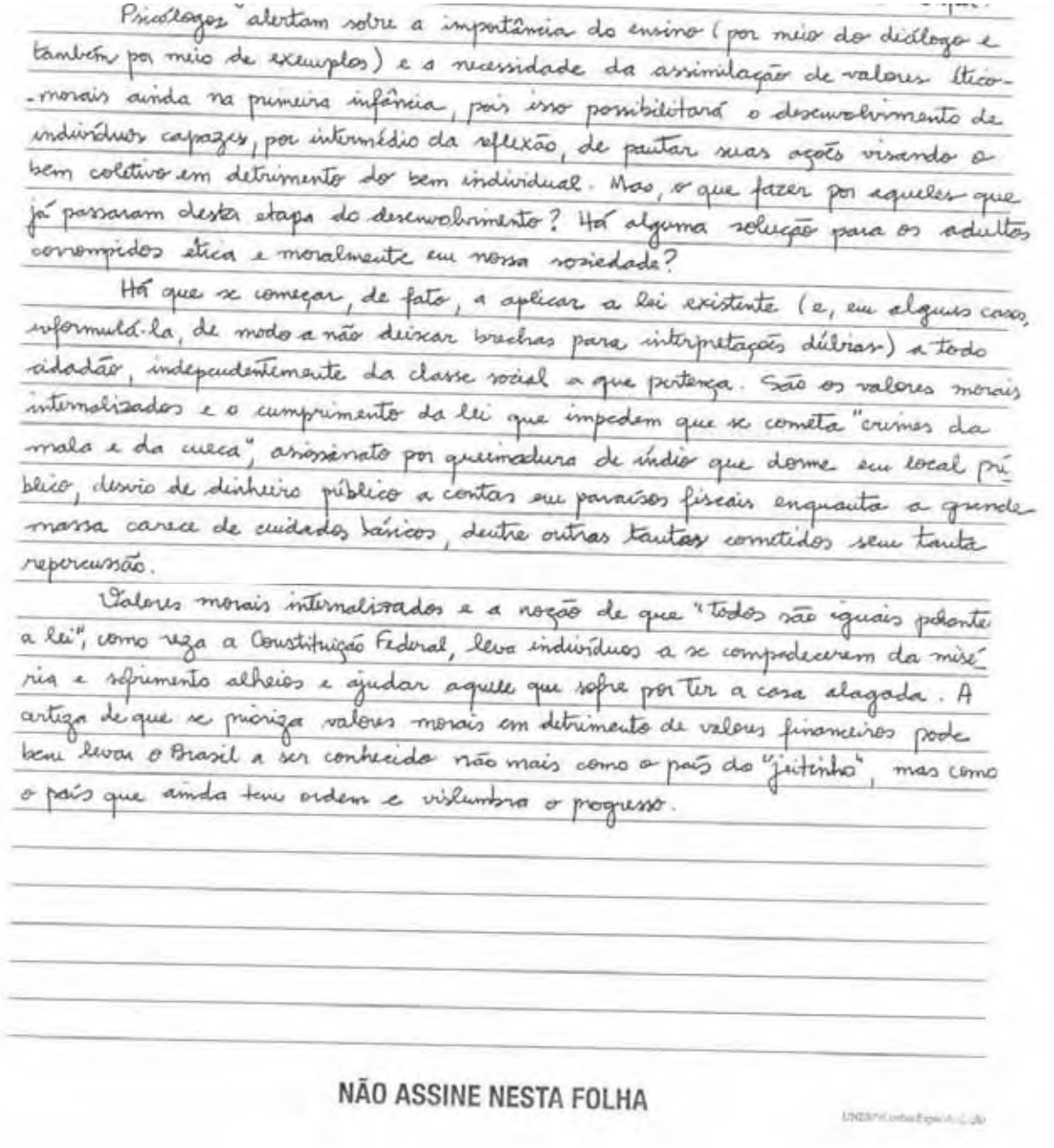
Por meio da forma do conteúdo, há a demonstração do conhecimento enciclopédico e reitera-se o discurso da importância dos valores morais ao Avaliador, havendo diálogo não marcado com a proposta (citação direta), mas presumido, especificamente pela "reiteração" do discurso da importância valores.

A forma do material e a estrutura composicional caracterizam-se pela objetividade e pela defesa de um discurso; e o acabamento consistiu em ausência de rasuras, letra cursiva legível e quatro parágrafos variando entre cinco e sete linhas. A Redação de Vestibular obteve nota 26,6, equivalente a 9,5.



REDAÇÃO

Diante da notória incidência de crimes, transgressões e desrespeito às leis estabelecidas em nosso país, já é conhecido no exterior o famoso "jeitinho brasileiro". Cientistas sociais, filósofos, pedagogos e especialmente os psicólogos, dentre outros profissionais sérios e engajados socialmente, apontam para a necessidade urgente do ensino e resgate dos valores morais, uma vez preocupados com a alarmante e pejorativa visibilidade do Brasil no exterior e com o caos daqui.



Psicólogos alertam sobre a importância do ensino (por meio do diálogo e também por meio de exemplos) e a necessidade da assimilação de valores ético-morais ainda na primeira infância, pois isso possibilitará o desenvolvimento de indivíduos capazes, por intermédio da reflexão, de pautar suas ações visando o bem coletivo em detrimento do bem individual. Mas, o que fazer por aqueles que já passaram desta etapa do desenvolvimento? Há alguma solução para os adultos corrompidos ética e moralmente em nossa sociedade?

Há que se começar, de fato, a aplicar a lei existente (e, em alguns casos, reformulá-la, de modo a não deixar brechas para interpretações dúbias) a todo cidadão, independentemente da classe social a que pertença. São os valores morais internalizados e o cumprimento da lei que impedem que se cometa "crimes da mala e da cueca", assassinato por queimadura de índio que dorme em local público, desvio de dinheiro público a contas em paraísos fiscais enquanto a grande massa carece de cuidados básicos, dentre outras tantas cometidos sem tanta repercussão.

Valores morais internalizados e a noção de que "todos são iguais perante a lei", como reza a Constituição Federal, leva indivíduos a se compadecerem da miséria e sofrimento alheios e ajudar aquele que sofre por ter a casa alagada. A artiga de que se prioriza valores morais em detrimento de valores financeiros pode bem levar o Brasil a ser conhecido não mais como o país do "jeitinho", mas como o país que ainda tem ordem e vislumbra o progresso.

NÃO ASSINE NESTA FOLHA

Redação de Vestibular 10

O vestibulando recortou, entre os discursos sociais, vozes que indicam que o Brasil é um país em que as infrações são constantes, tornando-se reconhecido internacionalmente pelo "jeitinho brasileiro". Face a esse cenário, mostra-se indispensável o "ensino e resgate dos valores morais", consoante alertam "cientistas sociais, filósofos, pedagogos e especialmente psicólogos".

Denota-se que o candidato, na mobilização dos discursos, apaga as vozes sociais enquanto tal, assumindo-as em defesa de um discurso, o qual se apresenta objetivamente. Não obstante, contrariamente, acentua as vozes dos "cientistas sociais, filósofos, pedagogos e

especialmente psicólogos", com a intenção de tornar proeminente o que a enunciação adota. Isso é uma característica autoral, que alberga, ao mesmo tempo, a forma composicional e a forma do conteúdo.

Não obstante, posiciona, antagonicamente, dois valores: o bem individual *versus* o bem coletivo, correlacionando-os ao egoísmo e ao altruísmo. Ainda a forma do conteúdo do texto caracteriza-se pela transposição do discurso dos psicólogos, de maneira demarcada, sobre a importância do ensino dos valores na primeira infância. Retoma-se o social, com o cunho de apresentar fatos concretos do cotidiano ("'crimes da mala e da cueca', assassinado por queimadura de índio que dorme em local público, desvio de dinheiro público a contas em paraísos fiscais enquanto a grande massa carece de cuidados básicos), reforçando a ideia de que se deve "aplicar a lei existente".

Também singulariza o texto o emprego de perguntas retóricas, as quais convidam (dialogam) o Avaliador a pensar sobre questões que considera importantes, às quais fornece resposta, em um processo de indução à assunção do discurso veiculado como válido. Presencia-se, especialmente, o autor-criador no seguinte trecho: "levar o Brasil a ser conhecido não mais como o país do jeitinho, mas como o pais que ainda tem ordem e vislumbra o progresso". Por meio dessa construção, o autor recorre a um trocadilho em o conhecido "jeitinho" e os dizeres estampados na bandeira nacional "Ordem e Progresso", corroborando com a noção de que o país precisa passar por um processo de transformação.

Na forma do material, a seleção vocabular demonstrou algumas peculiaridades, indicando autoria, em termos como "vultosa", "engajados" e "reza", assim como na generalização "a todo cidadão".

A Redação de Vestibular não apresentou rasuras, foi escrita em letra cursiva legível, não apresentou título, sendo composta por quatro parágrafos, que variaram entre seis e oito linhas. O vestibular atribuiu nota 26,6 à Redação de Vestibular.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A “Redação de Vestibular” é tratada considerando-se as especificidades do vestibular de meio de ano da Vunesp 2010. Porém, a análise das redações, enquanto material produzido pelos vestibulandos naquela oportunidade, ficou restrita ao *corpus*, delimitado às noventa e quatro melhores redações. Trata-se, como procurou-se expor, de um gênero do discurso secundário, afigurando-se como uma forma relativamente estável de enunciado, com conteúdo temático, construção composicional e estilo definidos, além pertencer a um convívio social desenvolvido e organizado. Não foram desprezadas vozes que emanam da esfera escolar, em especial dos materiais didáticos e dos manuais do candidato dos principais vestibulares, as quais contribuem para a constituição do gênero.

O conteúdo temático foi definido pela proposta: “a importância dos valores morais na sociedade”, bem como delimitado, por meio de um amoldamento, pelos textos de apoio, os quais, em somatória, permitem concluir por uma tendência de que os valores morais são relevantes para a sociedade. Nesse sentido, o candidato “devolve” o discurso veiculado pela proposta ao Avaliador. Isso tanto é verdade que noventa e duas redações integrantes do *corpus* consideraram-nos indispensáveis à vida em comunidade.

A construção composicional e o estilo do gênero “Redação de Vestibular” caracterizam-na como um gênero argumentativo, por meio do qual o autor defende um discurso, na tentativa de convencer o leitor presumido da verossimilhança do que é veiculado, promovendo a assunção dos valores com válidos; utilizando-se de um tom de objetividade, no qual os marcadores de subjetividade devem ser evitados.

Sem prejuízo, esse gênero está envolto em um complexo cenário de avaliação, fruto do que há inúmeras restrições impostas ao discurso do vestibulando, inclusive no tocante ao sucesso pessoal, financeiro e social, cuja possível aprovação no vestibular suscita. Em especial, as vozes circulantes nas escolas e em cursinhos pré-vestibulares, somadas às recomendações dos principais vestibulares do país, os quais amoldam ou cerceiam os enunciados materializados por meio do gênero, constituem um importante óbice aos enunciados dos vestibulandos.

Dessa maneira, o papel de leitor presumido é assumido pelo “Avaliador”, o destinatário virtual dos enunciados, o qual possui a atribuição, por meio de uma banca, de aferir e dar uma nota à Redação de Vestibular.

Os discursos dos candidatos são produzidos em relação dialógica com os demais discursos sociais e históricos existentes. Nesse teatro, há uma situação de alteridade, produzida pela responsividade, fruto do processo de apreensão, refração, negação, afirmação, harmonização e reiteração do conjunto de valores que é mobilizado por meio dos discursos. Apregoam-se, nesse aspecto, várias vozes sociais, especialmente da esfera de atuação humana com a qual os candidatos têm mais contato: a escolar. Sem prejuízo, há relação dialógica, ao mesmo tempo, com a proposta do vestibular, seus textos de apoio e com o Avaliador (leitor presumido e ouvinte).

A análise desse processo dialógico é um dos objetivos da pesquisa e permitiu aferir que os enunciados são formados em relações dialógicas, suscitando a concordância ou discordância com os valores emanados pelas vozes sociais, das quais os discursos do vestibulando são formados.

Esses diálogos ocorrem por meio da demarcação ou afastamento do discurso alheio – discurso circulante -, o que é um dos caracteres da autoria. Relembra-se, oportunamente, que a caracterização e demonstração da autoria são o objetivo principal da pesquisa. O afastamento do discurso circulante como tal e a apropriação como próprio são um traço de objetividade, componente integrante do estilo do gênero do discurso. A fixação do discurso alheio como voz social coletiva, por meio de marcadores como “de acordo com a população”, “a sociedade vê” –; e voz histórica, mediante marcadores como “de acordo com a história”, visa à manipulação de valores considerados pacíficos e gerais, que, portanto, não necessitam de comprovação, com os quais se estabelece uma relação de concordância.

A citação de personalidades e obras da cultura humana, por meio do discurso alheio demarcado, tem a finalidade de conquistar a adesão do “Avaliador”, como também demonstrar-lhe o conhecimento enciclopédico, considerado, segundo as vozes integrantes da esfera escolar, desejável, uma vez que integra o “repertório” do candidato.

Os enunciados analisados dos vestibulandos foram produzidos de acordo com o gênero do discurso “Redação de Vestibular” e constituíram-se em relações dialógicas com os discursos circulantes na sociedade, em especial com o escolar, além de uma relação mais próxima com a proposta do vestibular e, indiretamente, com o “Avaliador”.

A autoria, com maior ou menor individualidade, está presente em todas as redações analisadas. Isso porque ela é delimitada pela forma arquitetônica, a qual, indissoluvelmente, está relacionada a uma forma composicional e forma do material. Dessa conjugação, obtêm-se os elementos autorais. Nas redações analisadas, a autoria se manifestou por meio da forma do

conteúdo, em seu recorte, transposição e acabamento. O vestibulando, considerando todas as limitações das condições de produção em que se encontrava inserido, efetuou um recorte dos valores mobilizados pelas vozes sociais, transfigurou-os de modo a evidenciar a opinião manifestada na "Redação de Vestibular" e transmutou-os de acordo com o gênero "Redação de Vestibular", com fito de obter a adesão do "Avaliador" e a possível aprovação no exame. Além disso, deu um acabamento único aos enunciados, manejando os discursos, com maior ou menor objetividade, dando ênfase a determinado aspecto, selecionando termos em um vocabulário disponível. A letra, a paragrafação, número de linhas, a existência de rasuras são elementos que integram esse acabamento.

Ainda, nesse teatro supressor, alguns candidatos se destacaram por trazer um elemento único à Redação de Vestibular, uma marca própria, como a adoção de uma argumentação um pouco mais ácida (presente em dez Redações de Vestibular) – "Vê-se o porquê de o Brasil, apesar de bem posicionado em ordem de relevância internacional e prestigiado por sua economia, continuar penando em um caráter básico de uma nação desenvolvida: o humano. Somente o saldo bancário positivo não controi um povo, mas um celeiro de bestas. Para fazer um povo é preciso que ele tenha valores morais que transmitam um mínimo de dignidade e cidadania"; um exemplo literário (presente em vinte e cinco Redações de Vestibular) – "Seguir as normas sociais como estabelece a moral não significa necessariamente fazer aquilo que realmente é certo. De tempos em tempos, esses conceitos devem ser criticados e alterados para acompanhar a evolução humana. Foi o que fez Eça de Queirós em seu romance 'O Primo Basílio', onde condena os valores morais da burgueses da época e mostra os resultados da criação voltada apenas para o casamento das jovens garotas como Luísa"; uma metáfora ou analogia (presente em quatorze Redações de Vestibular) – "Portanto não se surpreendam pesquisadores do PNUD, a formiga brasileira só está cansada de ter que arcar com o egoísmo, a ganância, a preguiça ou a bobeira de outras. Ela só quer o formigueiro e a vida que merece", o uso da ironia (presente em uma Redação de Vestibular) – "Em tempo partido, de homens partidos como proferido por Dumond, em que cidadãos tornam-se de-formadores da sociedade, se faz necessário e urgente libertar os corpos e pensamentos da Síndrome de Rosconicov, a começar pelas autoridades, as quais deveriam formar um corpo político mais honesto, envolvido por uma rígida moral", a expressividade (presente em nove Redações de Vestibular) "Quando Éris, deusa da agricultura, descobriu que sai filha havia disso raptada, Hades propôs um acordo: para que Perséfone retornasse ao mundo dos vivos, jamais deveria provar do fruto dos mortos. Porém, Perséfone foi desonesta com Hades (deus dos mortos) e

como castigo determinou que as terras se tornariam inférteis durante todos os invernos, para lamento de toda a humanidade. Semelhança ou não, a falta de valores morais também acomete nossa sociedade".

Cumpre relembrar que a inspiração para a pesquisa nasceu no dia a dia escolar, suscitada pela crescente dificuldade que os alunos têm enfrentado para redigir redações com propriedade, de acordo com as estipulações dos principais vestibulares do país. Ao analisar redações mais bem avaliadas, a pesquisa contribui para sua caracterização e, assim, para o destaque das competências que se requer dos vestibulandos.

6. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

___. **Questões de literatura e estética:** a teoria do romance. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010b.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

___. **Globalização: as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

___. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BORGES-GUTIERRE, Maria Madalena. **Caminhos, diálogos e sentidos da produção da escrita escolar**. *In:* Diálogos Pertinentes, Franca, v. 3, p. 19-38. 2007. Disponível em: http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/238. Acesso em 12/10/12.

Press, 2002.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2010.

___. **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2006.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Texto e interpretação:** uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos. São Paulo: Atual, 2000.

CHOCIAY, Rogério. **Redação no vestibular da Unesp:** a dissertação. 2 ed. rev. e amp. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

COMVEST. **Manual do Candidato do vestibular da Unicamp 2010**. Campinas: Comvest, 2009.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gênero textuais.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade.** 1 ed., 3 tir. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola, 2009.

___. **Autor e autoria.** *In* BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.

___. **O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal.** *In* BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso.** 14 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

___; e **Savioli**, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. 16 ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

FUVEST. **Manual do Candidato do vestibular da Fuvest de 2010.** São Paulo: Fuvest, 2009.

GUARIGLIA, Rinaldo. **O consensual e o polêmico no texto argumentativo escolar.** 2008. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara - SP. Araraquara.

LEMOS, Cláudia T. Guimarães de. **Redações no vestibular:** algumas estratégias. Cadernos de Pesquisas, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 2007. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n23/n23a07.pdf. Acesso em: 11/10/2012.

MARCHEZAN, Renata Coelho. **Diálogo.** *in* BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** 1 ed. 4 r. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MENDONÇA, Marina Célia. Leituras contemporâneas de escritos do círculo de Bakhtin no Brasil. Apresentação oral realizada no 60º. Seminário do Gel. USP, São Paulo. Julho de 2012.

Ministério da Educação. **A redação no Enem 2012:** guia do participante. Brasília: MEC, 2012.

___. **Lei de Diretrizes de Bases da Educação nacional**. Brasília: MEC, 1996.

___. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio:** Língua Portuguesa, v. 2. Brasília: MEC, 2000.

NUNO, Henrique. **Português descomplicado.** 2 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora Ferreira, 2012.

PAVANI, Cinara Ferreira; KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti. **Redação de vestibular:** gênero heterogêneo. *In:* Revista Virtual de Estudos da Linguagem - REVEL, v. 4, p. 1-13. 2006. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_6_redacao_de_vestibular.pdf. Acesso em 12/10/12.

PADILHA, Simone de Jesus. **Relendo Bakhtin:** autoria, escrita e discursividade. *In:* Polifonia, Mato Grosso, v. 18, n. 23, p. 91-101, 2011. Disponível em: http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/24/541. Acesso em 23/02/2013.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação:** a nova retórica. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

POSSENTI, Sírio. **Indícios de autoria**. *In:* Perspectiva, Florianópolis, v. 20, p. 105-124. 2002.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana:** o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Jane Quintiliano G. **Gênero discursivo e tipo textual.** Belo Horizonte: Editora PucMinas, v.1, n. 1, 1999, p. 87-106.

SOBRAL, Adail Ubirajara. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase "parasitária" de uma vertente do gênero autoajuda.** 2006. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

___. **Do dialogismo ao gênero:** as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de letras, 2009a.

___. **Ver o texto com olhos do gênero:** uma proposta de análise. *In:* Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, p. 85-103. 2009b. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3000. Acesso em: 8/10/2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. *In:* **Revista Alfa,** São Paulo, v. 51. 39-79. 2007. Disponível em: http://seer.fclar.unesp.br/index.php/alfa/article/view/1426. Acesso em: 15/02/2012.

___. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral dos textos. *In:* FÁVERO, L. L.; BASTOS, N. M. O. B.; MARQUESI, S. C. (org.). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino.** São Paulo: EDUC, 2007b v.2, p. 97-117.

VOLOCHÍNOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

___; BAKHTIN, M. **Discurso na vida e discurso na arte.** Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. s.d. Disponível em: http://search.4shared.com/postDownload/QfcLGC7c/m_bakhtin_-_discurso_na_vida_d.html. Acesso em: 11/09/2012.

VUNESP, Fundação. **Manual do Candidato do vestibular da Unifesp 2010.** São Paulo: Vunesp, 2009a.

___. **Manual do Candidato do vestibular da UFSCar 2010.** São Paulo: Vunesp, 2009b.

___. **Manual do Candidato do vestibular do meio do ano da Unesp 2010.** São Paulo: Vunesp, 2010.

6.1 Obras consultadas

BEZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONISIO, Angela Paiva; e MACHADO, Anna Rachel (Org.). **Gêneros textuais & ensino.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de comunicação escrita.** São Paulo: Editora Ática, 2006.

BORGES, Maria Cristina Ramos; JESUS, Sérgio Nunes de. **Bakhtiniana.** Bakhtin/Ducrot: contribuições à análise do discurso. São Paulo, v. 1, n.3, 2010.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** Campinas: Unicamp, 2006.

BRANDIST, Craig. **The Bakhtin Circle:** philosophy, culture and politics. London: Pluto

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: dialogismo e polifonia.** São Paulo: Contexto, 2009.

___. **Bakhtin e o círculo.** São Paulo: Contexto, 2009.

___. **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido.** Campinas: Unicamp, 2005.

___; et. al. **Bakhtiniana.** n. 1. São Paulo, 2009.

___; et. al. **Bakhtiniana.** n. 2. São Paulo, 2009.

___; et. al. **Bakhtiniana.** n. 3. São Paulo, 2010.

___; et. al. **Bakhtiniana.** n. 4. São Paulo, 2010.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos:** por um interacionismo sociodiscursivo. 1 ed. 1 r. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2003.

COMTE-SPONVILLE, André. **Valor e verdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

___. **Viver.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MARCHEZAN, Renata Coelho. Gêneros do discurso: o caso dos artigos de opinião. *In:* STAFUZZA, Grenissa Bonvino; PAULA, Luciane de. **Círculo de Bakhtin:** teoria inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MARX, Karl. **O capital.** 3 ed. São Paulo: Edipro, 2008.

___; Engels, Friedrich. **O manifesto comunista.** 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ROCHA, Décio; DEUSDARA, Bruno. **Alea:** análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2005.

THEREZO, Graciema Pires. **Como corrigir redação,** 5 ed. Campinas: Editora Alínea, 2008.

ANEXOS

ANEXO A - REDAÇÕES